3 1761 07047983 7

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/vidaironicajorna00alme

Antonio de Mendaïl

3384J

44

Obras completas de FIALHO D'ALMEIDA

VI

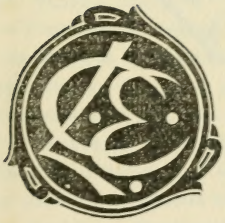
VIDA IRONICA

FIALHO D'ALMEIDA

Vida Ironica

(JORNAL D'UM VAGABUNDO)

2.ª EDIÇÃO



LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20
1914

LIBRARY
MAY
22
1970
CITY OF TORONTO

PQ
9261
F5V52
1914

PORTO — Imp. Portugueza
Rua Formosa, 112

CAPITULO I

EM JANEIRO

Summario

Phantasmagorias da noite: os carros pr'o mercado — *Matinée* d'esgrima no Real Gymnasio Club, anemia alfacinha — O reinado dos amanuenses — Como se distinguem os apparelhos de chá — Morte de Gayarre e morte de Sergio — A *Delphina do Mal,* veneno energico — Homenagens funebres, alugam-se — Floriano de Freitas, final d'um visionario — Convento de Refojos do Lima, monographia artistica do sr. Mendes Norton — Se fosse auctor dos *Luziadas!* — El-Rei D. Carlos mostra a sua real munificencia, extinguindo Punhete — Surprezas d'um inglez na secção dos vinhos — A expoliação d'Africa e o exercito — Jantar de cavallaria 4 com molho *aux grands vainqueurs* — Artilharia singular d'um capitão — Heroismo a sangue frio — A corôa de louro e a *robe-de-chambre* de Voltaire — Dois morcegos, historia canonica — *Notiç... der... óó!...* silhueta d'um garoto.

EM JANEIRO

I—Agora, quando fechados ás duas da noite, os cafés e as tascas, amadornada a luz dos lampeões, a viação parada, a vida extincta, algum tresnoitado se aventura a errar pela cidade, subito, das negridões dos bairros quietos, uma Lisbôa differente irrompe em sobresaltos, dos abysmos das ruas, dos lagos de sombra das praças, e das crateras extinctas dos outeiros; uma Lisbôa outra e toda ella latente de tragedias, convulsa apesar da paresia exterior que a cadaverisa, afflicta, mau grado a impassivel mordaça de pavor que lhe estrangula os haustos, e cada vez mais inquietante, cada vez mais espectral, á proporção que a hora marcha, e o vento cospe aos tectos vagalhões de nevoas prenhes d'agua.

Na bocada das ruas, quando a rajada passa, frangalhos de cartazes sacodem das esquinas montes de lettras que parecem dizer *buenas dichas:* sons de tamancos... são os varredores que se acolhem, depois de terem varrido: e cada vez ha mais frio, mais solidão, mais desconforto: os guardas foram-se, claridades lambem com brusca lin-

gua, o chão molhado; e se nos intervallos do vento, o ouvido espreita, vem um rumor nostalgico de tudo—das nuvens que passam, do rio que ao largo muge, das beiras dos telhados que ciciam, e da agua dos chafarizes que pede que a deixem voltar de novo aos tanques e ás nascentes...

Agora que o ultimo noctambulo se foi, e os *serenos* das tipoias, fartos d'esperar acasos de freguezia, desabelharam tambem para os seus casebres, a cidade como que fica á mercê dos sonhos tragicos, as ruas são maiores, as casas mais lugubres, as arvores colossaes de desespero, e os proprios sinos se esquecem de dar horas, uma angustia mortal baba das coisas, ha rondas de loucura nas tremulinas do gaz, soluços vagos, té que os gongs da Sé dão de repente quatro e meia—a hora das carroças que vão para o mercado.

Eil-as que vem pelas quarenta portas da cidade, aos solavancos dos bois e das muares, com seus rodados biblicos e antigos.

Algumas enormes, com os taipais em *corbeille,* lugubres como sarcofagos, vem acoaguladas de ramas e canastras. Hortaliceiros guiam-n'as com gestos d'automatos, as grandes botas cruas, té á rotula, o varino no tronco em grandes pregas, e de barretes, aproados como mitras, a aguilhada ao hombro, dil-os-hieis colossaes evocações do mundo heroico, restauradas sobre uma entrada dos exercitos de Xerxes, em plena Grecia...

Outras, mais curtas, fueiros hirtos no ar, espendurando carne de boi, sangrenta, em nacos musculosos, parecem evocar, n'aquella nocturna sombra, lendas de patibulo, e na dianteira, em pé, uma especie de gnomo barbaceno, arregaçado, d'azorrague na mão, gorro de pelles, agita os braços, cinge de golpes a mula, entre jactos de pragas e expectorações de raiva biliosa. E approximando-se do mercado, o cortejo engrossa, carroças ás dezenas, jumentos com ceirões, grandes cavallos pernaltas, com pyramides de bilhas e de fructas.

Aquillo formiga, confunde-se, agglomera-se; depressa o vozear toma phrenesis de lufa-lufa, no momento em que, vibrada a sineta do mercado as portas se abrem, e no vasto ambito da praça as primeiras golfadas de provisões estatelam a sua turgencia horticula e a sua pantagruelica confusão. Desde essa hora, a agua-forte que primeiro esboçára na meia sombra, episodios desconnexos, toma de chofre linhas de quadro formidavel.

O mercado é sinistro, todo de ferro, acachapado e com torrellas nos angulos, zimboriadas de negro, onde um ou outro laivo de metal chammeja cruamente.

Por cima o ceu funebre, com aguaceiros pingando de bojo das nuvens muito baixas, restringe a elevação do olhar para as alturas, abafa os predios sob fuligens tragicas, coladas, que o vento remeche sem conseguir mostrar pelos farpões, os

azues d'alva. E os gallos cantam, vão-se abrindo um a um os cafés d'entorno á praça: é o *Despique*, o *Valenciano*, o *Diogo*, as tabernas de ginja, as baiucas de vinho e d'aguardente — *Meio curto! — Duas bebidas brancas! — Cabaz! — Café e pão.* Emquanto as carroças aguardam lhes chegue a vez do descarrego, pares de gallegos trazem e levam dos depositos perto, a pau e corda, montes de hortaliças: fios de gaz bruxuleam entre as naves da praça, como cirios accesos ante o altar do deus estomago, e os asphaltos abarrotam cada vez mais de provisões, um cheiro de hortaliça esmagada esthesia a narina; cinco horas! seis horas!... — e é quando entra do prostibulo e da batota a gente que apodrece, e quando sae para a labuta a gente que trabalha.

II — A *matinée* d'esgrima, dada nos salões do *Real Gymnasio Club Portuguez*, reporta-me á impreterivel necessidade que tem a juventude portugueza de restaurar seriamente a sua educação physica, cada vez peior e mais abandonada. Ha dez ou doze dias, estando no Tejo a esquadra allemã, foi ao Martinho um grupo de tripulantes d'ella, á hora em que por todas as mezas regorgitava o melhor da mocidade indigena, em edições d'aspirantes do exercito, e de filhos familias pertencentes á burocracia e ao alto negocio. Á entrada d'aquelles estrangeiros de pelle branca, ca-

bello fulvo, e mãos enormes, foi um *emoi* de humilhação instinctiva por todos os grupos onde a má lingua guizava os resumos politicos da Arcada, e fazia inventario ás pouca-vergonhas galantes na Avenida e dos theatrinhos d'opereta.

E todos unisonamente prognosticámos, sem desvio d'uma virgula, o vergonhoso fim que espera a nossa pobre raça. De feito, a superioridade d'elles saltava-lhes insolentemente do typo expressivo, nada banal, dos dentes solidos, das pernas tortas e seccas de *marcheurs*, dos pés acostumados a calcar terra conquistada, das mãos affeitas a estrangular adversarios, a manejar cabos, e a dar espadeiradas. Lingua dura, gutural, lingua para fallar em voz alta, sem inflexões nem preoccupações musicaes—olhos que vão direito, com traços d'infancia no azul da pupilla candida, mas infancia de povos onde já ha maturidade completa d'individuos... O tom de pedir, largo, ordenando, como quem tem atravessado o mundo em senhor, indifferente á impressão que de redor possa causar.

E nas mezas jacentes, acachapando-se, cobrindo-se, escandalisados, aterrados quasi d'aquella attitude forte e imperativa, os delicados aspirantes bebedores de salsaparrilhas e d'orchatas, os folhetinistas cynicos e macillentos, os negociantes bojudos e os tropegos guriteiros, nem sequer se atreviam a fitar em cheio, pupilla a pupilla, esses teutões procreadores, solidamente bellos como barbaros, grandes e simples como tritões.

E na mirada de soslaio que lhes lançam, ha quasi um odio, odio d'inferiores, odio d'impotentes, odio de subalternos! Oh como toda essa populaça de refugo é mesquinha, grotesca e claudicante! os pulsos ethicos e seccos, as mãos barbadas de negro, unhas de meretriz, e olheiras de quem perde as noites em devassidões inconfessaveis!...

E n'este contraste eu vejo o destino, que nos espera: descendemos dos senhores do mundo, e vamos em breve ser os seus creados!

III—Des'que S. Bento abriu, té hoje, calcula-se em dois mil o numero dos requerimentos enviados ao parlamento, por funccionarios publicos que reclamam augmento d'ordenado.

D'estas reclamações, já foram produzidas em côrtes, centenares, e o resto hade ir indo, pois que os deputados introductores, só esperam para envial-as á meza, uma occasiâosita adequada.

Figuram a assignal-as, *servidores* d'Estado de todas as cathegorias e especialidades: ha militares, ha padres, ha juizes, ha amanuenses, escrivães, governadores do ultramar, professores e guardas fiscaes. Todos estes pobres funccionarios —para a mór parte dos quaes o trabalho é tão aspero que lhes não permitte se levantem mais tarde que o meio dia—alegam que estando a vida cara, forçoso é que o *biberon* do Estado lhes man-

de fornecer mais algum leite, pois não conviria dar aos estrangeiros o espectaculo d'uma burocracia magra, em opulencia de paiz que nada deve ás esmolas que anda a pedir por essas praças europeas.

Por fórma, que emquanto por toda a parte os que trabalham, gemem a nulidade dos seus esforços, maldizendo a terra cançada que lhes não produz colheitas, o desprezo do comprador pelos productos das fabricas nacionaes, a retracção do capital portuguez no auxiliar de coisas nossas, sejam ellas quaes forem, venham d'onde vierem — emquanto nas provincias, a charneca se apodera dos terrenos araveis, a vinha morre, os olivaes definham, os castanheiros apodrecem, o camponez emigra, e as grandes casas aluem de hypothecas, vê-se o formigueiro de parasitas gordos, marchando de todos os pontos do paiz, direito á capital, a procurar nos bastidores da politica, talisca por onde metter as mandibulas nos celeiros do Estado, que d'ora avante terá de constituir-se em patrono de todas as vadiagens, e em esmoler-mór de todas as preguiças.

É curioso seguir a marcha d'esta especie nova, e todavia tão velha já, de *maitres-chanteurs* burocratas, sem iniciativa para tentar vida por conta propria, e ao mesmo tempo sem vergonha para prescindirem dos confortos que sonham de gosar, por via do emprego publico.

Em quinze annos, quasi todo o paiz provincial

se desguarneceu das suas laboriosas familias agricolas, cuja existencia patriarchal prendia á terra, pelo exemplo do trabalho, tantas gerações de camponezes. As casas ricas, desorientadas pelo devorismo de Lisboa, abandonaram de vez a feitores e rendeiros, as suas quintas, lançaram os filhos na feira franca de S. Bento, vieram para a capital queimar o pé de meia das suas economias, mostrar ás filhas o adulterio das amigas que se passeiam em *landeau* pela Avenida, e é triste vêr como pequenas povoações do Algarve, do Alemtejo, das duas Beiras, do Douro, outr'ora fartas e florentes, agora jazem em ruinas, com os palacios fechados para sempre, as ortigas na soleira das cabanas, o velho adro em ruinas, e todos os campos de roda, talados pelo abandono da charrua, que não mais hade sulcar a terra em fins d'outomno, quando a alveloa grita nos regos abertos, e as primeiras chuvas espargem nos alquéves as primeiras perolas da abundancia.

Ah, quando me lembro que andam na aldeia os meus irmãos e os meus parentes, descalços, rotos, ingenuos, piolhosos, sem medico que os trate, sem padre que lhes baptise os filhos, sem dinheiro que lhes permitta consoar de gordo, em dia d'annos, a trabalhar d'enxada treze horas para que um director geral ganhe tres contos, para que haja inspectores de Bellas Artes que não existem, directores de mercados que não vendem nem compram, deputados que escoicinham como brutos

para que dez commissões rendam a este, dez contos, sem trabalho, e aquelle vá por cincoenta, fazer a sua passeata ao estrangeiro—quando me lembro de que todas as receitas de quatro milhões d'almas são desbaratadas n'uma orgia de trezentos valdevinos, não sei que medonha confusão de coisas me avassalla, que me ponho a affirmar que a guilhotina, sobre salutar como exemplo, era talvez, n'esses scellerados, uma completa obra de justiça!

Com sobeja razão dizia ha pouco tempo um publicista: *Portugal, é Lisboa*—sómente elle esqueceu de detalhar que Lisboa é apenas, o Terreiro do Paço. A cidade cresce todos os dias em edificações de luxo, á custa da provincia, e á proporção sobretudo que vão augmentando os quadros burocraticos. A manga de lustrina tornou-se uma expressão de vadiagem, peor que umas certas que a policia corrige, pois se disfarça sob apparencias de trabalho, e levanta a grimpa em basofias d'independencia, tanto mais impunes, quanto mais insolvavel se vae tornando a miseria das outras classes. É da burocracia que os partidos monarchicos sacam a fantochada espuria que os defende, que os ampara, e os constitue; e esta confraria d'espertos inuteis, que faz os parlamentos e os jornaes, os movimentos da opinião preponderante, a claque dos thronos e o esteio dos ministros devassos, esta confraria bem pressente a

necessidade de se unir, como os pecegos do *Demi-Monde*, para occultar ao publico a sua nodoa de podridão originaria. É ella a unica vacca nedia n'este miseravel paiz que tem nos ossos o rachitismo gallico de seis seculos de monarchias deprimentes. Ella a unica que manda e prepondera á nossa custa, e que para ter carruagens e palacios, festins e sedas, sancciona no parlamento os *bill* vergonhosissimos, consente no accrescimo dos impostos, por ter tudo a ganhar na partilha dos dinheiros do povo—do povo que ainda se não convenceu que os gatunos agora andam fardados!

Assim, não ha mãos a medir no arrolamento dos que quotidianamente vendem ao Estado, por um conto de réis annual, a sua acquiescencia no medonho deboxe politico em que ora vamos, e que hade ser, temos esperança, a symphonia d'abertura da bancarota. As portas dos ministerios todos os semestres se abrem para deixar entrar os bandos de pedintes: e seis mezes volvidos, quando esses aposentados na ucharia monarchica, replectos da boda, já não defendem os porqueiros que lhes deram abrigo, ouve-se á porta o vozear dos pedintes novos, aos quaes forçoso é dar piteu, que os malandros são gajos experientes, e juntam á cobardia da supplica, a navalha de ponta e molla da traição.

Tenhamos esperança entanto de que a hora das retaliações virá, n'um periodo breve. A maré sóbe, não já maré d'ideias e d'opposição racio-

cinante, mas d'envilecimento geral, de fome, de desespero e d'odio sem guarida! Quando o ludibrio attinge um tamanho grau de desvergonha, a victima popular tem o direito de se desforçar até pelas traições, sabendo embora que a levarão no dia seguinte, ao cadafalso. E ninguem duvída já, de que seja pelo terror d'esse dia que *elles* se armam e procuram evitar-nos frente a frente. Augmentam as tropas: não é para agora, não, que todos esses quarteis impam chanfalhos. Prohibem-se as associações e os *meetings:* não é com receio ás arengas do Lima, nem ás apostrophes, *genero bordado da ilha*, do Arriaga. É que elles sentem que está a acabar a era das simples perorações declamativas, e chega o momento da fome apparecer ao povo, como um Galamba sinistro, para fazer de cada esfaimado inerme, um trabuqueiro. Tudo se apresta, tudo, pr'o desforço!

A questão colonial, dará a Portugal o encontrão d'alarme, porque da pendencia anglo-allemã sahirá um accordo de duas potencias carniceiras, que partilharão entre si, nossos dominios. Então, como hontem, encher-se-hão as ruas de gente, as cidades de gritos, e de sesão nervosa, os populares. Sahirão á rua as guardas reforçadas, tiros, prisões, telegrammas nos jornaes da Europa, descida de fundos, primeiros fracassos no credito... E ao depois, ao depois, meu querido hespanhol, cá te esperamos! Por ventura has-de ser tu a redempção, pois trarás novo, que seja como fôr, sem-

pre hade ser melhor do que toda esta ignobil porcaria.

IV — Um dos nossos generaes de divisão mais... perspicazes, foi ha dias ao deposito da Vista Alegre separar um apparelho de chá.

Escolheu, pagou, e disse ao caixeiro que voltaria a fazer empacotar. Effectivamente duas horas depois, eil-o de volta ao armazem.

—O meu apparelho de chá?

—Aqui o tem v. ex.ª, disse o caixeiro apontando o serviço encommendado.

—Peço desculpa, não é este.

—Perdão, foi o que v. ex.ª apartou...

—Ora essa! grita o general já furioso. O sr. imagina que eu sou parvo? O que eu separei tinha as azas todas para o mesmo lado.

V—A morte de Gayarre põe um interregno, longo talvez, na realeza dos tenores, agora que Masini e Tamagno envelheceram, e que o *bel canto* não registrou ainda o nome de nenhum novo que a substituil-os venha, a toda a altura.

Não é só a antiga crença que o homem tem perdido no evolucionar das ultimas crises sociaes: é tambem um pouco da sua antiga belleza e da sua antiga voz. Na tormentosa existencia contemporanea, tudo envelhece precozmente, a alma e a larynge, a physionomia e a inspiração.

Os raros homens que attingem a trintena nas azas d'um ideal alevantado, ou entram de subito n'um buraco onde se deixam morrer obscuramente, ou apostatas das primitivas chimeras, vendem a ingenuidade por um prato de lentilhas, como está fazendo o Candido de Moraes, e como já antigamente havia feito o Esau. A esta seccura da alma hodierna corresponde um fascias physionomico, como ella engelhado, e um filete de voz quintoso e rouco, d'onde a maviosidade foge, como um perdigueiro das vinhas vendimadas.

Gayarre com a sua historia de homem bondoso, esmoler, cheio de ternura pelas angustias dos miseraveis e dos fracos, tinha na voz alguma coisa do tenir cristallino da sua alma tão inexgotavelmente propensa á evangelisação das finas virtudes sociaes, que fizeram d'elle um dos maiores phylantropos da Hespanha, e um dos mais estimados corações que o mundo tem sentido parar em plena juventude. Feio e pequeno, com o seu typo de povo arcabouçado em moço d'escriptorio, a arte o transformava n'um romanesco amoroso, bello e apolineo, quando elle abria a bocca para modular esse *spirito gentile* super-humano, cantico dos canticos da musica italiana, que ninguem d'ora avante interpretará senão como um epitaphio votivo ao grande artista.

Sergio era outro typo. Brusco e inconstante, sem linha de gentleman nem criterio moral p'ra

conduzir-se, ignorando o valor do trabalho methodico, e atirando o dinheiro pelas janellas de todos os caprichos, deixava-se ir vivendo tumultuariamente, dia a dia, com o desapego de tudo que não rescendesse á sua arte, e leviandades que só lhe poderiam ter creado nome entre os esturdios bohemios de Henry Murger ou Champfleury.

Jamais, entre um festim do duque de Palmella, seu admirador, e o decilitro de mestre Conceição, marceneiro a S. Roque e seu compadre, o violoncellista haveria hesitado um só instante—que os banquetes finos, definia elle, são estragadellas d'estomago com discursos, ao passo que o nobre carrascão alegra a vida quando enxugado em mangas de camisa sob o parreiral d'um retiro qualquer, fóra de portas. Porque antagonismo estranho vive, n'este plebeu alcoólico, a mais aristocratica alma que a musica tem soltado das miserias da carne, librando-se como uma synthese astral, dos sete ceus da arte aos mais inimaginaveis requintes do goso esthetico e supremo? Por qual mysterio, este decilitreiro incorrigivel, que descompunha os gallegos das tascas na aravia feroz d'um carrejão, sabia tirar do violoncello, ás horas d'extasi, as *gentilhomerias* perfumadas, as captividades suductoras, a elegancia e a graça com que fallar ás duquezas e fundir em pranto as rijas temperas, e vencer as antipathias, e subjugar alli um publico a seus pés?

Quantas vezes fui eu ouvil-o á Mouraria, a um

botequim de faias e cigarreiras aonde elle estava contractado, e contemplava, perdido em nostalgicas memorias, essa magnifica cabeça, calva, injectada, mas radiante ainda do magnetismo do genio, que faulha, como um fogo de forja, nos olhos de todos os predestinados?

A sua physionomia era indifferente, automaticos os gestos, a conversa nenhuma, e uma tristeza acabrunhava-lhe todo o arcabouço com essa tinta de remorso que é a chancella das organisações sem felicidade.

Acontecia ás vezes descer o artista da *reverie* suprema em que havia cahido, ao detalhar um trecho amavioso, e com um rir mau, como envergonhando-se da pieguice de haver dado sopro a uma chimera, cortava subitamente o bocado sentimental, para imitar um guincho d'animal, ou produzir com furia o estribilho da cantiga em voga na freguezia do café, o *Compadre chegadinho,* a *Roza Tyranna,* ou qualquer outra d'este lote.

A sala inteira erguia então as mãos para applaudir. Elle nem encarava, apenas uma ou outra vez encolhia os hombros, e via-se-lhe na bocca uma horrorosa préga de despeito...

VI—No ultimo paragrapho do relatorio pelos peritos do Porto, confeccionado ácerca dos envenenamentos attribuidos ao cathedratico Urbino de Freitas, vem uma conclusão que passo a copiar.

«... a morte deve attribuir-se á presença nas visceras, de dois alcaloides muito energicos, a morphina e a delphina.»

Delphina é o poema do sr. Thomaz das Obras Publicas. Veneno muito energico, diz o relatorio. Por isso se lhe chamou *Delphina do Mal*. Até ao caso Urbino, apenas empregado como somnifero. A condensação toxicologica que levou a droga a produzir a morte, deve-se provavelmente ao facto do sr. Thomaz ter corrigido o poema em segunda edição.

VII—Annuncio hontem colhido no *Noticias:*

«Alugam-se corôas funebres para figurar em enterros de pessoas que não tenham quem lh'as offereça. Dedicatorias nas fitas á vontade do freguez.»

VIII—Sampaio dava oito dias de vida a um acontecimento em Lisboa, por mais extraordinario que elle fosse.

E isto na quadra pobre em episodios de sensação: que em começando o anno, com S. Carlos, o parlamento, os theatros, a vida das ruas, era impossivel na grande mascarada dos successos publicos fixar attenção n'este ou n'aquelle.

Razão porque eu, desconfiado de que o publico nem dado tenha pelo nome de Floriano de Freitas

(um dos melancholicos que o mez passado pozeram na vida, com o revolver, o terrivel ponto), venho lembrar-lh'o com a sympathia e a saudade devidas aos nobres obscuros, aos *predestinados* lucidos, sequiosos de justiça, embriagados d'arte, e sempre debatendo-se n'uma tortura interior que lhes não deixa aceitar placidamente as pequeninas coisas praticas da vida.

Este deu d'alguma forma o typo d'aquelles bohemios ideaes de Victor Hugo, castos e *gouailleurs*, cheios de commiseração pelos que soffrem, amando as mulheres como um incidente da vida forte, cultivando em pensamento todas as nobres abstrações e finas phantasias — especie de Hamlets e d'Enjorlas, que caminham na vida sustentados pela leitura dos seus poetas, de cabeça alta, o olhar em festa, como se superiores de caracter a quasi todos, e superiores d'espirito á maior parte, voejassem á flôr das mesquinharias e das immundicies.

Ao afloral-o apenas, se sentia logo haver n'elle o quer que fosse d'intangivel e d'alto que faltava talvez aos que lhe acabrunharam a existencia nos ultimos dias da sua vida escolar; e era travar-lhe do braço e perscrutal-o, reconhecia-se um espirito d'escolha, um nobilissimo e valido companheiro, cheio de criterio, leal e enthusiasta, chimerico é possivel — pois lhe faltava o fetichismo pelas estátuas de gesso que é costume exaltar pelos papeis, quando as *coteries* as alçam nos escudos, n'uma

hora d'assalto aos bons logares—porém nervosa e superiormente perspicaz, e tão perdido em aspirações d'ideias e altruismos, que os camaradas, muitos, não alcançando bem a *embrassure* das suas vistas, tinham começado a consideral-o extravagante.

Bem extravagante foi na realidade, este rapaz!

Podendo com uma imperceptivel *seccousse* de vontade submetter-se ás praticas regulamentares da sua escola, ser premiado sem esforço em todas as cadeiras, adquirir emfim a *famasinha* que depois leva ás commissões de terra e aos pulpitos de professor mais bem postados, o pobre Floriano preferiu dar a estudos erraticos o mais lucido quarto das suas horas, e espanejar as espiraes do seu talento por sobre leituras d'arte e sciencia extranhas ás estrellas da sua farda de marinha—leituras que de resto o professor não aprecia, ankilosado como está nos exclusivismos douctrinaes da cadeira que rege, e que é sempre para elle, primeiro que tudo um ganha-pão, e logo depois a unica coisa verdadeiramente superior que existe, abaixo de si proprio. E a este desalentado sympathico, que era um dos raros familiares de Sakespeare em Portugal, que sabia de cór Victor Hugo e seus discipulos, e lia Leopardi e Dante no texto original, e nos poderia repetir, como raros talvez dos nossos velhos academicos, a biblioteca classica e latina—a este desalentado que era um pouco de tudo, medico, engenheiro, artista,

bibliographo, mercê d'uma actividade delirante e inquieta que o arrastava atravez de livros e jornaes—só faltava uma insignificante qualidade para fazer d'elle um homem d'evidencia, uma qualidadesinha que desde as origens do mundo tem envergado a muito idiota o dominó de homem de genio.

Venho a dizer, Floriano de Freitas jámais conseguiria pôr o seu espirito liberrimo em linha de nivel co'as mesquinherias d'um grupo, e canalisar as suas faculdades mentaes, pelo espaço d'um curso, no sentido d'uma especialidade unica de trabalhos.

Ora, contra este genero de vagabundos mentaes todas as escolas do paiz juraram guerra. Exijem em geral os regulamentos que o estudante seja em tudo e para tudo um domesticado: que não dê faltas, que venha ás horas, traga a prelecção da vespera bem guardada nos barris do lixo da memoria, o caderninho das notas numerado, o ar aborrecido—e nada de tossir, d'abalar no meio das lições, de fazer gestos a um collega, de controverter uma opinião do cathedratico . . Superiores aos mestres em cultura geral, muitos d'aquelles cabulas desenvolvem contra elles um espirito de critica satanica, o qual vae contaminando as bancadas, põe em perigo a ordem, e é um calafrio constante para o pobre apontador da sciencia official.

Prevê-se n'este ponto a resultante: por banda do bohemio, desdens pelo professor sem facul-

dades; por banda do mestre, reprezalias sobre o petulante que se atreva a negar-lhe a infalibilidade.

Em face aos regulamentos de certas escolas portuguezas (com perdão de quem me ouve) o ideal do estudante seria o burro. E quantas e quantas vezes não é o burro o ideal dos professores!

IX—O sr. Thomaz Mendes Norton, proprietario do extincto mosteiro de Refojos do Lima, no Alto Minho, publicou em francez uma memoria acompanhada de phototypias, na qual tenta provar dois pontos d'archeologia critica, de subido melindre. A saber:

1.º—Que a architectura do mosteiro de Refojos é obra do italiano Bramante, primeiro architecto de S. Pedro de Roma, o qual, a convite de D. Jorge da Cunha, cardeal d'Alpedrinha, prior de Refojos, e intimo amigo de Julio II e Leão X, teria vindo a Portugal lançar a fabrica, podendo as instancias do cardeal terem sido secundadas provavelmente pelas do morgado de Refojos, que era filho de Tristão da Cunha, embaixador do rei D. Manoel no Vaticano, e amigo elle mesmo de Bramante e de Raphael d'Urbino, seu sobrinho.

2.º—Que dois quadros a oleo, uma estatua de santo, em madeira, e as numerosas majolicas que adornam a egreja e o refeitorio do mosteiro, são

obra de Raphael, que muito bem poderia ter acompanhado o tio a Portugal, pintando alli, n'uma thebaida selvagem d'entre as brenhas, as telas e loiças que n'ella figuram.

Claro que eu não vou contrapôr opinião alguma ás do investigador das pégadas de Raphael nos alcantis e lameiros d'entre Lindoso e Faro d'Anha. Faltam-me dados, termos de comparação para o problema, uma educação d'arte em convergencia especial sobre os trabalhos do adolescente sublime que deificou a mulher, pintando-a de madona, e que reproduziu em quadros eternos o seu nobilissimo sonho da vida, calmo e grandioso como uma emanação da mesma Divindade.

De mais, pouco importa ao meu caso o esquadrinhar n'este instante, se foi Bramante quem edificou o mosteiro, e Raphael quem lhe lançou as decorações. Os entendidos tartamudearão sobre a materia o que d'impressivo lhes relampeje nos bestuntos, emquanto eu me detenho simplesmente a fazer venia aos esforços criticos do sr. Norton, que como possuidor d'obras d'arte se não contenta em só as ir mostrando babosamente aos forasteiros, como tambem as disseca, perscruta e historia — bem ou mal pouco importa — d'ellas saccando algum promenor d'analyse e sumptuaria, que os Micheleis do futuro embutirão com successo, á devida altura, na historia da renascença artistica do paiz.

O que essas maravilhas de Refojos, desconhecidas té'gora, venham pois acrescentar sobre o que está visto, de Raphael, não sei dizer. Por ventura ellas não passam talvez, como tantas outras, d'illusões d'amador demasiado nervopatha, e mesmo se cita, n'um dos paineis que o sr. Norton refere ao amante de Fornarina, um pé de santo, desproporcional comparativamente ao resto do corpo, cuja monstruosidade o relator das artes de Refojos explica por uma hypertrophia logica em extremidades locomotoras de bemaventurado, que como aquelle, tantos annos levou a caminhar pela estrada do... dever.

Seja como fôr, o certo é que a memoria do sr. Norton revela amoroso estudo da materia, e culturas d'arte sublinhadas em certas passagens, por acuidades d'optica e subtilezas extravagantes d'interpretação.

Se os proprietarios d'obras d'arte em Portugal, houvessem deligenciado, no estudo ou no concelho de peritos probos, afuzar a curiosidade e a intelligencia, quanto á indole, proveniencia, merito e valor monetario até, dos objectos que possuem, que de collecções não haveria por essas casas de familias antigas, apar das que existem, e quantas fortunas a mais (nas provincias por exemplo) á medida que esses colleccionadores se lembrassem de dispersar pelos mercados da Europa, os seus museus!

Até ás invasões napoleonicas, Portugal foi um enorme, um incomparavel, um surprehendente museu de coisas d'arte. A ebenesteria povoava de maravilhas as residencias nos nossos gentis-homens e ricos mercadores, seguindo os mais puros modelos das mobilias da Flandres, de França e de Castella, e executando as suas obras em preciosas madeiras da India e do Brazil, que traziam as naus, de longes terras.

Nenhuma sala ou aposento de qualidade se dispensava o forro de tapeçarias, os espessos tapetes revestindo o chão de tijollos, e que muita vez tinham vindo da Persia, de Marrocos ou da Arabia, trazidos pelos nossos soldados navegantes como despojos tomados aos piratas, n'alguma abordagem, mar em fóra.

As loiças do Japão e da China eram vulgares até nos interiores da gente pobre: as sedas da Asia faziam os vestidos de gala das mulheres, talhavam-se em colgaduras, bordavam-se de flores orientaes e de brazões, revestiam os leitos, compunham os frontaes dos altares, as vestes dos sacerdotes, os baldaquinos dos santos, os sobreceus dos thalamos, e as paredes dos *boudoirs* e dos oratorios. Os mais pobres conventos tinham alfaias de prata cinzelada, doação d'infantas, rainhas, fidalgas, e ricas burguezas. Na ornamentação dos trypticos, dos calices, das custodias, das pixides; na esculptura dos contadores e dos bahus, na illuminura dos livros de cavallaria e dos missaes, a mesma

larga magnificencia, original, familiar, adoptada em uso quotidiano, revestia de miragens explendidas ao mesmo tempo a residencia de Deus e a residencia dos homens, e o dinheiro que rolava a flux pelos varandins dos galeões que chegavam ao Tejo, abarrotados de coisas preciosas—como a vida era simples, e o luxo se não corrompera ainda pelas danças macabras da *moda*—o dinheiro servia a povoar os interiores de bellas obras d'arte, feitas de proposito para um só dono, n'um só modelo, por um artista paciente e obscuro na sua alfurja d'Alfama ou Mouraria.

Bonaparte foi o primeiro gatuno que nos defraudou d'essas bellas coisas tão poeticamente historicas e tão suggestivas no exangeliario cavalheiresco ou simplesmente anedoctico, da familia.

Depois de tomada uma cidade, entrava um *comité* de sabios e d'artistas francezes a lançar mão do que havia de magnifico ou de raro, nos edificios publicos e nos palacios; e vestoria feita, abandonava-se o resto á soldadesca. Só o despojo de Junot, carregou tres navios no porto de Lisboa!

Quando os francezes se foram, ficaram os inglezes, que de rustilhão com os portuguezes *legitimos* ou *adoptivos*, ricos ou poderosos, valha a verdade que nos teem vindo a extorquir até ao ultimo quadro dos conventos que fecham, e até ao ultimo *bibelot* das familias que se arruinam.

Ha setenta annos que o *Sout-Kensington-Mu-*

seum de Londres, secretamente mantém entre nós agentes seus, com ordem de vendimarem o paiz de todos os objectos d'arte que appareçam.

Se de roda áquelles, ajuntarem os espertalhões que compram para os judeus milionarios de Paris e d'Allemanha, para os vendedores de cortumes ricos de Nova-York e S. Francisco — se accrescentarem a estes, os fura-vidas modestos da rua do Alecrim e Moinho de Vento, agentes de collecionadores portuguezes — se calcularam depois a cifra das transacções annuaes em *bric-à-brac*, se tomarem nota do tempo que esta sangria tem durado, admirarão por fim o manancial de riquezas decorativas que era Portugal, abeberado por tres seculos d'opulencia e de conquista, de doações reaes, de viagens e de victorias atravez de continentes artisticos e inexplorados.

Dos nove conventos que ultimamente fecharam no districto de Lisboa — alguns dos quaes tiveram a honra de ter por priorezas e abbadessas, muitas senhoras das nossas mais illustres casas, e princezas até, bastardas ou legitimas filhas de reis portuguezes — dos nove conventos fechados, pouco ou nada se tem apurado capaz d'enriquecer as mal providas *vitrines* do nosso infeliz museu das Janellas Verdes. O espolio da Estrella foi uma palmeira; S. Bernardo d'Almoster, um dos mais ricos mosteiros do paiz, pôz ha dias em leilão as suas pratas — meia duzia de garfos tortos,

duas conchas de sopa, e uma pequena salva sem valor.

A fatalidade quer que mau grado o saber-se por tradicção, das muitas coisas preciosas que existiam, ou deviam d'existir, poucas ou nenhumas appareçam, quando, fechada a ultima sepultura de monja, se vae arrolar o espolio das respectivas casas conventuaes; e que ao mesmo tempo (por quaes artes, não sei) muitos objectos d'arte religiosa, de genuina procedencia portugueza, estejam ornando os *bric-à-bracs* dos nossos mais delicados e opulentos collecionadores.

Todos os dias os jornaes noticiam que foi fechado tal convento, tal palacio, tal hospicio; leilões á socapa, arrolamentos á porta fechada, visitas permittidas a este ou áquelle — e vão lá saber depois como desappareceram os azulejos da Madre de Deus, os livros de Horas da rainha Leonor, as pratas dos Grillos, as talhas doiradas de Xabregas, os antiphonarios cistercenses e a bengala de D. João v d'Odivellas, as esculpturas de Santa Joanna, e tantas outras coisas magnificas, que revertendo ao museu, postas em armarios, catalogadas devidamente, serviriam para se escrever um dia a historia das nossas artes e industrias de luxo dos seculos XVI, XVII e XVIII.

A nova rua aberta do Aterro até ao largo das Côrtes, cortou, como sabem, não só a cerca, como grande parte da egreja e do claustro do convento

da Esperança. Architetonicamente, não havia alli nada que adorar. O claustro era uma ingenua e pobre fabrica do seculo XVIII, com arcarias simples, varandas de balaustres direitos, e forros d'azulejo amarello e verde, sem maior valor decorativo é certo, excellentes porém de qualidade. Do pedaço que ficou em pé, sobranceiro á rua, a todos occorreu dar-lhe um destino artistico, e eu mesmo escrevi, se me recordo, alguns artigos lembrando á Camara o bem que diria n'aquella galeria, a fundação d'um museu municipal d'archeologia e arte decorativa, arranjado com o que fosse apparecendo em talhas, azulejos, marmores, baixos relevos, quaesquer artigos de ceramica, etc., representantes ou inspiradores da antiga arte nacional.

Abertas sobre um bocado de claustro risonho, com seu jardimsito de cyprestes e de buxo, e a concha de pedra cheia de musgo, onde uma fonte murmura, ha grandes casas d'abobada, literal e magnificamente azulejadas. N'um sanctuario proximo, tres grandes altos relevos em gesso pintado, de tamanho natural, (admiraveis me pareceram, na minha rapida visita, de vigor, d'anatomia e colorido) constituem um dos mais surprehendentes trabalhos de alta-moldagem que eu tinha visto no genero, da fronteira para cá. E todas estas circumstancias, a situação do claustro, a sua fórma, as casas annexas, o sanctuario d'onde é impossivel arrancar para outro sitio, os alto relevos, como

que estavam convidando a commissão artistica da Camara, a installar alli uma especie de museu Cluny, em ponto pequeno.

... vae, localisaram n'este recinto melancholico e sagrado—uma bomba d'incendios.

X—A proposito d'arte, já se diz que a Camara Municipal vae abrir concursos d'esculptura. Assumpto do primeiro: o José Julio Rodrigues cogitando no que faria se fosse auctor dos *Luziadas*.

XI—Por alvará d'El-Rei D. Pedro v, a povoação de Punhete, ribeirinha do Tejo, passou, como se sabe, a ter o nome de Villa Nova de Constança. Havia mais duas povoações do mesmo nome, a ultima das quaes, no concelho d'Oliveira do Hospital, tomou agora a designação d'Aldeia Formosa, por alvará de S. M. o rei D. Carlos.

Que grande honra para a dynastia! O actual soberano póde não ter sido feliz nos outros actos do seu reinado que nem por isso a posteridade esquecerá este—acabou com as Punhetes em Portugal.

XII—Uma exposição morta, viva a exposição! A industrial está agonisante, e morre nos bra-

ços dos seus carrascos, venho a dizer dos membros do jury que alli vae deitar medalhas e menções honrosas, um pouco como o João de Deus espalhava feijões por sobre um certo periodico lisboeta, de noticias: pelo prazer de debaixo de cada feijão, contar um disparate.

N'estes dias de chuva, pardos e tristonhos, é de vêr como a enxurrada traz do curral de taboas da Avenida, á hora em que a feira desarma, um pouco da occa que pintalgava os pavilhões, e dos microzimas das habilidadesinhas seculares que os relatorios officiaes uzam cognominar d'industrias portuguezas.

Symptoma inquietante — as industrias do paiz que algumas mostras dão de vida, e parece ressumbram certos haustos de liberdade, são ainda assim as fomentadas pelos prezos. É o caso da Penitenciaria. Entre estas, avulta a do fabríco de bengalas. Não haverá aqui um tal ou qual motivo d'inquietação para os juizes?

Entre os productos de pompa que mais viva impressão produziram nos quarenta e dois *commis-voyageurs* inglezes ou francezes, de visita á exposição industrial, avultaram os vinhos.

Com suas côres d'opala, rubim, e burro quando foge, aquelles preciosos licores radiavam á luz, em pyramides de garrafas, qual mais bojuda e bem encapsulada. O gran-bretão sobretudo parecia cahir de queixos perante aquellas exhibições do nectar divino, Madeira, Porto, Bucellas e Collares,

que de tanta reputação disfructam nos catalogos do grande commercio de Londres e Edimburgo. E eil-os de roda ás garrafas, com monosyllabos gulosos—*A very fine exhibition!*—á procura de guardas que lhes forneçam explicações. Os guardas chegam, bisonhos, deslavados, com um ar de terror por terem d'abordar um estrangeiro. Trava-se um dialogo em que o inglez condescende a inventar um portuguez, e o portuguez a dar-se ares de fallar o inglez: e elles debatem-se.

—*No comprend!* diz o d'Albion.

E o de Chão de Maçãs, com uma raiva de o surprehenderem em flagrante delicto d'ignorancia:

—Estes raios que vem pr'aqui mangar com um *home,* senhores!

É então que o estrangeiro, cada vez mais acceso em desejos do vinho, delibera ir ter com o inspector. Apparece um alto, de bigode cahido, tres anneis de ferro no dedo médio, o côco roto, e um ar ainda mais deslavado e estarrecido. A mesma farça de cada qual macarronar o idioma contrario, a sabor da sua ferocidade nativa, intervallo de dois minutos para os dois adversarios se medirem d'alto a baixo...

—*Oh yes, sir! A very fine exhibition!*

—Lá entra o beef agora com lampanas!

Ha um movimento de desdem nos hombros do britanico: outra insolencia na bocca fulla do inspector, depois do que, cada qual dá costas pr'a seu lado.

Um forasteiro então compadece-se do pobre curioso, que é talvez o representante d'alguma casa de negocio. O inglez explica-lhe... desejava informações ácerca dos vinhos expostos, precisa catalogos aonde venha o nome do expositor, a proveniencia do vinho, a cifra de producção, o preço por almude, e finalmente, provas.

— Do catalogo, gentleman?

— Do vinho! do vinho que alli está n'aquellas pyramides de garrafas.

— Mas é agua córada d'anilina.

— Deve haver então deposito nas cavas.

— A unica cava que existe em Portugal é a de Viriato. V. S.ª hade ter ouvido...

— Oh *si*... de *Port's Wine!*

— Não, de Viriato, uma antiga caverna de ladrões.

— Mas o catalogo?

— Está-se a imprimir... só quatro ou cinco mezes depois da exposição fechar, apparecerá.

— Mas quem é que informa aqui os estrangeiros, os negociantes, os simples *touristes?*...

— Eu digo a V. S.ª O nosso paiz é todo feito de pessoas excessivamente discretas. Entre nós ninguem pergunta nada. Aqui não ha estrangeiros, nem negociantes, nem *touristes*... Em Portugal todos somos eguaes. *(O informador acerca-se do inglez com ar mysterioso.)* Se V. S.ª quer saber mais alguma coisa, procure o director da secção agricola, o Jayme Arthur...

—Aonde é?

—Estará no Gremio, ou o mais certo é elle vaguear agora por Caparica...

—E dista muito, Chifarica?

—Atravessa-se o rio... desembarque em Cacilhas, terra linda! quando chegar, tome V. S.ª um carro das escadas...

—*Si*...

—Que o Jayme é bom rapaz... alto de mais, torre-eifelesco... Ora se V. S.ª não levar comsigo a escada Fernandes...

Aqui o inglez vae-se, arengando:

—Paiz de negros! Raça d'escravos! Faz uma exposição de papel doirado e garrafas cheias d'agua... os guardas não sabem dizer nada aos visitantes... os inspectores descompõem quem procura informar-se, os directores de secção só são abordaveis com escadas d'incendio .. *Portuguese's dogs!* e pensar que tudo mudava, raça, costumes, commercio, actividade, se a Inglaterra espalhasse pelas alcovas d'este esteril paiz, toda uma horda da nossa fulva marujada!...

XIII—As novas d'Africa dão a posição portugueza cada vez mais irritante e difficil n'aquellas terras. Realisou-se o que muitas vezes disseramos sobre as consequencias do primeiro fraquejo nosso, de Janeiro. Certa de que lhe não resistiremos, a Inglaterra trucida-nos e alarga a sua area d'occu-

pação, sem mais respeito ao convenio e aos *modus-vivendi* do que um ladrão da montanha, impune e perfido. Um acto de resistencia, uma energica reclamação por via diplomatica respondendo á insolita provocação do *ultimatum*, ainda teriam sustado talvez a canalha ingleza, na sua marcha ovante, de latrocinio em latrocinio e d'invasão em invasão, se por uma informação diplomatica rapida e completa, houvessemos conseguido interessar simultaneamente os gabinetes europeus, na nossa causa. Infelizmente, com a governação Hintze-Serpa, as coisas tomaram a nefanda trajectoria que todos viram, e emquanto o sr. Barjona e o sr. Hintze conspiravam abertamente contra a integridade do nosso dominio ultramarino — apertos de dinheiro, desleixos e inexperiencias de quem regia a pasta da marinha, lá foram deixando a linha fronteiriça (que pelo tratado de 20 d'agosto nos era concedida e que o *modus-vivendi* ultimamente fixou, até negociações definitivas) desguarnecida de postos militares, e os portos e arsenaes da costa africana oriental sem um barril de polvora ou um navio, como se tudo vogasse em maré de concordia e paz profunda. E assim chegámos a isto! Já não é só a Inglaterra quem se permitte invasões em territorio authenticamente portuguez. Agora até levamos castanha dos pioneiros das simples companhias commerciaes, e passamos pela vergonha de vêr fugir os nossos exploradores deante dos aventureiros do inglez Forbes, e de

vêr engaiolar Manuel Antonio, á vista de sua gente, nas masmorras do forte Salisbury.

De sorte que não falta nada á tragi-farça portugueza em Moçambique. O inglez entrou comnosco, e ainda não houve meio de lhe ferrar nos campos d'Africa, uma lição. Primeiro contestou-nos posse em territorios, em seguida impóz elle mesmo limites ás nossas possessões, apóz fuzilou soldados nossos, fez ouvidos de mercador ás nossas queixas; e certo da nossa pusilanimidade e da nossa miseria, conhecedor da irrisoria situação da nossa marinha, da absoluta ausencia d'occupação militar portugueza em terras d'Africa, da irresolução e do panico que nos causa, eil-o desdenhando roubar-nos já sob a chancella do *Foreign-Office,* mas encarregando d'isso, com uma solercia de faccinora cynico, potentados minusculos, como a companhia ingleza do sul, que o gabinete inglez diz não proceder d'acção combinada com elle, mas por traz da qual sahirá ámanhã, se tropas nossas trucidarem no campo os valdevinos com que essa companhia nos escorraçou de Manica, ha pouco tempo.

N'este comenos, pergunta-se: ainda não está chegada a hora de se intentar o desforço do nosso pundonor achincalhado? A guarnição militar da provincia de Moçambique, continuará reduzida a meia duzia de soldados europeus doentes, e algumas centenas de negros indisciplinados? Não cuida o governo em promover no mais curto es-

paço possivel, a transferencia de parte do exercito portuguez, do continente para os pontos moçambicanos que mais celeremente exigem a sua presença? Ha-de-se consentir que companhias de mineiros e algodoeiros zombem de nós? Não aproveitaremos o momento d'ellas procederem, como o governo inglez affiança, fóra de toda e qualquer influencia official, p'ra lhe ferrarmos uma coça que resuscite aos olhos dos negros, o nosso prestigio agonisante?

Eu não sei realmente o que se espera. A ultima injuria está bebida. Pergunta-se continuaremos a discursar de braços cruzados, no Martinho e nas reuniões da Liga Liberal. N'esta mornidão d'iniciativas, n'este estado attonito de desastres, vozes erraticas já levantaram o grito da altivez patricia, enxovalhada, que demanda vinganças. Em Traz-os-Montes falla-se em organizar um batalhão de voluntarios para a Africa. De Braga chegam noticias de se estar organizando alli um corpo expedicionario semelhante, que já tem inscriptas cerca de 600 pessoas equipadas e armadas á custa d'uma subscripção particular. Do batalhão do Brazil já se não falla; bons ou maus, esses nobres portuguezes offereceram o seu sangue á defeza do paiz, e devem ser honrados por nós todos. E finalmente, ainda no domingo passado houve reuniões d'estudantes, convocadas simultaneamente em Lisboa, Porto e Coimbra, a mostrarem, com enthusiasmo mais ou menos oratorio, mas nem por isso menos

sincero, qual o rumo que as populações academicas tomarão, ao menor signal de que a Africa portugueza haja mister da sua generosissima mocidade.

Ora, está claro que estas fidalgas offertas não podem ser acceites avulsamente pelo Estado, e que seria improficuo fazer seguir os batalhões patrioticos para a Africa, sem combinar primeiro um plano d'occupação por toda a fronteira interior de Moçambique. Para uma occupação militar ser efficaz, batalhões patrioticos não bastam. Urge que n'ella tomem a frente, para assim dizer, tropas d'officio, que só o exercito do continente nas actuaes circumstancias póde dar. O governo necessitará por consequencia de fazer um apello aos regimentos da metropole, e decretar a communidade do exercito, para o continente e possessões, de sorte que toda a officialidade de terra tenha como a de mar, o seu tirocinio nas colonias, e que o recrutamento implique a obrigação de serviços do alistado em qualquer ponto do Ultramar que a sorte lhe impozer. Organisado assim o exercito, e prestes! o commando geral fixará depois destino aos batalhões de voluntarios, e a disposição das forças militares portuguezas, séria e effectivamente organisadas nos habilitará a expurgar a terra negra das correrias dos intrusos, e a impôr á Inglaterra uma opinião diversa da que ella hoje faz de nós, como paiz colonial.

Mas porque não faz então o governo esse indispensavel appello ás tropas da metropole?

A resposta adevinha-se. O governo sabe bem da indisciplina social que corre nas camadas, e como todos, receia vêr-se desacatado no instante de praticar este acto d'energia. Porém tanta vez tenho ouvido exaltar o espirito de bravura e mais virtudes profissionaes do nosso exercito, que supponho infundado o receio, e até o julgaria injurioso para uma corporação tão melindrosa em pontos de honra, e tão justamente cheia da consciencia do seu prestigio.

Estranhando estou até de que não tenha sido do exercito que partisse o grito de vingança, e vou a suppor que se em presença das nossas vergonhosas derrotas d'Africa, o exercito se tem conservado impassivel, até agora, rasões occultas por certo lhe amordaçam a voz, que é impossivel não explua, a breve trecho. Porque em verdade, aceitar o governo as offertas de sangue que lhe faz o commercio e a juventude estudiosa, sem primeiro fazer consulta á intrepidez dos que cingem armas por officio, é realmente deixar em mau juizo uma corporação que afervoradamente jurou consagrarse á defeza da patria, que não acaba, é sabido, nas costas do Algarve, senão vae além, travez dos mares, té aos dois litoraes do paiz negro, em cujos vales pelejaram e morreram heroes, etc., etc.

XVI—A officialidade de cavallaria 4 offereceu um jantar ao sr. coronel Queiroz, na sala

grande do *Universal*. Mesa magnifica, e por suggestão dos promotores da festa, *menu* lardeado de reminiscencias guerreiras. Havia por exemplo na secção dos legumes esta inaudita coisa: — *asperges verts sauce grands vainqueurs*. Ou, traduzindo: — «espargos com molho aos grandes vencedores».

Já não repararíamos que os srs. militares de cavallaria 4, em questões de paparoca, aliassem a ideia do espargo, á ideia de Napoleão I, conhecida a inteira juvenilidade e *entrain* com que elles, em casinos de praias, sabem casar com a bravura, por exemplo, a valsa pulada. Mas aquelle molho á grande vencedor está-nos a lembrar o que uma vez um velho official experimentado nas guerras liberaes, nos contou relativamente á bravura do duque da Terceira.

— Commandante magnifico! E que valente! Apenas rompia o fogo, era um fedor que se não podia estar ao pé d'elle.

Sauce aux grands vainqueurs, senhores officiaes, não ha que vêr.

XVIII — Falla-se no prestigio que um capitão d'artilharia disfructa, como politico, entre os seus camaradas de regimento.

— Ah! é espantoso! o que me surprehende é elle conservar, mesmo nas mais tempestuosas noites da Liga, a sua linha impavida de militar. Artilheiro até quando falla...

Alguem de lado:

— Bem sei. Quando falla, dispara peças de... bretanha.

XIX — O que mais ha a receiar da viagem do sr. Magalhães Lima, não é, como as *Novidades* suppõem, tanto o perigo de que elle advogue a união iberica como salvaterio da decadencia em que resvalámos, senão que o tenha feito em condições de ter compromettido no futuro, esse desideratum.

Vae longe o tempo em que o hespanhol era o papão com que os articulistas politicos mettiam medo ao povo, e com que os ministros da fazenda chocalhavam nos seus relatorios, quando nos queriam extorquir algum imposto insolito.

Os tempos são outros, e das dolorosissimas lições dos ultimos mezes deriva um criterio politico, que felizmente começa a sobrepujar as rasões historicas, e a fornecer uma nova concepção a esta palavra abstracta de patriotismo. Já a ninguem repugna a idéa de Portugal e Hespanha constituirem de futuro uma nação poderosissima, e por guiza de nem nós abatermos o nosso orgulho, indo ao encontro d'elles, nem elles tomaram sanha de senhores, tomando-nos a nós.

«A diplomacia europea é conduzida e dominada pela fatalidade dos factos, diz um francez illustre. Quatro raças existem na Europa com physiono-

mia e dominios proprios, e o equilibrio entre ellas é uma necessidade para todos. Póde haver interesses ou necessidades transitorias que modifiquem a conducta logica de cada uma. A Italia que por exemplo devia estar co'a França, é contra ella. Este agrupamento das raças é uma coisa fatal na historia e superior á vontade. Domina a diplomacia, destruiu os costumes antigos, e não ha habilidade, intrigas, influencia pessoal, etc. que prevaleçam contra uma tal corrente.»

O primeiro de Dezembro póde ser uma data gloriosa, e nós deitarmos foguetes para commemoral-a, que nem por isso elle deixa de significar um inicio d'escravidão hoje bem mais aviltante do que teria sido o dominio hespanhol, se as cousas houvessem seguido o seu caminho natural. Emendar o erro historico que nos tirou dos hespanhoes, nossa familia, para nos lançar nas redes do britanico, eis actualmente o dever dos propagandistas d'ambos os povos, e não entendam os sensiveis que vae n'esta approximação jogada, por um instante sequer, a nossa autonomia. A confederação iberica, que é a unica fórma viavel do iberismo, uma vez posta em problema e resolvida por consenso unanime dos dois paizes, não póde senão fazer da Peninsula uma nação inexpugnavel, e cincoenta ou sessenta annos decorridos sobre ella, as tendencias separatistas da Hespanha nos preservariam de sermos absorvidos e enfeudados

a uma monarchia contratada pelos hespanhoes para nos dar ordens do palacio do Oriente. É preciso vêr pouco para não sentir que os hespanhoes estão tão fartos de reis e de rainhas, como nós, e para acreditar que o regimen republicano federal, dando autonomia aos differentes estados em que a Hespanha se discrimina (embora sabendo mantel-os n'um laço d'intima alliança, que faria a sua força) de sobejo nos deixava garantida a independencia, e de sobejo nos daria margem para exercermos na grande republica, uma hegemonia incondicionalmente triumphante.

Porque não seriamos n'essa federação iberica, o estado peor, o estado inferior. Bem ao contrario! Levamos um dominio colonial que é o terceiro das potencias europeas, e para predominar sobre os demais estados peninsulares, bastaria proseguirmos na iniciativa com que já hoje estamos cortando a Hespanha de vias ferreas, e introduzindo nas suas cidades, industrias que lá medram por exclusiva mercê da actividade portugueza.

Depois, a perspectiva d'esse colosso novo na Europa, de que nós seriamos ao fim de tempo, quem sabe? o cerebro e o braço, posto entre a America e a França, ameaçaria de morte as dynastias todas do velho mundo, libertando os respectivos povos d'essas tyranias de principes, cuja vontade pessoal inda faz lei. E tanto este destino opiparo anda na esperança dos verdadeiros patrio-

tas portuguezes, tanto o futuro longiquo do paiz é este, que ao contrario do que as *Novidades* dizem, ao povo não lhe repugna acceital-o como redempção e contraprova moral. A quem elle não faz conta é aos partidos monarchicos, que rebaixaram a nacionalidade até ao afflictivo limite que sabemos, e cujos tristes figurantes, uma vez deslocados do regimen de crapula em que vivem, teriam d'acabar á margem, a esgatanhar os vermes das suas proprias pustulas. Porém a acção d'esses seres inferiores á transitoria, e nunca elles estiveram tão perto do desprezo publico, como n'esta hora em que a noção de patria se alarga, e em que o paiz, desenganado dos sangradores que se lhe teem posto á cabeceira, mais do que nunca os renega, advindo na conclusão de que só os grandes se fazem respeitados, e de que *a verdadeira grandeza é a força*—que só os paizes colossos são capazes de mover.

XXII—Carlos Lobo D'Avila arrematou em Paris, por 500 francos, n'um dos ultimos leilões do Hotel Druot, a corôa de louros com que em 1778, depois d'uma representação da *Iréne*, Voltaire foi coroado, e com a corôa uma *robe-de-chambre* e um par de chinellas, do grande sardonico—o lote garantido pelos respectivos attestados. E é n'esta *toilette* que o illustre mocinho todos os dias escreve o seu artigo para o *Tempo*. Mas

coisa singular! o trajo é de Voltaire, agora os artigos, não.

XXVIII — Vae uma guerra medonha em S. Vicente. Parece que o Papa impôz ao patriarcha a demissão, e que o patriarcha recusa demittir-se, allegando o quadrarem-lhe as dignidades de supremo da egreja lusitana.

Guerra de corvos, sobre que convem fallar um poucochinho.

Ha tempos que entre o nuncio e frei José, lavram raivinhas. O nuncio pretendia coagir o prelado a certas conspirações de sachristia, em que elle, no intervallo das conspirações d'alcova, anda mettido. D'aquelles tramas unctuosos, resultaria, já não digo a restauração das ordens religiosas, mas uma especie de *modus vivendi* para certas congregações de irmãos e irmãs de caridade, em Portugal, as quaes sob pretextos phyllantropicos, iriam accendendo, aqui e além, fócos de jesuitismo e beaterio, sobejamente nefastos para todos.

Ora, o patriarcha não esteve maiormente pelos ajustes do nuncio, e haverá que pagar caro a resistencia, mercê d'alguma d'aquellas surdas patifarias em que são eminentes as mulheres e os cardeaes.

Dada esta pexa entre Vanutelli e fr. José, seguil-os d'intriga em intriga, de S. Vicente para a

Ajuda, da Ajuda p'ra a rua do Quelhas, e da rua do Quelhas para o Vaticano, constituiria um d'esses estudos sagazes, machiavelicos, sutis, que só a penna de Stendhal saberia delinear com psychologia equivalente.

Por vezes, aproveitando os seus magnificos dons de seducção, a penetrante voz de confessor, a cultura mental sobria e segura, os seus olhos italianos e as suas brancas mãos de gentleman ocioso, já Vanutelli pretendera influir no espirito da antiga soberana, a tempo de fazer resvalar no desagradado do paço, o patriarcha.

Fr. José não é homem de côrte: parochiavà no Algarve; a sua beatice o trouxe ao Varatojo; depois mitraram-no para Angola, onde um bello dia lhe chegou a noticia de ter sido nomeado patriarcha. Como homem, desconhece quasi todas as convenções da pragmatica; como padre, é ferrenho aos principios que lhe impozeram os mestres com quem cursou. Entre estes dois typos, ha uma pessoa estreita de dotes e quasi inteiramente fallida de programma governativo, mas ha tambem um homem de vida austera, e um caracter de fina probidade. Por ventura estas qualidades o teem feito sahir incolume das traças do nuncio, que por toda a parte lhe vae armando aboïzes e embuscadas.

Quando el-rei D. Luiz agonisava, Vanutelli e fr. José de vigia á camara mortuaria, aguardavam, cada qual do seu canto, e sem se largarem

co'a vista, quem primeiro se achegaria a fazer engulir ao soberano a ultima hostia.

Venceu o nuncio, podera! — que sobre enviado do papa e patricio da senhora D. Maria Pia, tinha elle a vantagem de haver recebido na vespera, pelo telegrapho, fresquinha, a benção de seu amo, para quando S. M. estivesse a decidir.

Vae fr. José, como chefe do clero portuguez, julgou-se molestado por esta preferencia dada ao italiano, preferencia que elle classificaria talvez d'usurpação. Porque em verdade, esportular a gente um patriarcha sob condição d'elle superintender nas coisas da nossa egreja, d'ir ás grandes festas religiosas da nossa capital, d'aplainar a vereda dos ceus ás pessoas graudas da nossa terra, etc., e por fim de contas querer-se uma absolvição *in articulo mortis*, e ter que se aceitar das mãos d'um estrangeiro, é coisa de fazer arreliar o menos patriota! Ora que nós havemos de desdenhar constantemente a industria nacional!... Ou fr. José tem poder para com dois latins e meia duzia de gestos fazer entrar uma pessoa na gloria, ou não tem! Se não tem, p'ra que o fizeram patriarcha, para que o fizeram padre!... Se tem, porque razão chamaram outro?

O Damaso nos *Maias* diz:

— Desconsiderações não admitto.

Se o sr. patriarcha houvesse feito o mesmo logo á primeira, não haveriam os seus freguezes que censurar agora as represalias por elle tiradas

da usurpação dos direitos prelaticios do nuncio, sobre um terreno que lhe devera ser inviolavel: o cadaver do rei!

Nenhum velho mestre do Varatojo ensinou jámais (ia jurar) discipulos seus a tirar desforras de vaidade ou d'orgulho mal ferido. A primeira vez que fr. José sahiu do seu austero rigor de padre simples, mordeu a lingua e deu de si o lastimoso aspecto d'um velho mais soberbo do que esperto, e d'um homem muito mais vão do que prelado. Vingar-se do nuncio, insinuando deante da casa real e da côrte que os sacramentos ministrados por elle ao rei, são pacotilha, é realmente um caso de pouca solidariedade em crenças christãs — tanto mais havendo a certeza de que o sr. D. Luiz não ia para o ceu, nem deixava d'ir, fosse quem fosse lhe ministrasse os sacramentos.

E a proposito...

Um amigo meu, moço gastralgico, sujeito a flatulencias algum tempo depois das refeições, subia o Chiado uma noite, em passinho ledo, quando, julgando-se só no *trotoir*, escapóle da cauda uma sonoridade energica e suspeita.

— Ha pessoas d'uma educação tão primitiva... começa a dizer por detraz d'elle um cavalheiro.

O pobre moço volta-se confuso, desfaz-se em explicações junto do outro, affiança que não tivera intenção de lhe acertar, que se julgava só, que são desafogos da natureza...

—Desaforos! Desaforos! dizia o cavalheiro cada vez mais apopletico.

Novas desculpas do rapaz, que esgota d'esta vez o reportorio das gentilezas, sem mais conseguir, com a sua deferencia benevola, do que ir fazendo crescer a voz do melindrado. Emfim, todos os argumentos exhaustos, elles ambos aos berros no meio da rua, junta-se gente, e vou encontral-os ao tempo em que o gastralgico dizia:

—Homem! Seja rasoavel! Eu não posso agora deitar a correr atraz do filho prodigo, para o metter outra vez em casa de seus paes.

Não podia por certo, sons que passam! D'outro modo correria fr. José a esta hora, por montes e valles, apesar da sua apregoada modestia, empóz da predica arengada no pantheon real de S. Vicente, a vêr se a agarrava, e lhe destruia o effeito moral, motivo talvez de proxima queda, engulindo-a, essa predica maldicta—fosse porque bocca fosse.

XXX—Quanto a adolescencia se monotonisa e entristece, mercê das dyspepsias em que se atola, e das depravadas precocidades onde queima as azas, quanto, compensando, a infancia parece desinquieta e cheia de sobresaltos.

As ruas da cidade, tão incaracteristicas como architectura, e tão pouco originaes como *étalage*, as ruas da cidade devem o pequeno ar buliçoso

que ás vezes as faz parecer animadas, á intervenção artistica, humoristica e philosophica do garoto, allegoria viva das folganças do espirito meridional...

Elle deita do alto, com os falsetes da sua voz cascalhadora, no meio dos silencios broncos que a turba faz em se impressionando, a palavra quente, colorida, typica, recapituladora e indispensavel para desflegmasiar o estado moral do momento, e restabelecer curso ás funcções collectivas, um instante retidas na pasmaceira perante um cão agonisante, ou perante um casamento nos Martyres, indo a noiva de branco e o conselheiro de paranynpho.

Admiravel pequena machina de risota, magra, espigadiça, alerta, grandes olhos, dedos longos, o barrete afitando o cocuruto como as orelhas de cão que vê gato... — e tendo nos beiços finos, espirrando sempre como um genuino mosto vermelho e olorante, o dichote que hade ir garrochar o ridiculo que fôr impando magestade e corpulencia, por suas ruas...

D'uma vez (ha-de-me isto sempre lembrar com bonhomia) estava eu no alto da Rua Nova do Carmo, todo aperaltado n'um cheviote mirabolante, em cuja trama — dizel-o devo para vergonha eterna de meus netos! — collaboravam todas, mas todas as riscas do arco iris, fundindo cambiantes n'uma especie de fundo côr de barrela, apreciado em barda pelos estoiradinhos d'então.

Dois mezes antes, o Condeixa, então dominando na moda, pontifice maximo das cazimiras! como inaugurasse um trajo amarello, todo o mundo tinha querido lançar a cambiante dilecta do gommoso. Em termos que eu estava com outros discreteando litteratura em voz alta, e parece que satisfeito d'essas opiniões esparsas, totalmente.

Tinha por exemplo um petulante feltro sobre a orelha, um *lorgnon* de cabo esculpido na mão, com o qual exagerava, no sentido do pictoresco, está de vêr, a myopia ligeira dos meus olhos. Um garoto que viu, atravessou a rua, phosphorejando malicia por toda a sua pequenina pessoa. No grupo, entre varias celebridades europeas, estava um gordo, vermelho e guapo, possuir d'um nariz que mal respirava entre grandes bochechas, rabanete asphixiado entre montanhas — e a boquinha pequena, sangrenta de saude, sem relevo de labios, dava-lhe a expressão obscena d'estes bonecos que saem de dentro das caixas de segredo, nas arvores de natal... E deante de nós quatro, tomando do chão um caco de vidraça, o garoto impertiga-se buscando traduzir a expressão caricatural da minha figura... barrete á banda, como eu tinha o feltro, o caco de vidro nos dedos, á altura dos olhos, e um geito lesto do dedo indicador, fugindo dos cantos da bocca, como para desenhar o saccarolhas das guias dos meus bigodes eminentemente folhetinisticos.

— *Vocinsellencia* fica-me com esta cautellinha, senhor lagarto pintado?

Eu pasmado d'aquella falta de respeito — um escriptor tão aplaudido! Mas o gordo virou-se, empurrando com aspereza o petulante.

— Não empurre, não empurre! recalcitou este. Olhem para esta cara! Parece uma canivetada n'um c...

E parecia.

A ironia que em labios de homem é o corollario amarissimo dos desalentos e das angustias soffridas no terrivel assalto feito á riqueza ou á voga, por cada ambicioso que chega; a ironia, reflexo verde dos pantanos da alma apodrecida em dissoluções todas modernas, a ironia no garoto irisa-se toda em fogos multicôres, que tivessem por base a saude, a esperança, o desprendimento stoico, e a petulancia e a alegria de viver.

Ha n'ella o que seja d'um circulo magico protegendo a infancia contra o desespero da miseria, e preparando o homem para o estranho jogo d'azar dos cynismos sociaes, empenhados na lucta do goso e do luxo, contra os processos rudimentares de ganhar a vida soldo a soldo, n'um trabalho honesto e fatigante.

N'este paiz de relassos, o garoto é a actividade, n'este paiz de sonambulos, o garoto é a inicitiva, n'este paiz d'enfermiços, o garoto é a exhuberancia e a saude.

Logo de manhã, inda sobre o rio mal vão descerrando as brumas pardacentas, quando a cidade vasia parece um cemiterio ao pé d'uma lagoa morta, o garoto lá vae, descalço sobre a lama, coberto de destroços de vestidos, co'a pasta de jornaes pendente ao quadril, offerecer aos que partem para a labuta do dia nascente, a resenha dos casos tracejados de vespera, e a sumula dos interesses partidarios, debatidos em artiguinhos de verrina... É de vêr com que firmeza, com que galantaria, com que musica, o seu pregão repercute ás esquinas o nome do jornal que mais lhe sôa, e mais lhe rende, e observar então como elle o offerece e faz valer, impondo-o no giro de quem vae somnolento ainda e cabisbaixo, para o armazem, para a officina, amarrar-se ao cepo da sua occupação quotidiana.

—*Diá-notiç... der... óó...*

CAPITULO II

EM FEVEREIRO

Summario

A viagem de Bismarck ao Porto — Chavelhos, considerados elemento de seducção no sexo fraco — Os mortos chics: marquez de Vianna e D. Manuel Santa Iria — Inaugura-se o tunel, grande pagode! — Se querem colonisar a Africa... — O sr. infante Affonsinho — *N'Guvo* Miranda, drama preto, em quatro actos — Abrem-se as côrtes, e do mais que se disser — Carta a S. M. a que mande catrafilar o resto — Expedição a Moçambique: adeus brancas! — Em que se pede o sacrificio das bestas — Lithanias sobre um gatuno — O sr. marquez e os «novos».

EM FEVEREIRO

I — O Porto vestiu-se de pompas para receber condignamente o ministro Arroyo, o grande filho do Porto, que é ao mesmo tempo um grande filho da patria. Para glorificar condignamente o homem, o Porto não deixou de pôr em scena todos os trucs que já havia empregado na recepção d'outras summidades. É uma cidade que detesta a variedade, e que tem para todos os grandes a mesma formula de cumprimento. Vae por exemplo o rei, ovação. Chega o Corrêa Barros, ovação. Os estudantes dão vivas á republica, ovação. Arryo, ovação. Á força de tudo ovar, o Porto deixou de ser a cidade ovante de que fallam os textos, e passou agora a ser uma cidade desovante, cujas apotheoses são uma especie d'estrume atirado á acquiescencia do potentado que a visita, e de que ella suga sempre algum beneficio.

Á sombra do seu velho pseudonymo de baluarte da liberdade, ninguem tem comido melhor nem mais folgado, e sob uma fama de democracia intransigente, nenhuma outra cidade ainda apotheotisou menos livres porta-estandartes de prin-

cipios, summidades mais incongruentes, heroes mais chalros.

A tuna salamanquina, ha nove mezes, teve nas ruas do Porto o mesmo acolhimento festivo, do que ha nove dias o sr. ex-ministro Arroyo usufruiu—com a differença de que os tunos iam pedindo esmola pelas ruas, e o ministro já a tinha pedido antes, nas assembléas eleitoraes.

Nada faltou para tornar pomposa esta viagem triumphal do grande papagaio, á cidade invicta. Nem o Vasques Varella, que de pé n'um *landeau* batia as palmas. Nem as cigarreiras do Oiro, endomingadas, como quem vae vêr passar a procissão do S. dos Passos. Nem as matronas de familia, mamudas como vaccas, e adejando lenços brancos para o tribuno.—E entre tamanhas glorias, o amphitrião n'um carro descoberto, com as suas barbas diureticas, cortadas em pão de bico, dando-se na tipoia attitudes de gravura, lá ia saudando a um e outro lado, com pequenos momos de senhor rei, e sem virar a cabeça ao estridular dos vivas e foguetes.

Aos que tenham suposto que a viagem do sr. Arroyo, em comboyo expresso, e com um estado maior de pandegos no couce, foi como a de Bismarck, a apotheose d'uma grande obra e a confirmação immortal d'uma grande vida, pedimos licença para não terem tanta pressa, e aguardarem que mais alguns feitos se enflorem na biogra-

phia do ex-futuro grande homem portuguez. A pasta que s. ex.ª fez na marinha, apenas nos seus fastos registra de notavel a mudança de farda nas sentinelas da porta do arsenal; e o facto d'elle ter sido posto fóra d'ella, não explica sufficientemente a salva de vinte e um tiros dada pela fortaleza da Serra do Pilar, á passagem do expresso—a não ser que os tiros fossem para metter medo ao Gouveia Pinto, Fernão Lopes da *troupe* excursionista.

O grande facto é que o Porto affirmou mais uma vez o seu entranhado amor á monarchia, e que a viagem do sr. Arroyo foi o balão d'ensaio para a viagem do sr. D. Carlos, no proximo mez.

Terão pois os voluveis tripeiros que se aparelhar p'ra estender os capotes no caminho do Cesar, e p'ra não desmentirem com este, o muito que já deixaram vêr na recepção feita a João Fernandes.

IV—Uma menina de Nova-York, desembaraçada e gentil como verdadeira americana, namorava ha coisa de seis annos um rapaz do commercio—indole séria, sobria, correcta—com o qual tencionava casar, apenas a viagem d'este terminasse. Nunca o procedimento do moço despertára no coração da sua noiva a menor suspeita d'infidelidade: senão quando ha dias entra a formosa a queixar-se de dôres fulgurantissimas na testa, e uma especie de tumor duro e crescente começa a bosselar-se-lhe no sitio onde pouco mais

ou menos rebentam os apendices aos garraios. Sobresaltada do caso, a pobre refugia-se então no consultorio d'um grande operador, que tatéa a bossa, cloroformisa a doente, faz a incisão em cruz para operar... e perdido sangue, o osso coronal da enferma, descoberto, reconhece o perito com pasmo que a protuberancia era cornea, e que a extirpação d'ella necessariamente poria em risco a existencia da operada.

Não era já tanto o horror da deformidade que impellia a magua da rapariga pelas campinas sem fim do desespero, senão o sobresalto de que o chifre latente na sua testa de neve, fosse prenuncio, quem sabe! da escandalosa frescata em que o namorado andasse, por aquellas immundas cidades europeas...

Reconsiderando no facto, vê-se a natureza trazendo contra-provas á eterna questão da identidade entre os dois sexos — a mulher, reintegrada d'ora ávante na cathegoria de ser perfeito como o homem — organica, social e cornijeramente considerada — o homem, abatido emfim da orgulhosa prosapia que o fazia impar de rei da creação, d'animal superior por excellencia, e só n'um momento de capricho ou de desejo erguendo a si a companheira que Deus lhe preparou d'uma costella.

Entre mulher e homem, nenhuma differença mais d'ora em diante... além d'aquellas encantadoras differenças que, já se vê, Deus poz de guarda ao manipúlo das creanças.

O chifre pois que humilha o homem á face da moral, vae dentro em pouco fazer a fortuna politica da mulher.

Adão não será mais a unica besta cornijera do adulterio, que o mundo antigo conheceu. Partilhará com Eva emfim este maravilhoso dom de realeza, retribuil-o-ha com egualdade e fraternidade, dando em troca á mulher, como é justiça, os cargos scientificos e sociaes de que até hoje fazia monopolio.

E que graça alada e demoniaca não ha-de ter uma cabecinha loira de recem-casada, espirituosa, cheia de frescura, e com dois chavelhosinhos agudos sobre a fronte!

Que infinitas *coquetteries* não vão ellas tirar de mais este encanto, embolando-o de tules e plumagens, incrustando-o d'anneis, pingentes, fios de perolas e pequeninos focos electricos que scintillarão nas noites de baile, como outros tantos pharoes guiando aos portos do amor os navegantes pouco atiradiços. Porque na mulher, o chifre (entendamo-nos) não vae ser o galho adusto que faz dos maridos como que uns Hamlets grotescos da leziria, mas uma espirituosa excrecencia mephistophelica, erguida sobre a fronte como um ponto de admiração pela belleza, ou com um ponto d'interrogação pela virtude. E que renovações essa excrecencia virá trazer á galantaria! Acercando-nos d'uma dama, não mais diremos a caricata phrase, por exemplo:

—Tenho a honra de pôr aos pés de V. Ex.ª, as minhas homenagens.

Mas engastando o monoculo:

—Seja-me permittido, senhora, pendurar nos chifres de V. Ex.ª, como duas bellas esmeraldas, as effusões da minha mais sincera admiração...

Ora, como o advento do chifre á cabecinha da mulher necessariamente vae restabelecer as pégas, embora as auctoridades tentem oppôr-se, d'aqui gritamos aos que achavam barbaro o espectaculo:

—Prohibam-nas agora, se teem coragem.

A vêr quem se não sente moço de forcado...

VII—A ultima quinzena levou dois mortos celebres, dois representantes *accomplis* da velha roda; o marquez de Vianna, e D. Manuel Duarte Santa Iria, tio da actual duqueza de Palmella.

Com a morte d'este ultimo, finda de todo a geração de *viveurs* que nos ultimos quarenta annos deram por Lisboa a batalha da pandega contra o thedio, e para quem a vida foi uma especie de meada, tensa n'uma dobadoura que teve por supportes, o amor, o jogo e a meza, e que elles iam desdobando alegremente, de chapeu para a nuca, charuto acceso e riso distrahido.

Não lhes posso dizer até que ponto a ingerencia d'estes bons cavalheiros da madrugada podesse influir na civilisação da capital, nem por agora sinto empenho em averiguar qual prejudique mais

o futuro do mundo, se um homem d'alcova e galantaria, se um homem d'encyclopedia, sabido como das locubrações dos dois tem sahido para a humanidade, por egual, profusa copia de beneficios e catastrophes.

O que se deve é dizer que todas as corporações carecem, para medrar, de disciplina partidaria, e *leaders* apóz que lhes evangelisem as doutrinas, chefes de peso, chefes prestigiosos, cujo passado e cujo nome sejam por si sós uma bandeira.

É o que vae faltando entre nós, dia por dia, homens de commando, grandes capitães d'iniciativa fulgurante. Já não quero fallar das carneiradas politicas, onde mercê de todos quererem ser chefes, lavra a anarchia em toda a linha.

Nas proprias sociedades d'ociosos e perdularios, tão brilhantes outr'ora em Portugal, se é presumivel que os soldados mantenham ainda a valente tradicção dos velhos tempos, quasi se póde affirmar que esses grupos de *noce* perderam muito do seu antigo brilho, não tendo a governal-os mais algum d'esses grandes esperdiçadores no genero Farrobo e Penafiel, verdadeiras forças descentralisadoras do ouro, com que o acaso dá de quando em quando satisfação aos pobres, desforçando-os de certas injustiças flagrantes da fortuna.

A historia das elegancias portuguezas do ultimo terço do presente seculo, não deixa decididamente o menor rastro de galantaria pessoal, nem tão pouco fornece á arte um motivo sequer de sug-

gestão. Sem duvida ha casos frustes de bom gosto ainda, tentativas de grande estylo na sciencia de deitar pelas janellas uma grande fortuna, mas nada d'isso já tende, como em 1840 por exemplo, a uma noção *d'ensemble*, nem fornecerá jámais á psychologia do luxo o caso d'um temperamento grandioso e francamente perdulario. O que torna odiosos os *magnificos* d'agora, é este séstro maldicto d'elles forrarem as suas festas, de calculo, e não se annunciar um grande baile, uma *matinée* de luxo, uma primeira communhão com pessoas reaes e kermesse a beneficio dos pobres, sem que os projectos constantes d'essas loucuras não sirvam de chamariz a algum manejo financeiro, destinado a decuplicar os capitaes de quem nas faz.

A personalidade pois dos condes e marquezes de hoje, diverge, perante a critica, da d'esses ideaes estouvados d'outro tempo, cuja bella inconsequencia lhes romantisava as aventuras, e que depois de haverem coberto de pedrarias os hombros de trinta amantes, depois de terem queimado leguas e leguas de quintas nos lumes dos lustres de trinta bailes, desciam alegremente aos saguões da miseria, com o mesmo sorriso, a mesma galhardia, a mesma *nonchalance*, generosos ainda, grandes senhores, e incapazes por educação e por indole de malquerer os convivas que chegada a hora da ruina, lhes voltavam as costas como a pelitrapos.

Este D. Manuel tinha, no ponto de vista do gozo mundanal, a grande escola. Não sendo rico,

conseguira gastar folgadamente o necessario com que assegurar o seu *rang* na confraria dos nocturnos para quem só começava o dia quando toda a outra gente ia p'rá cama. Desembarcára por acaso, como tantos outros, nas praias do Mindello, bravura que lhe ficou para refugio da velhice, e que elle tinha por habito invocar, todas as vezes que perdia ao jogo, ceava mal, ou recebia nas casas de prazer alguma respostada andaluza, um pouco feia.

—*E para uma d'estas desembarquei eu no Mindello!* dizia elle.

D'uma ingenuidade infantil, um pouco bronca, hilariava os circulos d'intimos com as suas ignorancias credulas de recruta, que a fidalguia nativa lhe não deixava entretanto resvalar á plena parvoice, visto o resaibo d'orgulhoso desdem que n'ellas punha. As cercanias peccantes do Chiado estão cheias d'anedoctas inda agora, d'onde o seu typo resalta, como o d'um velho Montpavon inflammatorio, elegante e gentil para as mulheres, descuidoso da moral, sceptico da politica, e com um desprezo feroz pelas funcções d'outras visceras que não fossem as do prazer physico, e pela prosperidade d'outras companhias que não fossem de cantoras, de janotas, ou de cavallinhos. Á hora de morrer, o seu quarto offerecia aos olhos do sacerdote que lhe foi ministrar os ultimos sacramentos, o aspecto d'um *caravanserail* de mimos elegantes, de monomanias exoticas, caprichosas

—eram pelas paredes, photographias de *cocottes* e de *divas,* de cavallos de corridas e palhaços, velhos ramos seccos e botinas microscopicas, lenços e bilhetes d'amor amarellecidos pelo tempo, e no guarda-fato, ao pé do seu grande uniforme de general, um dominó de setim côr de salmão, cabelleiras de mulher, luvas roubadas, e meias de seda demarcando alguma phase feliz de satyriase...

Jámais conseguiu aprender o nome d'um ministro, ou pronunciar naturalmente o nome d'um recente fidalgo mercieiro.

O Hintze Ribeiro foi sempre para elle, *um tal Isso, da ilha.* Chamava aos garotos dos jornaes, *os jornalistas,* e aos redactores de papeis, *os gazeteiros.*

E a sua versão da vida, cifrou-a elle uma vez na resposta dada a quem lhe perguntava o que era felicidade.

—A felicidade é ganhar ao baccarat trezentas libras, saber ajoelhar a tempo aos pés d'uma *chaise-longue* onde esteja deitada uma bonita mulher, acordar de manhã sem a bocca amarga, fazer em seguida um excellente almoço, lêr depois os papeis n'uma excellente retrete, fumando um excellente charuto, e parindo um excellente...

Pelo menos foi sempre o que elle fez—para as tristezas, para o mundo, e assim conseguiu dobrar os oitenta annos.

O marquez de Vianna era outro genero. Nas-

cera opulentissimo, gastando sem contar em festas e prazeres, muitos milhões. Arruinado, o grande senhor que vira nos salões dos seus bailes, toda a sociedade culta e fidalga d'entre 1836 a 64, e fôra amado e querido como um principe, houve que se recluir nos restos de mediania que um procurador dedicado lhe arranjou, e que soffrer a injuria d'uma lenda d'infamia porque só deu o mundo depois de o vêr decrepito, e de lhe ter comido os ultimos jantares. O marquez de Vianna perdera a mulher ia em dois annos, e vivia longe, n'um palacio-mansarda de Pedrouços, de cujos terraços a vista do Tejo é d'uma magnificencia estonteante.

De 1836 a 64, as festas do seu palacio ao Rato (hoje propriedade dos marquezes da Praia de Monforte) rivalisaram, senão excederam, as mais sumptuosas que então estavam dando, a velha baroneza da Regaleira, os duques de Palmella, e esse perdulario de gosto a que se deu mais tarde o titulo de conde de Farrobo.

Transcrevo [1] a descripção summaria d'alguns bailes dados pelos marquezes de Vianna, quando ainda no auge da opulencia:

« *Em 3 de novembro de 1842*, baile para festejar o anniversario da marqueza, então condessa. Foi uma festa a que

---

[1] *L'Abeille*, jornal da epocha, publicado em francez na cidade de Lisboa.

assistiram todas as pessoas de distincção, e em cujos pormenores se revelaram luxo e gosto o mais raro e intelligente. Na escadaria d'entrada perfilavam-se até á antecamara, duas alas de lacaios empoados e vestindo a libré da casa Vianna. Pelos salões, as decorações eram d'uma riqueza excepcional, e toda a mobilia que os enchia, nova. e chegada na vespera de Paris.

Entre os muitos aposentos patentes de par em par aos convidados, destacava o *boudoir*, verdadeiro museu de coisas delicadas. N'elle um tapete da Turquia, das mais brilhantes côres, divans, sophás e *fauteuils* cobertos de velludo *broché*, fundo cereja, como as *tentures* muraes, e reproduzindo em escala reduzida, detalhe a detalhe, os mais subtis arabescos da alcatifa. Sobre consolas de velludo franjado a seda, em magnificas rendas de phantasia, via-se uma baixella d'ouro, antiga, e cinzelada a primor por Odiot e Thomïre, os lavrantes francezes do primeiro imperio a quem a cidade de Paris encommendou a *toilette* e a psyché de prata dourada, *plaquée* de lapis lazzuli, que offereceu á imperatriz Josephina, por occasião da sua entrada em Paris. Magnificos albuns, *bibelots* e porcellanas preciosas, enchiam *étagères* e os cimos dos contadores, e entre os convivas brilhavam formosuras divinas em *toilettes* admiraveis, desenhadas pelas mais celebres costureiras de Paris: a citar entre outras, *ce beau cygne, vraiment royal* (allusão á infanta D. Anna de Jesus Maria) e mesdemoiselles da Ponte, de Penafiel, e d'Anadia.»

«*Em 23 de janeiro de 1842*, novo baile solemnisando o anniversario natalicio do marquez. A fachada do palacio reproduzia na noite, em lanternas de côres, microscopicas, todos os relevos da sua architectura, molduras de janellas, perfis de chaminés, e as mais insignificantes cimalhas da platibanda. No atrio tocavam alternadamente duas bandas de musica, emboscadas em grutas de verdura postas aos lados da escada, e cercadas d'enormes blocos de gelo que

tinham por traz luzes veladas por globos *clair de lune*, por forma a espargirem apenas uma claridade hyperborea, mysteriosa, que assim preparava os olhos para a deslumbrante illuminação dos salões de baile. Inaugurou-se um *fumoir* d'estylo turco, o qual era todo forrado de estofos orientaes, e tinha a mobilia de porcellana, e uma lampada de bronze pendente da abobada, copia da que existe no museu de Madrid, e pertencera á mesquita de Granada. Nos *boudoirs* e pequenas peças da residencia, acresce todos os dias a profusão d'esses mil nadas preciosos, em marfins e faianças, metaes e laccas, que custam fortunas e deleitam a vida pelo exotismo sem fim das suas formas. Estão em moda os luxuosos albuns, encadernados em velludo, marroquim do Levante e madreperola, com fecharias de preço, brazões, monogrammas e cantos finamente burilados — albuns que fixam a reminiscencia de todos os sitios pictorescos do mundo, a Italia, a Escocia, a Hespanha, a Suissa, relembrando saudosamente ao *touriste* o itenerario das suas viagens de prazer. Mas o que principalmente attrahiu, foi a collecção de camelias japonicas que revestia as paredes da sala de jogo, em arbustos arboreos, cujas hastes chegavam té ao tecto. Foi esta a primeira ou uma das primeiras tentativas feitas entre nós para aplicar a horticultura á ornamentação dos interiores, aproveitando d'aquella as surprehendentes maravilhas decorativas que encerram as chamadas plantas de luxo. N'aquelle tempo a camelia era quasi entre nós um objecto raro. Cintra tentava para ella os primeiros esforços d'acclimagem, e uma tal exhibição d'exemplares frondosos, floridos de neve, escarlate ou côr de rosa, por entre a crispação metallica da folhagem, foi a surpreza e a delicia artistica d'essa noite.

Não se esquece a *Abeille* d'escrever que a sala de jogo, n'esta noite aberta ao publico, como o *fumoir*, pela primeira vez, era uma peça de genero todo novo, formando ao centro uma meia lua sustida por duas columnas de

marmore côr de rosa. A mobilia, da maior magnificencia. E havia entre as columnas, sobre uma mesa de marmore e bronze, um grande vaso de bronze doirado, Renascença, cheio de flôres, e cercado de velas, cuja luz, atravez da verdura, deleitava.

No *boudoir* da marqueza, a maravilha era a banca de *toilette*, toda de prata dourada, com um espelho de cristal de Bohemia e soberbas cinzeladuras d'alto a baixo. Esta preciosidade havia pertencido á rainha Marianna d'Austria, mulher de D. João v. Onde estará ella hoje? E sobre o *plateau* da mesa, um serviço de *toilette* em ouro esculpido, bacia, jarro de mãos, caixas de cosmeticos, escovas e frascos de perfumarias — um serviço assignado por Chéret e François Joubert, ourives lavrantes de Paris, e auctores da maior parte das peças da baixella que no dizer de Sandier adornava a sala de jantar do Trianon, no tempo das pastoraes de Maria Antonietta.

Nota curiosa: n'um dos salões do palacio estava exposto e desenrolado o pavilhão com que D. João vi presenteára o marquez de Vianna, á sua chegada a Lisboa, de volta do Brazil, em 1821, a bordo da nau *D. João VI*, de que o marquez era commandante. O pavilhão era de seda, e guardava-se n'um sacco de velludo, bordado no dorso com as armas de Portugal.

Entre as senhoras que foram a este baile, contavam-se a infanta D. Anna, as condessas de Farrobo, de Lavradio, d'Anadia, da Ponte, de Vimioso, de Pombeiro e da Lapa; as baronezas de Varennes, da Regaleira, e de Campanhã; mesdames Brito do Rio e suas irmãs; mesdemoiselles da Ponte, Lumiares, etc. Damos mensão d'alguns vestuarios. A marqueza de Vianna tinha um trajo de tule branco, bordado a grinaldas de ouro; nos cabellos, flôres analogas ás da bordadura do vestido, e deadema de brilhantes sobre a fronte. Sua irmã (D. Maria Domingas), vestido de tarlatana branca, guarnecido de rosas e flôres d'ouro, grinalda semelhante nos cabellos. A infanta D. Anna de Jesus Ma-

ria, vestido de tule azul e branco, e grinalda das mesmas côres nos cabellos. No collo, um soberbissimo colar d'esmeraldas montadas em folhas de ouro.

Para esta festa não quiz o marquez de Vianna lançar convites, visto como, diz a *Abeille*, aquelle que é o primeiro a *obliger tout le monde, ne voulait point exiger qu'on l'obligéat.* Apezar d'isso, ninguem deixou de vir felicital-o, e a reunião foi das mais numerosas, pois estiveram cerca de mil e trezentos cavalheiros. Ás 8 horas serviu-se o chá, e os gelados fizeram o giro das salas, durante a noite inteira.

No domingo gordo d'esse anno, reabriam-se as salas do Rato para um baile de mascaras, e as portas do theatro das Laranjeiras, na terça-feira gorda, para a primeira representação do *Dominó Noir*, e baile de mascaras, que veio a terminar os prazeres da *soirée*. Entre os costumes mais graciosos que appareceram na primeira d'estas reuniões, destacavam o da dona da casa, em Maria Stuart; o da condessa da Lapa, em vivandeira; o de madame O'Neill (D. Maria Innocencia) em *beau chasseur:* o de D. Maria Domingas (Vianna), camponeza do Rheno; o de D. Marianna Farrobo, napolitana; o de D. Maria Palmira, chineza (costume authentico, enviado da China ao conde de Farrobo); e o de D. Carlota O'Neill, em Dianna Caçadora. Muito pictorescas tambem algumas danças e cortejos que appareceram no baile, como por exemplo as doze figuras dos jogos de cartas hamburguezas, o bando dos negros de S. Jorge, tocando seus instrumentos, como na procissão do Corpo de Deus; um enorme castello ambulante que disparava *bonbons* e rebuçados d'ovos dourados, pelas boccas da sua artilheria, etc.»

Lendo as narrações que transcrevo, hão-de reconhecer que na largueza de vida da sociedade portugueza de 1840, não havia uma particulari-

dade que desmentisse a outra, uma ridicularia que viesse lançar suspeitas de mau gosto ou chatinagem na opulencia artistica d'esta ou d'aquella festa. A grande roda, sob este ponto de vista, era completa, e quem começava dando festas d'estrondo, acabava como tinha começado, muito embora tendo a certeza d'ir dormir a uma agua-furtada, no dia seguinte ao da ultima estravagancia.

O marquez de Vianna, que morreu pobre e esquecido (desprezado talvez, ia eu dizer) no seu palacio-mansarda de Pedrouços, foi um dos mais distinctos propulsoros d'essa arte de servir aos outros, sob uma fórma gracil e real, em saraus e banquetes do mais bello intuito, as grandes riquezas com que a fortuna o presenteara.

Ao seu enterro, esse homem que em opulento chegára a reunir nos seus salões, quatro mil convidados, ao seu enterro foram apenas umas vinte ou vinte e cinco pessoas, incluindo os cavallos da berlinda e os gatos pingados.

VIII — Acabava eu d'escrever dois epithaphios, quando a voz dos foguetes me recordou que era chegado o primeiro comboyo ao planalto da Calçada do Duque, depois de feita a travessia do tunnel, com o rei Bartissol n'uma carruagem-salão, e uma leva de jornalistas e cavadores, cobertos de lama, pingados de chuva, e abancados em zorras de balastro — á lufa-lufa, homens de lettras

e homens d'enxada — o todo fazendo cortejo ao destemido fura-montes, que está sendo em Portugal o prototypo do fura-vidas. Pela sem-cerimonia com que tratou a imprensa na inauguração do tunnel da Rabicha, este potentado francez parecia quasi um potentado portuguez. Verdade é que a imprensa, áparte uma figura ou outra, só lá mandou os seus boccas de sino subalternos. Mas que alegria! Sobretudo quando os fogos de bengala accesos pelos cavadores, começaram a pingar enxofre derretido sobre os chapeus altos e as mãos dos jornalistas.

Foi um delirio immenso, uma Babel de risos glorificando o empreiteiro em todos os dialectos conhecidos. E quando uma voz gritou que apparecera o Bartissol, vozes sem conto chamavam por elle, perguntando-lhe entre outras coisas profundas se estava lá ou era de gesso. Na plataforma de chegada, aberta a portinhola da carruagem-salão, o sr. marquez da Foz tirando d'um cesto quatro garrafas d'um Champagne soberbo, encommendado no adressista do Gymnasio (do mesmo que serviu antes de hontem, no jantar do *Divorçons*) brindou graciosamente ao empreiteiro, e todos os escriptores que o circumdavam, soltando hurrahs, sorveram por canudinhos de lata, ornados d'um guerreiro a cavallo — tambem de folha — o espumoso vinho que lhes fôra servido, e que de velho estava pelo menos tão oleoso como o azeite dôce, e tão azedo pelo menos como o bom vinagre.

Saudes feitas, ahi derivam empreiteiro e administradores da companhia real no capitulo das gentilezas tendentes a deixar penhorados, n'aquelle solemne dia, os jornalistas. O sr. Bartissol agarrou por exemplo em dois pelas orelhas, e sacudia-os alto, com uma graça tesa, a ponto d'um d'elles, penhorado, despegar do craneo um d'aquelles appendices, escrever-lhe no concavo, como n'uma folha de lothus, uma dedicatoria amavel, offerecendo-o em seguida a S. Ex.ª, em memoria do formidando puxão que este lhe dera.

Festa estridente e que deixou commovidos quantos tiveram a honra de a presencear! Entre os que mais se impressionaram com a perfuração e abertura do tunnel, cumpre citar aqui a muralha de S. Pedro d'Alcantara, e quasi todos os predios da rua de S. Sebastião das Taipas. Á primeira até lhe sahiram as tripas, de jubilo, e lá está agora em uso de funda, a pobre muralha, té que Deus permitta atirar com ella, montanha abaixo, para cima dos palacetes da Avenida. Quanto aos predios das Taipas, estão a desmoronar-se d'admiração todos os dias, e só aguardam o pretexto d'um tremorsinho de terra, para virem sentar-se ás mezas do *restaurant* Rosa Araujo...

IX — O governo, enviando a Moçambique a expedição que se prepara, sobre caminhar co'a espectativa publica, commette um acto de posse

que ha oitenta ou cem annos devera ter sido iniciado. Está pois a sollicitude que elle parece querer mostrar nas coisas d'Africa, incluida na esphera d'aquellas commettidas que vale a pena exaltar sem restricções, tanto mais sendo ella, como se espera, um principio de nova vida colonial que todos os gabinetes d'aqui por deante tratarão de desenvolver, n'um programma unisono, sob pena de serem cuspidos do poder como incapazes e traidores.

Eu tambem, dentro da amarga lição que a politica dos ultimos quinze annos me tem dado, peço para abrir um parenthesis de jubilo, não para exaltar a satisfação que os inglezes nos deram fazendo recuar os flibusteiros da companhia, dos territorios de Manica — que isso era d'esperar fosse ordenado, sem o facto querer significar menos cupidez na politica africanista de lord Salisbury — não para pedir repouso aos alertas da opinião publica, de resto costumada a aferir a lealdade ingleza pelos latrocinios semanaes com que a Inglaterra vae pilhando em Africa, os nossos bens — mas para dizer quanto está sendo correcto o governo na maneira de decretar a expedição, e quanto é nobre o exercito, respondendo de humor alegre e espirito enthusiasta aos sacrificios que a patria lhe pediu.

Inda bem que na plena *degringolade* de palanfrorio em que parecia ir afundar-se a effervescencia patriotica de janeiro, alguma cousa irrompe de

palpavel. A guerra de tropos, nas salas dos clubs impando patriotismo, começava a ter um ar de desforço por demasia infantil em povo espesinhado, e resvalaria ao grotesco sem este complemento de factos com que o exercito a remata, tão expontanea como simplesmente. Todos conhecem a maneira porque se ordenou a expedição. O governo, depois de consultar os entendidos no assumpto, ordenou a partida quasi immediata d'uns certos contingentes, salvando com este acto d'energia a expedição, do desastre em que ella sossobraria decerto, deixando-se a cada militar, como na da Zambezia, a escolha de partir ou ficar, conforme lhe aprouvesse.

E a esta ordem formal, nem uma voz discordante a pedir substituição ou misericordia, mesmo em voz baixa! De todos os lados, um enthusiasmo egual e cheio de magnificos fervores. Na parada d'infanteria 1, dizem os jornaes, apenas foi lida a ordem mandando partir o corpo, officiaes e soldados romperam em applausos. Em artilharia e engenheria, offertas espontaneas de braços, propostas de substituição, luctas de generosidade emfim, cujo nobilissimo impulso consola d'outros males, e faz ter esperança no futuro, e dizer afinal que nem tudo está perdido (1).

(1) Oxalá que todas estas coisas fossem verdadeiras!

Querem estas coisas dizer que a Africa principia a ser de novo o sonho colonial d'um paiz que toda a vida foi colonisador; que a Africa principia a ser o campo de parada entresonhado para a desinvolução d'alguma empreza grandiosa, como o foram o Brazil e o imperio da India: e que findou o tempo da indifferença, visto como todas as classes acordam ao estrepido do mesmo grito, sendo esse grito a expressão d'um unisono de vontade que basta conduzir intelligentemente em Africa, para o vêr desentranhar-se em resultados surprehendentes. Pois que a paixão das colonias se acende entre nós, lance o governo as bases geraes do futuro imperio portuguez nas duas costas.

Envie a expedição a Manica não como um simples estardalhaço avulso, destinado a lisongear a vaidade publica d'um instante, mas como um nucleo d'exercito permanente, que guarneça a fronteira e os pontos estrategicos da costa, que institua postos d'occupação junto dos regulos poderosos, *póstos a sério*, que deem força aos residentes, e assentem a obediencia dos negros n'uma persuação de força solida e tranquilla. E quando a occupação militar bem estabelecida—tendo por guia o branco e por massa combatente o proprio indigena—varrer esses territorios das invasões dos potentados turbulentos, das pilhagens dos bandos nomadas e dos flibusteiros insolentes, trate o governo então de colonisar a sério esses paizes

virgens, substituindo-se ao engajador brazileiro quanto possivel, estabelecendo o regimen das terras, fixando os pontos onde no futuro devam assentar povoações, auxiliando a fundação de companhias colonisantes, e fazendo dos logares civis e militares do ultramar, não coios de pulhas e preguiçosos, mas cargos de prova, para a *élite* do seu pessoal administrativo. Ainda ha pouco, quando as canhoneiras inglezas forçaram o Zambeze, o funccionario portuguez que appareceu a *impedir o acto,* era um sargento hidropico e roto, que mal sabia escrever, e que para lavrar o seu protesto contra as demonstrações da Inglaterra nas aguas portuguezas, teve d'ir, sem botas, pedir papel e penna ao commandante d'uma das canhoneiras aggressoras. E, refere o *Daily New,* foi em papel inglez, timbrado ao alto com as armas da rainha, que o miseravel aleijão que representava á beira do Zambeze, a força e a lei de Portugal, escreveu, n'um portuguez de gallego e com uma lettra de sopeira, o documento revindicador do nosso direito historico violado!...

Somos naturalmente um povo colonisador, dissémos, e quatro seculos d'emigração fecunda, que deu talvez ao novo mundo dois decimos da sua actual população, são prova cabal da maravilhosa aptidão colonisante da raça portugueza.

Porém as condições de vida mudaram hoje muito, e começa a ser tempo de não partir assim, *à la*

bonne aventure, por esse mundo estranho, em caça da fortuna que o paiz natal não póde dar-nos. Diz o proverbio: antes que cases olha o que fazes. Precisamente a sua moral convem, mais que a de nenhum outro, ao emigrante. É necessario que este, antes de dar a mão de noivo á terra desconhecida, conheça as qualidades e os vicios d'ella, e peze bem as receptividades e energias da sua propria alma, a vêr se de semelhante hymeneu poderá auferir prosperidades. No comenos em que o governo occupa militarmente os territorios d'Africa oriental, e vae pensando no problema de colonisal-a efficazmente, duas coisas lhe cumprem.

Como sejam — fazer colonos pelos processos mais modernos — e explicar ao publico o paiz que intenta povoar.

Para fazer colonos, é necessario não sómente introduzir na educação geral a porção de sciencia que habilite todo o portuguez a vêr claro no papel historico e commercial das nossas possessões, como tambem lançar os alicerces da escola exotica em que exclusivamente se professe sciencia colonial, tão copiosa hoje e interessante, d'onde saiam, como direi? regentes de colonisação, assim como saem do instituto agricola, os regentes de granja e os conductores d'exploração fructuaria ou cerearifera. Para explicar a Africa, é necessario iniciar uma litteratura exclusivamente africanista, que junte o detalhe pictoresco á informação scien-

tifica, e traga na frente, em vez de nomes d'exploradores conhecidos pela inventiva fallaz das suas mentirollas, a chancella d'outros trabalhadores mais probos, e a lenda poetica d'outros heroes menos sabidos. Abra o governo as portas da imprensa a todos os relatorios e communicações que lhe sejam enviadas, ácerca das colonias: force a Academia Real das Sciencias a editar todos os manuscriptos e velhos livros que disserem respeito á nossa epopea ultramarina de quatro seculos, espalhe essas publicações gratuitamente nas escolas, ou venda-as a preços minimos, em edições de povo: ponha a concurso livros de hygiene, de flora, de fauna, viagens e costumes africanos, e conseguirá assim avolumar a corrente de sympathia publica, direito ao problema de que mais depende no futuro a autonomia de Portugal.

X—O senhor infante Affonsinho está baverrimo, e tudo é que o incorporem na expedição a Moçambique.

É já n'este mez o segundo pretexto que a Cinira arranja p'ra não cantar a *Noiva dos Girasoes*.

XII—Nem confeccionada de proposito, uma peça viria tanto ao molde de justificar o que ha poucos dias escrevi n'um fasciculo dos *Gatos*,

sobre a moderna dramaturgia portugueza. O publico evidentemente tem progredido mais que os escriptores, e as obras de fancaria irritam-no de morte, porque fazendo elle ainda hoje da profissão litteraria um alto conceito, quer vêr nos escriptores homens de genio, e não barbeiros.

Ora, ao passo que este ideal da condição e estófa intima do artista, se avoluma na cabeça do publico pela compulsa d'obras estrangeiras, os nossos homens de lettras parece regressarem todos os dias, cada vez mais para o coração do microcephalo, em termos da penna tombar com as gerações actuaes, das mãos dos nossos velhos escriptores mortos, para as d'uma cretinagem chalra e curta, de cuja encerebração se sabe apenas que diz asneiras e tem dividas. O momento litterario actual é a idade d'oiro dos pitósgas, cuja gagueira se fez estylo, e cuja insignificancia se fez arte, sendo no theatro que esta macacaria mais vivamente choca o observador. A arte dramatica, de feito, com os seus multiplices aspectos de litteratura d'acção e detalhe justo, é por si só um maravilhoso campo de prova onde logo á primeira corrida se estendem os que não trazem na cabeça o fogo santo. No artigo de jornal, na narrativa de livro, lá é possivel pelo abuso dos incidentes discursivos tapar umas tantas faltas de talento e disfarçar outras tantas faltas de criterio, porque ahi tudo se desculpa pela concepção vertiginosa á meza da redacção, ou por um falta de methodo no fazer

galopar da phantasia. Se é um artigo de critica, o escriptor facil põe ironia onde a lucidez do conceito se lhe acaba; se é um romance, as lacunas no estudo intimo dos personagens facil são substituidas por descriptivos que fazem perdoar intermittencias d'analyse psychologica todas as vezes que venham vivos e modernos.

Com a litteratura de theatro é diverso (fallo do theatro a sério) porque ahi não ha descripções p'ra tapar faltas, nem se admittem incidentes como meio proposital de fazer perder o rastro aos caracteres que o escriptor não poude dissecar scientificamente. O recurso unico d'essa fórma litteraria é o dialogo, uma vez ou outra escudado pela rubrica, e o dialogo é uma psychologia viva, uma psychologia em acção, d'onde se não póde fugir sem falhar o effeito, e provocar no espectador, reacções desagradaveis.

Já pois d'aqui se infere uma lei base, que com outras faz da litteratura dramatica uma fórma especialissima e difficil, e vem a ser que o *dialogo seja o espelho das almas que o dramaturgo faz entrechocar*, e como tal differente em cada bocca, e por maneira typico e conciso que elle exprima no mais curto numero de palavras, a maior somma d'informações sobre os caracteres dos personagens, e muito especialmente sobre o intenso dramatico da scena que se considera no momento em que se escreve. Outra observancia indispensavel, é um profundo saber da *technica do theatro*, isto é da

habilidade especial de cortar as situações, e de regular pelas entradas e sahidas das figuras, não sómente a nitidez dos grupos plasticos em scena, como tambem a condução perfeita da intriga atravez o dialogo fallado. Ha nas peças de Sardou combinações d'esta natureza, que aos profanos escapam, e que os iniciados reputam por verdadeiras obras primas d'officio e maravilhas unicas de *savoir faire*. Ora, estes topicos postos (e muitos mais eu omitto, por abreviar quanto possivel minhas notas) vamos a vêr como elles quadram no drama original do sr. Joaquim Miranda.

O *N'Guvo*, tem tres actos, de que a efabulação se expende em poucas linhas. *N'Guvo* é um preto que traz pela Europa o nome historico de Deodato, e transplantado da sua cubata nativa para a civilisação cachetica da Baixa, mercê d'um negociante que se amerciou da sua humilde origem, herdára d'este fortuna e supremacia cultural dignas da intelligencia nobremente superior que o dramaturgo lhe presta em toda a peça. Rico, instruido, e feito homem por um representante das velhas civilisações, Deodato apenas abre os olhos da razão aos espectaculos da sociedade portugueza, logo se rovolta contra a mesquinhez das suas formulas, contra o postiço dos seus convenios e habitos, e principe da Dinamarca apezar da fuligem que o reveste, eil-o troveja, a proposito de tudo, contra a civilisação que lhe deu

hausto, e eil-o a ter saudades da vida altiva e livre dos bosques, quando de tanga e aljava ia co'a tribu caçar a antilope e as betardas africanas.

Como é negro a valer, segundo a lettra do texto (apezar de vir mulato em toda a peça) o dramaturgo presta-lhe calor emphatico á expressão dos sentimentos; no amor feroz como um Othello; em pontos de honra, intransigente e rancoroso; com generosidades de principe oriental ante a miseria, e tão desdenhoso á vista das torpezas, que a ser esse *N'Guvo* (como o dramaturgo parece ter querido exprimir) em vez d'um typo d'excepção, simplesmente o representante d'uma classe incomprehendida entre nós até aqui, o melhor que nós outros, europeus corruptos, temos a fazer, é ingraxar a tromba, e irmos todos para o sertão, a concertar. Este personagem tragico de proposito para o effeito scenico mirado, e no entanto catita á moderna e requintado por todos os confortos e cultivos que atraz disse, sente n'um dia, mau grado o humor misanthropo que o circula, a necessidade terrivel do convivio, e para isso consente que um amigo o leve aos salsifrés das suas relações. Ahi temos pois Deodato, o menino das selvas feito astro, o representante da raça escrava, da raça virgem, da raça promettida, em confronto com typos escolhidos para ao espectador darem a synthese do que sejam as vergonteas da raça antipoda, a branca, a puida, a dominadora, a ainda agora reputada superior. Esses typos, lh'os mostro em

quatro linhas. É um ricalhão chamado Fortunato, especie d'imbecil cuja mulher tem habitos de mundo, revelados no estadão da casa, e em reuniões de caracter elegante, os dois dispondo d'uma filha, a menina Alda, cuja educação parisiense povoa a sua conversa d'expressões demasiado obstetricas e zoologicas. Traz d'elle um rico mercieiro, velho intimo da casa, um tal Filippe, encarregado de dizer coisas de senso nas *soirées* do Fortunato, posto embrulhando-as entre jocosas facecias de povo, mais espalhafatosas do que typicas. Apoz, um visconde qualquer—de Gondomar o diziam—elegante reles, gentleman cynico e cobarde, tão desastradinho! tão empalhadamente insignificante! que já se vê, vae servir na peça de claro escuro ao africano. Emfim de roda, inda outros neutros que não vem para a circumstancia apresentar-lhes. Dando balanço, apura-se portanto:

Almas nobres que o são e que o parecem (Deodato, Alda e o mercieiro) ao todo	3
Almas que não parecem nobres, e talvez sejam (Fortunato e a mulher)	2
Malandros	1
Verbos de encher	8 indeterminados

Agora o enredo.

Gondomar, o tal visconde pulha de quem Deodato é amigo, por arrancal-o á mysantropia em que o outro vive, e fazer-lhe vêr mais longe na

sociedade que elle apenas tem praticado de passagem, leva-o, como já disse, ao *five-ó-clok* dos Fortunatos, familia rica da sua privança. Feita a apresentação, sabe o negroide que o seu apresentante pensa em se casar com a menina Alda Fortunato, não porque a ame ou seja amado, mas por causa da fortuna que elle julga lhe irá escondida entre as sedas e as rendas do enxoval. Esta confissão, que Gondomar escorrega ao africano n'um meio humor de cynico sabido, provoca reprehensões da banda do ultimo, que alli lh'as faz n'um tom mais que acre — o que embespinha o outro, que se põe a lhe ferir o orgulho com allusões á côr e á barbaria. A scena, n'um crescer d'azedume que já principia a irritar quem está ouvindo, é bruscamente cortada pelo entrar d'um jorro de convidados. Diga-se aqui já, que nem Deodato parece, pelo que acaba de se passar, um cavalheiro bem educado, nem o visconde o *viveu* de salão que se pretende.

Composta então a scena com as figuras todas do *five-ó-clok*, e registrado que momentos antes o mercieiro Filippe, Degenais da peça, estivera ás chalaças sobre os ratos que roem o toucinho das tendas, e os comilões que vem *jantar* aos chás das cinco horas, a disputa entre Deodato e o visconde em vez de se afogar na interrupção forçada que soffrera, ao contrario! vamos achal-a, agora que a menina Alda serve o chá — cada vez mais phosphorea e desabrida.

De certo Gondomar não gostou do terreno em que ficára. Por outro lado, o preto, que viu Alda sentiu subitamente um furioso amor por ella.

E ahi desembestam elles outra vez a se chufarem: o visconde a fallar ao preto na tanga e a pedir-lhe explicações sobre seus paes; o preto a fazer sentir a canalhice do visconde, entre metaphoras á João Arroyo, e do meio de braçadas e berros d'espavorir as mais varonis senhoras da reunião.

Note-se que é o visconde quem acaba d'apresentar na sala a Deodato, como seu amigo e como homem de rara cortezia e elevação, e que Deodato, vindo pela primeira vez aos Fortunatos, acaba de ser ferido em cheio pela formosura da menina. Seria portanto natural que estes dois gentlemen, á parte a noção das conveniencias sociaes que impreterivelmente forçam qualquer homem do mundo a ser calmo e correcto deante d'estranhos, tão pouco desejassem expôr-se, altercando, a incorrer no desagrado da mulher que ambos cubiçam. No tal *five-ó-clok* estão senhoras, e estão tambem cavalheiros que os dois mal conhecem... portanto a disputa, além de desagradavel, é para o caso absolutamente fóra de proposito. Acredito que a scena seja escripta com fogo rethorico, preparatorio do *famoso monologo* do negro, que Brazão diz á Othello, e que por signal tem umas analogias com o seu similar da tragedia sakesperéana. Acredito mais que essa

scena seja necessaria ao *N'Guvo*, visto como é ella que provoca a desinvolução sequente do enredo. Mas que faz isso, se o sr. Miranda estragou com ella toda a logica da sua obra? De sorte que ao descer o panno sobre o monologo de Deodato, panegyrisando a vida dos sertões, e sobre a phrase d'Alda escolhendo o pretalhão para marido, a impressão do espectador é a seguinte: esse preto é um *poseur* sem mór alcance moral que os brancos da sua emphase. O visconde, uma d'estas creaturas que se deitam de casa a ponta-pés. Os Fortunatos paes, puros Fantoches. E quanto a Alda, uma doida, cujas bruscas decisões matrimoniaes teem o seu tanto ou quanto de suspeitas.

O acto, entretanto, como preparação, seria supportavel: meche sobre engrenagens artificiaes e corriqueiras, mas deixa transparecer todavia o conhecimento d'uma *certa technica* de theatro, mais carpinteria do que talento, indispensavel porém aos que trabalham para a scena.

Applaudimos sem restricções o actosinho cuja linguagem além d'isso expendia certa viveza, uma viveza litteraria, sem resaibo a coisa vívida, mas agradavel, e mesmo até por vezes eloquente.

O segundo acto, em casa do Deodato.

Vê-se que o preto é rico, pelos atavios da sala e da mobilia. Como a sarrafusca do *five-ó-clok* deu duello, o negro aguarda d'um momento p'ro outro os padrinhos do visconde. N'isto entra Alda.

Está apaixonada pelo preto, e vem alli, sósinha, dizer-lh'o sem rebuço. Idyllio vulcanico. Deodato cinge-a, Alda deixa-se conduzir, confiante, a um sofá, e pelas phrases que se ouvem, dir-se-hia que essa crise d'amor não é passada na rua dos Fanqueiros, mas na ilha de Chypre, ao partir-se Othello para a guerra, e estando vestido já de cota d'armas e gibão de pellucia escarlate. Por um instante a illusão é completa, quando Desdemona gorgeia — Oh! meu senhor! — e assim o arroubo segue, ácerca das repulsas que á bella virá a despertar no futuro o ser casada com um homem de côr. Esta obsessão que atormenta, desde o começo da peça, a Deodato, quanto á fuligem da pelle e ao pouco caso que em Portugal se faz do africano, é realmente uma das falsidades flagrantes do *N'Guvo*.

Olhe o sr. Miranda em torno, encontrará homens de côr casados com raparigas das melhores familias portuguezas, e occupando sem opposição de ninguem, culminantes officios e posições na nossa sociedade. Onde esse nojo do negro que lhe inspirou a jeremiada de Deodato? Todos temos, é certo, uma sympathia maior pelos homens da nossa côr: é natural! Mas nenhum d'entre nós ousaria já hoje, em qualquer circumstancia da vida, inutilisar um homem do valor supposto do seu heroe, só pelo facto d'elle ter a pelle de chocolate.

Em que meio pois recoltou o sr. Miranda sub-

sidios para nos contar assim a martyrisante situação social do Deodato?

Mas oiça isto sr. dramaturgo moderno: o seu drama é uma pintura de costumes contemporaneos, ou realmente não passa d'uma transplantação do *Othello* p'ra futricas?

Quando os amorosos estão n'este colloquio, vem Filippe dizer que gostou da maneira porque o escarunga se houve com o visconde, e de caminho vae reprehendendo a pequena, pela demasiosa promptidão com que ella visita os homens que recitam coisas patheticas nos *five-ó-clok*.

Attribue estas estravagancias das meninas de hoje, á educação franceza dos collegios, e eil-o segundo o costume a churrilhar phrases d'ourello, á mira d'introduzir na palestra a nota sensata, sob exteriores picantes d'ironia. Sabendo que Deodato vae bater-se, offerece-se-lhe para padrinho. Mas as testemunhas de Gondomar já vão tardando, parece mesmo que não vem .. e o negro, que evidentemente quer beber-lhe o sangue, em vez d'entender a falta pela cobardia nitida que ella exprime, e esquecer emfim no desprezo o adversario — não senhor — toma o expediente de o attrahir a uma cilada, chamando-o por carta a sua casa, na intenção um pouco vil de o perder deante d'Alda.

Para tão puro cavalheiro, palavra de honra, acho a partida muito feia!

Quando de repente a senhora Fortunato enfia

em scena, espavorida que nem uma pavôa, e aos berros p'ra que Deodato recuse o amor da filha. Negaças d'este, altercação, mysterios, té que vencido, o preto lhe jura que não quer mais Alda por mulher. Gondomar vae chegar: insultal-o-ha terrivelmente, e no momento proprio, saberá trespassar-se na espada d'esse infame.

Uma tal rosolução tomada, ahi começa o nosso homem superior a fazer partes. Primeiro, tira do peito uma medalha — a indispensavel medalha das comoções de quinto acto — e entrega-a ao mercieiro, que a passará depois ao peito d'Alda, quando... — infeliz! o lacrimejo impede-o de continuar. Na supradita ha nada menos do que os *cabellos* de sua mãe, isto é, a canonisação solomne da carapinha entre os santos-lenhos e talismans que fazem diurese nos globos opticos das almas sensiveis: um desaforo! — de sua mãe, que era talvez a Venus callipigia, e que ao fenecer lh'os dera por memoria, convenientemente temperados de venenos volateis, pavorosos — naturalmente, essencia de catinga.

Bem, da medalha está elle livre. Oh! com os demonios, ahi chega o visconde! Então o furor succede ao enternecimento, a baba á lagrima, e d'esta vez, por mais que o gommoso faça, hade bater-se por força com Deodato. Os insultos que o negro lhe diz, quando o outro recusa bater-se a pretexto do nascimento inferior do seu rival, são de tal ordem, que miseravel algum da terra, por

mais devasso e cobarde, deixaria de perder a cabeça, ouvindo-os.

Pois senhores, este visconde tergiversa dos mais completamente, póde-se-lhe dizer tudo: é insensivel como todos os bonecos de farello. Apenas no fim da scena se abaixa para apanhar a espada que o outro lhe arroja aos pés, com geito tragico, precisamente no instante em que Alda entra, separa os combatentes, e toma o braço do visconde, com espanto de toda a platéa, visto ser Deodato a quem ella, momentos antes, chamara *seu senhor*.

A esta trapalhada, por concisão, deixámos de junjir outra parallela, e vem a ser: durante o acto, sabe-se por Filippe que os paes d'Alda estão arruinados (com as cinco chavenas de chá do *five-ó-clok)*; mas pouco depois tudo se sana, não se explica se por intervenção do preto, ou do mercieiro, em todo o caso sob a promessa que no acto seguinte a senhora Fortunato faz d'acabar c'os desperdicios no *ménage,* e não dar mais festas aos comilões do seu conhecimento.

Desnecessario insistir nas armadilhas infantis que este acto encerra. Alda que em toda a scena do idyllio parece uma loba apaixonada, tem afinal de contas tanto amor ao escarunga, como eu; a prova é que uma intriguinha da mamã bastou, para ella no fim do acto desfeitear o amante, deante do visconde.

Esta menina, além d'isso, é indecente nas palavras que diz, e nos actos que comette. A funcção

genesica evidentemente preoccupa-a, porque está sempre a alludir a ella n'uma terminologia de parteira reprovada. Se houvesse nas salas de Lisboa doutora d'aquella laia, a chacota que ella provocaria forçava-a decerto ou a internar-se n'um coio de meretrizes, ou a reformar completamente a sua *allure* mais que suspeita.

O merceeiro, com as suas picuinhas tolas á educação franceza, e as suas sentenças de bom homem Ricardo, tão pouco lembra um só instante essa typica classe de negociantes retirados, que resumem n'uma terminologia propria, os egoismos e as lições d'experiencia que o balcão lhes ensinou.

Não é um typo visto, é um typo inventado, e o sr. Miranda tinha especial obrigação de melhor conhecer por dentro essa classe de gente, e de nos restaurar sobre observações flagrantes o personagem d'acção que nos quiz dar.

Dos outros, pouco. Deodato continua a ser um barafustador que arma em Othello. Gondomar e os Fortunatos, são figuretas grotescas de pim-pam-pum! N'este acto o dialogo peorou sensivelmente, a ponto de não passar d'uma série de pequenos discursos que os personagens se impingem, no intuito de se fazerem reputações de *bem fallantes*. A linguagem nada tem de picante ou caracteristico. É uma verborrhagia d'artigo de fundo, onde em vão buscareis a saburra d'uma alma, e que tem tanto de *grammatical* como d'idiota.

Assim se chega ao terceiro acto, o ultimo, completamente desilludidos das aptidões dramaticas do sr. Miranda, e com uma necessidade furiosa d'oxigenar a cabeça na corrente d'outras occupações intellectuaes.

A scena abre por uma velhacaria saloia do pae Fortunato. Como o homemsinho se sente arruinado, e o merceeiro lhe aconselhava prudencia e economia, eil-o vae confessar a filha a respeito da sua inclinação por Deodato, e eil-o convence a mulher depois a acquiescer no casamento. Sabe então Alda das repugnancias da mãe em se vêr avó de mulatinhos, e conhecedora da intriga que esta tentára armar aos seus amores, faz penitencia de mal que julgou do negro, o que a obriga a ir implorar o seu perdão. E coisa excepcional! o negro recusa-lh'o.

No segundo acto servira-se o dramaturgo da tolice da rapariga para fazer cahir o panno sobre uma contra-scena emphatica: Alda dando o braço ao visconde, e deixando o negro abandonado.

No terceiro, recorre o sr. Miranda a identico artificio, com a differença do tolo agora ser Deodato, o heroe e o espirito nobre da peça. Alda apaixonada por Deodato até á cegueira, não duvida renegal-o a umas simples alcovitices da mãe. Deodato apaixonado por Alda até á furia, não perdôa a affronta soffrida, mesmo quando vê humilhar-se-lhe a mulher idolatrada.

Tudo isto é tão artificial e tão parvinho! Sobre a recusa do perdão, Deodato quer sahir, sobre-excitado — eu desconfio extremamente do estado mental d'este negroide! — mas já Alda se interpõe, com a medalha do veneno nas mãos, a supplicar-lhe fique, em nome do que elle mais venera, a callipigia que lá ficou na terra d'Africa. A esta palavra, Deodato perdôa? Não perdôa? O sr. Miranda pouco se importa. Passaram desoito minutos, e é absolutamente necessario que o panno desça: por consequencia a medalha parte-se nas mãos d'Alda, exhalam-se os venenos, e a desgraçada morre em afflictivas carantonhas.

Coitada! foi um incidente casual, mas sempre custa. Agora a desculpa do preto é divertida. Na sua mania oratoria, vira-se para os Fortunatos, que no comenos se achegam, e entre varios dizeres sacca da guella este, accusante — meus senhores contemplem a sua obra! A obra de quem? Dos Fortunatos?

O sr. Miranda está a brincar. Que culpa tiveram elles, os pobres velhos, do sr. Deodato ter posto entre mãos d'Alda, como presente de nupcias, esse famoso nariz de cêra, já tão velho em theatro, que se chama *a medalha* (ou a cruz) *de sua mãe?!* O tal preto devia antes dizer — contemplem a minha obra!

Incriminar os outros por um accidente cuja responsabilidade lhe cabe, é de patife. O proprio sr. Miranda devia vir á scena, no fim da peça, e

descompol-o. Já assim o *N'Guvo* ficava com *moralidade*, o que o tornaria mais sympathico ás familias susceptiveis.

Disse da peça por episodios: recapitulo agora os seus motores geraes, para fechar. O *N'Guvo* é uma peça destinada a exaltar a supremacia sociologica do preto como organismo puro e raça hegemonica d'ámanhã, e não o consegue, porque aquelle preto não tem nada de preto, e podia ser um branco — sobre trahir nas profundezas do caracter, rancores e impulsos francamente contrarios á these que o dramaturgo se propõe.

É uma peça feita para destruir os preconceitos que o portuguez mantém contra os individuos de pelle tisnada: trabalho inutil, porque entre nós, como disse, o negro gosa de todas as regalias e considerações que os brancos gosam, é professor, official do exercito, membro do parlamento, e esposado com senhoras brancas das melhoras familias portuguezas. É uma peça com pretenções a observação, e que eu saiba, tão neutra e pallida, que o melhor é dizer que o dramaturgo não pretendeu observar do natural.

Finalmente attribuem ao sr. Miranda estudos profundos quanto á technica d'escrever para o theatro, e em minha opinião o sr. Miranda sabe d'essa technica muito menos do que qualquer aprendiz sem preparatorios na materia.

O que fica por consequencia do *N'Guvo?*

O desempenho? Tirem Brazão, e o resto afunda-se.

Do *N'Guvo* fica simplesmente o esforço, perseverante ao que dizem, do sr. Miranda, a porção de coragem obscura que todo o homem dispende a fazer obra, e finalmente o orgulho dos vencidos, raiz magnifica de resistencia, que ás vezes com o seguir do tempo, tanta seiva aspira da terra, que um dia revivesce, e consegue alfim dar a flôr vermelha d'uma obra valida, d'uma obra bella, d'uma obra sã.

Faça o sr. Miranda no silencio da sua vida laboriosa, esse prodigio. Os que lhe fallam aspero hoje, serão os primeiros a saudal-o n'esse dia, sem esperar que a claque irrompa, nem indagar sequer se o sr. Miranda ficou contente.

XIII—A cerimonia da abertura das côrtes decorreu conforme os tramites usuaes. Cingindo os seios da representação nacional, o inevitavel espartilho de policias. O dia farrusco desde a madrugada, abriu no alto uma esgarçadura d'azul quasi diaphana, e apezar da lama das ruas, a cidade parecia rejuvenescida, tão almejadas se faziam as resteas de sol que a espaços philtravam por entre os nevoeiros soprados da barra, por um ventinho dos mais impertinentes. A noticia de que suas Magestades não assistiriam á cerimonia, no palacio caserna de S. Bento, fez para assim dizer falhar o

exito d'esta primeira representação de comedia ligeira, para a qual todos os annos se ajustam fardas de gala, chinós de cerimonia, e polychromias de grã-cruzes.

A sala offerecia mesmo uma decoração fanada de pequena gala: a alcatifa constitucional, azul e branca, do outro anno, aqui e além comida pelos metatarsos dos grandes tenores parlamentares, dos simples oradores de recados, da comparsaria e dos porteiros—as mesmas sanefas azues, pingadas de moscas, nas galerias e tribunas d'espectadores—e cahindo do tecto de panninho reles, dois nostalgicos lustres, pobremente ajaezados com bobeches de vidro, até esses pareciam bocejar, fachos inuteis! pelas estopadas funebres a que serão forçados a assistir, no decorrer da legislatura que entra.

Ao fundo da sala, no logar da presidencia, um estrado coberto de vermelho, duas cadeiras de pasta embrulhadas n'uma velha colcha de florinhas brancas; e por cima, envolvendo tudo, como uma basilica da procissão do *Corpus Christi*, o famoso docel côr de cereja, que tão gabado foi em 56, epocha funesta de baixa para os velludos d'algodão.

Dentro da sala, umas duas duzias de casacas, cerca de tres duzias de fardas, e a mais espantosa alluvião de carecas que em minha vida tenho visto. Entre os oitenta ou noventa figurantes da companhia dramatico-parlamentar de S. Bento,

poder-se-hia admirar não menos de duzentas e oitenta calvicias, todas voluptuosamente brunidas pelo suor das grandes locubrações — a tres calvicias por figurante. É surprehendente! E não imagine alguem que estou brincando, porque o mais bem conformado dos nossos homens publicos, é susceptivel d'umas poucas de carecas. Ha a careca simplesmente produzida por uma doença dos bulbos pilosos. Inoffensiva. Ha a careca moral, venho a dizer, um incuravel genero de calvicia que dá de si a mais absoluta destruição do decoro politico. Casos de careca intellectual, não citaremos, para não offender a prosapia dos que se julgam excluidos.

Nas galerias, pouca gente, e damas nenhumas, porque não vindo a rainha, falia a nota esthetica, e escusado uma creaturinha extasiar-se ante as prosperidades publicas cantadas na oblonga prosa superflua do discurso da corôa. Prosa admiravel sem duvida, na pompa auricular das suas metaphoras, onde se entrelaçam as vaccas gordas dos talhos com pedaços do hymno da Restauração, e rebuçados d'ovos de promessas, com suspeitas de lettras protestadas. Prosa ventruda, consoladora, suggestiva, onde a intrujice é quasi alegre pela ironia mansa em que resvala.

Jámais, nas lethargias lividas do opio, um china faminto sonhou mais pantagruelicas abundancias, molhos mais odoriferos, cogumellos e truffas mais tenras e succolentas. Todo este paiz banhado de

riquezas, costa a costa, entra este anno n'um preamar de felicidades. Eis o discurso da corôa que o affirma! A Europa está contentissima comnosco; a reforma da legislação commercial vae-nos dar honra; e não mais phylloxera nas vinhas, mela e pulgão nos meloaes! *O tratado recentemente firmado em Pekin veio satisfazer uma necessidade de ha muito...*

Oh que fortuna estonteadora e resplendente!— E demarcou-se a fronteira norte em Moçambique; em Zanzibar o sultão treme de medo... Batam as palmas! Vae distribuir-se pela soldadesca braverrima, uma arma de repetição prodigiosa, que além de matar cem castelhanos por segundo, diz que deita feijões guizados pela culatra, inda por cima.

Quanto á subida do credito e ao assombroso augmento das receitas do Estado, inacreditavel o que fez este governo. Todo o paiz maravilhado, n'uma postura japonica de bonzo, tomba por terra de cocoras, rende graças. E a modos que já cheira... a incenso.

XVI—Senhor!

Até á hora em que redijo, para a excelsa attenção de V. M., esta missiva, conta-se por nove o numero de jornalistas que a sábia lei das rolhas tem recolhido nas suas malhas, e que terão de pagar na cadeia a ousadia, verdadeiramente ephe-

mera, de haverem discordado dos processos administraes do vosso governo.

Nove, com franqueza, é ainda pouco, e ouso dizer que a lei só virá a ser verdadeiramente respeitavel além da vigesima ou trigesima querella que haja promovido. Em balde, meu senhor, e por puro comprazer para com a gloriosa e adorada pessoa de V. M., eu andei hontem propondo aos jornaes democraticos o publicarem elles no mesmo dia, o mesmo artigo — um artigo que eu teria feito com mão de mestre, todo elle incurso, da primeira á ultima linha, nas penalidades mais crueis do vosso *ukase* — a fim d'irmos todos d'uma vez para o Limoeiro, e ficar o ministerio, com os seus jornalistas e os seus projectos, senhor da feira, e inteiramente á vontade para se haver com as innumeras questões que o Bordallo reduzia hontem no jornal *Pontos nos i i*, a uma dança egypcia, muito gostada na ultima exposição de Paris — a famosa dança do ventre. Vae, prevendo o que haveria de traiçoeiro e suspeitoso n'esta esperteza minha (que teria annulado de prompto os inimigos de V. M.) esses vis jacobinos recusaram-se absolutamente a acceder ao *complot* que eu lhes propunha, e meu senhor ainda d'esta vez perdemos a occasião d'engaiolar por junto essa cafila hostil de gazeteiros insulsos, de *maitres-chanteurs* desempregados e famintos, que os jornaes do poder vem condemnando, puritanamente, em suas estulticias e *chantages*.

O proposito d'elles, fazendo-se querellar vagarosamente, ora um, ora outro,—V. M. comprehende—em primeiro logar é fatigar os magistrados, e em segundo alarmar a attenção publica, fazendo convergir sobre V. M. o odioso d'esse rosario de perseguições, que não faltará quem diga foi arvorado pelo governo em fonte de receita, p'ra compensação da que lhe vae faltando das condecorações e titulos recusados.

Ora um tal estado de coisas não póde mais seguir, real senhor. Primeiro: por cada jornalista condemnado, dez virão surgindo n'um crescendo d'insolencia a que a lei nem sempre poderá lançar arpeu, sabido como os artificios da escripta tudo permittem dizer, não havendo memoria d'um desbocamento egual ao que a rolha creou, por via occulta, nos artigos dos jornaes—os do governo de V. M., sobretudo.

Segundo: cada *martyr* (V. M. ha-de-se estar a rir do meu epitheto) arrastado aos carceres pelos familiares do vosso santo officio, em vez de repôr (repôr! repôr! repôr! meu excelso rei) a realeza no seu antigo prestigio, o que fará é descontentar o sentimentalismo publico, acarretando para o throno odios de corações onde apenas dormiam até agora, inertes desdens, ou indifferenças anodynas.

Em qualquer dos casos, n'esta campanha assim conduzida, a victoria por força ha-de ser dos que

dizem mal de V. M., e não é justo que um principe por tantos titulos saboreado, homem de pensamento, homem de gosto, homem de sport, que preside á Academia, protege a Universidade e as corridas, dá premios ás regatas, assiste ás peças portuguezas, lê todos os livros e é opinioso em todas as questões, desde as provas do rancho, até ás provas dos livros dos *vencidos,* esteja assim á mercê das primeiras pêgas palradoras que lhe queiram dizer chufas.

V. M. o que devia era simplificar ainda mais o processo, em termos de fazer sahir todas as manhãs do Governo Civil uma carroça, que fosse pelas redacções recolhendo os cães que na vespera houvessem refilado contra a dynastia e os seus leaes archeiros.

Essa carroça, feito o giro dos bairros plumitivos, despejaria os catrafilados n'uns *chumbos* quaesquer, havendo um pessoal de justiça que paralellamente liquidasse o espolio d'elles, já se vê, com destino a festas destinadas a assegurar ainda mais a omnipotencia do seu sceptro, e a refulgencia astral da sua côrte.

Seria summario, seria firme, e o resultado não podia ser senão a subida dos fundos, a ampliação do credito, a volta da fé publica á fórmula dynastica, e por cada principe que V. M. nos désse, por cada caçada que intentasse, jubilos sem conta, ovações e foguetes d'ensurdecer até ao ultimo dos seus thuriferantes.

Assim não. Fazer desapparecer hoje tres, ámanhã quatro, d'alli a oito dias cinco, e assim... além de moroso, tem a desvantagem de não lixiviar de vez a arena jornalistica, podendo succeder até que V. M. fique sem throno, muito antes do ultimo jornalista ter ficado sem a liberdade.

XVII — A primeira leva da expedição a Manica deixa emfim a patria, e vae, jantada e replecta de bençãos, com plumas no feltro e as armas em caixotes, n'um vapor de frete, impedir que o pavilhão nacional torne a ser apeado do mastro das aringas longinquas, e lançar — definitivamente, temos esperança — as bases da occupação portugueza no vasto plaino da Africa oriental.

Todas as invocações do sentimentalismo antigo a acompanham, todas as bençãos publicas estendem para o caminho d'ella as mãos ungidas, e por indifferente e sceptico que alguem seja, é certo não haver entre nós coração cujo pulsar não seja n'este momento isochrono com a saudade dos que ficam, e a fereza magnifica dos que partem.

Na nossa terra a indisciplina por tal fórma ha feito lei, tão egoista é a razão de conducta nas differentes camadas, que o menor acto de dever, que n'outra sociedade melhor constituida passaria sem reparo, entre nós quasi que attinge as dimensões d'uma coisa d'epopeia, digna do bronze

das praças, e do lausperenne de todas essas almas irrequietas. Muito antes d'emanar do ministro o decreto organisador da expedição, segundo se diz começo d'uma série d'operações politicas, tendentes a estender ás colonias o tirocinio de todo o nosso exercito, já no espirito da sua officialidade espontaneamente acordára o sentimento d'aquelle sacrificio a bem da patria, e velhos e novos fechando os olhos ao confortavel *rien faire* da metropole, offereciam o concurso da espada á obra da regeneração colonial que sonhamos todos.

A par d'este rasgo, tão nobre quanto destacavel do egoismo geral que tudo empesta hoje, viu-se o *élan* dos soldados ao lhes ser communicada em formatura a ordem de partida; viu-se a solicitude com que uma sociedade philantropica, a *Cruz Vermelha*, depois d'esvasiar sobre a ambulancia do corpo expedicionario o seu bolsinho, veio para a rua pedir esmola, para lhe acrescentar o enxoval cirurgico e clinico; e como se já não fôra muito este unisono d'altivez militar e de serena philantropia, eis a opinião publica desperta ao fragor d'essas espadas que se afiam para verter sangue, e ao rumorejo d'esses monges da paz, que para estancal-o pedem esmola!

Alguns episodios comicos entretanto parece terem querido substituir, no unisono de sympathias geraes que a expedição desperta, a emoção pelo desdem, e pela ironia a santa febre que havia sido

a sua genuina inspiradora. Houve quem achasse jantares de mais para estomagos não açulados ainda pelas grandes fomes do deserto; quem achasse os brindes por demasia inflammatorios para guerreiros que os teriam bemerecido, quando muito, não á partida, mas á volta; e ainda quem abstrahindo rudemente dos affectos limpidos e das dedicações nupciaes a que necessariamente está presa a vida de todos esses homens, quasi todos novos e solteiros, apenas visse uma parada do namoro nacional na missa que as mulheres, noivas ou esposas, irmãs ou filhas dos expedicionarios, fizeram rezar pela fortuna dos seus caros aventureiros.

Deixo esses intuitos de *blague* ao exclusivismo dos que nos papeis tiram da galhofa um ordenado, e confesso-me impressionado de mais, n'este momento em que já o *Malange* fumega, para tirar effeitos comicos de simples incidentes adstrictos a todas as especies de coisas respeitaveis. Demais, o riso é em quasi todos os tolos pretexto para uma amostra de maus dentes, tanto monta dizer, de maus intuitos—quando o tolo seja ao mesmo tempo um jornalista.

Não conspurquemos pois o brazão dos valentes quem partem, nem lhes demos o direito d'elles se dispensarem de tomar a missão ao sério, pela suspeita de que o paiz algum dia lh'a não saiba enaltecer condignamente. Arriscar a vida em Africa, em marchas e bivacs d'acaso, elementos hostis,

climas nefandos [1] não é positivamente uma coisa tão lesta de tentar como uma aventura d'Arcada ou restaurant; quanto aos lucros da empreza, fixemos isto: os expedicionarios do *Malange* não são exploradores, e só contam voltar velhos ou invalidos — em todo o caso pobres e impollutos. Nenhum d'elles ignora os perigos e fadigas d'essa cruel jornada ao centro da Africa, e todos d'antemão pozeram um cavalheiroso proposito em bem cumprir a missão que o amor da patria lhes dicta, e a farda lhes manda honrar sem saudades nem cubiças. Commanda-os um velho, que sessenta annos de vida militar vestiram de honra, e que tem na familia tradicções por si sós dignas d'um culto. E de roda do velho, um circuito dos mais bellos officiaes portuguezes de todas as armas, no-

---

(1) Pobre expedição militar a Moçambique! quem me diria a mim que doze mezes depois d'escriptas as linhas supra, eu teria de renegar o enthusiasmo febril que ellas condensam?! Como este livro tem outro em seguimento, em sitio azado referirei a historia *interior* da expedição, com documentos, e lá verá o leitor desenrolar-se o sudario d'inaptidões e desleixos que essa tristissima aventura acarretou sobre o exercito e as *famosas* auctoridades do ultramar.

Cumpre dizer que houve na expedição verdadeiros heroes — os pobres soldados razos, que lá soffreram fome e privações durante onze mezes, roubados pelos fornecedores, de parceria com os rezidentes, mal commandados, sem tratamento em climas podres, dormindo ao relento em lodaçaes e pantanos mortiferos, e que em todo o tempo d'Africa desenvolveram qualidades de coragem e acção, prodigiosas, e inteiramente acima de quanto se conceba.

Esses bravos rapazes, tão festejados á partida, chegaram a Lisboa cheios de farrapos e piolhos, esqualidos e meio mortos entre o desprezo da rua e a indifferença das classes illustradas. Os estudantes não tiveram um hurrah, o povo escarnecia-os — a alguns o governo nem sequer concedeu licença para convalescerem em casa das familias — e o pagamento do pret só depois de muitos mezes conseguiu ser feito em dia!

vos e ardentes, instruidos e ingenuos, sem vicios contrahidos na gafaria politica, nem mais aspirações além das que apanagiam as almas virgens, as juventudes fortes, e as consciencias brancas e orgulhosas, serve d'egide á perfeita austeridade de intuitos da expedição, fica de guarda á honestidade dos seus meios, e responde co'a honra e a vida pela sagração patriotica dos seus fins.

Infelizes pois dos que não assistirem sem vivissima emoção, á partida d'esses bravos, e dos que na hora dos adeuses não quizerem ter fé, uma fé absoluta, intransigente, cega, na quadra nova que elles vão inaugurar, sem duvida, na nossa vida colonial, qual restabelecendo o prestigio, limpando a terra das correrias flibusteiras, lançando os primeiros rudimentos da viação, e emfim chamando o colono, e fazendo brotar para a patria, um paiz exhuberante, do cahotico e selvagem continente que ora lhe entregamos.

XVIII—O contingente d'artilharia, postado na ponte do Arsenal, ouve o grito de marcha para o embarque. Um soldado, relanceando o olhar nostalgico sobre as mulheres que ficam:

—Adeus brancas!

XX—Por D. Maria, teem ido?

É quasi um perigo aventurar-se a gente lá,

que ou preste a peça ou não preste, quem não rebentar as luvas a dar palmas, logo fica suspeito de conspirador contra o syndicato de plumitivos que lá despejam.

E essa suspeita importa uma guerra de navalha temerosa, nos *bas-fonds* das redacções compartilhantes dos lucros, por fórma que não é possivel ao desgraçado incurso no syllabus da cafila, largar de casa sem encontrar á esquina um capoeira. Singular maneira esta de provocar ovações aos nossos compadres! Antigamente os escriptores dramaticos ainda faziam logar ao talento, nas suas obras. Agora tudo se substitue pela *coterie*. O Capitolio a que se subia d'antes pelo genio, actualmente escala-se á lambada, o que é uma maneira chic d'integrar no convivio das musas, não só os burriqueiros dramaticos, como os seus burros.

No segundo acto do *N'Guvo*, o outro dia, disse a actriz Virginia uma palavra lapidar sobre este assumpto. Qual a seguinte:

—Sacrifiquemos as bestas mas elevemos os espiritos.

Pelo menos tem sido sempre esta a minha linha de conducta.

XXIV—Hontem, estava eu n'um alfarrabista da Boa-Hora, quando subitamente ouvi apitos perto. Sahi c'os mais a vêr o que era: ia ao fun-

do da calçada um reboliço, gallegos a correr, moços de padeiro depondo os cestos, pequenos logistas á porta das baiucas, em chinellos, com as mãos em tejadilho sobre os olhos; e em plena calçada dois policias de maxilla prehensil, agarrando por cada braço o quer que fosse d'uma coisa viva, que se deixava trazer, mui lassa, entre restos de fato arremendado...

Antes do grupo passar, já a linguarice da rua me fizera conhecer o substracto da coisa: tinha sido um rapaz que roubára uma camisa d'uma loja, e que o sr. conselheiro F., director de bancos e deputado, tinha feito prender em flagrante criminal.

Casos d'estes costumam ser por via de regra muito fulminados, pois a sensibilidade de Lisboa não tolera absolutamente que se roube, sobretudo sendo o pilharete um maltrapilho.

Por fórma que se ordenou de chofre um grande prestito no encalço do gatuno, que vinha assim rigidamente, com a camisa debaixo do braço, entre os policias, rua acima, e atravessou por meio de grandes alas de chufas d'ambos os sexos, todas verberando o descaro d'aquelle roubo de camisa, á luz do sol. Ao chegarem defronte da loja onde o caso se dera, os apupos, subindo de tom, tornaram-se em verdadeiros brados de carnagem, e o cavalheiro denunciante que subira a receber os agradecimentos do logista, dignou-se ajuntar em voz bastante clara—que bandidos d'aquelles é que

deshonravam Lisboa. E accrescentou: fosse eu juiz!...

Passa o malandro. É um rapaz talvez de dezoito annos, trigueiro, com mãos e pés de grande semiano, o barrete esfarpado, que por vontade d'elle se lhe teria mettido pela cabeça abaixo, até ao queixo, e a camisola de chita, immunda, rota, por cuja abertura se lhe descobre um tronco d'animal, dentado em striaduras de carne, até ao ventre. Vida d'acaso, concebida talvez por encommenda da roda, mamada por favor, quem sabe? aos peitos d'uma mulher de maus costumes, adolescencia d'enxurro, tulipa do podre, semeada por um assassino talvez no ventre d'uma ladra, essa figura que havia o direito de ser facinorosa, e de vingar na felicidade dos outros o despreso terrivel da sua propria condição, essa figura ao soffrer os apupos, o que parece pedir é misericordia — de modo que, quando o seu olhar passa no meu, Deus me perdõe, conheci n'elle o olhar d'um meu irmão mais novo d'aquillo que eu seria nas condições determinantes do sêr d'elle — e hoje todo o dia me tem sido impossivel dominar a crise de choro em mim provocada por esse olhar de ladrão que eu nunca mais verei, e de quem heide ter pena eternamente...

Porque no fim de contas, qual é de nós que não tem roubado uma camisa?

A caracteristica da mesma humanidade é esta dupla mascara de criminalismo e evangelismo que a traveste, em alternativos papeis, por ahi fóra. Os animaes são frascos onde o bem e o mal semelham liquidos de densidades identicas, ambos inflammaveis, inconfundiveis sempre, como modalidades seriaes da aggregação molecular do mesmo corpo simples.

Quando algum d'esses liquidos explue primeiro, *e dá nome ao frasco*, não é que elle exercesse predominio physico ou chimico sobre o outro — foi da maneira porque o acaso tirou ao frasco a rolha, e approximou dos licores o rastilho incendiado.

Sim! qual é de nós que não tem roubado uma camisa?

Na vida moderna, o *decorativo* está sendo o criterio superior dos nossos sentimentos. O programma da honra é quasi tão exterior como os programmas d'espectaculo: e á porta do caracter mais integro, antes d'entrar, procurem bem, ha sempre um palhaço que rufa a caixa e convida a embasbacar os transeuntes. Assim, ó meu candido gatuno de camisas, ó meu apupado ingenuo, ó meu irmão! como alma tu és com certeza mais puro do que os seiscentos cavalheiros que verberaram o teu roubo; e o magistrado que hade jul-

gar-te, o jornalista que redigirá para a soneca das familias, a historia do teu caso, todos esses por força teem na consciencia outras contravenções da lei, bem mais nefastas—sómente elles buscaram para o seu banditismo, fórma escoante por entre as malhas do codigo, e que praticada não fizesse conselheiros denunciantes, senão cumplices e bandidos similares da mesma cupidez.

... Sim, quem é que não tem roubado uma camisa?

Um ser transmitte á progenie o physico, o intellectual, o moral que lhe são proprios, mas particularisando-os sempre com essa fundalha originaria, polyatomica, maligna, que é o incontestavel motor de toda a actividade, e faz nos minereos por exemplo o segredo dos venenosos saes de que se aproveita a medicina, nas plantas os alcaloides mortiferos que se lhes distillam das folhas e das flores, e no animal emfim toda essa pavorosa malificencia agitante que vae do microbio do typho ao espirito sabio e complicado do medico Urbino de Freitas. Sob o mysterio das fórmas, quem perscrutar as almas, vê sempre a mesma alma, e n'esta, ressumbrando, a mesma infame e celeste porcaria. Somos todos a mesma lama plastica e palustre, e as ideias mais apparentemente generosas que ao mundo teem dado os homens mais apparentemente justos, essas ideias, passado

tempo, quasi todas soam falso. A razão d'imaginarmos que a felicidade tem vindo para as gerações, antes do bem do que do mal, resulta d'uma hypocrisia que é o proprio mal posto em acção. É ir á historia dos reformadores do mundo; são quasi todos doentes: Jesus Christo, hysterico; Spinosa tisico, Socrates, pederasta. A obra d'elles é eterna—pois sim!—mas todas as manhãs vem novos apostolos destruir pela base essa trapalhada de religiões, de philosophias e de moraes ditas eternas, fundar a cidade do bem sobre a estacaria em que os anteriores tinham fundado a cidade do mal: e quando as coisas chegam a uma certa altura, os reformados agarram nos reformadores e trucidam-nos, crucificam-nos, queimam-nos, e não consta que a humanidade seja, áparte alguns maniacos, nem melhor nem peior do que nos primeiros tempos.

Infere-se d'isto a inutilidade de tudo. A humanidade marcha, mas como a paysagem, se contemplada pelas janellas d'um expresso. O homem continuará sempre a viver como os grandes carnivoros, á lei da força bestial. Citem-me os faccinoras de que a justiça se desfaz annualmente...—eh! eh! mas eu quasi que os acho uns pombos innocentes.

Bastaria que qualquer homem de bem respondesse no banco dos reus pelas perversidades que lhe passam na cabeça durante os seus dez minutos de vida mais austera, para esse monstro ex-

ceder o mais insolvavel recluso das prisões. O que assoberba não é a estatistica dos crimes *feitos,* mas a legião dos crimes *concebidos.* Todos os assassinos que a guilhotina corta em dois, todos os ladrões que as costas d'Africa teem absorvido, os mais furiosos, os mais lobregos, jámais egualarão em atrocidade esses grandes psychicos, esses grandes impeccaveis, que desde que o mundo é mundo teem sobrelevado ás genuflexões da turba-multa, com titulos illustres, reputações immortaes, estatuas e porticos votivos, e que a gente vê figurar na chamada civilisação, de legisladores, guerreiros, poetas e pontifices...

Porque chamo eu por exemplo gatuno ao que roubou cinco tostões a um camarada, e financeiro ao que roubou cincoenta milhões a um paiz?

Este valdevinos deu cabo d'um homem. É o *Calcinhas.* Preso! Est'outro valdevinos deu cabo de quatro milhões. Glorifiquemol-o, é Napoleão.

Por ventura chegou a era de se liquidarem definitivamente estas *chantages,* e de se descobrir á luz a pavorosa chaga humana, não para lhe vêrmos borbotar do fundo as cicatrizes, senão porque essa lastima infecte menos, desentrapada assim de convenções sociaes sómente hypocritas. Este fim de seculo é tambem, me parece, um fim d'encanto. Vá de confissões subterraneas, d'analyses sinistras, e de desillusões ácerca do porque e do para que de todo o esforço. D'anno para

anno eis os suicidios que augmentam, e o alcoolismo, a esterilidade, a loucura, a pederastia, que batem na brecha o que ainda restava das fontes vivas da existencia: e tudo isto com um fim proposital de liquidação!

Sobreviver-se era o ideal antigo, de quando os homens ainda tinham fé. Agora cada qual de nós levanta os braços, desesperado, a supplicar que alguem o livre de si mesmo.

Por conseguinte se a missão do homem é como a dos animaes, peor que a dos animaes, apenas o usofructo d'uma aggregação de moleculas, porque todos esses pomposos programmas de sociologia e de moral com que nos estão a massar os pedagogos?

Ainda hontem li eu n'um livro celebre «legislador algum hoje acredita que a propriedade seja fundada n'um direito».

Bem! P'ra que prenderam então os senhores policias o meu gatuno das camisas? Só se foi por elle ter roubado—só uma.

XXIX—Abordando ha dias o sr. marquez de Valada, que como todos sabem é um espirito erudito e devorado de particulares curiosidades pela obra dos novos, perguntamos-lhe *ex abrupto:*

—Que pensa V. Ex.ª dos novos?

—Para eu gostar, é preciso que elles já saibam o que fazem.

—E tem-nos lido?

—O necessario para conhecer que são todos menores, e por consequencia perigoso travar co'a sua obra, intimidade.

—V. Ex.ª não os acha então completamente sazonados?

—Escriptores e pecegos, saboreio-os sempre um pouco verdes. Entretanto ha poetinhas que eu aprecio supinamente!

—Entre os nephelibatas e os sósistas, o sr. marquez por onde se decide?

—Era necessario vêr-lhes os retratos. Eu cá só aprecio da altura dos montes, depois de os bem conhecer por todos os aspectos.

—Leu os *Oaristos?*

—Sim, um pouco. É a *Salve Rainha* misturada com o *Elucidario* de Viterbo e o *Fado*. É o poema que deve fazer um collegial no delirio d'uma febre eruptiva.

—E o *Paraiso Perdido*, de Oliveira Soares?

—Ha poesias que são doenças de pelle, recolhidas. Olhe, eu tinha um cãosinho que me não deixava dormir; estava sempre aos uivos. Purguei-o, calou-se. Ahi tem os inconvenientes de se não dar sal amargo aos bachareis.

—É de parecer que os *Pôres de Sol*, do Albertinho, sejam dignos d'entrar na posteridade?

—Esse tal Albertinho, que annos tem?

—Mas que eu saiba, tem só um.

—Pois póde gabar-se d'em tão tenra edade

ter já a seccura e a esperteza d'um octogenario sabidão.

—Oh, mas que amigo fiel e enternecido! Acreditará que só á sua parte escreveu dezoito artigos de reclame ao *Só,* do Nobre?

—É um amigo que arma em chocadeira artificial. Os outros a pôrem os ovos, elle a tirar os pintos. Só se comprehende, sendo-se ao mesmo tempo amigo, e editor.

—Ha entretanto generosidade n'essa insistencia com que o amigo, para levantar o amigo, puxa pelos vestidos dos que já teem seu pedestal. Veja por exemplo como o Albertinho, para valer ao Nobre, até quiz dar empurrões em Cesario Verde.

O sr. marquez concentrou-se um instante, e logo disse:

—A ternura quando passa pelo infinito, muda de sentido.

—Em resumo, confia V. Ex.ª no futuro da nova seita...

—O que eu mais sinto é que nenhum dos poetinhas seja loiro. Gostava tanto de jantar com um loirito, que aliterasse, cezurasse, symbolisasse, roza-cruzasse...

—Loiros são raros; em compensação quasi todos são albinos.

—E sobre o amor, tão alheados!... Quem verseja á Virgem Maria é que só é capaz de fazer no matrimonio, o papel de S. José.

—Mas ha um certo talento no meio d'elles...

—Cuido que sim. Entretanto uma vez no elevador, certa dama buscava logar nos bancos cheios. Pergunta do empregado: V. Ex.ª não tem onde se sente?

—Tenho, mas não sei onde o heide pôr, resposta d'ella.

Tal qual o talento litterario dos rapazes.

CAPITULO III

EM MARÇO

Summario

As noitadas da moda no Colyseu, mistura de *douairiéres* e de *cocottes* — Pontapés no trazeiro dos sportmen sem vergonha — *Gil Vicente*, estudo pelo Visconde d'Ouguella — Exequias de D. Luiz, e alvitre aos armadores — O general Scarnichia e as gaitas — Feiras, toiros e hortas; aqui d'el-rei por não haver onde o povo se divirta! — De como em Portugal já ninguem péga — Dialogo philosophico sobre o raio da vida — Se S. M. o rei Luiz estará no ceu? seguido d'uma sentença moral sobre o primeiro amor — A «crise» theatral, nonagesima do anno — Papel oviparo dos estados maiores — Tardes de primavera, Queiroz Ribeiro — Tratamento da melancholia poetica pelos evacuantes — Venda de flôres, agonia d'uma ramilheteira velha — Os Livros *d'etrennes* — No parlamento, Alves da Fonseca — As rendeirinhas da Exposição.

EM MARÇO

I — Quando á quebreira d'um chuvoso dia d'inverno em que os nervos lassos se recusam a vibrar, se juntam suberabundancias d'assumpto, como na actual semana succede, o caminho do chronista está traçado, é deixar correr a penna e não demorar o espirito um instante sobre a phrase escripta, ou sobre a opinião expectorada, a proposito de qualquer coisa. De sorte que me vou produzir hoje sob um aspecto de mandria que me approximará dos herbivoros ronceiros, permittindo-me escrever a minha chronica sem uma unica ideia, e todavia guardando o *aplomb* conveniente á situação. Para percorrer os logares communs em que é uso, cá na Parvonia, fazeram aguada os prozadores doidejantes que nada teem que dizer, começo por lhes fallar no tempo — oh, muito frigido, madamas! — a ponto de se não poder atravessar a rua do Oiro sem *troika* e pelissas de rapoza azul.

Nos intervallos em que a chuvada deixa o ceu limpo de nuvens, vê-se o azul pallido, o azul frio, o azul pupilla de rei mau, desafiando os poetas a lhe vibrarem de dentro das suas alpacas amanuen-

saes, as conhecidas *setas d'oiro,* que pela agudeza e scintillancia mais parecerão setas... da Silva. E esse azul tem singulares perversidades, odios a frio; encara-nos com o seu riso olympico, e vae-nos dando epidemias e miserias — pica-nos de variola e ri-se, o grande canalha! De noite, a sua impassibilidade deixa-nos extaticos: os seus luares são quasi musicos, ha estrellas que piscam, como a dizerem-nos — sobe, menino — as descaradas! E se por acreditar de perto n'essa harmonia sideral que Antonio Feijó tomou por um *Cancioneiro chinez* (hoje vertido por elle á nossa lingua) vamos de gasganhol descoberto olhar como as estrellas rimam, e é facilimo aos astros fazer quadras, prestes uma pneumonia se vem intrometter nos poeticos haustos que aspiravamos, e intercalar a dyspnea e o escarro de sangue nas puras divagações astronomicas em que cahido haviamos... sem pôr primeiro um casaco d'abafar.

A minha segunda obrigação, pois que lhes fallei do tempo, seria agora dizer caganifancias de *carnet-mondain* ás senhoras da sala de S. Carlos, fallar nos hombros d'ellas, alabastricamente divinos, a quando cobertos, já se vê, pelo respectivo pó d'arroz, fallar dos seus adornos, que uma ou outra vez tergiversarão dos metaes preciosos, das pedras raras, dos estofos de luxo, para um estylosinho mais barato, em harmonia com o estado precario da praça, e com a lei decorativa que manda uma pessoa bem educada tomar o plaquet por oiro, o

strass por diamantes, e o papel de forrar casas por brocado, sempre que estas tres coisas entrem na *toilette* d'uma senhora formosa ou bem nascida.

De resto, a verdade é que a formosura emigra das noites d'opera, como uma andorinha atordoada, para theatros onde os espectaculos sejam mais modernos, e os artistas menos horrorosos. As mulheres, mesmo as mais estheticamente educadas, já não se illudem com os tenores de voz dolente. Querem figuras que ellas possam levar p'ra casa, depois do espectaculo, em reminiscencia está claro, figuras bellas, figuras fortes, adolescentes, brutaes um pouco, a quem ellas, as mais castas, possam beijar na bocca, colar a si com furia, morder com delirio nas guias do bigode... E francamente os tenores hoje em dia mal podem já competir com um *jongleur* de circo, ardente e fulvo, quasi nú sobre a arena, cheirando a cavallariça — a *peau d'Espagne* que as mulheres mais gostam de sentir no homem, depois do aroma do charuto.

Eis ahi o segredo da espantosa frequencia que a boa roda faz ás *segundas-feiras* do Colyseu de Santo Antão. É uma selecção sexual, complicada d'uma insignificante pontinha d'esthetica *cabotine*. Os gentlemen vão de casaca, para a platea, tratar por tu o alto horisontalismo do Largo de S. Carlos e da rua Larga de S. Roque, a cujo affectuo-

sissimo convivio, mais que á jornada do Magalhães Lima, nós deveremos breve a confederação luso-hespanhola: e cumpre dizer que na lingua fallada entre *elles* e *ellas*, vão já concessões reciprocas, subsidiares da fusão de raças, meditada —porquanto nem é portuguez a lingua d'elles, nem tão pouco hespanhol a lingua d'ellas, mas um volapuk não isempto de leveza litteraria, e de cujo estudo o governo devia fazer ponto obrigado, no actual programma d'estudos secundarios.

De feito, nunca se viu espectaculo mais absolutamente correcto do que esta feira franca de carne polvilhada, que os jovens Narcisos das classes de luxo vão mercadejar ao circo, em *toilette,* sob os benevolos olhares das mães e das irmãs. Como traços de costumes, é typico, e o povo deve inteirar-se da maneira particular porque acima d'elle se entende a moralidade. Uma vez por outra, de subito, nos intervallos que a diabrura dos palhaços abre ao riso *intellectual* da fina roda, pragas medonhas ouvem-se n'um ponto, dois ou tres gentishomens baldeam aos soccos, como jockeys—e corre nos *fauteils,* entre as embaixatrizes e as condessas, entre as *douairiéres* e as virgens noivas —que foi o Alfredinho Selmes que arrombou as ventas do Santa Marinha, por causa d'este ter lambido a... cara da Preciosa, Manon Lescaut do outro.

IV—O sr. visconde d'Ouguella acaba de dar á estampa um estudo sobre Gil Vicente, fundador, e ainda agora mestre, do theatro portuguez, e n'esse volume compendiando um vasto estudo e uma fina sagacidade bibliographica, visionou o sr. visconde a figura de Gil Vicente com elegante justeza e precisão.

N'elle se fixam as circumstancias de raça e de meio, entre que desabrochou para a vida poetica o estranho bufão de genio que Gil Vicente foi, e se analysam com grande riqueza de pormenores e informações historicas, as passagens mais caracteristicas das suas obras. Não significa este estudo do sr. visconde apenas uma paixoneta d'erudito, queimando cyrios aos idolos mortos; senão que diz o esforço methodico e sagazmente scientifico d'um critico-artista, que desilludido das obras do presente, toma do escopro para arrancar ao bloco da historia esta figura viva e inverosimilmente original de poeta satyrico, que foi no seu tempo, em Portugal, como Rabellais em França, a encarnação da philosophia *gouailleuse*, da escandente audacia ideologica, *avant coureuses* da Reforma sob que o espirito humano reagiu ao despotismo fanatico dos reis, e ás ferocidades dos inquisidores. Longinquas embora, ha entre o espirito de Gil Vicente, e o do seu biographo, analogias de protesto, sedes de liberdade, que forçosamente haviam d'approximar do bobo-actor de D. João III, o jornalista revoltado, de cujos livros

e pamphletos ressumbra tanta vez, posto que sob uma fórma diversa, a mesma amargura de satyra contra as orgias d'uns, as ignorancias d'outros, e a irreparavel liquidação intellectiva e moral de quasi todos.

Assim, é com uma intensidade critica flagrante que o sr. visconde d'Ouguella surprehende muita vez o intencional philosophico das peças de Gil Vicente, e com uma laboriosa mas ovante fortuna que elle, por estudos de litteratura paralella, consegue illuminar em cheio, certos recantos do typo do poeta, revelando-no como uma especie de diabo sardonico, de justiceiro folião, por cuja bocca passam, contra os poderosos da côrte portugueza, accusações terriveis e supremas, escarneos pungentes, allusões descabelladas, sem que por liberdades taes o carcere se abra para engulir o ousado que as vomita.

É incalculavel o que um editor faria de bom, lançando em publico edições dos nossos velhos poetas e chronistas. A *Academia Real das Sciencias,* que se compraz em viver d'elogios academicos e obras d'erudição ronceiras, feitas sem alma nem probidade por escriptores cançados e repartidos em trinta mil commissões do seu serviço, todas estereis; a *Academia* com quem o erario gasta por anno alguns contos de réis improductivos, podia bem tomar o inicio d'esta commettida, reproduzindo em livrinhos baratos, algumas deze-

nas das preciosas coisas que a antiga litteratura portugueza nos deixou. Todos ouvem fallar por exemplo, em Fernão Lopes, em Damião de Goes, na *Historia Tragico-maritima*, em João de Barros, e na série interminavel dos nossos poetas dos seculos XVII e XVIII; mas raros estarão habilitados a sondar o jazigo d'ouro que alli está dentro, e a incalculavel suggestão artistica que um novo poderia saccar de muitos d'aquelles livros fortes, cuja alta voz a poeira dos archivos tem asphixiado. Entre os antigos que todo o portuguez deve ter chegado a si, um dos primeiros é Gil Vicente, cuja obra, mesmo apezar da efabulação ingenua, das lacunas d'entrecho, da falta de logica na concepção—predicados que não eram ainda d'aquelles rudes tempos litterarios—esfusia d'encanto alado, d'imprevisto comico, de poesia sublime e fulgentissima. Este escriptor de theatro é primeiro que tudo um pamphletario. Este engenhador d'autos é primeiro que tudo um moralista. E com que suprema frescura elle transige, por gradações mal sensiveis, da satyra violenta á ficção poetica immaterial! A sua imaginação tem lethargias e visões de puro scandinavo: é meigo, é melancholico, hamletico por vezes; vae-se com elle, perdido, por um paiz de bruma cheio d'allegorias nobres, de carcaças de sacripantas, de bruxarias sarcasticas e medievas.

«O tristes nubles escuras,
Que tan recias caminais,
Sacadme d'estas tristuras,
Y llevadme á las honduras
De la mar, adonde vais.
Duélanvos mis tristes hadas,
Y llevadme apresuradas
Áquel valle de tristura,
Donde estan las mal hadadas,
Donde estan las sin ventura
Sepultadas.»

Sobre o complexo caracter de Gil Vicente (que tudo prova, seria esclarecido por uma cultura mental variadissima) dá o sr. visconde d'Ouguella no seu livro, informação concernente aos profundos aspectos sob que fôra mister analysal-o. Era um naturalista, não só em arte, como em sciencia. Refere o sr. visconde, que havendo em 1231 um grande tremor de terra por Lisboa, Gil Vicente *juntou no claustro de S. Francisco, os frades do convento*, e lhes fez uma especie d'arenga, hereticamente explicativa (!) de cujo substracto deu conta a D. João III, então no castello de Palmella. Eis os periodos da carta, que o sr. visconde de Ouguella traslada:

Senhor!

«Os frades de cá não me contentarão, nem em pulpito nem em pratica, sobre esta tormenta da terra que ora passou: porque não abastava o espanto da gente, mas ainda

elles lhe affirmavam duas cousas, que os mais fazia esmorecer. A primeira, que pelos grandes peccados que em Portugal se fazião, a ira de Deus fizera aquillo, *e não que fosse curso natural*, nomeando logo os peccados porque fôra; *em que pareceo que estava n'elles mais soma de ignorancia*, que de graça do Spirito Sancto. O segundo espantalho, que á gente puzerão, foi, que quando aquelle terremoto partio, ficava já outro de caminho, senão quanto era maior, e que seria com elles á quinta-feira, meia hora depois do meio-dia. Creu o povo n'isto de feição que logo o sahirão a receber por esses olivaes e ainde o lá esperão.»

Note-se que Gil Vicente vivia n'uma côrte de fanaticos, de hypocritas e de padres, e que o estabelecimento do tribunal da Inquisição, estava perto. A arenga e a carta do poeta são pois um acto d'audacia, de que hoje mal se comprehende a impunidade.

Esta se explica todavia, como diz o auctor do *Gil Vicente*, pela especie d'irresponsabilidade doada aos bobos pela tolerancia dos senhores que elles divertiam, e tambem por este angustioso desejo que sentem os despotas, de se ouvirem injuriar, como os vencedores romanos, em plena apotheose. É quasi certo que D. João III tivesse um fraco pelo seu poeta macabro, e que os odios que as satyras de Gil Vicente accenderam, muitos, quebrassem d'encontro á protecção real a sua violencia. Já não succedera assim ao grande Damião de Goes, que vibrando ao conde da Castanheira o epigramma celebre

«Mestre João sacerdote,
De Barcellos natural,
Houve d'uma moura tal
Um filho de bôa sorte.
Pedro Esteves se chamou;
Honradamente vivia;
Por amores se casou
C'uma formosa judia.
D'este (pois nada se esconde)
Nasceu Maria Pinheira,
Mãe da mãe d'aquelle conde
Que é conde da Castanheira.»

agarrou na *Casa da India*, por mandado do mesmo, uma sova, d'onde lhe resultou a morte.

V — Dando conta das exequias celebradas na Sé Patriarchal, em memoria de S. M. o rei D. Luiz, todos os jornaes elogiam o bom gosto dos armadores Montes e Pereira, que pozeram aos quatro cantos do catafalco, illuminadas a luz electrica, e veladas de crepe, as figuras do *Inverno*, da *Primavera*, do *Estio*, e do *Outomno*.

Não se comprehende bem a relação de coherencia havida entre o reinado do sr. D. Luiz e as quatro estações do anno, nem por nobreza allegorica se póde este ponto interpretar, attenta a abundancia de feitos historicos havidos nos 28 annos em que o saudoso finado teve a corôa.

Sob a governação do sr. D. Luiz se fizeram por exemplo em Portugal todos os caminhos de ferro

que ora temos: porque motivo pois não substituiram os armadores Montes e Pereira, no catafalco regio, as estações do anno, antes por estações de caminho de ferro? No logar do Inverno, Santa Apolonia; no logar da Primavera, o Barreiro; no logar do Estio, a estação d'Alcantara, e no logar do Outomno, a Estação Central...

Muito embora as envolvessem de crepes tambem — que assim renderiam homenagem, ao mesmo tempo, á memoria do rei, e á memoria dos descarrilados.

VIII — Para desmentir a fermentação revolucionaria do Porto, não se poupa o governo a expedientes e trucs de mais ou menos acrisolada imaginativa, e tudo é aproveitar os seus orgãos de publicidade para soar que a segunda cidade do paiz, como diz o José de Figueiredo — está contente. Era voz publica que o regimento de caçadores 5, ido da capital para reforço da guarnição portuense, em vez de pugnar pelas instituições, o que fazia era causa commum com o povo, e guerra de morte aos *heroes* da municipal. O boato tinha a confirmal-o de quando em quando os telegrammas politicos do Porto para os jornaes lisboetas, onde não raro vinha a menção de desordens havidas entre os dois corpos antagonicos; e a ponto chegaram as coisas, que o commandante da divisão militar do Porto (Scarnichia general,

assigna elle) deu nos periodicos um officio congratulador dos *serviços* que caçadores 5 prestara á ordem, e da boa paz havida entre este corpo e a guarda municipal. Contém este documento uma passagem que muito cumpre lêr, e eu aqui deixo. «Durante tres mezes, que tanto quasi foi o tempo que aqui esteve aquartellado, nem mesmo um corneteiro concorreu para o registro criminal». Nem mesmo um corneteiro! é assombroso. Mas explicar-nos-ha S. Ex.ª, porque é que no seu officio os corneteiros vem no ultimo grau da escala ordeira? Acaso é dos regulamentos, ou da experiencia quotidiana do sr. general, serem os corneteiros os mais mal comportados de todos os defensores da patria? Sua Ex.ª tem documentos comprovativos, accumulados durante a sua já longa carreira, de como os corneteiros sejam peores do que os outros soldados? Se tem, queira mostral-os, para escarmento de todos quantos em Portugal não tenham sabido com honra, tocar corneta. Se não tem, porque lançar suspeita no rastro d'esses infimos servidores da monarchia? Acaso tocar corneta inhibe um militar de ser tratado pelos seus superiores, no pé de deferencia havido para os outros?

Não, o sr. Scarnichia general, por força tem pécha com os corneteiros. Não o deixam dormir talvez pela manhã. Detesta o rythmo em que elles tangem a recolher. Se detesta, diga com franqueza: é preferivel isso, a ficar o espirito publico interdicto sobre os secretos rancores que separam

a benevolencia do sr. general, dos corneteiros. Porque emfim, tocar corneta não é nenhuma coisa que deshonre. Todos a tocamos, uns d'uma maneira, outros d'outra. Quem já não toca corneta, ou já tocou, ou vae tocar. Temos todos uma corneta na vida: o sr. general queira informar-se. Platão e Socrates, Jesus, Napoleão, o José Julio e a princeza Ratazzi, todos estes luminares da civilisação tocaram corneta. A corneta é para que assim o digamos, a grande pedra angular das civilisações. Prudhon disse, etc., etc. . . .

XI — Hontem, como o frio aperta devéras nas casas, e fazia na rua um sol consolador, fui-me ao acaso das pernas, dar uma volta por esses bairros afastados da cidade. A digressão nada teria de pictoresca — tanto mais que não era meu dia de documento humano — se topando a barreira, depois de cruzar as ruas novas d'um d'esses bairros ineditos, que centrifugam Lisboa, cada vez mais, á custa do antigo terreno das hortas, os meus olhos não constatassem um facto que se me afigura digno de reparo. E vem a ser que o povo de Lisboa tem cada vez menos logares de distracção, e dentro de pouco só lhe restará a taberna lobrega, nas baixas dos predios velhos, em ruas de sombra, para aprazimento das suas horas ociosas.

Dir-me-hão talvez que o povo não necessita

divertir-se e só necessita trabalhar, e que acabadas as hortas, prohibidas as feiras e arraiaes, derrocadas as praças de toiros, inda lhe fica muito onde fazer umas horas de Domingo, que não nos braços do chinquilho, nas barracas de titeres e pim-pam-pum, sob os parreiraes dos retiros, ou na algazarra do sol dos circos tauromachicos.

Inda lhe fica muito... e esse muito é o Jardim Zoologico, onde se póde seguir um curso de bicharia recreativa a tostão por pessoa, são as tabernas sem sol nos beccos e ruellas lamacentas, são as missas das egrejas, o soalheiro das ruas e das praças, e finalmente á noite, os theatros, com logares a cinco tostões, e espectaculos que obrigam o pobre diabo a estar manietado a uma cadeira, onde só póde — quando póde — apoiar uma das nalgas.

Ora eis ahi uma affirmação contra que é necessario protestar sem mais delongas. O povo quer e necessita divertir-se, tanto ou mais do que as classes preponderantes, porque o seu trabalho é mais aspero, e os seus esgotos d'acção mais contundentes. Quer e necessita distrahir-se, porque a distracção é uma das valvulas de segurança da vida, um tonico do systema animal, incomparavel, que repara a canceira, e areja e dispõe para as labutas do dia immediato. E é necessario que o povo obtenha distracções sem grande esforço d'imaginação, nem sacrificios, e que para o cos-

eio d'elas os governos lhe não exijam despezas com que o seu salario não póde, e metamorphoses de habitos e gostos que a tradicção lhe invetecou secularmente.

Convenho que se lhe sequestre o vicio, e se lhe vá canalisando a attenção, quanto possivel, para espectaculos d'onde o seu espirito recolha algumas parcellas de cultura e ensinamento. Mas sem violencia e propositos de substituir por coisas inuteis, antigos recreios de todo o ponto salubres e amoraveis.

A horta era um d'esses, n'um sitio alegre d'arrabalde, com as suas reminiscencias de vida bucolica, e o seu peixe frito n'uma banca de pinho, por baixo das latadas: e a horta, senhores, vae começando a dar á casca! Comtudo, inda ha dez annos ella era o restaurant da classe média e obreira, em dias de repouso, e Julio Machado, o poeta dos costumes patuscos do alfacinha, mais d'uma vez nol-a pintou com tintas loiras de risota e panria nacionaes — no que eu vejo ainda agora sobeijissimas razões p'ró applaudir. Que importa que de longe em longe dois fadistas se furassem nos intervallos do chinquilho, uma mulher fosse presa, e tres caixeiros zurzidos á volta, por terem chamado coiro á dona do retiro?

Nem por estes episodios, de resto aconteciveis onde quer se junte uma matulla amiga de vinho: nem por estes episodios se repetirem — que raro repetiam — a pandega das hortas deixava de subsis-

tir como um dos regalos joviaes do povo de Lisboa, com o seu quê de romaria e farandole, as suas idas e voltas a pé, ao ar, entre guitarras e risadas, a sua comida em mangas de camisa, ante uma paysagem d'arredor, meiga e ensolada, e finalmente o chinquilho, o famoso, o hygienico, o primitivo, o nacional chinquilho, que o Senhor inventou para alargar o peito dos lisboetas que moram em casas estreitas, e respiram em putridos ambientes de saguões e d'officinas.

Depois da horta, vinha a feira, e a feira tambem afinal foi prohibida sob pretextos de ser um logar de deboxe e vilanagem. Todos se lembram ainda d'ella, tão inoffensivamente chinfrim, no largo das Amoreiras e no terrapleno fronteiro a Santa Maria de Belem. Duas ruas ou tres de tendas de lona, onde as quinquilharias alternavam co'as queijadeiras, estas co'a loiça das Caldas e as lojas de passas, os botequins e as baiucas de petiscos... detraz, os coios mais obscuros, carrosseis, alfurjas d'iscas, de melancias e gigos de laranjas: depois fachadas polychromas de theatros de magica, gymnastica, mimica e dança, com as suas exhibições de barrigas de pernas de crina e falsos topetes, os seus uivos de palhaços, os seus renques de musicos zanagas, e os pregões e velhos trucs de fazer rir e parar a multidão indifferente...

Porque acabou isto? Por ser uma exposição de coisas pobres, e um chamariz á moeda em cobre

dos que não podem pagar com oiro as distracções. Era *indigna d'uma cidade civilisada*, a feira de Belem. Porque razão? Em que desmoralisava ella mais do que esses palcos onde hoje se dialogam abjectas comedias e revistas, nos bairros mais populosos e centraes da capital? Á face da architectura moral exterior que uma cidade ha que manter, na epocha presente, para fingir que acompanha a civilisação, que tinham as nossas feiras de mais pulha sobre as suas irmãs gemeas de Paris, que não procuram os bairros reconditos, essas, senão invadem os *boulevards* e as praças luxuosas, dando ao povo em certas quadras do anno o primeiro logar na grande Babylonia?

Demos porém que a feira era obscena, corruptora, viveiro de crimes e enxurro de deboxes.

Aboliram-na. Bem! Mas emquanto aos ricos se vae tornando, cada vez mais, a vida facil, o que é que os poderes publicos substituiram á feira, na lista dos espectaculos da plebe? Teem elles procurado refundir pela base, a hygiene, e desenvolver o prazer dos exercicios musculares; acompanham acaso o homem do povo, des'que elle, creança, se dependurou da teta da mãe, até entrar, descalço e roto, na officina; fomentaram elles no espirito popular, por uma catechese seguida e fecunda, ideaes novos trazendo de si necessidades d'espirito e corpo, diversas das antigas?

Certo que não. Nunca em verdade o homem do povo menos fruiu a protecção do Estado, em

qualquer ramo de vida, do que agora. O Estado é para o operario um agiota odiento, um inimigo que lhe suga o que póde, e vae procurando o mais possivel cingil-o n'uma golilha de penas e trabalhos. Tudo o que agrada a essas expansivas indoles de povo, o Estado prohibe, como se fosse vergonha a alegria que se não formula em phrases de salão, e como se os prazeres do ar livre, em mangas de camisa, aos gritos n'um terreiro batido de sol, trouxessem reputação de mau porte a uma nação que tem por augure politico—vejam isto! —o Marçal Pacheco.

E o protesto lançado contra a prohibição das feiras e a destruição gradual das hortas, eu o estendo com a mesma indignada justiça, ás toiradas, um dos poucos espectaculos a que o povo assiste alegre, e em cujos passes verdadeiramente bate uma alma de nação. Um par do reino, o sr. Carlos Testa, especie de puritano d'alma triste, um pouco vasia, cuido, posto supremamente abrazada em nevroses de protector dos animaes, lembrou-se ha dois annos de, *por humanidade,* pedir fim ás corridas de toiros.

Par do reino destravado de horror perante o par de ferros... Que maravilhoso thema para accordar a inspiração d'um dramaturgo philosopho, caso os chifres do alexandrino podessem *cumprir* em pujança de marradas, com os chifres do animal protegido pelo pae da patria! Entretanto

aquella voz de par foi pouco ouvida, e mercê d'uns restos de senso, as corridas proseguem, e todos em theoria as propalam como uma prova publica de vida mascula, e uma exhibição de destreza mais que salutar em povo cuja sensibilidade é cada vez mais exagerada e doentia. Sómente, como a praça do Campo de Sant'Anna está por terra, e a do Campo Pequeno inda não passou do consultorio d'engenheria, vae o povo de Lisboa aguardando que a camara dos deputados lhe supra estas lacunas d'espectaculo, e aguardando em balde, seja dito.

—Não que n'aquella praça, toiros faltem. Mas por deficiencia dos capinhas, e cobardia dos moços de forcado.

XI—Philosophos.

—Que estopada, a vida, e que martyrio! E isto vivendo nós tão pouco. Imagina o que seria, se fossemos eternos...

—Ora o que seria! Augmentavam os suicidios.

XV—As *Novidades* discutem com o patriarcha se o sr. D. Luiz estará, ou não no purgatorio. É caso grave! Segundo as *Novidades*, o patriarcha, promovendo exequias solemnes pelo rei, quiz significar que o mesmo está a arder no inferno, convindo então resolver o Altissimo a dei-

xal-o sahir de lá, antes que de todo fique reduzido a torresmos. Ora, é contra esta opinião feroz do chefe da egreja lusitana que se oppõe em pezo a redacção do jornal supra — segundo a qual S. M. estaria a estas horas no ceu, de papinho cheio, a gozar...

Nós outros, Sanchos Panças massados já d'estas ephemeras pugnas *post mortem,* se fossemos arbitros no litigio, a primeira coisa que fariamos era chamar a nós o patriarcha e a redacção das *Novidades,* e dizer-lhes:

— Vão vocemecês visitar o caixão do rei D. Luiz a S. Vicente. Se S. M. lá continuar ainda embalsamado, fiquem certos de que elle nem está a gozar no ceu, nem a fazer chiada no purgatorio: está mas é alli embalsamado, no caixãosinho.

Agora se tiver desapparecido, fia mais fino. Mas ainda n'este caso, escusam d'ir fazer queixumes para a Sé, e d'ir fazer artigos para a redacção. Querendo saber ao certo onde o rei pára, o melhor é... queixarem-se á policia.

XVII — Um pessimista dizia-me: que irrisões ignobeis ha na vida! Inda não conheci o primeiro amor, e já gastei trinta e nove frascos d'injecção.

XX — Entre as numerosas *crises* de que o paiz enferma, mais uma os jornaes descobriram, a qual

como todas as outras tem por fim melhorar a condição d'uns certos interessados, e pedir para os cofres d'uma empreza particular, os bons auxilios do governo, que o mesmo quer dizer, o dinheiro dos contribuintes. É a *crise* theatral, coisa mirifica, que ameaça comprometter o futuro da dramaturgia nacional, e destruir a *pepinière* de prodigios scenicos que é a *troupe* actual de D. Maria.

Historia-se o caso em meia duzia de palavras. Ha um grupo d'actores e actrizes que se propôz fazer escola d'arte scenica, e que recebeu do governo, ha dez ou doze annos, o edificio do theatro de D. Maria, com determinados encargos, sendo um d'elles *representar bem,* sendo outro dar alento ás producções do genio dramatico nacional, e ainda outro ter sempre em bastidores um elenco d'artistas feitos, tanto quanto possivel recrutado entre o melhor das restantes scenas do paiz. Esse grupo exploraria, como empreza particular, a freguezia do theatro, administrando os seus fundos á vontade, e servindo-se preencher as deficiencias da producção dramatica nacional, com traducções de peças estrangeiras, tanto quanto possivel feitas por escriptores de merito real.

N'elle figurava uma parte dos mais applaudidos comediantes de Lisboa, havendo claros que *provisoriamente* a empreza encheu de NN, com promessas de os substituir porém, quando no horisonte dramatico surgissem vultos novos.

Durante os seus primeiros annos de vida artistica, a companhia de D. Maria, que muitos espanejadores da gloria alcunharam de *theatro nacional,* lá curou de bem servir o publico, apurando a *mise-en-scéne* das peças, cultivando a dicção com certo escrupulo, e refundindo inteiramente a scenographia e o guarda-roupa, que as anteriores emprezas tinham deixado cahir n'uma farrapagem ignobil e immundissima.

De bom grado logo o successo correspondeu ás solicitudes dos actores, afluindo ás caixas da sociedade dinheiro á foita com que lhes pagar talento e material d'exploração, e só n'este unisono uma coisa escapou para a victoria ser completa, e foi a presença do povo no theatro, do ignorante povo que é o grande lucrador contemporaneo das scenas de declamação, visto como mal se compadece já hoje a natureza artificial d'esta fórma d'arte, com os naturaes desdens da gente excessiva e refinadamente cultivava.

Durante esses primeiros annos d'usofructo do theatro, a litteratura explorada pela *troupe* de D. Maria foi exclusivamente franceza, visto não apparecerem originaes dignos da honra, e a Sardou, Dumas filho e Pailleron cabe a vangloria de terem feito de dois ou tres artistas nacionaes, *diseurs d'èlite,* com exhibições d'elegancia e boquinhas d'U francez, mui para vêr. Vae, como geralmente succede em naturezas mazorras como a

nossa, os artistas que durante dois ou tres annos capricharam de fazer arte, sentindo o successo vir, deitaram-se ao ripanso, parando no meio da rampa, de cansaço, e advindo em que para a manutenção da celebreira ganha, bastaria repetir cada qual os *trucs* e passes com que tinha conquistado a plateia, no exhibir das primeiras creações. Brazão apenas, por sua indole artistica mais larga e desafogos de vida que lhe permittem fazer do palco, *atelier*, reagiu um pouco contra a immobilisação vaidosa dos collegas, buscando nos typos de Shakespeare um concavo onde moldar a sua alma ardente e desegual, e sacrificando á sua justa ambição de predominio a pachorrenta harmonia de que os seus consocietarios e rivaes haviam mister para rilhar os antigos louros conquistados.

Annuncia-se então pelos jornaes uma *vigorosa* restauração da dramaturgia historica nacional, e muitos artigoleiros gazetiferos a quem particularmente interessa dobrar o sino grande, sempre que algum entrevado communga a grande arte mediante uma tragedia em verso pardo, afiançaram que o theatro portuguez veria emfim a sua edade d'oiro, e que as tentativas, sympathicas aliás, d'alguns poetas dramaticos, eram a volta do genio de Garrett para o Rocio, urgindo então que o publico fosse, deante dos societarios vestidos de reis e de tyrannos portuguezes, genuflectir e sau-

dar a aurora d'esse famoso dia solar, tão caro ás musas e ás... batatas.

E o publico foi, coitado, e tanto lhe repetiram que se estavam resando em scena obras de folego, que elle ingenuamente rompia as luvas a dar palmas, gritando: — *isto é soberbo! soberbo! mas porque demonio estarei eu tão aborrecido?*

O novo veio dramatico levou os actores de D. Maria então da comedia contemporanea, para a chacina historica de berros cavos; o analytico Dumas cedeu logar ao matadoiro dos conspiradores e reis barbões da historia luzitana; o elegante e desdenhoso marquez de Presles foi D. João II e Pedro o *cru*, e houve que lhe substituir o frack de passeio por gibões de brocado e voltas de pelle de coelho, o bigode por barbas d'escova, a voz pastellina por gritarias de fera com regougos de lavadeira. Já porém n'essa transição do jogo theatral, o tedio dos actores excedia em muito o gosto artistico, e a comprehensibilidade do assumpto, primeira condição d'um detalhado estudo dos papeis, era substituida por invenções de fancaria, a ponto da historia portugueza parecer em D. Maria uma verdadeira festa de possessos, e das nobres idades da dynastia d'Aviz derrancarem em fantochadas d'uma architectura tão grotesca, quanto exhaustinada. E a famosa restauração dramatica, tão promettida como idade triumphal para o theatro, a famosa dramaturgia historica para que tantos criticos e entendidos de jornal pediam apotheo-

ses e favores pecuniarios, *a famosa litteratura historica original* que havia de salvar as lettras portuguezas, fazer actores, iniciar o gosto, etc., ahi a teem nos seus resultados decisivos, senhores artigoleiros! Queiram certificar-se de que ella nem maiormente exalça as lettras patrias, nem depurou o gosto; e quanto aos actores do *normal*, acabou de os estragar — por uma vez.

Ora a famosa *crise* theatral provém do publico ter comprehendido alfim que estava sendo escamoteado em D. Maria por uma fórma inteiramente falha de proveito para qualquer das partes interessadas. Effectivamente a litteratura d'esse theatro, a traduzida e a original, nem fallava a algum dos interesses ou dos anceios dos espectadores, nem ensinava um caracter, nem deslumbrava fundamente pela factura artistica d'um trecho, nem fazia pensar, nem fazia sonhar, nem fazia rir.

Como lição, balofa. Como audição, monotona. Como distracção, balofa, monotona e somnolenta. As peças estrangeiras, mau grado o arcabouço magnifico d'algumas, geralmente vertidas por cavalheiros a quem os afazeres prohibem certos escrupulos de linguagem, para só pensarem na esportula de cada recita.

As peças originaes, (algumas exceptuo naturalmente) decorrendo em épocas de phantasia, e expressas em verso, que é uma coisa pouco propria

para dar aos dialogos theatraes, illusões de realidade, ou sequer fazer bater o coração do espectador. Se sobrecarregarmos o desastre com ess'outro proveniente do mau desempenho scenico, da falta d'estudo, da falta d'escrupulo, e da estupidez individual de cada comediante, reconheceremos no publico razão sobeja para deixar D. Maria ás moscas, trocando as suas tragedias por outros desopilantes espectaculos de palhaços e *vaudevilles* ornados de *couplets*.

A vida é isto, que diabo!

Se nós, por exemplo, achamos seccantes os mestres de latim, tabaqueirentos, que nas suas escolas de provincia perdiam annos a nos fazerem notar as subtilezas grammaticaes de certos textos, porque razão não degradaremos tambem os massadores d'outras obras poeticas, cujas prelecções e tiradas pretendem tornar-nos a existencia ainda mais triste do que ella é, naturalmente?

Mas n'esta *degringolade* d'uma confraria que é indifferente ao grosso publico, o que se lembram os periodistas e criticos dramaticos d'aconselhar ao governo? Lembram-se de lhe aconselhar que dê um subsidio a D. Maria. Não nos faltava vêr mais nada. Subsidio para que? Para a litteratura dramatica que prevarica, sem reflorencias nem fragrancias de puro talento? Para arte de representar, que se tornou no theatro de D. Maria uma vergonha, com desaire dos mestres, e prosapia grotesca dos aprendizes? Mas seria um roubo, des-

viar dinheiros publicos da protecção devida a outras actividades mais progressivas e fecundas, só porque apraz a meia duzia de platonicos que haja em D. Maria um hospicio de meninos orphãos do ideal. Se aquelle theatro não serve d'escola ao povo, nem de templo ao genio litterario e dramatico de Portugal, porque o não abandonaremos á sorte das outras casas d'espectaculo, onde trabalham artistas de reputação egual ou superior aos de D. Maria, sem a ganancia aspera, nem as pretenções furiosas d'estes condecorados!

—Se o governo lhe não accudir, a companhia dissolver-se-ha, dizem as folhas.

Pois que se dissolva. Que diabo perdemos nós com isso?

XXII—Na volta da parada, passa o estado maior flamante e empenachado, cada official levando no capacete umas quarenta pennas de gallinha. Sempre quero qne me digam se com uma armação d'aquellas na cabeça, alguem póde fazer outra coisa senão pôr ovos.

XXIII—Nada mais do que pela reviviscencia dos arbustos se conhece o quanto vamos já longe de Fevereiro, o mez dos amores carnivoros, em que a loba engravida, uivando a sua maternidade de noite, á ouviella dos barrancos, e em que os

machos da rapoza travam pelas clareiras, sanguinolentas batalhas, emquanto a femea espera o vencedor p'ra se entregar.

Todos os animaes que procriam nas tocas, entre as sombras do matto e a inclemencia das grandes invernadas, voltam agora de novo aos seus misteres, certos de que a pequenada se irá creando alegremente, mercê de S. M. a Providencia, que até nos bosques cria hospitaes do Rego, e organisa bazares para a creche dos meninos coelhos, e dos rapozinhos enfermos e abandonados.

E cessada a chuva, eis que a natureza desacolcheta dos hombros a sua peliça de nevoas, e convalescente ainda da longa enfermidade do inverno, tateia a medo, pela primavera fóra, os primeiros passos, como por uma alcova alcatifada. Nos campos, d'onde eu venho de passar a estação da caça ás lebres, ha preguiças ainda nas culturas, hesitações nos verdes, e anemias romanticas pelas arvores. Os longes das serras são ainda roxos, as aguas pallidas, e uma côr desbotada vae no azul dos ceus. Mas esse mesmo palôr delicía e compraz á retina d'um artista! É uma symphonia de côres amortecidas, uma aquatinta em surdina, com os seus tons que não são tons, mas almas de tons —aqui trachytico, além violaceo, depois um fulvo d'ocre esvanecido, e por fim o rosa murcha, o rosa secco, o rosa incorporeo como um soro de sangue ao repassar as ligaduras velhas d'um apparelho.

N'este para assim dizer sonambulismo lucido

da paysagem, que é o periodo ossianico da natureza (ella tambem impulsionada, como a arte, pelas correntes litterarias de mysticismo, romantismo, naturalismo e decadismo), o que sobretudo captiva é o detalhe, tão transcendentalmente exotico, tão finamente adormecido, que direis haver Deus copiado os seus panoramas das folhas de qualquer album japonez da escola de Shijo, ou da *Mangua* de Hokusaï — ess'outro Creador de quem as proprias arvores aprenderam, n'esta quadra sem côres, a arte subtil de *fazer fallar o traço*.

Na florescencia dos campos, como nas suas tintas, a mesma attenuada nota domina. É o perfume esparso dos favaes, das violetas, dos alecrins selvagens, da amendoeira brava e dos mentrastes, sobre cujas ondulações de verde glauco corre a sombra das nuvens esponjosas. Eis portanto occasião para leituras recolhidas, d'esses livros de meia tinta, finos, fugaces, sem personalidade, um tanto neutros, que nos ultimos mezes teem sahido dos prelos de Lisboa e Porto, em verso e proza — reflexo d'uma litteratura que como a sociedade perdeu a linha de conducta, o heroismo, a força, e que aproveita a tensão nervosa que lhe resta, para burilar *fanfreluches*, e (áparte esta ou aquella pagina vehemente) ir repetindo no violoncello da quintilha ou do periodo plastico, os velhos *motivos* que já tinham feito a delicia d'outras gerações.

Cito ao acaso, como exemplo das japonerias artisticas que disse, entre outros volumes, as *Tardes de Primavera* (versos) de Queiroz Ribeiro, as *Cidades e Paysagens,* de Magalhães Lima (Jayme), e os *Alguns homens do meu tempo,* de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Tres livros de recordações que me são caros, não tanto pela psychologia nova que me fazem sobre o que eu já sei do espirito que os dictou, senão pela meia luz que os sobredoira, e por aquelle seu nostalgico tom de folha morta.

Ha duas semanas sahia dos Jeronymos uma procissão do Senhor dos Passos, e como eu passava, não sei se de proposito, entrei na egreja, a ajoelhar junto a uma das pilastras do côro. Da rosacea em vitral, aberta ao alto, como o sol já se ia obliquando para o ocaso, descia em plena penumbra do templo uma pyramide conica d'arco iris, vaga, em poeiras de luz, que apanhando as caras dos fieis lhes dava assim uma expressão facticia e torturada, alguma coisa da allucinação chromatica que devia ter tido a pupilla de Quincey e d'Edgar Poë, já nos seus ultimos e irremediaveis periodos d'alcoolismo.

Evidente que sob aquella luz phantasiosa, as figuras ainda conservavam vida e movimento. Sómente a minucia e o fascias não pareciam já corresponder ás emoções que ellas haviam sido chamadas a traduzir cá fóra, ao ar, em pleno sol.

E havia risos que o feixe azul tornava em carantonhas; cabeças em oração a que o feixe amarello prestava um ar de caçoada, curiosidades alvares que pareciam extasis, e caras de sopeiras, lividas como se estivessem damnadas de peccado...

Um simples vitral me despolarisára a existencia da multidão que enchia a egreja, do seu fóco de realidade objectiva, atirando-m'a para esses mundos do tragico e do grotesco, que parecem feitos de vapores de delirio, e lembram um pandemonio humano esphacelado por paixões ou inercias mais fortes do que as naturaes.

A cabeça d'um homem de lettras é mais ou menos como aquella rosacea dos Jeronymos. Ella despolarisa a vida da sua noção de realidade, faz-lhe perder a coherencia, e desorienta-lhe a physionomia propria e individual té tel-a tornado n'uma sarabanda de caricaturas, ou n'uma avenida d'estatuas, que raras vezes conservam a menor reminiscencia do modelo que pretendiam photographar. Assim, vemos os poetas cortarem á natureza os seus ramos de seiva, as suas expansões furiosas, os seus gritos e os seus partos, e fazerem d'ella uma especie de templo grego, silencioso e deserto, em que as folhas se enrolam symetricamente em frisos decoraes, em que os troncos são direitos e redondos como columnas, em que o amor é uma monstruosidade insexual, e as mulheres se assemelham a deuzas, calmas e mortas como a pedra

d'adonde foram esculpturadas. Nada ha mais puro como estylo, e nada mais funereo como impressão!

É o que eu sinto deante das *Tardes de Primavera* do sr. Queiroz Ribeiro, apezar da sua incontestavel belleza plastica, e do exotixmo delicado que d'ellas se evola: é o que eu tenho sentido de resto perante a maior parte dos livros de versos que modernamente se teem dado á estampa em Portugal.

Quasi todos ajuntam a harmonia á seccura, e se limitam a explorar dois ou tres effeitos emocionaes, com duas ou tres côres apenas, desvanecidas e suaves. As *Tardes de Primavera* são uma especie de *Cantico dos Canticos* d'um Salomão que adora sem desejos, e que se limita a vêr as coisas com dois pares de lunetas, uma esfumada, para o lugubre, a outra *clair-de-lune,* para o idyllico. A mulher a quem todas aquellas estrophes se dirigem, de duas, uma—ou é feia, ou então não existe, limitando-se o poeta n'este ultimo caso a phantasiar platonicamente uma namorada que lhe forneça endeixas, já fingindo-se morta, já fingindo-se amuada, já convidando o amante a *rendez-vous* onde não occorre nada de notavel, além do classico beijo... que ella no seu excesso de virtude deve talvez ter-lhe dado, pondo um papel de seda sobre os beiços.

Na *Musica Celeste,* por exemplo

«Não pertences, bem sei, á classe deslumbrante
A quem attrae da gloria a claridade intensa.
E que segue feliz por esse mundo adeante...»

ha perfeições esculpturaes d'um grande estylo, mas que emoção exangue, e que esterilidade chlorotica de paixão! O que domina por estas *Tardes de Primavera* são pessimismos outomnaes, negros, funereos, d'uma tristeza em que por egual collaboram a dyspepsia e a falta de dinheiro. Na *Morta:*

«Morreu a flôr azul dos meus cuidados,
Minha doce esperança incomprehendida...»

No *Perto do Tumulo:*

«Fallas-me do futuro emquanto a morte avança...»

Na *Doente:*

«Antes soubesses, filha, o que te espera!
—Chorarias comigo a sorte dura.
Que nos abriu as portas da Chimera
Só para nos mostrar a sepultura!»

e por toda a parte a mesma reserva discreta, que faz do amor uma especie de mysticismo á fr. Thomé de Jesus, anti-moderno, distanciado da vida, e completamente estranho a qualquer ideia d'acção. E é isto o que me irrita: que tudo n'es-

tas revelações seja decente, sem um detalhe vivido, sem um escarlate de colera ou de camelia, com respeitos de sala, e uma preoccupação d'estarem senhoras a ouvir!

A minha natureza não comprehende infelizmente os Hermann, senão castrados. Ella gosta de sentir no idyllio a carne latejante, a *paysaneria* rude e brutal; jámais figurinhas de Kate Greenaway, brancas, bonitas, e com farello a lhes sahir pelas costuras.

Se o leitor quer mais trechos, d'ou-lh'os a esmo, e n'elles verá justificadas as observações que acima fiz. As *Stalactites*...

«Ao principio nem quasi apercebemos
Como a affeição nos invade o peito;
Hoje, para encerrar tantos extremos,
A vida é curta, o coração estreito...

A sympathia, penetrando, filha,
Toda a nossa alma d'um divino encanto,
Mudou-se n'esta immensa maravilha,
N'esta joia d'amor tres vezes santo.

Assim, nas fendas d'uma gruta informe
Penetra a chuva, e o tempo emfim permitte
Que a humilde gotta d'agua se transforme
Na perola cristal da stalactite.»

A lingua em que este enfadonho amor se canta,

é, como se vê, correctissima, sobria, sonora e colante como a argilla vermelha d'uma estatueta. Por ventura eu quizera vêr n'ella menos correcção e mais enthusiasmo, que esta preoccupação da fórma é nefasta aos arroyos da evocação poetica, e trunca os vôos do espirito, trocando a potencia do thema na moeda meuda das imagens e das rimas procuradas. Entretanto seria injusto negar qualidades de primeira agua ao esculptor d'aquellas *Stalectites*. Mas francamente, a poesia reduzida a estas doçuras freiraticas, não será uma arte minuscula, boa para se esquecer no cesto de costura d'uma dama, escripta em pergaminho, entre allegorias mythologicas do velho Fonseca?

Oh meu loiro e divino irregular Cesario Verde! É lendo os rapazes do teu tempo que a minha adoração por ti redunda em fanatismo! Bem te importavas tu que a Academia te discutisse a legitimidade d'um termo, quando esse termo exprimisse, n'um barbarismo insolito que fosse, a cambiante de sensação fina e moderna que tu pertendias dar n'um verso teu!

Assim, ha nas oitenta e tantas paginas que deixaste, uma sensibilidade que recolhe os rumores de todas as vidas, e lança no mundo da poesia portugueza os alicerces d'uma cidade nova: uma sensibilidade que tem rigores de stenographo e frescuras d'aguarellista, e é rara e estranha, e deixou no seu involucro impressa a fórma do teu espirito, ia mesmo a dizer a fórma do teu corpo,

como uma tunica de malha conservando os relevos do busto que a despiu.

Contrastes:

«O sol desmaia. Lembras-me. Estremeço.
Não te vejo... Que magua me annuvia!
—Evola-se do chão como um murmurio espesso,
Vagueia pelo azul o aroma da alegria.

Se te julgo saudosa e commovida,
A tua dôr duplica na minha alma.
—Rompem de toda a parte o Movimento e a Vida.
Espraia-se feliz a Natureza em calma.

Se te imagino alegre e descuidada,
Que martyrio! etc.....»

Ha uma crispação nervosa n'estes versos, e embora o sentimento perca as suas fórmas nitidas entre as nevoas da locução poetica, o artista faz sibilar a sua alma atravez da nossa, e trespassa ao publico a emoção de que está possuido. Sob este ponto de vista, *Os Contrastes* são um bocadinho raro em todo o livro.

XXIV—Teem reparado como a melancholia coincide sempre, com prisão de ventre?

XXVII—Vae crescendo na cidade a venda de flores, o que quer dizer, em primeiro logar que a primavera fez a sua entrada triumphal n'esses jardins, e em segundo que os lisboetas começam a ser um pouco menos rudes nos seus habitos, e a crear predilecções artisticas do melhor agouro. Além dos pequenos alegretes suspensos que cada obscuro quarto andar dependura nas grades da sua varanda corrida, em pequenos vasos e caixas de figos, com uma nespereira, cedros, um pé de hervilha de cheiro, geraneos, e uma roseirita pallida de todo o anno — além dos quintalorios de seis palmos, com cascatas de buzios, que os bairros afastados cultivam, nos ocios dos seus trabalhos quotidianos, ha a notar pelas tabacarias e lojas de bugigangas, uma animação de floristas que todas as manhãs trazem dos arrabaldes, nos seus grandes cabazes da ilha, carregações de camelias, lilazes, amores perfeitos e rosas, n'um leito de fetos e urze branca do matto, e que elles installam á venda, n'um recanto de vitrine, com *partis-pris d'étalage,* e provocações verdadeiramente parisienses.

Os primeiros ramilheteiros que vieram para Lisboa tentar vida, foram dois, o da tabacaria *Neves,* e o da *Havaneza.*

Alli, por traz dos vidros, estes dois tristes poetas se pozeram com meia duzia de camelias a seduzir os olhos das anemicas que passavam, amarellentas, enfadonhamente vestidas d'escuro, com

vagas nostalgias d'ar puro, e preguiçosas indifferenças por tudo o que não tomasse a fórma lombricoidal d'um sargento aspirante.

Muita gente chegou a pensar fossem de cera, essas pobres camelias dos dois ramilheteiros! E admiravam-nas... se seriam feitas por elles! Tão bem imitadas! Tão doces d'aspecto, tão gentilmente virginaes no revolutear das suas petalas nacaradas!

Os primeiros janotas que se atreveram a darlhes guarida nas lapellas, em noites de theatro ou *soirée*, quasi escandalisaram o resto da gente conceituada.

—*Flor ao peito*... e havia risos, allusões, commentarios de troça aos que debruçavam a flor, espalhafatonamente, á janella da botoeira, aonde até alli só era costume apparecer, como uma creada de homem só, essa rosetasinha de mau comportamento, vermelha e viciosa, que se chama em Portugal, a commenda de N. S. Jesus Christo.

Lentamente, á medida que a camelia abria caminho, atravez a lapella dos homens, té ao *corsage* e ao penteado das mulheres, foram-se os ramilheteiros abalançando a novas acquisições, a typos novos, para renovamento das suas exposições de flores quotidianas.

Vieram as violetas, simples e dobradas—as simples, d'uma côr roxo *foncé*—as dobradas, derivando quasi no roxo aquatintado do lilaz;

vieram os jacinthos, brotando em copos do seu mysterioso bolbo que quasi não precisa terra p'ra florir, e vive d'agua e d'ar, erguendo, á entrada da primavera, o seu corymbo carnoso, aonde as flores parecem marmore veinulado, carne de baby, azul marinho, e branco de plumas ventraes de cysne ou de cegonha... os jacinthos tão idealmente odorantes, d'um perfume longinquo, esthesico, sob que a narina delira; vieram os lilazes, em cachos, brancos, azul-ceu, ou côr de rosa, erectos d'entre uma fresca folhagem de corações verde opacento, e tão juvenis, tão castamente exangues, que o seu halito rescende a beijos de nupcias, a rapariga loira e a versos de Musset; e os amores perfeitos ainda, mascarões de velludo roxo, por traz de cada um dos quaes toda se estorce em cata d'aventuras, não sei que voluptuosidade arrebatadora de mulher: e emfim as tulipas, gardenias, jasmins, geraneos, todo essa alta sociedade das flores, de que as roseiras são para assim a realeza, com o *principe negro* por monarcha, a *rosa-chá* por anjo da caridade, e o *Paul Neron* por infante D. Affonso.

Começou a ser moda encher os gabinetes de plantas, a rebuscar effeitos decoraes na exoticidade dos recortes da folhagem, nas cambiantes, nas villosidades, reflexos, tons; e as begonias vieram, mal-as orchideas e os fectos, os aloes e os hibiscos, as pritchardias e as bananeiras, povoar os *gueridons* dos *boudoirs,* as misulas dos vãos de ja-

nellas, as escadarias, os *hall* e os estufins d'apar dos elegantes gabinetes. Todas estas maravilhosas vegetações refundiram a arte da decoração applicada ás residencias, fornecendo motivos novos ao artista, estylos e elementos d'uma phantasia inexgotavel.

Entretanto, não era bem de culturas exoticas que eu ia a fallar, senão d'um outro assumpto mais modesto, a venda de flores a retalho. Hoje em Lisboa, quasi não ha tabacaria de luxo onde o ramilheteiro não tenha vindo installar a sua banca de cortiça, a sua colcha de musgos, e o seu estendal de violetas e camelias. Uma ourivesaria da Avenida, junto á Annunciada, repartiu o pequeno espaço da lojeca em dois bocados: um para flores, outro para artefactos d'oiro trabalhado. Eis um processo gentil de captivar o transeunte, a dois deslumbramentos, pela roseira em flor carregada de botões, que custa tres mil réis, e pelo annel de brilhantes e esmeraldas, carregado de scintillas, que custa trezentos mil!

Na *Phenix,* no *Gonçalves,* na tabacaria *Neves,* na *Havaneza,* eil-as que brilham, as pequeninas exposições de flores cobertas d'orvalho, em cuja suavidade a nossa vista repousa, fatigada dos quotidianos aspectos monotonos da rua.

O que n'este poetico commercio ainda falta, é uma mulher bonita que saiba vender e executar um ramilhete, com a mesma finura de visão com

que um pintor de flores saberia pintal-o, e que executando-o, nol-o explicasse em palavras singelas, murmuradas por entre dois suspiros ou tres, imperceptiveis, e um ou outro bater de palperas sedosas, que désse ao freguez o effeito scenico d'uma emoção nascente, d'uma paixoneta de rapariga, *pâte tendre,* por esse comprador de rosas que a abordara, com cara de chinez, regateando os tostões sovinamente. Porque é singular o que uma flor ganha de preço, quando é a mão gordinha e branca d'uma rapariga que delicadamente a tomou do fundo da *corbeille*, e com mimo nol-a offerece mostrando os dentes n'um sorriso auroreal de *tite chatte,* humido, perlado, como uma allegoria de primavera em velho Saxe. Por mais fanada que essa rosa esteja, juvenesce; por mais alto o preço que ella imponha, offerecendo-nos a flor, essa creatura dá-nos sempre de graça alguma coisa. Muita e muita vez, aos infelizes, esse botão faz que o sorriso lhes volte, e o coração, e o espirito... E a ramilheteira lembra-se talvez que foi o sangue d'Adonis, vertido por Cypris, que tingiu as rosas de vermelho.

Ha no Loreto, ao pé da egreja, entre a casa de modas e a casa da Vista Alegre, uma pequena loja, original, aonde ha pouco se installara uma ramilheteira. Ella é franceza, até certo ponto sympathica, um riso fino de quem soffreu e calou por muito tempo. Appareceu em Lisboa com um fu-

nambulo que a empalmava no circo, á vista dos espectadores. Foi-se o funambulo, ella ficou, e para ganhar a vida, começou a vender manteiga fresca. Ora, em Lisboa, a manteiga fresca pouco rende. A maior parte das vaccas, em vez de produzirem manteiga, antes a comem, esparralhando-a no pão com gulodice... E por outro lado, posto a não compre, toda a gente em Lisboa dá manteiga. Vae a franceza, abriu no Loreto aquella lojasita de flôres. Todas as manhãs, na microscopica *vitrine* que ainda torna mais estreita a talisca d'entrada, todas as manhãs ella dispõe em vasos de faiança os seus ramilhetes de floritas olorantes, capellas, ramos de *corsage,* grinaldas para pregar em *toque* nos cabellos, pinhas de flores para centros de meza, mosaicos para *corbeilles*, jarras, *flûtes;* e a composita graça ornamental d'aquellas pequeninas obras primas, absorve-me, extasia-me, como ao grande Franz do *Fromont jeune* absorvia talvez a alada e deliciosa industria de Desirée Delobelle, a corcundinha. A elegancia d'esta industria de ramilheteira vem irisada d'um parisienismo artistico que tem de todas as delicadezas da mulher, e ao mesmo tempo transfunde para o ramo a sua *verve* e espirito de franceza, dando á côr, som, alma á corolla, e fazendo volitar de todos aquelles perfumes de flores entrelaçadas, uma especie de canção que muita vez interpreta o estado interior da compradora, e com ella estabelece a mais intima, turbadora e mysteriosa confidencia.

Contraponho agora á gracilidade exotica, japonisante, aljofrada, de toda esta lojasinha visitada pelos dandys, á hora do Baltresqui, e a cuja porta se apeiam dos seus carros, telintando braceletes, as elançadas mulheres do alto tom; a esta lojasinha aonde começam idyllios, e galantarias se permutam, rescendendo verbena e flores de jasmineiro, um buraco de sombra que ha na rua das Portas de Santo Antão, escavado no muro da rampa, em frente á egreja, e a cuja entrada um velho cabaz offerece violetas e rosas, gratuitas quasi, empoleirado n'um banco mais sebento que a consciencia d'um juiz.

Lá dentro, quando a vista se acostuma a discernir na penumbra os objectos, não se veem senão frangalhos e moveis hediondos.

Uma voz geme do canto:

Compra violetas, meu senhor? muito baratas...

A vista procura então o vulto que nos falla, e vê-se uma velha acocorada, meio paralytica, no fundo d'uma cadeira da ilha, estender a mão para a esmolinha.

—Tenha compaixão, meu rico senhor...

Porém as violetas é que realmente inspiram piedade ao transeunte. Quem passa, olha com tristeza as pobresinhas, frescas ainda e já velhas, d'aquella convivencia humilhadora. Parecem ellas dizer—tira-me d'isto!—como Cendrillon dizia

á fada, quando a madrasta lhe dava beliscões. Mas todos passam, ninguem compra; todos lamentam as flores e ninguem se lembra da pobre velha, que é talvez o cadaver d'uma violeta.

XXVIII—Estão as livrarias ainda cheias das novidades para *etrénnes* d'anno bom. Todas as grandes publicações periodicas do mundo dão numeros excepcionaes cobertos de desenhos, versos, historietas, e typos d'impressão completamente luxuosos e originaes. As *Illustrações* francezas, inglezas, hespanholas e allemãs, todas consagram artigos e gravuras allusivas ás festas do Natal e anno novo.

D'entre estas publicações de fino gosto, áparte as hespanholas que sobrelevam d'um brusco humorismo, eminentemente castelhano, destacam as francezas, pela magnificencia da execução ornamental, pela graça e ligeireza espirituosa dos desenhos, dos *encadrements*, das vinhetas iniciaes e terminaes dos paragraphos d'impressão. Nenhum paiz actualmente excede ou rivalisa em perfeição com esta arte franceza, tão sábia e desprendida da rotina, cuja directriz radia por todos os pontos cardeaes da phantasia, sem jámais repetir um promenor, gerar um effeito banal, ou destruir com uma saliencia mais sêcca, com um traço menos luminoso, o confronto harmonico da composição. Os operarios impressores—que quasi se po-

dem chamar uns artistas — auxiliam os desenhistas e os gravadores pela surprehendente execução do seu trabalho officinal. Basta ir ao Ferin vêr as publicações da casa Hachette, que tem ainda hoje o segredo dos jornaes e volumes de viagens, illustrados por Rion, Caran d'Ache, Dick de Lonlay — as edições d'Hetzel, minusculas e ingenuas, consagradas ás creanças e ás familias, com figuras de Rochegrosse e Adrien Marie — os albuns Sthal, que deslumbram a imaginação dos pequerruchos pela narração das mais prodigiosas aventuras de gigantes e fadas côr de rosa — as grandes edições das obras primas litterarias, romances, livros de versos, estudos d'arte, da casa Marpon, Flammarion, cujas estampas a phototypia e chromolythographia sobre aguarellas e nankins de Santiago Arcos e Eugenio Corboin, são um verdadeiro assombro de justeza e *ultra-chic*.

Em Portugal, rarissimos os livros illustrados por artistas portuguezes, e esses raros, detestaveis.

Para se fazer ideia da *verve* e interpretação critica que os desenhistas portuguezes sabem dar ao texto litterario que são chamados a traduzir pelo lapis, em rapidas scenas pictorescas, é lançar os olhos para os nossos jardins illustrados.

Não se imagina nada de mais chato e odiosamente lambido, do que a bonecagem insonsa e ridicula de que elles cobrem paginas e paginas, sem uma sentelha, sem um traço d'espirito... A mesma gravura em madeira é entre nós uma

arte rudimentar, de que o publico desvia os olhos, como d'uma selvageria offensiva dos bons costumes. E assim vamos, e nenhum artista inicia esta feição d'arte, tão sympathica, d'illustrador!

XXIX—Parlamento.

Na ordem do dia, Alves da Fonseca confundiu os tachygraphos pela verborragia olympica da mais bem elaborada falla que em meu tempo o codigo commercial haja merecido a um advogado. A Baptista cahia-lhe o queixo d'assombro, e Guilherme d'Abreu, o ouvidor-mór de Paredes, por todos os lados o mirava, n'um vago ar de socego, como a doninha da fabula admirando *em artista* um formoso *bull-dog* de fayança. E o Alves perorava, com exhuberancia d'acenos typicos, achando tudo palpavel, palpavel isto, palpavel aquilo... e ora elevava os punhos cerrados á altura das orelhas, como dois busios, ora pondo as mãos em beniterio, rente da bocca, dir-se-hia querer dar de beber aos adversarios, n'um chafariz d'eloquencia. Porque a possue como nenhum outro, o lacrimejante arengador, e com a respectiva bóssa, figurada n'uma rosca de carne, que á guiza de capello lhe extravasa do collarinho, anafadamente.

Quando elle entra na sala, já a galeria percebe se acaso tenciona botar pedaços d'oiro. Porque a bóssa vem torgida, erysipellatosa, luzidia. E isto dá tempo a uma pessoa se pôr ao fresco, antes

que ella rebente. Ao começar o discurso, a bóssa, em movimentos peristalticos, como um intestino do genio, toda ella se estorce, e impanturra, e ingurgita... depois do que, entra a perder a sua vermelhidão inflammatoria, á medida que os projectos de lei vão sendo escalpellisados, a fazer-se flacida, a roncar demosthenicamente os ultimos gazes... até que por fim, esvasiada, reentra na pelle, com aplauso geral da assembléa e do collarinho, coitado, que já não tinha gomma para espécar tamanho peso.

XXX—Na exposição industrial, secção das escolas femininas, trabalham á vista do espectador tres discipulas da escola de Peniche. Tres rendeirinhas em bancos altos de madeira, tendo na frente a almofada redonda, sobre cavalete adequado.

N'esta almofada, pregado o desenho a seguir na tessitura, e dezenas e dezenas de bilros pendem, em grandes molhos, tendo a linha enrolada n'uma das extremidades.

A renda vae-se applicando ao desenho por meio d'alfinetes que fazem pontos d'apoio, de roda dos quaes os bilros giram, bordando os arabescos, os florões, os microscopicos desenhos, com uma ligeireza de fazer vertingens a quem olha.

A destreza que estas operarias desenvolvem no entretecer d'aquellas tenuissimas phantasias, é notavel: e no jogo dos dedos, os centos de bilros

dançam, giram, turbilhonam, indo e vindo, tocados de pequeninos piparotes, taes como os daria um gatinho gaiato, n'uma bola de papel com que brincasse. Mesmo a postura d'ellas é graciosa, curvadas sobre a almofada do feitio d'um grande regalo, e seguindo com solicitudes artisticas, preoccupações d'esthetica, o encantado trabalho que as estanca, e lhes tira a vista aos trinta annos d'edade, e nem sequer ás vezes lhes dá o estipendio modesto de que necessitam para sustentar-se.

Ellas são tres, as rendeiras que trabalham na exposição. Duas mulheres, Bemvinda, e Georgina, uma loira picante d'olhos pallidos, fresca e senhoril, cuja pequena bocca, espremida em morango vermelho, parece dizer bastantes coisas ácerca da aspiração das mulheres bonitas que ganham dois tostões por dia no trabalho, e teem na phantasia, em nucleo ainda, um rol de despezas para mais de seis libras quotidianas. E entre as duas mulheres, uma creança de sete annos, loira tambem, de grandes olhos, carita original que meche e se espevita, o queixo breve, a bocca em flexa, o nariz um pouco grosso de narinas... Divina cabecita d'ave e cherubim, agitadiça e vivida, debicando por tudo, olhando, reparando em tudo, fazendo caretas a tudo, sorrindo a tudo! e em cujos pipios, meneios, vivacidades, ha reminiscencias do ceu e do ninho fôfo de pintasilgos d'onde ella com toda a certeza debandou. Nome: Maria Angelica Capellas. Levem-lhe bolos.

Aos tres annos já começara a fazer renda. E a rapidez do seu jogo, a perfeição e a brancura das suas mãositas gordas, cheias de covinhas, rosadas nos dedos, põem de roda do estrado, mais que a belleza de Georgina e a habilidade de Bemvinda, um circulo d'extaticos, senhoras e homens, deliciados na imprevista petulancia da graciosa creatura. Fechada, a boquinha d'ella é encantadora, com cantinhos de sombra na commissura dos beiços, bocca que pensa, e a que o trabalho aspero, tão cedo deu já uma prégasinha d'amargura. Façam-n'a rir: fica horrorosa! Não tem dentes na frente, está na muda, e tem-se então deante a mais engraçada e a mais estranha figurinha de velha que seria possivel caricaturar.

A trabalhar, os seus movimentos de cabeça acompanham, vibrando, a estranha gymnastica dos dedos, e a bocca meche, conversa, a recordar comsigo mesma o quer que seja que deve ser mui grave.—Mas ahi apparece uma senhora com duas creancitas.

Maria Angelica ergue logo o biquinho rosado de cima da almofada, corre-as co'a vista rapida e incisiva—as visitantes estacam deante da almofada em que ella trabalha—e n'um phrenesi, os dedos da pequena batem os bilros com precoces nervosismos, birras, vaidades... Os bilros dão o estado impressionavel do seu pequenino coração de melharuco, azul e ouro, alli captivo.

Evidentemente aquellas duas pequenas que a

senhora traz, fazem-lhe sombra. Os seus chapéos de telha preoccupam-na. Os vestidos de seda fazem-na olhar com melancholia para o seu bibe de linho e o seu vestidinho preto e sem guarnições.

Lá começa a erguer timidamente os olhos para as duas rivaes, embonecadas, a encaral-as n'um rapido olhar que bate palpebras receosas, e depois gira, e volta, e foge, e balbucia, querendo parecer indifferente e não podendo, querendo parecer altiva e humilhando-se — mas aquillo não póde continuar, não póde! Maria Angelica está phrenetica, vibrante — e sempre as duas princezinhas alli postadas, a vêl-a trabalhar, como uma macaca sábia que diverte a galeria! Então a sua natureza plebea ergue a cabeça, o orgulho fal-a radiante, toda essa cabecinha loira se illumina de malicia; e espreitando o momento em que Bemvinda se curva a pregar na almofada um alfinete, e em que Georgina dá explicações é senhora sobre a maneira de mover os bilros da almofada, Maria Angelica fita com sobrecenho as duas pequenas, franze o focinhinho rozeo de gata, e bruscamente vinga-se da *toilette* das duas bonecas, fazendo-lhes uma carantonha horrorosa, uma carantonha mephistophelica, uma carantonha inteiramente inedita e extraordinaria, na qual ressumbra toda uma indole livre de plebea, e toda uma audacia cruel de penicheira.

CAPITULO IV

EM ABRIL

—

Summario

Primavera: as *Prosas Simples* e papel salutar dos livros castos — *Abbadia dos desilludidos*, dialogo com o irmão esfregador — As recepções do palacio, esforços de SS. MM. para se tornarem populares — Fontes poeta, e Demosthenes photographo — Berundangas que a gente come. — *D. Affonso VI*, João da Camara, no theatro de D. Maria — Tunos e gatunos, aviso ás associações academicas do paiz — As galeotas reaes, pequeno esquisso — Um clarim d'artilharia desgraçado — Lyceus de mulheres; mais enfermeiras e menos doutoras! — O novo ministro de Portugal em Paris — A *Rosa d'Oiro* e o marquez... introductor.

EM ABRIL

I—Emfim! vejo no espelho a minha face d'anemico, menos pallida esta manhã. Tenho uma grande *corbeille* de rosas sobre a minha meza de trabalho.

É muito cedo ainda, e da agua-furtada em que moro, com o rio deante, o ceu por cima, e lá em baixo as arvores bem tratadas d'um parque—tudo se me afigura cortado em pedras preciosas, das mais finas, das que eu mais gosto; saphira para as aguas e para os ceus, esmeraldas e amethistas para as folhas. Ser feliz é, no fim de contas, tão barato!

Que em nós refloresça uma sombrasinha, tenue que seja, de saude, e a narina surprehenda no ar erraticos perfumes d'um lilazeiro florido, e os olhos vejam de longe a palpitação de duas pombas que vão passando além, por sobre o cocuruto d'aquelles eucaliptus—logo a nossa alma regorgita em canticos e bençãos, e nos colloca ante os olhos, para a contemplação de todas as coisas, as mais aridas, as mais torvas, uma tenuissima gaze côr de rosa que lhes aligeira as difficuldades, e parece lhes tira as arestas contundentes.

Flores e sol por toda a parte! Chega o instante d'espanejar á luz da primavera a borboleta da alegria, tão doirada, que todos temos no coração.

Instante delicioso, instante magico, em que se entra a ter saudades do campo e dos ligeiros estofos pintalgados com salpicos d'aguarella, em que a reminiscencia volta os olhos, nostalgica, para idyllios que teve, e a mocidade alonga a vista avidamente para os idyllios que hade ter. E toca a illuminar na phantasia, pequeninas comedias familiares, ridentes projectos que tenham por desenlace o casamento; doces paysagens impregnadas d'intenções amanteticas, symphonias d'esperança, galopes, gargalhadas... hop! hop!

—Na ideia d'este loiro ha uma trigueira adoravel, vestida de claro, que penteada de fresco, antes d'almoço, ajusta deante do espelho um grande chapeu de palha, com seu molho de geraneos á banda, derrubando a aba em que volita um colibri. Na ideia d'aquelle moreno, uma loira chega ao terraço da quinta, preguiçosa, a vêl-o passar a cavallo, na vereda asphixiada entre flores de giesta e carapeto... Idyllios começados nos bailes d'inverno, lá debandam para o remanso das quintas, a beber pelo mesmo copo, á meza rustica dos picnics.

Eis o luar das noites abrilinas, idealmente limpido, que faz palpitar o ceu d'azul ferrete, e illumina o mar com tremulinas de luz incompara-

vel. Bisonhos rouxinoes que fazeis ninho no pincaro das faias, á beira do rio, vinde cantar, Massinis transcendentes, o *salve dimora* mavioso ás Margaridas que desmaiam d'amor entre os tufos das madresilvas e balseiras!

Não intervirá no idyllio d'esta vez o vermelho Mephistopheles da legenda, gargalhando sarcasmos ao gemer da guitarra seductora.

A primavera simplificou os processos de seducção, com o seu exemplo de noiva fecunda, e sob o governo d'ella, o amor, longe de ser peccado, é virtude—e que virtude! Demais Margarida tem uma biblia nas mãos brancas de camelia, biblia d'amor galante e christianismo, que lhe ensina a amar sem remorsos e a ir ás entrevistas sem pezadellos nem fremitos. Evangelho d'um poeta que não precisou forçar a expansão do seu talento para ferir fundo, em duas paginas, tres paginas, cinco paginas quando muito, a delicia d'uma emoção mysteriosa, tão intima, que n'este fim de litteratura banal ou apodrecida ella quasi se assemelha a uma volta de crenças e a um doce balbuciar de reconstrucções saluberrimas, no sentido da religião e da familia.

Fallo das *Prosas Simples,* do sr. Guilherme Gama, moço portuense que eu não conheço, e deante do qual tiro commovidamente o meu chapeu, pela bella acção que acaba de praticar com o seu volume.

Verdade, verdade, a gente começava a estar farto de narradores pessimistas e desencantados.

Reflectida de França, a litteratura dos nossos contistas além d'enfadonha, era suja. Sob pretextos d'um inquerito á verdade, sob a pretenção fallaciosa de fazerem *real* e irem vivissecando a sociedade no mais hypertrophico das suas visceras, no mais contaminado das suas podridões, no mais pavoroso e inexplicavel das suas metastases, elles traziam a campo monstruosidades, excessos, phantasias, calumnias, que a maior parte das vezes nos forçavam a desviar a vista com asco do volume que iamos compulsando.

Nunca em Portugal abundaram narradores com o genio da intriga dramatica, prevendo o minuto em que o espirito do leitor carece do desenlance, e sabendo graduar n'esse espirito o interesse, n'um progressivo *crescendo* d'impressão. Habitualmente, o narrador vae ao acaso, entrelaçando os episodios sem criterio intencional, mais por espirito anedoctico do que por necessidade de justificar os personagens atravez acções e atavismos caracteristicos do temperamento que mirava stenographar.

O que nos nossos contistas falta d'observação paciente, espirito critico, e visualidade de psychologia interior, supre-o uma imaginativa incongruente e mal educada, uma exploração de humorismo sem espirito nem sarcasmo, e effeitos scenicos cuja barafunda desloca o enredo, prejudica a

limpidez do quadro, desgostando o leitor e compromettendo a reputação do illuminista.

N'estes ultimos tempos os contistas portuguezes reduziram o conto a proporções episodicas de ligeirissimo alcance. Ha uns que o cifram n'um descriptivo frio, pinturilado com adjectivações estridentes, occasionaes, desconnexas, que rimam umas com as outras, e vão formando no periodo interminaveis deixas cacafonicas.

Ha outros que cifram a intenção do seu trabalho no efabular tropical d'uma anedocta, que seria muito mais fulminante d'effeito caso fosse escripta nas quatro linhas laconicas das *Nouvelles á la main* do *Voltaire* ou do *Gil Blas.*

Vem depois os saciados, contando as perversões do amor moderno, com o ouvido nas prosas musicaes de Catulle Mendes. E logo apoz os anodynos, que compõe romancinhos e pastoraes para as senhoras da aristocracia e da finança, coisas simples, *pschuttosas,* cheirando bem, mas pouco mordazes, pouco profundas, pouco violentas, que não fazem pensar, nem fazem rir; historias para pintar em quadrinhos dissolventes, com *toilettes* bem descriptas e interiores bem japonisados; por fórma que a senhora duqueza exclame em cumprimento:

—Ah, fez-me tão bem, o seu volume! Bastou-me ler só metade—é muito bonito!—dormi a noite que não faz ideia.

Em todos aquelles artistas ha um deboche d'estylo e colorido que além d'espavorir os grandes mitrados da escola antiga, enche de spasmos o espirito credulo das multidões.

Quanto a modelos, Balsac não faz escola n'estes *ateliers* do mediocre. Longe a longe, anda elle citado com as nebulosidades e assombros d'um continente de lenda. Mas o sr. Armand Silvestre, *cher maitre!* mas o sr. René Mezeroy, mas o amigo Richard O'Monron, mas Pedro Garcia, mas Catulle Mendes, Aurelien Scholl... oh, esses chronistas dos *entresols* do bairro Breda, sim senhor! os nossos rapazes deliram por seguir-lhes as pisadas, enramar-lhes os pedestaes das estatuas, accender-lhes cirios, e entoar-lhes ladainhas!

Sómente elles não contam a desculpar-lhes as impudencias, o delicioso estylo delicado, fluido, mordente, rythmado, siflante, faiscante, admiravel, d'aquelles viciosos pagãos francezes, nevrosados de civilisação, corruptos d'arte, vasios de senso moral, que todos os dias collaboram, coroados de rosas, na grande e futura queda ignominosa de Paris.

Abri as *Prosas Simples,* confesso, encolhendo os hombros a mais um dominó sensaborão, que viesse intrigar-me ao meu canto de misantropo, n'este desmanchar de baile de mascaras litterario.

—A primeira historieta é bonita, dizia eu no fim de a ler; é bonita, muito bonita mesmo...

Esta tinta pallida e lavada do estylo diz preciosamente co'a simpleza ingenua do assumpto.

A paysagem põe apenas uma mancha no fundo, quatro linhas d'um vago que permitte aos leitores reconstruir o que lhe falta, ao sabor da sua escola de pintura; e a espaços fecha os paragraphos um ritornello de ballada, exiguo, encantador, como um motivo que os violinos repetissem, n'um balanço de valsa melancholica.

Vamos nós agora a vêr outro capitulo. Provavelmente não presta. *Mestre-escola.* — Ridiculo titulo! Puh!

Mas á medida que lia, eu confirmava as qualidades que primeiro fixára de memoria, como inherentes ao talento juvenil de Guilherme Gama. Não! Este pincel é o d'um artista educado, que bem conhece o valor das tintas, e a sciencia das proporções e dos planos estheticos na composição. *A primeira missa,* por exemplo. Na arte das transições, sem queda de nobreza no tom geral da narração, na arte das *nuances,* sem desmaio d'interesse para o espectador — escolhos terriveis onde os inexperientes naufragam — revela este inexperiente uma flexibilidade, uma graça, uma ligeireza, uma frescura, que eu não hesito d'enfileirar entre as aptidões d'um verdadeiro artista, e entre as conquistas mais brilhantes de que póde orgulhar-se um debutante.

Congratulemo-nos: ha finalmente um livro novo, escripto em portuguez, que a gente póde

mandar ás nossas irmãs e ás nossas noivas,—livro sem banalidade, sem preoccupações, sem torpeza—especie de relicario em que se vê brilhar a serena chamma d'um espirito limpido, casto, poetico, sonhador—e em cujo ambito reboam murmurios de crenças intimas e religiões domesticas e recatadas.

V—Está correndo os jornaes uma noticia que é agora o motivo obrigado de todas as chacotas, e que filha d'uma blague de periodistas sem assumpto, se tem vindo successivamente a transformar em aspiração de contemporaneos descontentes.

Já por certo ouviram fallar nos *desilludidos,* seita lançada por oito gozadores repêzos da vida social, anciosos todos por encontrar na paz d'um claustro laico—meio asylo Maria Pia, meio hotel Braganza—a dieta que convém a estomagos perdidos, e a contemplação que meio-encubra o emparvecer de cerebros liquidados.

Esta sociedade de moços da vida juntando-se para carpir o passado, e fazer penitencia de poucas vergonhas que não voltam, junge na mesma regra de reclusão, pessoas de jerarchias, fortunas e crenças as mais varias, abrindo as portas a todas aquellas que por sua individuação fujam ao commum, e que por sua fortuna ou historia pregressa d'alguma fórma possam trazer á *ordem,* elementos

de conforto, de seducção intellectiva, ou mero cavaco, que lhe refranjam lá dentro, um pouco, no explendor dos seus restos, a imagem d'esse mundo de que ella préga a peccaminosa estructura, e a dicaz contagiosidade. Mau grado a mascara d'arrependimento, e os propositos, como se vê cenobiticos da grei nova, não se dispensa ella de levar para as celas da sua Trappe, habitos mundanos detestados, e restos d'opulencia ditos inuteis, a ponto de haver esgrimistas e antigos amorosos que só se inscreveriam sob a condição formal de os deixarem jogar as armas e de lhes ser concedido um trinco para as galantarias nocturnas, eventuaes, e de grande numero d'outros pedir para levarem comsigo estados de creadagem e trem de casa, que seriam a negação da humildade e simpleza que julgo devam ser lei n'estas aggremiações de puros fetichistas do nirvana. Em termos que apurados para entrar no claustro, despidos de todos os apparatos mundanos, e prestes a renderem culto a uma vida simples de cartucha, repartida entre os livros, e o cultivo das flores e das beterrabas, a nova seita dos *desilludidos* apenas por ora conta oito mariolas, todos do *Turf* e adjacencias — gastando-se os mais por emquanto a rabiar sobre a melhor maneira de fazer cenobios sem deixar de todo a rua, de commetter a abstinencia sem pôr ponto final na indigestão, e de fazer emfim voto de pobreza, sem deixar de dormir entre brocados, comer em porcellanas da

China, e ter um creado de calção e luva brança p'ra lhes flagellar os rins, c'os prégos do cilicio.

Está uma pessoa a vêr na serra de Monsanto o mosteirinho dos pandegos convertidos, com a igrejota de humildes campanarios, o alpendre, e a cêrca—por cuja porta o irmão leiteiro (que se chamou no mundo Alberto Pimentel) faz entrar as vaccas do pascigo. Por cima do muro, os gumes dos cyprestes teriam o ar de cortar na casaca da communidade, e nos caramancheis onde as aboboras córam, como publicações da Academia que a posteridade insiste em não tornar maduras, melancholicos como o Neves do *Banco do Povo* diriam seus mundanos remorsos a toda-a-vida-austeros, como o Lopo Vaz. Depois n'uma das serventias do claustro o Cecilio passaria com dois baldes d'agua suja, os calcanhares de varina chinellando, e dois tasgalhos de brôa a lhe sahirem da taleiga d'esmolas, feita d'um barrete frigio atado á cintura com dois barbantes.

—Podeis-me informar, irmão, se frei Cyrillo que para esta casa veio depois do seu famoso desastre fazendario, se achará em estado de receber esta capa, que do seu espolio mundano ninguem quiz?

Frei Cecilio salpicando c'os baldes um longo espaço das lageas do claustro, dirá que o procurado vestiu a samarra da penitencia, ora preoccupado de só fazer subir os fundos da sua conscien-

cia de peccador para as alturas, onde o Omnipotente, etc., etc. E quanto á capa, em tormentos vivam fóra do mosteiro os topa-a-tudos que ella enriqueceu; e melhor é que ella não torne aos hombros de frei Cyrillo, que assim podia rescindir e engeitar a communidade.

—E vós, meu irmão, porque vos recolhesteis tambem da faina jacobina?

—A republica começava a tardar-me tanto como a barba, e d'ahi como o jornal não dava lucros, vinham-me figadeiras incompativeis com o proprio Theophilo. Comecei então a receiar pela velhice, resignando-me alfim a restringir a minha vida d'inquerito só intra-muros d'este cenobio, onde inda assim acho labuta superior ás minhas forças. Vêdes os baldes?

—Teem agua suja.

—Vão hi delidas as vidinhas de muitos illustres professos do convento. Só estes baldes quantos numeros não dariam da *Folha do Povo!*

—E é muito severa a regra d'esta casa?

—Severa como a dos primitivos mosteiros da christandade. Entrae no refeitorio, é a hora do rancho. Lá ouvireis quanto custa a peccadores purificar a alma para as nupcias mysticas do Cordeiro.

—Nupcias do... É então certo que esse tal Luciano, sobre geographo, seja... bigamo.

—Ah! desculpae-me! O cordeiro a que alludo é o da Paschoa, o divino.

—E o refeitorio?

—Ide com Deus, que me vou fazer uma barrela a frei Navarro...

VIII—Mais tranquillo o espirito publico, e como que repousado das coleras partidarias em que parecera escabujar durante os primeiros mezes do anno findo, eil-o prestes a acceder ás sollicitações que todos os dias as magestades lhe estão fazendo, por conduzil-o á subserviencia d'outr'ora, tão cara ás corrupções e intrigalhas de que vivem, nas ante-camaras do paço, as camarilhas.

SS. MM., a julgar pelo que os jornaes referem, e eu tenho visto, começam a querer deitar outra vez os bracinhos de fóra, e a explorar os successos por fórma a se fazerem nas attenções da cidade, um logar de honra. Ellas qual mais a cavallo nos sitios concorridos. Indo com ar meditativo aos templos e aos asylos. Fingindo achar graça ás peças originaes, e não ter mãos a medir para corresponder ás saudações.

De generalissimos, d'almirantes, á militar e á futrica, com sogra e sem sogra, com meninos e sem meninos: uma lufa-lufa d'escamoteações emfim ao applauso, tão insistente e tão furiosa, que é difficil encontrar-se pelos theatrinhos de povo e cafés de *camareras, cabotins* que se lhes assemelhe em presteza de trucs e giria de processos.

Infelizmente nada se cria de novo sobre a terra,

de sorte que a *bem conhecida* sollicitude dos reis pelas venturas do povo, a sua proverbial familiaridade com os problemas e inventos scientificos da epocha, as suas felicitações calorosas aos artistas, as suas commiserações perante a miseria dos hospitaes, as suas palavras de concordia aos provedores dos asylos, na presença da garotada reunida á meza do lunch... tudo isto que os jornaes monarchicos expõem ao povo, em vitrines de louvores, por mais voltas que o localista lhe dê, não passa afinal d'uma mercearia de restos, banal, sem arte, phyllantropica sem vibratilidade d'alma, e mesquinha e comica como o intuito gafado que a fomenta. SS. MM. além de não parecerem ter sido educadas para monarchas, tão pouco dispõem do que eu chamarei a physionomia do officio, por fórma que sobre não terem, nas differentes occasiões em que se mostram, piso scenico, inda por cima compromettem o seu papel, mostrando nas caras uma atrapalhação e um enfado que são depois cá fóra o pratinho jocoso da geral.

Vae o sr. D. Carlos, uma comparação, de carruagem. Queiram reparar-lhe na attitude: espapaçado nas almofadas, com a barriga ao sol, e a papada do queixo estravasando-lhe sobre a farda, S. M. antes parece um paralytico beiçudo, do que um rei.

De todos os destrictos do senhor seu corpo, o unico que n'aquelle trajecto meche, é o braço direito, que vae n'uma epilepsia de cumprimentos,

da perna ao kepi, e do kepi á perna, como se todo o mundo estivesse parado na rua a fazer-lhe rapapés. Ora é precisamente este braço que realmente tem pouco a fazer, quando S. M. passeia, a ponto de, fóra dos dias d'assignatura, elle poder substituir-se com vantagem, por um gancho. Em verdade, attentar na vertigem com que S. M. se desbarreta na rua, ficando todos de chapeu na cabeça, quasi se desconfia que o sr. D. Carlos, por uma divergencia qualquer nos centros opticos, veja quintuplo as saudações que lhe dirigem. A não ser que o excelso principe, por um rigor de respeito á hierarchia do seu posto, haja deliberado ir-se cortejando constantemente a si proprio — caso este em que eu proporia então, para evitar fadigas a V. M., se lhe adaptasse ao chapeu um machinismo adquado, que lh'o tirasse e pozesse, de dois em dois minutos.

A ultima recepção do paço d'Ajuda, que o sr. D. Carlos executou de pé, entre as duas rainhas, deu completamente aos ingenuos a medida dos recursos e fórmulas consagradas n'este genero de solemnidades realengas. Tinha-se dado ordem para que a cerimonia fosse excepcionalmente luzida, e abrangesse o maior numero possivel d'elementos novos, recrutados no exercito e na marinha, entre o pessoal politico das ultimas remontas e o pessoal burocratico das ultimas nomeações e transferencias.

Á hora stricta, estando já as magestades em

lausperenne sobre o throno, e as camarilhas d'aulicos e intimos postadas no seu logar, reconheceu-se que a bicha a fazer desfilar por deante dos reis não podia dizer com os reclames feitas á recepção, d'onde uma ordem do mestre de ceremonias da côrte, cá baixo, ao chefe dos archeiros, a que vestisse de ministros d'estado, de generaes, moços fidalgos, etc. todos quantos *badauds* fossem apanhados no largo, sem destino. Executada a ordem, reconhece-se ainda falta de figurantes, e foi a vez de se fazer sahir das cosinhas todo o pessoal de *marmitons*. Mas já se tinham acabado no guardo-roupa do paço, os trajos ricos, de sorte que houve mistér fazer entrar a comparsaria, d'avental e barrete branco, na sala do throno, pondo-a no cortejo entre os bombeiros d'Ajuda e a associação dos moços de forcado, que como se sabe todos são grandes... do reino.

«O golpe de vista da sala, n'esse momento historico, era, escreve o sr. Ramalho Ortigão para o Brazil, admiravel, divino!» Por expressa vontade da rainha viuva, o throno não tinha velas. As duas rainhas estendiam as mãos ao beijo chuchurubiado que as differentes boccas da bicha lhes iam dando, o que as parecia deleitar supinamente. Notou-se que S. M. o rei se não deixava beijar nos seus reaes appendices, e em toda a cerimonia os mantivesse pudicamente atraz das costas. Posso informar os leitores de que esta attitude foi mais excesso de democracia, do que falta de limpeza.

Porquanto, já lá vae o tempo em que D. João VI purificava as mãos, raspando-as com um canivetinho de calos, molhado em cuspo.

IX — Chegado d'Elvas, desembarcou em Lisboa o sr. coronel Fontes Pereira de Mello, que vae commandar em Chaves, cavallaria 6.

Como *remember* a Elvas, publicou S. Ex.ª n'um jornal da cidade, uma composição lyrica de grande lastima e melancholia, onde atravez cópia d'imagens e adeuzes, brilha esta quadra:

Do Norte ao Sul, do Oriente ao Occidente,
Nos páramos da sorte triste ou bella,
Ou entre as festas e luxo do Oriente
Serás oh Elvas, da minha vida a estrella...

Pois emquanto os coroneis de cavallaria se fazem poetas, fez-se photographo, Demosthenes. Como tudo isto está mudado!

O celebre casuista antigo, que atravessou incolume, não sei como, as edades da historia, até nossos dias, tira agora retratos n'um segundo andar do bairro da Estrella, e annuncia no *Diario de Noticias* precisar d'um rapaz para lhe trazer a machina pelas ruas. Deus permitta que o exemplo d'esta conversão d'um orador estrangeiro á photographia, seja imitado por outros, nacionaes, de cuja verborrhagia sorna estamos fartos. Demos-

thenes, photographo em Lisboa: Catão, barbeiro em Coimbra: Augusto, cantor na Trindade: Pompeu, retrozeiro na rua da Prata: Horacio, medico de partido: Cornelio, tabellião... mas isto lembra uma antiguidade drolatica á Caran d'Ache, e faz-nos scismar sobre que reproducções baratas cahirão d'aqui a seiscentos annos as grandes figuras da nossa galeria contemporanea, desde José Luciano, até ao vencido da vida Soveral.

X — *O que se come em Paris* (tanto monta dizer, o que se come em Lisboa) é o titulo d'um volume que a *Bibliotheque scientifique universelle,* expôz á venda, assignado por Pierre Delcourt.

Acabei hoje de ler este livreco, e d'elle sahi com a impressão d'espanto e de pavor com que em geral se deixa a leitura d'um diccionario de medicina, isto é, tateando o pulso, desconfiado d'uma lezão cardiaca, e diagnosticando em nós mesmos a enfermidade cuja descripção se acaba de ler.

O trabalho de Delcourt demonstra á evidencia que o que mesmo nas mezas mais regaladas se come, é michorfado, transformado, falsificado, sem consciencia nem fé, pelos commerciantes de substancias alimenticias. O pão por exemplo, poucas vezes é verdadeiro pão, a carne verdadeira carne, os legumes verdadeiros legumes — e quanto ao vinho, não passa d'um composto chimico mais ou

menos engenhoso, mas sem uva, ou com muito pouca uva pelo menos. «Fica uma pessoa estupefacta, diz elle, perante a habilidade dos chimicos, e os cabellos eriçam-se se pensarmos no que virão a comer os nossos netos, dado que as falsificações progridam no passo em que actualmente as sentimos galopar». Delcourt restringe a área das suas accusações apenas aos artigos mais communs d'alimentação e gasto domestico, unicos que interessam á massa geral dos consumidores. De todas as substancias alimentares, a carne de porco é a mais odiosamente falsificada.

Os salchicheiros, talvez os amigos não saibam, são uns pharmacocos maravilhosos, uns manipuladores excepcionaes de berundangas.

Em Paris, d'uma vez, entra uma commissão de hygiene no estabelecimento d'um d'esses homemsinhos.

—Ora diga-me, para onde deita o senhor os residuos? Não ha no seu estabelecimento, nem rastro sequer de detrictos resultantes das preparações da carne de porco.

—Residuos! faz o salchicheiro estupefacto. É coisa que não temos cá.

—Ora essa!

—Em salchicharia nada se perde, e tudo se aproveita. A mesma serradura de madeira, sobre a qual se expõe a carne á venda, em grandes caixões inclinados, té essa mesma serve para dar corpo á obra das salchichas. E, dizia o industrial,

ainda eu procedo honestamente, pois podia falsificar tambem a serradura.

Lembram-se d'aquella anedocta d'Alphonse Karr, nas *Guêpes*. Um mercieiro entrou a misturar chicoria no café que vendia; a chicoria porém sahia-lhe pela hora da morte, e vae o homemzinho, em vez d'ella, já por fim juntava terra preta ao café moido. Como o publico tolerasse a falcatrua, o mercieiro entrou a pensar na maneira d'ainda fazer mais economias, e acabou por furtar no pezo, dizendo comsigo que não era lá grande negocio vender terra, pelo preço do café. E não era!

O que mais espanta, é como os industriaes ganham dinheiro com falsificações muita vez complicadas e custosas. O dr. Tripier passou dois annos da sua vida a inventar uma coisa que tivesse todas as propriedades do vinho, sabor, perfume, riqueza alcoolica e transparencia, mas onde não entrasse nem um só bago d'uva. E conseguiu, dizel-o devo, o seu intento. Certa manhã appareceu em casa de Pasteur com uma garrafa da droga. Era excellente, e illudiria, confesso, o provador mais experimentado! Porém cada garrafa custava ao falsificador dois luizes. Ora, por semelhante preço, era muito melhor beber *Chambertin* do authentico. E Tripier que parecia tão envaidecido da sua descoberta!...

Onde os falsificadores são admiraveis, é na arte

d'aproveitar os sobejos, condimentando-os á feição do gosto publico, sob uma fórma artistica e saborosa. Vae em 12 annos fundou-se em Paris uma sociedade de padeiros, tendo em projecto o fabrico do pão por um systema aperfeiçoado. Esta sociedade comprou á administração militar o *stock* da bolacha de campanha, armazenada havia quinze annos nos armazens de viveres do exercito, e ao mesmo tempo adquiria a preços infimos todas as farinhas avariadas que poude achar pelos depositos e fabricas de moagens da França e do estrangeiro.

Uma vez terminadas estas grandes provisões, a sociedade fez moer a bolacha velha, misturando-lhe a farinha avariada, e tendo conseguido o fornecimento para um grande corpo do exercito, desatou a fazer comer aos soldados o pão proveniente da amassaria d'aquella infamissima misturada. Seis mezes depois, os soldados morriam de febres typhoides, como macacos.

A administração militar, estupefacta, procedeu immediatamente a indagações. Analysou o pão, e chegando a apurar-se a verdade, retirou sem ruido os previlegios que dera á pouco escrupulosa sociedade. Era uma perda de dezeseis milhões de francos! Um societario teve porém n'essa hora critica uma ideia, que salvou os mais, e fez reverter á caixa da quadrilha os dezeseis milhões compromettidos. Essa ideia... pouco tempo depois a *Agencia Havas* informava os seus correspondentes

de que o exercito turco estava sendo dizimado violentamente pelo typho...

Cuidam que não se podem fabricar legumes frescos? Vão perguntal-o aos nossos conserveiros.

Agarra-se por exemplo em feijões seccos, mettem-se n'agua, com as vagens, e ali se deixam fermentar ligeiramente. Os feijões incham, tornam-se molles. Coram-se então com alguns dos verdes extrahidos da hulha, e a fermentação terminada, mergulha-se o producto n'uma solução alcalina.

A mostarda que vocês põem no *beef* em sangue, meus amigos, póde muito bem vir de Dijon, mas desconfiem; ás vezes, d'onde ella procede, é dos sinapismos servidos nos hospitaes.

Quanto ás ervilhas verdes, tem graça!...

Agarram os industriaes em ervilhas seccas, mergulham-nas em cinabrio e urina fresca, dão-lhes uma fervura em seguida, e está prompto!

O Sena, perto do collector de Saint-Ouen, é escumado por meio de grandes apparelhos que estão trabalhando noite e dia.

Uma sociedade arrematou ha tempo essas escumas, afim d'extrahir d'ellas a margarina com que se falsifica a manteiga que nós comemos.

Ainda se fosse a manteiga que nós... damos!

XV—Em D. Maria tivemos o drama historico *D. Affonso VI,* cinco actos, verso, por D. João da

Camara, da casa dos Zarcos da Camara, e irmão do actual marquez da Ribeira.

É o primeiro trabalho de folego d'um artista apaixonado pela sua obra, e magnificamente disposto para a carreira dramatica. Não ha remedio senão descrever rapidamente o drama, e ao fazel-o, presupponho conhecem a historia do infeliz e invalido rei que cedeu throno e mulher a um irmão, depois Pedro I, por se ter provado juridica e medicamente que lhe faltava aquillo que faz os thalamos fecundos, as esposas fieis, e os monarchas respeitados, quando mais não seja... como homens.

Ao subir o panno para o primeiro acto, a scena representa um pequeno largo d'arrabalde lisboeta: ao fundo muros de jardim, por cima dos quaes bracejam arvores, destacando-se n'um ceu de luar nevoento; dos lados, casas de modesta apparencia, gelosiadas e gradeadas ao sabor do tempo. A da esquerda, um *paraiso* aonde o rei vae encontrar de noite a Calcanhares, sua amante, tem á esquina um nicho de santo, por deante do qual bruxolêa uma lanterna. A da direita é uma taberna, aberta ainda a essa hora, e aonde uma especie de espadachim de viella, Simão Peres, mendigo-cavalheiro, assassino á consignação de quem lhe paga, está beberricando e jogando motetes, ao taberneiro, que por signal tem uma filha bonita, que o rei costuma beliscar no queixo quando por alli cruza com a arrecua de devassos que o acompanha.

Depois d'um dialogo em que se esboça a infamia chocarreira e cynica de Simão Peres, a ingenua candura da rapariga, e a resistencia do taberneiro em fiar mais vinho ao espadachim, entra n'uma liteira a Calcanhares, acompanhada a pé pelo Braz, um idiota coxo e disforme, que é o tractador dos cães do paço, e que D. Affonso VI frequentes vezes emprega em missões de confiança. Scena entre a Calcanhares e Simão Peres, na qual este a requesta brutalmente, pedindo-lhe um numero d'inscripção na fiada de fidalgos e plebeus com quem a prostituta costuma partilhar o leito. A Calcanhares acha graça ao rufião, e atira-lhe a bolsa, entrando com Braz na casa onde o rei deve esperal-a.

N'isto o tinir d'esporas e o telintar d'espadas de muitos cavalleiros que se approximam. O taberneiro espreita. São as gentes do infante! Apagam-se as luzes da taberna, todos se recolhem, e entra um numeroso sequito de personagens envoltos em capas e precedidos d'escudeiros com lanternas. É com effeito D. Pedro, que já amoroso da rainha Izabel de Nemours, esposa d'Affonso VI, premedita contra seu irmão a trama que lhe fará perder o corôa. O infante sabe que o rei deve estar com a Calcanhares, e vem vêr se póde surprehendel-o e armar-lhe uma cilada. Vem com elle os principaes fidalgos da côrte, o marquez de Cascaes, o conde de Vimioso, etc., etc., todos os inimigos pessoaes emfim do marquez de Castello Melhor,

que era, como se sabe, ministro d'Affonso VI, e foi um politico habilissimo e um homem de valor e coração. Depois d'algumas palavras rapidamente trocadas, nas quaes se revela o proposito do infante, um dos fidalgos bate á porta da casa.

Uma das janellas da taberna está aberta, e Simão Peres espiara d'alli a scena aventuresca. Como ninguem responda, o infante avança então para o portal, e n'um impeto d'altivez e de colera, desafia o irmão a que appareça, clamando que não é missão de rei passar as noites por alcovas de vicio, emquanto o reino geme de miseria á mercê d'um ministro sem dignidade.

A porta abre-se.

—O rei! diz toda a gente, affastando-se.

De feito, sobre o degrau está de pé uma figura alta de gentilhomem, embuçada e com um chapeu de plumas brancas: exactamente a silhuetta e vestuario de S. M.

Ao vêl-a, o furor do infante reduplica, e as injurias sahem-lhe da bocca em catadupa. O embuçado faz um movimento e desce para a scena. Desembainham-se as espadas, e trava-se um duello de morte entre D. Pedro e D. Affonso, na sombra do largo, cada vez mais espessa, emquanto os fidalgos fazem circulo, sem ousar intervir.

Já a respiração do infante se perturba, e o seu braço fatigado sustem a lamina com bravura somenos, sem conseguir tocar o adversario. Trava-se de novo a lucta, cada vez com mais furia, cada

vez com mais ancia, té que D. Pedro afinal é desarmado. Esta resistencia habil que o vencido não conhecia no irmão, leva-o a fazer um passo para o vencedor. Simão Peres tem entretanto ido chamar a ronda. Apparecem lanternas. O homem das plumas brancas descobre-se, e todos com pasmo reconhecem Castello Melhor, que tomára a capa e o chapeu do rei, e viera por elle castigar a ousadia da provocação.

—Assassino que ousastes tocar um principe de sangue! diz o infante. Has-de pagar na forca a tua audacia.

Castello Melhor só então havia reconhecido a D. Pedro, mas tremulo de furor pela cilada, deita-lhe em rosto esta palavra:

—Regicida!

E o panno desce.

O segundo acto é na sala do conselho; ao fundo uma galeria abrindo sobre a praça. Vão entrando, o marquez de Cascaes, o conde de Vimioso, bispos, padres, juizes do povo e fidalgos.

D. Affonso, que abrira a scena com Castello Melhor, encarregara D. Pedro d'ir receber toda essa gente, resolvendo como lhe aprouvesse as pretenções de cada qual. O ministro exprobrara então ao monarcha aquella indifferença pelas coisas do Estado, e coagindo-o a vencer-se, levara-o docemente a dar audiencia.

—Vós mesmo estaes dando a vosso irmão o

papel que elle vos pretende usurpar, diz o ministro. O povo acostumar-se-ha a vêl-o mais do que vos vê, senhor, e no dia da vossa perda...

—Manda entrar, diz D. Affonso, mal disfarçando o tedio que o invade.

Ahi vem a côrte, e com ella uma deputação de populares.

Um dos juizes do povo, falla; diz que a multidão resmunga e geme sem que ninguem a escute; pede ao rei procure fazer a felicidade do reino, e castigar um traidor que por toda a parte se serve do manto real para pôr a coberto as suas infamias.

—Esse traidor é o ministro! exclama D. Pedro.

O arcebispo de Lisboa, tomando então a palavra, repete a mesma queixa. Uma furia medonha sobrexcita o rei, que se levanta de golpe, increpando o irmão de conspirar com sua tropa de villões, contra o prestigio do throno e a segurança do Estado. D. Pedro quiz desembainhar a espada. Movimento na scena. Rumor de vozes na praça, vivas ao infante. Então D. Affonso, furioso, toma da meza um chicote que alli pousára ao entrar, e sahe da sala a correr, dizendo que só fará justiça com aquella arma, unica que vergasta a canalha, sem fazer cicatrizes gloriosas.

A scena deserta, a rainha apparece, e olhando o infante que ficára perplexo a meio da sala:

—Ella nos acclamará um dia com toda a effervescencia do seu enthusiasmo! Ella se vingará da injuria real!

— Como? diz D. Pedro.

— Quando eu fôr a rainha... e vós o rei.

O terceiro acto decorre n'uma sala reservada do palacio. Estão em scena D. Affonso e a rainha, e n'um dialogo de suavidade admiravel, todo caloroso de paixão lyrica, Izabel de Nemours pede ao marido estreitem mais as duas vidas, fazendo dos dois corações um só coração, e dos dois desejos um só desejo. Ella vem d'uma côrte de luxo e de prazer, traz a alma educada para o amor, e nada seria mais facil, querendo Affonso, do que ser-lhes o reinado um idyllio ininterrupto. Como ser feliz n'aquella vida isolada que elle lhe dá? Como sorrir, esposa, sem ao menos noiva ter sido? O leito aterra-a, tamanho, na alcova onde não resoou jámais o rumor d'um beijo esponsalicio. Por que não vem elle acalental-a n'um somno d'amor que dure sempre? O casamento infecundo é um supplicio.

E diz-lhe estas cousas collada contra o seu peito, e beijando-o, n'uma fervorosissima caricia de gata desejosa. A noite é fria; porque não irão deitar-se os dois, bem juntos?

E o pobre e desditoso rei suspira. Ai! se ella soubesse quantas noites tem levado com o seu adorado nome na bocca, a pedir a Deus um milagre de sexo, que falseia sempre, e o desespera! Como é desgraçado o seu destino! elle adora-a, elle abençôa-a: todas as mulheres lhe parecem ridiculas ao lado da formosura d'Izabel!

Já a rainha, tentada, ergue meio busto para lhe puchar as mãos direito á alcova, e ainda elle hesita, o miseravel!

A lucta que o esfacella, o remorso innarravel que o morde, passam em turbilhões de versos desolados, que fazem do seu incapacissimo ser um martyr sympathico. Emfim, a rainha impacienta-se, a terrivel suspeita muda-lhe a razão, e deixa o marido, e sem voltar a cabeça entra na alcova, onde, passado o estupor primeiro D. Affonso quer seguil-a. Mas a porta resiste. Izabel de Nemours continuará a dormir só... Scena de desesperação do rei, que bate as palmas, e ordena ao tractador de cães que vá chamar a Calcanhares, e traga a céa de qualquer taberna que ache aberta.

D'alli a bocado entram os tres, Braz o corcunda, a prostituta, e Simão Peres, que parece ser agora definitivamente o amante d'ella.

N'um momento se improvisa um festim estravagante, com as provisões que o guarda cães trouxe de fóra. A Calcanhares e Simão Peres põem a meza. Braz, sobre um tamborete, vae accendendo uma a uma, todas as velas dos candelabros do fogão. E no meio da scena, o rei, desesperado, corrido de vergonha, lamenta como um louco a excepcional miseria da sua natureza, prohibida d'amor pelo abuso das orgias em que desmoronara o vigor da adolescencia.

Affonso VI tinha feito vir n'um cofre, um diadema soberbo, que tencionava dar á rainha, e o

cofre ficára sobre a meza, fechado e esquecido, com o diadema á espera d'uns cabellos formosos que cingir. Em meio da festa, quando o rei, bebedo já, começa a babar-lhe no pescoço os seus primeiros beijos d'invalido, a Calcanhares vê de repente o cofre.

—Joias? Para mim?!...

—São para ti, responde elle, como um ébrio. Ella, sem mais ouvir, corre a pôr o diadema, delirante de jubilo. E o rei estende sempre o copo ao Braz, que lh'o vae enchendo sempre, com o vinho d'uma grande borracha de couro por curtir. Essa orgia é horrivel; não ha prazer, não ha saude, não ha senão d'um lado a cupidez de dois miseraveis—do outro o grito plangente do tratador de cães, em cujos olhos d'idiota se estrella a misericordia suprema por peccados cuja essencia está fóra da sua comprehensão—e ao fundo a figura do rei, essa figura falhada e dubia, poetica porque é triste, sellada implacavelmente d'um escarneo orgiaco que o deshonra; e d'uma pusilanimidade bondosa, d'uma inconsequencia vagabunda, que se o impelle para o amor, lhe tira as armas de combate, se o impelle ao vinho, lhe tira a resistencia para a embriaguez, e por toda a parte onde quer que elle vá, lhe forja inimizades, desdens, calumnias, de cuja perversidade a sua tristeza vive uma vida d'escoria, sem mais amigos do que o idiota, sem mais distracções do que a rameira plebea e o trinca-fortes!

A bebedeira d'Affonso é um exaspero de sobresaltos e gritos, que de chofre lhe alancea a nervosidade torcida d'epileptico; e eil-o na casa a perseguir allucinações de ciladas e promessas amorosas... vê o infante a forçar a alcova d'Izabel, punhaes na sombra, lenços de rendas que o chamam por entre os cortinados d'um leito mysterioso... Braz chora de vêr seu amo assim possesso: Simão Peres e a Calcanhares desapparecem, mandando á fava o rei borracho; e Affonso prostado n'um sophá, n'um fim d'ataque, só tem por guarda o seu unico amigo, o tractador de cães, que dos proprios hombros tira a capa remendada, e o agasalha ternamente, docemente, infantilmente, indo apagar depois os candelabros, espreitar a noite por uma gelosia, e deitar-se afinal á porta da sala, como um mastim fiel que vela o somno d'um senhor.

—*Como eu te adoro, Izabel!...*

É a voz tatamudeada a repetir aquillo em sonhos, e ouve-se fóra a rajada do vento acossando da barra os aguaceiros...

Estamos no quarto acto. A scena reproduz o locutorio do convento da Esperança: ao fundo a gradaria, separando aquella peça, do claustro, e azulejos de roda, um crucifixo tosco na parede...

Estão em scena alguns personagens do sequito de D. Pedro, pela conversação dos quaes vem a saber-se que o conde de Castello Melhor fugiu da

côrte á vingança do infante, e lá anda á monte, não se sabe se pela Andaluzia, se pelo Alemtejo. A catastrophe está perto, já definitivamente o infante reina, e o rei é apenas um trapo de quem ninguem faz caso por Lisboa.

Quanto á rainha Izabel, acaba de ser depositada no convento da Esperança, onde aguarda, dizem elles, *resignadamente* a sua sorte.

Entra uma madre: pancadas á porta da rua, e muitas lamurias de gente que pede esmola. É a hora do caldo aos pobres. Os fidalgos retiram-se para dar logar aos piolhosos.

São magnificos de caracterisação, de trajo e de verdade, esses mendigos, e o quadro é tão portuguez, tão bem notado, tão magistralmente feito pelos comparsas e actores de D. Maria, que o espectador recua dois seculos, e vive, respira, sente envolvel-o todo o espirito d'uma epocha remota, com um illusionismo que raras vezes se dá entre bastidores.

Outras freiras arrastam então, para o meio da scena, o caldeiro da comida. Cada mendigo quer ser o primeiro a ser servido; ha disputas, soccos, injurias, berros, emquanto a madre vae distribuindo o rancho entre latins beatificos.

N'isto vem Simão Peres: ha tres dias que não come, e acceita uma malga de feijoada, por comprazer a madre e a digestão. Dialogo picaresco-sentimental, entre o patife e a freira, d'onde se apura ter morrido no convento essa manhã, uma

noviça, pura como os anjos, se bem que devorada d'uma paixão platonica por Affonso VI. É a filha do taberneiro do primeiro acto, que por morte do velho veio pedir abrigo ás monjas do Senhor. As freiras vão-se: ficam os pobres e Simão Peres. Rumores no claustro. Curiosidade de todos pelo que se esteja passando do outro lado da cortina.

Simão Peres chama uma cega e põe-na á escuta, emquanto os mendigos todos commentam o que a alcoviteira da cega vae dizendo. Entra o rei com Braz: os mendigos rodeiam-no. Simão Peres approxima-se, quando d'um lado a madre apparece a annunciar que vae passar por alli o enterro da noviça. De feito a cortina do fundo corre para os lados, e as freiras, de cruz alçada, passam devagar em procissão, cantando o *dies iræ*. Ao clarão das tochas, todos se descobrem, a tumba vem depois, lenta, aos hombros de quatro freiras, e D. Affonso reconhece na morta a pobre rapariga da taberna, a Magdalena que morreu d'amores por elle! Esta scena é d'uma poesia lugubre e intensissima; as freiras vão cantando sempre os seus responsos, o orgão geme na egreja, os sinos repicam—quando subitamente, no couce do prestito um vulto apparece, vestido de côrte, com um grande veu sobre a cabeça, e seguido de fidalgos e açafatas n'uma attitude respeitosa.

—Quem é esta mulher que assim caminha, e que parecenças julgo encontrar com...?

Lá cahe o veu da cabeça mysteriosa.

—Senhor, diz uma voz, vós bem sabeis, eu nunca fui vossa esposa.

Esta resposta deita o coração do rei n'um lance d'exaspero, e eil-o contra as grades, contra a porta, promettendo milhões ao primeiro piolhoso que consiga arrombar um postigo só que seja, que lhe permitta entrar no claustro. Todos se atiram, brandindo muletas e cacetes. Mas ahi vem as gentes do infante, lá tornam os dois irmãos a desnudar as espadas, a cobrir-se d'injurias e de chascos, té que fazendo Affonso valer a sua auctoridade real, D. Pedro exclama:

—Rei? Vós? Tem graça!

E o desgraçado comprehende emfim que está perdido.

No quinto acto, o ultimo, recapitula-se o entrecho, e voltamos outra vez á sala do terceiro.

O rei está rei ainda, mas coacto e prohibido de servir-se do sceptro p'ra reinar. É noite. O guarda cães beija-lhe as mãos enternecido. Sobre a meza está o auto de renuncia ao throno, que só falta assignar para tudo vêr o fim. E Affonso VI cada vez aspira mais ao repouso d'um claustro ou d'um sepulchro! A realidade esmaga-o, o terror paralysa-lhe a vontade, o abandono em que se vê, ensanguenta-lhe os passos de presagios. Entra Castello Melhor em trajos de camponio.

—Inda sois rei?

—Por ora. Mas só de nome.

—Cheguei a tempo. Preparai-vos, toda a provincia é comvosco. Vamos fugir.

—Fugir?!...

—Tenho alli os cavallos preparados. Uma vez no Alemtejo, poderemos organisar com o exercito a resistencia, e volver sobre Lisboa á viva força.

Elle parece acquiescer á proposta do valido. O idiota lhes promette guardar silencio absoluto, e passa-lhe o chapeu e a capa, com os quaes o rei se disfarça p'ra fugir.

A scena fica um momento deserta. Está a romper a manhã. Braz voltou a dormir ao seu canto. Entra o infante, que hesita ainda, tomado d'um remorso fraterno que o não larga. Pouco depois apparece a rainha: veiu do convento a pé, e ouviu pelas ruas os bebedos injuriarem-lhe o nome, como o da ultima barregã. Vem dar-lhe a coragem que lhe falta; a poltroneria de D. Pedro começa-lhe a provocar um sentimento de desdem, que ella formúla em phrases acres. Indignado por impudencia tamanha, o principe agarra-lhe um dos pulsos, tortura-a assim um momento, emquanto ella grita que a não castigue assim brutalmente, a ella, uma princeza, uma mulher...

Pedro arrepende-se, e começa entre os dois uma scena d'amor, que Affonso ouve, escondido por traz d'um grande biombo que resguarda a porta da sahida.

A meio do arroubo, quando Izabel propõe ao amante o sentarem-se no throno ambos, depois

da renuncia do marido, e a partilharem o leito, depois de se alcançar da curia romana a invalidade do casamento com Affonso, o rei invalido, n'uma crise de desesperação e dôr, sahe do esconderjo, e alli, sem peias, lança em rosto aos dois culpados, a ignominia do seu procedimento. Pedro e Izabel embalde querem occultar a confuzão; mas ahi vem Castello Melhor.

—Senhor, vae ser mudada a guarda do palacio... Não ha tempo a perder, a manhã rompe... Alli estão já os cavallos, por detraz das ruinas da capella...

O infante, d'interdicto, nem ousa fazer um passo. Mas Simão Peres ouviu o que dissera o ex-ministro, e eil-o sahe da sala correndo, a dar aviso ás gentes do infante, e aos soldados da guarda do palacio.

N'um momento a scena atulha-se de gente, o tumulto é medonho, e Simão Peres, radioso, faz confissão da sua fidelidade ao novo rei, ajuntando que se D. Pedro não quizer deixar fugir o passaro da gaiola—e põe a mão no hombro de Affonso VI—deverá confiar-lhe a guarda a elle, para então vêr como é que se tratam prisioneiros.

Ao acabar estas palavras, cahe no chão golphando sangue. Braz, o idiota, atirára-se-lhe ás guellas, e com uma faca escorchava-o, soltando uivos de besta-fera. É quando D. Affonso, perdido, se resolve a assignar a renuncia ao throno. Ao tomar a penna, o irmão lembra-lhe que escolha

o sequito com que deseja ficar: elle deve ter amigos, servidores leaes...

Então o pobre rei circumvaga os olhos tristemente por aquella turba de vendidos, e com voz surda:

—Escolho este.

É o tractador de cães, o pobre Braz, o unico amigo do rei que já não reina.

Quanto ao valor artistico da peça... já resvalou ao cesto das phrases tolas o dizer-se que a litteratura nacional foi opulentada com uma nova joia, todas as vezes que a poesia engalfinha dialogos de reis com conspiradores, e condimenta o todo com fatos de velludo, em quatro actos ou pratos, que desfecham pela morte d'um, pela acclamação d'outro, e pelo *obrigado meu Deus!* da maior parte.

Por isso retirarei a fórmula carunchosa, que nem por se ter estragado no glossario dos reclamos avulsos, deixaria de ter, applicada á bella obra de João da Camara, o valor d'uma comparação concisa e justa.

É que de facto o D. AFFONSO VI salta da carpintaria sabida dos *faiseurs*, e tergiversa com uma frescura de tintas muito doce do receituario épico que a poesia contemporanea adoptou, para fazer heroes, de simples manequins.

O que mais me captiva na obra de João da Camara, não é tanto o canevas historico e politico do

drama, (cuja physiologia cruel este susceptibilissimo artista attenuou té aos humbraes d'uma enternecida misericordia pelos excessos amorosos de Pedro, e pelas desfallencias sexuaes de D. Affonso) senão o esforço paciente, honrado, brilhante e encantadoramente perspicaz com que elle conseguiu visionar certos recantos typicos da vida portugueza d'esse tempo, e o brilho simples com que, n'esse fundo ingrato, conseguiu destacar por vezes scenas, cuja insinuante poesia põe nas veias dos personagens duplas circulações de febre e grande vida.

No D. AFFONSO VI nota-se essa intuição d'*ensemble* que é a primeira qualidade do romancista e do dramaturgo, e medeante a qual a sensibilidade d'um homem consegue, por um prodigio d'adatapção psychologica, revestir tantos modalidades diversas e contrastantes, quantos os typos a fazer conflagrar no entrecho dramatico preconcebido. Mercê d'esta intuição, cada figura do drama guarda assim a sua linha moral, a sua linguagem e a sua mimica, vive e respira d'uma vida propria, sem necessidade de cordão umbilical que a prenda, pela sonoridade do verso, á emoção desprevenida do espectador. E porque os cyclos d'acção de personagens assim forjados, se não confundam ou esqueçam, mau grado o entrecruzarem-se na scena, resulta que o auditorio sahe do theatro levando no espirito essas figuras nervosas, fortes, arcabouçadas d'audacia ou d'infortunio, palpitando todas como syntheses, e mordidas d'expressão como aguas fortes.

Não vá este geito d'apreciar a factura dramatica de João da Camara, ser lançado á conta de negação ou desdem pelo feitio artistico dos mais que se teem dado a escavar peças, dos archivos nacionaes.

Aponte-se no emtanto o singular proposito do moço dramaturgo, como um rarissimo dom d'artista que vê largo, e que podendo ter deslumbrado a plateia á vontade, nada mais do que pela refulgencia do verso, muita vez sacrificou esta facticia pompa áquellas resurreições humoristicas da alma antiga, que fazem do seu D. AFFONSO VI, especialmente, uma magnifica pintura de costumes.

XVII—Aos *tunos* que de passagem para Paris vieram dar uma serenata ao Colyseu, desconfio não caiba tanto o titulo de *tunos,* como caberia talvez um outro parecido, pela sem-cerimonia com que usurparam o nome d'estudantes que averiguadamente lhes não pertence.

De feito, a menos que as artes de barbear e pentear, de deitar tombas, de concertar loiça, de capar animaes e de cozer fundilhos, não tenham sido incluidas como faculdades, nas escolas superiores da capital de Hespanha, nada ha n'aquelle grupo de moços olheirentos, escanzelados, pencudos, fandanguentos e *sabidos,* que revele o estudante d'uma capital onde tudo tem caracter, mesmo os creados de servir e os ministros d'estado; e nada que os desnivele da tropa de coris-

tas roucos, ambulantes, bohemios, que agora no verão percorrem as cidades maritimas de Hespanha, tocando castanholas e pedindo *quartos* ás pessoas que chegam aos balcões.

Parte d'estes estudantes maritenses mesmo, já nós temos visto ahi pelos cafés de *camareras*, de jaqueta e chapeu conico, contando, ás duas horas da noite, o dinheiro das gorgetas da Pacca e da Pura, e lançando pragas quando esse dinheiro não chega para pagar a cama da hospedaria, ou para a *vellada* de vinho quente, no Refilão.

Devemos entretanto reconhecer que a Hespanha, no capitulo das fraudes, está por emquanto muito menos adeantada do que nós. Ella falsifica, por exemplo, vinhos, trinta vezes peor do que qualquer nos nossos mercieiros do Bairro Alto. Os charlatães que nos envia com o pseudonymo de medicos, não valem o mais reles dos nossos tira-dentes da feira da ladra. De tabaco picado não se falla, e tambem não de grandes homens: e quanto a estudantes finalmente, é melhor nem escolhermos para termo de comparação os nossos capa-e-batinas do lyceu, ainda os mais cheios de caspa e myopia. Convençamo-nos pois de que toda esta grosseria de productos seja assim desdenhosamente tratada pelos falsificadores, a titulo d'exportação para o estrangeiro, e alvitremos que Madrid por certo havia d'esmerar-se mais nas falcatruas, se acaso em vez de pretender intrujar um portuguez, mirasse apenas rir á custa de povoa-

ções propriamente hespanholas, enviando-lhes os seus estudantes-guitarristas, de contrabando.

Comnosco não vale a pena: e ahi temos agora em 1889, sob o *travesti* d'academicos, creaturas que encontrámos em 87 a frigir iscas, na travessa da Palha, e adjacentes.

Ora, estas burlas são reles, por banda das emprezas theatraes que n'ellas collaboram, e o ministro hespanhol deveria pôr-lhes cobro, desmentindo os titulos que se arrogam as *tunas* que vem vêr-nos, e reduzindo-as simplesmente á sua condição de bandos precatorios. D'outro modo começamos a fazer uma ideia muito chinfrin da mocidade estudiosa da... *outra metade* da Peninsula.

XX—Do esplendor dos grandes reinados poucas reliquias nos restam, e das artes decorativas que se crearam entre nós, nos seculos das descobertas, inspiradas pelas viagens e relações diplomaticas de Portugal em todas as côrtes ricas da Europa, nenhuma deitou de si vergontea rija, que atravessando a decadencia dos dois ultimos seculos, reflorisse té nós em manifestações d'elegancia ou de caracter.

Falliram por exemplo as officinas d'ourivesaria, ebenesteria e tapeçaria, que deram a custodia dos Jeronymos, a cruz da Sé do Funchal, os pannos muraes da escola de Tavira, os tapetes d'Arrayollos, e as preciosas mobilias e coiros estampa-

dos do tempo de D. Manuel e D. João III. Falliu a escola de pintura religiosa, que produziu as telas agremiadas hoje sob a egide um tanto hypothetica do Grão Vasco. Falliu a sciencia das construcções navaes, que lançou ao mar, dos estaleiros do Tejo e de Gôa, para a travessia de todas as aguas do mundo, as naus, galeões e bregantins dos seculos XV, XVI e XVII, tão maravilhosos d'elegancia e d'architectura, tão imponentes como machinas de guerra, e tão idealmente artisticas como vehiculos de prazer... E d'esta ultima aptidão perdida, ou quasi perdida, nem sequer os nossos arsenaes e museus guardam vestigios! Não ha um livro que celebre essa grandiosa escola de constructores navaes, que eram ao mesmo tempo esculptores e marinheiros, e de cujas obras apenas dão noticia as narrações dispersas dos naufragios, desconnexas e avulsas, d'onde um curioso extractou os dois volumes da *Historia Tragico-Maritima!* Mas eis que ao fim d'esforços, rebuscando a cidade, lá se consegue descobrir n'um barracão de Belem, á margem do rio, logo passada a estação dos americanos, entre barcos de construcção recente, duas ou tres galeotas de gala do grande tempo, pertencentes ao serviço real, uma das quaes, a maior, se bem nos lembra, é um prodigio d'elegancia e grande estylo, e apesar das restaurações um pouco barbaras que tem soffrido, deixa admirar ainda a excellencia profissional dos nossos velhos constructores.

Comprido e amplo, com as suas grinaldas de talha d'oiro, o seu camarim de lhamas e brocados, os columnellos esbeltos, um rodilhão d'esculpturas á pôpa, e duas filas de quarenta remadores, mergulhando os remos n'um impulso symetrico e galhardo, aquelle barco reconstroe-me d'um jacto, em memoria, algum d'esses cortejos nauticos do Tejo, feitos sob o sol faiscante, á chegada das frotas, para apotheose de qualquer grande descobridor ou vice-rei. Não é a velha gondola veneziana do tempo do dóge Mocenigo, cortando a agua como uma punhalada phrenetica, e com o seu ferro alto na pôpa, que parece uma chaveira de guitarra: mas um verdadeiro barco d'apotheose, o carro triumphal d'um semi-deus-titan, imperador dos mares, que vem a bordo das naus esperar os thesouros de Malaca subjugada, ou metter a ferros o heroe que lhe annexou á corôa mais um pedaço de mundo, por elle conquistado, ou descoberto. No seu pesado jogo ha o balanço da concha de Neptuno, no episodio dos *Lusiadas,* vindo a Jupiter queixar-se da destemida audacia dos nossos mareantes, e ao mesmo tempo a graça do cysne do *Lohengrin*, grave, impassivel quando comboia no lago o cavalleiro do Santo Gral.

O remador das galeotas é o conhecido e mais que todos déstro remador da nossa Alfandega, cuja habilidosa mão de remo, firmeza de pulso, e extraordinaria elegancia no curvetear do barco em

pleno rio, prestes conquistam a admiração de todas as gentes de mar que nos visitam. Accrescentando que o gondoleiro das galeotas reaes, além de remador da alfandega, é quasi sempre algarvio, damos a chave d'aquella sua maravilhosa sciencia de remar.

Pois algarvio! e quem diz algarvio, para de logo entende fallador. Ora, indo uma vez D. Maria II acompanhar a bordo não sei que principe estrangeiro, aconteceu-lhe ser a galeota puxada por quarenta grazinas-móres d'entre Villa Real de Santo Antonio e Portimão, que sem respeito ao humor melancholico de S. M. (a quem a Carta, já se vê, prescrevia tristeza na despedida d'uma potencia alliada) todo o caminho foram n'uma gargalhada de ditos e disputas, qual mais cingida ao sutaque local das suas terras. A rainha, que á ironia risonha dos Braganças, juntava um desempeno de mulher affeita ao mando, ordenou então áquelles quarenta maiores contribuintes do charivari, fossem remando quietos e calados, accrescentando daria a cada um sua moeda, oiro de lei, se até ao caes nenhum d'elles soltasse um monosyllabo.

Ajustam-se os remadores á ordem da soberana, e durante cinco minutos a galeota singra n'um silencio de morte, em que apenas se ouvem os remos chapando a agua a golpes rythmicos e fortes. Mas ainda não tem começado o sexto minuto, já de todas as bandas se ouvem bufar boccas phreneticas, torcer bustos para a direita e para a es-

querda... rostos congestionados que se encaram enfunando as bochechas, chispando colera dos olhos, e avançando os focinhos uns pr'os outros, a modos de desafio premeditado. E aquillo cresce, avoluma-se, quer explosir... Té que um remador por fim, que era o mais novo, recemchegado d'Olhão, não podendo guardar mais tempo a jura promettida, se ergue do barco e diz para a rainha:

—Que levasse o diab'alma a moeda d'oiro, mas que elle arrebentava com seiscentos diabos! se estivesse calado mais um instante!

Hoje, mesmo em occasiões de gala, o remador das galeotas conserva a japona, a camisola, e a calça escura do remador da alfandega de Lisboa. O seu vistoso e antigo trajo de gala já não serve; e todavia que grande ar decorativo e pictoresco elle continha! O jaleco era de flanella vermelha, forrado d'azul e todo applicado á roda por um galão d'oiro mui largo. A cinta era de seda, a calça de flanella azul, para o inverno, e linho branco nas epochas de verão. E na cabeça o carapuço d'escarlate e oiro, com o escudete das armas portuguezas lavrado em prata, dava-lhe um tom antigo, com o seu desenho de mitra—como se aquelle remador descendesse dos homens que moviam o trireme dos Barcas, no tempo das guerras punicas, quando nos terraços de Carthago vivia ainda a vaporosa e poetica figura de Salambô.

XXII—O suicida de hontem é-me sympathico. É um clarim d'artilharia, porte exemplar, ao que me disseram os officiaes do regimento, e que um drama mudo, mysteriosamente soffrido durante bastos mezes, na grosseira existencia da cazerna, impelliu afinal á sepultura, taboa raza de todos os desnivelamentos, desforço unico dos miseraveis sem sorte e dos sequiosos sem dia d'ámanhã. Um amigo meu, official d'artilharia, de quem o suicida foi subalterno, acaba de me visionar um pouco a existencia d'esse paria, e de me abrir o coração á dóse d'infortunio arido e de nobre orgulho ferido que foram as exclusivas causas da catastrophe.

O clarim d'artilharia 1 tinha á educação superior ao officio, e o nascimento orientado para um destino melhor do que trombetear na testa das baterias. Acharam-lhe na caixa um retrato da mãe, tendo-o pequeno ainda, entre os joelhos, vestido como um principe, e d'informações dispersas se apurou que recebera em collegios principios de cultura attinentes a lhe ganhar na vida uma occupação intelligente. Até assentar praça, pouco ou nada se sabe da sua vida. Mas é facil reconstruir por acasos similares, a matinada de desastres que o arrastaram dos bancos do collegio á enxerga da tarimba. Morrer-lhe-hia talvez a mãe, haveria perdido talvez uns annos de lyceu, e miseria aggravada, falta de coragem subita vertendo a alguma resolução tresloucada e irreparavel... eis ahi fa-

ctores de mais para explicar a metamorphose do premeditado futuro bacharel, em corneteiro. Vae a caserna, que arrebanha o camponio em promiscuidades fetidas, e apaga o individuo por detraz d'um numero, razoirando o caracter de todos sob os rigores da mesma obediencia passiva e machinal: a caserna que para os rudes alguma vez tem sido um beneficio, ao apanhar este filho amimado, alvorotou-o no fundo da sua delicadeza, chocando-o com todas as suas brutalidades soezes, e violando-lhe o pudor com todos os seus egoismos de casa de malta e cucaria. Entre um pobre rapaz intelligente e melancholico, com sollicitudes de leitura e aspirações d'alguma fórma levantadas, e a soldadesca alvar da bateria, sem mais necessidades do que as da vida vegetativa, sem mais desejos do que um mez de licença á terra, um rancho farto, uma sopeira facil, e alguns litros de vinho, posto que as relações exteriores fossem cordeaes, nem por isso deixaria de subsistir lá no fundo o mais absoluto e completo antagonismo.

Manhãs na parada, dias inteiros de marcha sob a chuva e o calor, por caminhos pedregosos, a subjeição de besta de carga que amesquinha o brio humano, a monotonia automatica da mesma existencia sem horisonte, nem sorriso, nem dinheiro, nem refrigerio, tudo isto que o insensivel homem do campo supporta sem mór depressão na dignidade e na saude, tudo isto esse podre clarim haveria pago, durante os mezes que vestiu farda,

n'uma dolorosa moeda de sensibilidade contusa, d'orgulho morto, e d'incomprehendida nostalgia.

Elle entretanto é docil, soffre sem queixa, fazendo por se interessar nas brincadeiras dos camaradas, ás horas de folga, fazendo por não deixar vêr aos superiores a sua historia d'alma expulsa do convivio intellectual p'ra que nascera; e correcto sempre, um pouco triste, mas infinitamente resignado á peor das missões do homem intelligente—á obediencia incondicional, de cara immovel, e bico calado!

No chiqueiro da tarimba, a sua vida guarda ainda assim habitos de casta superior, que o defendem d'um resvalo formal ao embrutecimento. Na sua caixa por exemplo, ha livros d'aulas, romances que os sargentos lhe emprestavam, pequenas brochuras de propaganda politica que o iniciam, diffusamente embora, em certas engrenagens de machina social... O seu aceio corporal escandalisa quasi os gatos-cravos do regimento, que mal comprehendem como um homem se dispa assim do almiscar que a natureza lhe deu para attrair a femea, e se differençar dos outros animaes.

E áparte a sua sobriedade rara, a sua nitidez de compostura, a sua vida austera, quasi a d'um Enjorlas perdido entre o deboxe réles da caserna, o que mais intriga a soldadesca é a quantidade de guardas que o clarim paga, não para ter a noite livre, e a ir gozar por tabernas, mas por se forrar

as tardes da semana, das duas ás seis, e correr —imaginem aonde—ás sessões do parlamento.

—Ha um jacobino, no clarim, dizem vocês. É possivel que houvesse, mas que no entretanto se estimava o bastante, humilde como era, para não palavrear insubversivamente aos camaradas de quartel. O que mais me inquieta n'este anonymo, cujo fim tragico a curiosidade lisboeta repastou, entre dois cigarros, bocejando, no noticiario dos jornaes, é a minha suspeita d'elle ser um typo de *declassé,* d'especie rara e nobilissima, um d'estes seres interiores, contempladores, cuja pressentida intelligencia dá maravilhas, se desviada dos caminhos lobregos por onde o desalento d'esta se perdeu. Quem sabe! Este clarim d'artilharia, que como numero pouco avança a mais d'um caso de romantismo interessante, é certamente o delegado d'uma classe numerosa de tristes rapazes validos e intelligentes, cheios de qualidades e d'ardores, mas desprotegidos de todos: do Estado que lhes não facilita a educação, da philantropia particular que não sahe á rua, como lá fóra, á recolta das adolescencias que por ahi erram sem guia, á mercê da primeira tentação que as engolphe no crime ou no embrutecimento. Quando recordo a minha propria historia d'escolar desprotegido, quando deito a minha benção á corajosa agonia que eu tive de sustentar, annos e annos, atravez d'amarguras sem conta, entre o egoismo de todos e o rancor da maior parte, primeiro que viesse a topar assim

na vida, uma estrada sem encruzilhadas nem bestas féras, d'essa escruciante evocação vem tantas maguas, que o meu desejo fôra espargir o que no coração inda me resta de bondade, pelas desfallencias dos incapazes de luctar, como eu luctei. Todas essas senhoras que se ajaezam de pedras nas kermesses, todos esses philantropos que a ronha dos dynastas agremia em congressos de benificencia e bandos precatorios, todas essas beatas e repatriados da America que quotidianamente avolumam a fortuna do S. de Mattosinhos, do S. Jesus de Braga, a do S. dos Passos, em vez de perderem vaidade e tempo á procura de ministros para crear asylos e cantarolar lausperennes, poderiam, querendo, collaborar um pouco na verdadeira obra civilisadora e humanitaria — a de pagar a educação dos rapazes nas circumstancias do meu suicida, a de abrir praça ás muitas vocações que em nós se asphixiam, a proveito da caterva de nullos e de malandros que a politica installa a troxe-moche, nos cargos publicos.

XXVIII — Veio-me ás mãos o projecto de lei que *reorganisa* a instrucção secundaria feminina, precisamente no instante dos jornaes estarem saudando D. Amelia Cardia, quintanista, pela pericia com que esta senhora extirpou, no amphitheatro d'operações da Escola Medica, um tumor maligno, do seio d'uma doente.

Esta coincidencia reporta-me — de má vontade, já digo — a cogitar na ideia que da mulher terão feito os solteirões que confeccionaram o programma d'ensino secundario, e a ter receios sobre se as novas funcções sociaes de que a mulher vae entre nós ser investida, representarão typos de progresso, ou não irão além de méras curiosidades de laboratorio, mais proprias para desexuar algumas femeas cançadas de ser mães.

No projecto em questão se ordena que as raparigas consagrem *quatro annos de vida* e estudos simultaneos de moral, de religião, de direito, de litteratura, de historia, de geographia, de sciencias physicas e naturaes, de mathematica, desenho, lavores, canto e... gymnastica.

É um bacharelato em lettras na ordem, d'onde vejo expungido o estudo pratico das linguas, que daria á nossa mulher, tão falha d'empregos, a faculdade de se incorporar, por exemplo, no pessoal das casas de commercio, e onde em compensação figura tudo quanto é susceptivel de tornar uma rapariga feia, em pedagoga sorna, e em dama de companhia alitteratada. Nas suas grandes linhas, esse programma d'instrucção secundaria feminina segue á risca o dos homens, que tão grandes fraudes tem dado á educação da nossa adolescencia, e que sobre escandalosamente theorico para qualquer dos sexos, tem n'este o séstro mau de parecer que desvia de proposito a mulher de todas as missões de confiança e de ternura, para

que ella parecia nascida e propensa desde a origem.

Não inquirirei todavia do que haja *a mais* n'este programma mirifico, em que o estudo das guerras entrança com o das arias, e os exercicios de trapezio com os exercicios de vocalisação e com as equações a tres incognitas; assim como pedirei a outros que ponham a limpo as difficuldades havidas para o fazer cursar pela grande massa das nossas raparigas, que filhas do povo, ou filhas da classe média, só pedem ao curso um modo de vida pratico, nada tendente a espalhafatos d'exames e a disciplinas de luxo e gabarola.

O que eu por agora pergunto aos educadores da mocidade portugueza, é o seguinte: o que fizeram vocemecês da mulher, com este programma?

Quem é que supre o papel d'ella na casa, quando os lyceus lhe tiverem dado, com os seus quatro annos de litteratura, de mathematica, de gymnastica e de canto, approximadamente a cultura espiritual d'um bacharel, e o masculinismo d'um socio do real gymnasio club?

Imaginarão S. Ex.as que seremos nós, os homens, quem d'aqui por deante aceitaremos a estopada de lhes parirmos os filhos, e de lhes prepararmos os pudins nos jantares d'annos? Além de que esta permuta de funcções não estaria nos nossos habitos, varios predicados graudos nos faltam —oh, por emquanto!—para o cumprimento stricto

da maternidade e da culinaria. E, amigos, se preparaes a mulher para a invasão dos nossos cargos, se lhe daes pela gymnastica, a força, e pela mathematica o livre raciocinio, porque o justo equilibrio da familia não perigue, introduzi ao menos na instrucção secundaria dos homens alguns paragraphos que nos visionem o pudim, e nos ensinem o parto, quando mais não seja pelos processos da... Immaculada Conceição.

Em todas quantas disciplinas o curso dos lyceus femininos se adentra ao cultivo da mulher, apenas uma tem o *cachet* do sexo: *lavores*. Entanto esta designação é vaga, por fórma a nos parecer antes platonica do que pratica.

Lavores, que quer dizer?

Trabalho de costura e de bordado, bijouteria mansa de sala burgueza, como seja fazer flores de sabugo, bordar almofadas a retroz, e engerócar tapetes de retalhos.

Lisboa admirou já na exposição da Avenida as confecções phantasticas que se ensinam ás creanças, nas escolas de raparigas. E' o japonismo do monstro applicado á arte de picar papeis para doce, e de bordar catatúas e peras de sete cotovellos sobre espelho ou pannos de calhamaço. Das noções praticas d'essa encylopedia caseira, que entra na felicidade domestica como factor economico indeclinavel, nem um laivo ao menos para apear a mulher do seu pulpito de ridicula pedagoga, humanisando-a, viabilisando-a para o unisono do

struggle que ella é chamada a emprehender, a par do esposo, como educadora e como mãe.

Assim ninguem se lembrou de lhe substituir no famoso curso, dois dos quatro enfadonhos annos de mathematica e de direito—nas que se não destinam a cursar escolas superiores—por uns pequenos cursos de cosinha, d'escripturação e d'economia domestica, d'alfaiataria e d'enfermagem, que fazendo da mulher uma verdadeira dona da casa, dispensassem cada vez mais, no trafego domestico, esses serviços mercenarios que são um elemento de confisco d'auctoridade e de desperdicio, e não poucas vezes trazem para a familia a desvergonha dos *bas-fonds* onde é costume ir recoltar-se a creadagem. O ultimo, sobretudo,—e lembro-o a proposito dos jornaes baterem palmas á pericia operatoria d'uma senhora—o ultimo d'esses pequenos cursos, devia representar na educação feminina de todas as camadas, um papel absolutamente insubstituivel. Porque, se doutorar uma mulher é luxo estridulo, fazer de todas, enfermeiras sollicitas, e guardas de saude intelligentes, entra no plano da educação moldavel ás necessidades da casa e da familia.

Rir-me-hei sempre das doutoras que se atirem a justar co'a faculdade sobre materias d'alta medicina, sem o fazerem com a *toilette* da Barbara, no *Reino das Mulheres*, e irei teimando nos perigos que resultam d'entregar á mulher o arsenal de venenos com que a therapeutica joga, e de lhe

exigir á cabeceira do enfermo o sangue frio lucido e a firmeza estoica, com que nem sempre um homem póde, quanto mais um ser de fragil compleição! Porém, tanto o *travesti* da femea em doutora é inutil, quanto a sua educação como enfermeira é indispensavel.

Por noções adstrictas ao ensino d'enfermagem entender-se-hia não só, por exemplo, a arte de fazer pensos, de vigiar a primeira infancia e os primeiros dias do puerperio, de valer aos asphixiados, de fazer observar a hygiene propria de cada doença, de preparar e descriminar entre si os medicamentos, de fazer o diagnostico, embora grosseiro, das doenças mais vulgares, sua therapeutica e causas geraes, como tambem as de proceder a operações de pequena cirurgia, a proposito d'abcessos, fracturas, e outros incidentes que demandam acção instantanea, ou quando mais não seja intermedia á producção do desastre, e á chegada do facultativo.

É quasi inutil visionar com exemplos dramaticos e presumiveis hypotheses, todas quantas desgraças supprimiria por anno o estudo vulgarisado da medicina, muito embora elle se circumscrevesse a noções pouco profundas.

A sua primeira vantagem seria a expulsão das praticas secretas, do tratamento das doenças, e a cessação da antipathia que o medico inspira ainda hoje em certas populações ruraes, onde o curandeiro reina em senhor absoluto. E a segunda se-

ria o bem estar moral advindo ás gentes que vivem longe dos medicos, e que um desastre qualquer põe em perigo, mercê da falta de soccorros. Tome-se ahi o primeiro concelho rural, seis, sete leguas de raio, um medico unico para tres mil almas, caminhos maus, transportes horrorosos, e quatrocentos mil réis e pulso livre. É evidente que á parte os enfermos do povoado onde o facultativo mora, todos os mais serão examinados tarde e defeituosamente.

O resultado é o seguinte. Ou aquelles miseros abandonam o leito, para ir á séde de residencia do medico, e então a miseria dos vehiculos que os transportam, a agrura do tempo, a extensão e a má qualidade do caminho, compromettem-lhes a vida, com o aggravarem-lhes a lazeira; ou não podendo arrancar-se á tarima, eil-os aguardando, sem recursos, que o dia da visita chegue á aldeia, o que d'ordinario vem a acontecer já depois do desgraçado ter... morrido. Supponha-se entretanto que o facultativo vem a tempo, e que receita e desenvolve qual deva ser o tratamento. Saberá a pessoa que o escuta, executal-o?

Os medicos teem sempre tanta pressa! São pessoas tão altas! Fallam ás vezes uma linguagem tão difficil! D'onde procede que a enfermeira, invertendo a prescripção, dá ás colheres a cataplasma, e esfrega o ventre do enfermo, duas vezes por dia, com o xarope expectorante. Nas cidades ainda

estas coisas passam sem consequencias. Os recursos medicos abundam, a população é relativamente cultivada, e nada mais facil do que restabelecer a prescripção clinica, e sustar a tempo as confusões.

Porém no campo, a quem pedir conselho, se na casa rica não houver alguem, uma rapariga educada, que elucide a pobre gente? Quantas vezes não temos nós assistido a algum d'esses desastres de trabalho, uma perna partida, uma queda, um accidente por arma de fogo: o doente para alli cahido até que chegue o medico, braços que se agitam de roda, gritos de soccoro, mulheres esguedelhadas que fallam vagamente em mezinhices, e nenhuma iniciativa rapida, scientificamente armada, corajosa, que afaste a morte, restabeleça a ordem, e reintegre o espirito do enfermo na tranquilidade moral que é ás vezes meio vehiculo de cura!

E as amas, a quem nós entregamos sem garantias os nossos filhos; as amas a quem as Misericordias confiam por esse reino afóra, milhares e milhares de creancinhas? É vêr a primeira que saiba enfardelar com habilidade um pequerrucho, fazer abortar a tempo uma coquluxe, e prevenir emfim as mil phylloxeras que dão caça á primeira infancia.

N'um concelho rural do Alemtejo, onde eu cliniquei por espaço de dois annos, a estatistica fez-me vêr que dois terços das crenças entregues

ao cuidado de mercenarias, ou morriam antes de completos os seis mezes, ou ficavam inhabilitadas para a vida forte, mercê da deshumanidade e estupidez das falsas mães. As inflammações do tubo intestinal, por alimentação precoce ou viciada, as ophtalmias e dermatoses por immundicie, as convulsões e incurvações vertebraes por abuso da postura vertical antes de tempo, etc., podiam contar-se entre as causas mais frequentes de debilidade e de morte. Mas não parava aqui a hecatombe!

Nas proprias casas ricas, a proporção da mortalidade era identica, por identicas causas d'ignorancia e desleixo, o que se não daria se o estudo da hygiene, embora leve, tivesse feito convergia a attenção das mulheres, desde a escola, para estes problemas d'um tão completo encanto psychico, e d'uma tão alta responsabilidade moral e social.

Outra conquista da intervenção da medicina na educação da femea, seria levar as mulheres da cidade a constituirem-se ellas mesmas em enfermeiras dos maridos e dos filhos. Lisboa especialmente, põe irmãs de caridade de mais, á cabeceira dos enfermos, e não é isto um symptoma de desapego familial que nos sequestra dos carinhos legitimos precisamente quando d'elles temos mais necessidade?

«*Não é necessario reflectir muito*, escreve um hygienista celebre, *para se apurar que a medicina é uma sciencia essencialmente domestica, d'uso quo-*

tidiano, e bem mais pratica para a mulher, qualquer que seja sua posição, do que a chimica, a physica, o direito civil e o canto italiano.»

Ora, auscultando o espirito philosophico dos programmas que o nosso conselho d'instrucção tem legislado para os dois sexos, apreciando a tendencia masculinisante que preside á educação da mulher, e tomando nota em seguida, das mil pequenas cousas com que os regulamentos castram, de reforma para reforma, a evolução da força viril na educação do homem, chega-se a esta fórmula inquietante:

—Dentro de vinte annos, as escolas portuguezas só produzirão monstros.

Não é verdade que isto explica já hoje a anarchia mental em que vae tudo?

XXX—Depois da lei de meios, o famoso cartaz annunciador d'economias sabias e reformas salvadoras nunca vistas, não podia deixar de ser a contradança diplomatica do sr. Valbom pae, a primeira medida coercitiva dos exagerados gastos do governo. Essa contradança onera a representação diplomatica de Portugal no estrangeiro, em cento e tantos contos, e áparte os *beneficios* de natureza material que revindica para o paiz, registra est'outro, moral, o substituir na embaixada de Paris, um homem d'escrupulos, por um *parvenu* da especie mais birrenta. A substitui-

ção, claro está, não se filia em razões d'Estado audiveis e coherentes, senão visou principalmente riscar do quadro dos embaixadores, o sr. Mathias de Carvalho, cevando assim Valbom pae não lhes posso agora dizer que antigo odio, e intregar no mesmo quadro o sr. Navarro, pagando assim Valbom filho todos os serviços d'educação jornalistica, reclamo, apoio moral, etc., que por largos annos o fundibulario das *Novidades* lhe prestou.

Pela expulsão de Mathias, tira Valbom pae á diplomacia portugueza, sangue leal, embora pallido. Pela intromettida de Navarro ajunta-lhe sangue rubro, gáfo porém de todos os vibriões que prostituem a energia e obrigam a tergiversar sinistramente a actividade. O sr. Navarro, representante official da monarchia luzitana, junto da grande republica, fará cogitar Paris não só quanto á exiguidade numerica dos servidores do throno portuguez (tão poucos que houver mistér mandar aquelle) senão ainda pelo que respeita á sua especie, o que tudo vem dar razão aos pasquins do emprestimo D. Miguel, aos artigos financeiros de Beaulieu, e ás corrosivas chacotas da *Lanterne*. Os diffamadores que passearam pelos *boulevards* o nome de Portugal entre apôdos infames, negando-nos não só qualidades d'auto-administração politica e financeira, como tambem virtudes particulares de cidadãos, os diffamadores teem agora, estatelando nos jornaes francezes o passado politico do sr. Navarro, o direito de rede-

cretarem por verdadeiras, as antigas calumnias. Porque afinal um encarregado de negocios, plenipotenciario, embaixador, não é só junto da nação em que o creditam, uma especie de regulador da pressão politica entre dois povos, mas a imagem viva da patria, o espelho das virtudes e das aspirações da nação que lhe dá plenos poderes, o puro escorço moral d'uma familia, a synthese philosophica, fumegante, flagrante, d'uma raça—e o sr. Navarro infelizmente não reflecte as virtudes do grupo, nem condensa aspirações, tendencias e ideias geraes de nacionalidade! É o producto morbido do bacharelismo desenfreado que um acaso d'impudor fez trepar, por uma escada de papel, té aos primeiros cargos publicos. É o triumphar do gazetismo creado fóra dos principios geraes que regem as apostolacias do bem publico, do gazetismo que não perde tempo a buscar fórmulas, a combater velhas ideias, a derogar costumes torvos, a fazer emfim o homem melhor e a sociedade mais salubre, mas ao contrario aproveita com mais ou menos habilidade, as circumstancias, sondando as intenções e a energia physica dos homens, comprando a tolerancia pelo medo, e emfim tendo na bocca sempre os immortaes principios, que são a melhor mascara para não despertar suspeitas quanto á realisação metallica dos eternos fins.

Este funesto homem, de que as realezas teem aproveitado por vezes as pasquinadas aleivosas, conta a mais triste historia publica que ainda

foi dado reler nas virulentas columnas d'um jornal.

Começa por bacharel, sem um accidente litterario que lhe recorde os appellidos nas pugnas da bohemia coimbrã contemporanea, onde ninguem dá por elle, nem como estudioso, nem como intelligente, nem como arruaceiro. Um ou outro, avocando os vacões transmontanos da cidade alta de ha trinta annos, vindos de ferias com um sacco de chita ás costas, e tamancos, ao topar d'aquelle, recordam apenas o facto mediocremente honroso de já n'aquelle tempo ter bastante sangue no cachaço. Bestificado em direito, deitam-no em administrador de concelho a uma libata qualquer do districto de Bragança, onde parece que o seu genio eleitoral ganhou o coração de Eduardo José Coelho, sóba local ao tempo que isto foi. Deviam tel-o deixado medrar n'aquelle estreito ambiente, onde a sua turbulencia, a explosir, certo não daria obras do porto, mas tal não quiz a Providencia, metamorphoseando-o em noticiarista do *Correio da Noite,* onde o prior da Lapa lhe viu azas, diagnosticando a aguia, em naturalista familiar c'os morcegos da torre da sua freguezia.

Ha talentos sem substracto mental, feitos só d'audacia, e rasgos de genio que só se explicam pela impunidade em que o acaso deixou ficar duas ou tres commettidas modestissimas. A fortuna, quando lhe dá para proteger nas primeiras em-

prezas, um diab'alma, como que lhe remodela no cerebro circumvoluções que sem o influxo d'ella ficariam em prepetuo rudimento; e eis a razão d'encontrarmos, metamorphoseados em vultos, antigos mediocres de cuja cabeça um *struggle* tragico fez espadanar inesperadamente a fonte de Moysés.

Como este bacharel se foi, d'alviçareiro de noticias, a rei David commissionado pelo sr. José Luciano, para apredejar Golias regeneradores, á razão de quatro rodas diarias, sem roupa lavada, é uma coisa que só o sr. Antonio Ennes poderia explicar limpidamente. Ao seu prurido jacobino pertencem os artigos famosos do *Progresso,* onde o monarcha é posto de fadista, a ensarilhar no arraial fontino, por maneiras que o sceptro mais parece um piassá; mas este prurido n'elle não quer dizer a revolta d'um generoso espirito d'imberbe contra a gafeira geral das camarilhas: é antes o chamariz da attenção sobre o rapazinho desempregado da vespera, o *truc* do *jongleur* escamoteando a crassidão saloia na *passerelle* d'uma barraca de dentista. Quando a espectativa publica o divisa, d'escarlate, a cabriolar n'um cimo de poste, subitamente o jogo do bugio muda d'intuito —o seu designio principal está conseguido, a galeria já o fixa, vae prrrincipiar a celebridade!— e por uma sequencia de saltos, gritos, voltas, eis o volatin pinchando do *Progresso* para o *Correio,* e do *Correio* para as *Novidades* emfim, posto es-

trategico, reducto e pulpito d'onde elle varrerá a tiros de metralha, os emulos incommodos, nos entre-actos da conhecida homilia sobre os immortaes principios e as concentrações monarchicas, *pro patria.*

É n'este periodo que verdadeiramente começa a historia da creatura sinistra que por seus processos jornalisticos mais desacreditou a imprensa portugueza, e a quem a monarchia mais tem que agradecer o odio nacional que ora disfructa. Já n'esta altura da vida o bacharelito vacão rompera de todo a bisonheria d'aldeia, que o impuzera a Eduardo José como um administrador do concelho pacovio e eleitoral. Tateara rez-vez o musculo perfido que bate no peito esquerdo dos outros seus eguaes; sondára as miserias dos baixos ambiciosos que lamaceam na gleba dos partidos, antevira-lhe a todos os destinos, amoedara-os na mesma fôrma de desprezo e d'odio rude; e uma lei de conducta chispa instantaneamente do seu craneo, corollario d'esse estudo—ir para as difficuldades de cabeça alta, como o negociante fallido dos *Effrontés,* mão aberta aos *shake-hands*, um chicote na outra, e quem lh'a acceitar é seu alliado e tem de o servir como moleque, e quem lh'a recusar, seu inimigo, havendo que lhe soffrer então os golpes d'arrieiro, e a truculenta sanha de matador de porcos, bebedo de chacina. Ao mesmo tempo a sua cópia jornalistica depura-se, o habito d'escrever limpa-lhe o periodo dos incommodos tropeços

da verborragia litteraria, e tem a palavra vibrante pela audacia, o plêbeismo correcto e bem emittido como fecho de paragrapho; diz as coisas claro, sem preoccupações academicas, sem trucs, sem veus, sem espirito, mas rude, duramente, o que proclama os seus artigos como modelos, n'uma imprensa onde a litteratura sédiça, a falta d'energia e o platonismo discursivo dos considerandos, eivam d'enfado a prosa destinada a visionar assumptos praticos e de sua natureza rebeldes ao enfeite.

Como jornalista, o seu typo pertence a essa cathegoria d'incisadores investidos na cirurgia da imprensa, da missão de golpear, quando o tumor já fez deposito. Gangrena certa—pelo mau séstro de não sanear primeiro os bisturis.

XXXI—O illustre titular marquez de Sacchetti, que o Vaticano envia com a *Rosa d'Oiro* (1) a S. M. a rainha, não é uma nobreza romana recente, senão faz parte da velha guarda de fidalgos com que o Papado póde contar nos dias maus.

A sua historia endenta n'uma hierarchia de diplomatas e guerreiros. Por sua mãe, a duqueza

(1) A primeira *Rosa d'Oiro* mandada pelo papado a Portugal, recebeu-a a rainha Leonor Telles em premio de ter sido infiel a seu esposo. A canção da *Rosa Tyranna*, que a indole sentimental do povo lentamente foi transformando em elegia amorosa, era uma especie de lithania do seculo XIV, mandada compôr pela mulher de D. Fernando I, para celebrar aquella dadiva.

de Struggi, é um Sforza; por seu pae, deriva dos Borgias em linha recta. É dos poucos fieis que logram o privilegio de ter sepultura á porta do pantheon papal, graça concedida á familia Sacchetti, desde Urbano II, de quem o terrivel caudilho Marino Struggi foi o mais strenuo defensor.

Procurámos o sr. marquez no hotel *Braganza,* onde os jornaes diziam ter-se hospedado, e ahi nos disseram que os habitos simples do illustre mensageiro de Leão XIII, affeitos á humildade christã dos penitentes, lhe não haviam permittido aceitar pousada tão sumptuosa, se bem que aos famulos e gentes de sua casa, s. ex.ª deixasse os aposentos que o governo ali fizera decorar.

Inquirindo no hotel então o poiso provavel do sr. marquez, ali nos disseram que no Hospicio do Clero encontrariamos s. ex.ª. No Hospicio do Clero, um padresinho d'oculos, fallando mau francez, italiano pessimo, e hespanhol adubado com palavras de gallego e catalão, depois de nos sujeitar a um interrogatorio em fórma sobre os nossos titulos e pretenções, conduziu-nos, rosnando, por um corredor d'azulejo, té aos quartos que o enviado do Papa occupa no convento. Peças austeras: primeiro uma cela, que no caso subjecto figurava d'antecamara; apóz, a sala, sem esteira, forrada d'um papel cinzento de quatro vintens a peça, ou pouco mais; e por ultimo uma pequena alcova e um quarto de vestir. O sr. marquez de Sacchetti é uma pessoa de quarenta e cinco annos, pequena,

e com seu espirituoso ventre de *viveur*. Tem dois chinós magnificos de trazer: sobre o craneo, o chinó de conde, com poupas á frente e seu bioco da freira para a nuca; cobrindo este, chinó de marquez, ou *perruca di honore,* que a pragmatica lhe prohibe tirar fóra dos dominios Pontificios. O sr. marquez de Sacchetti usa *lorgnon* com cabo d'oiro cinzelado, e tem nos dedos brilhantes e rubins admiraveis, dado o caso de serem verdadeiros—que isto de titulares e pedras preciosas, nunca fiando.

A barba, rapada, com prelaticios primores, em todo o queixo, deixa uma pequena borla ou mosca sobre o labio inferior, que o illustre mensageiro agita ao fallar, imitando os meneios d'uma cauda de cãosinho fraldiqueiro. O olhar, insinuante, e o metal dos dentes tão perlado, que muitas das nossas mais gentis noivas patricias desejariam possuir a adresse do dentista que confeccionou tal maravilha. Infelizmente esse Miguel Angelo dentario, vive no Vaticano, e só trabalha para Leão XIII; o que o sr. marquez de Sacchetti traz na bocca não é mais do que uma dentadura do papa, em segunda mão.

É claro que não tinhamos o direito d'interrogar o sr. marquez quanto aos detalhes reservados e intimos da sua vinda; limitamo-nos por consequencia a pedir-lhe as suas impressões de Portugal.

—Paiz lindissimo! exclamou elle, e pelo numero

d'egrejas que tenho visto, muito abrazado na fé do Salvador. Jejuam muito, por cá?

—Antigamente não. Mas com a crise, não só jejuamos, como tambem fazemos jejuar.

—Os infieis?

—Ou como se diz por cá, os portadores da divida externa. Que lhe pareceu Lisboa?

—Grande de mais para os moradores que lhe presta a estatistica. De sorte que a pobre gente anda pelas ruas, azafamada, a fazer multidão por conta do governo, para dar á cidade *tohu-bohus* de grande capital.

—E os individuos?

—Estatura curta, espinhella cahida, certo ar de basofia intelligente... Oiço que predomina o typo nevropatha.

—Sim, em politica, em poesia, e na finança. Lá fora corre?

—Os jornaes estrangeiros transcrevem os de Portugal, n'esta materia, e em Paris e em Londres faz o resto, o conde de Burnay.

—Que se pensa em Italia sobre a nossa Academia das Sciencias?

—Que é uma agencia litteraria para pôr em classico os reclames das pharmacias estrangeiras.

—Demonio! é forte. Entretanto, com o que nós deslumbramos a Europa, é com os cantores. Vozes magnificas...

—Sim, uma especie de rouquidão articulada.

—O sr. marquez demora-se entre nós?

—Dias apenas, que aproveitarei estudando as litteraturas.

—Ha-de encontrar surprezas estridentes... De mais, o momento é proprio, pois os festejos da *Rosa* mettem jogos floraes da rapaziada.

—Surpreza das surprezas! Verei então de perto todos esses famosos reis das hervas que se chamam nephelibatas e sósistas. E o Lombroso que me pediu apontamentos... E depois d'uma escarninha pausa, o sr. marquez accrescentou:

—Está a fazer um livro sobre as obsessões dos surdos mudos.

CAPITULO V

EM MAIO

Summario

Exposição do *Gremio Artistico*, sua historia, intuito e vastidões — Em que o relator faz de modesto alegando que nunca viajou — Marques d'Oliveira, poeta mystico, e suas visões da paysagem côr de rosa — Descripção e analyse psychologica dos seus quadros: o *Graças a Deus*, a *Lição* o *Lavando Redes*, *Caminho de Mogofores*, *Arredores do Porto*, etc. — Silva Porto, centro planetario dos paysagistas — Identifica-se a obra com o caracter moral do personagem — Prematura velhice dos quadros celebres — Os Silvas Porto d'este anno, suas virtudes, péxas e intenções — As manchas *Caminho de Coimbrões* e *Cancella de Serleis*, *Guardando gado*, *Moinho do Gregorio*, *Logar da Pontinha*, e *Na Pastagem* — Explicação ao leitor sobre os «meros apontamentos» d'estas notas — Salgado e os *petit-maïtres* francezes — Retrato de Teixeira Lopes entre chinezices — *Flores do Campo*, ou episodio lambido da primavera franceza — As *Bretanhas* da moda, comparativamente ás do Grandella — *Praia das Maçãs*, quadro de mar tumultuoso — Exposição de Jayme Verde: *Riviére de Querederf*, suas qualidades de côr e desenho — *La ferme á la porte au Mercier*, tambem chamado *Trinta annos ou a vida d'um porco* — Exposição d'amadores, e valor

do «curioso» nas differentes séries d'actividade portugueza — *O Infante D. Henrique* do sr. Condeixa, a *Psyche e Arunda* do sr. Guido Richter, o *Jardim Zoologico*, do sr. Izais Newton, o *Canto de toilette* do sr. Marques Guimarães, e *Virgens, Christos e Madanellas* de varios purrios estrangeiros e nacionaes — Pequena nota sobre os perdigões feridos e a fabrica de moagens do Barreiro — *O alcaçar de Sevilha* do Barradas — *Vida d'um alferes ou como elles se amavam em 76*, intermedio comico em aguarellas, pelo sr. *ártista* Lobo d'Avila — Symphonia de primavera e quadros de flores de Josepha Greno — Os bois da rainha e os comestiveis da sr.ª D. Bertha Ortigão Pintoras marciaes: *Forte de S. Bruno* por D. Fanny Munró, e *Guerrilheiro alemtejano*, por D. Amelia Delfim — Pintoras de peras cozidas, lagostas e coelhos esfolados — El-rei D. Carlos, eximio em botes á vela — *Na arribana*, por Luciano Freire: *Domingo de Paschoa na aldeia* e *Dançarina*, por José de Brito — Arthur Mello e as suas nove peças da Bretanha — Pinto e a *Caça aos taralhões* — José Queiroz, symphonista em branco — Pasteis de Ramalho, aguarellas de Hongan de Mendonça — Os esculptores: Alberto Nunes, Simões d'Almeida e Antonio da Costa Moeta — Resumo critico e vantagens praticas da exposição — Os nossos pintores são asylados, quando muito déstros, do ideal — Porque?

EM MAIO

I—A exposição promovida nas salas da Academia de Bellas Artes de Lisboa, pela sociedade de pintores e homens de lettras denominada *Gremio Artistico,* funde em si os trabalhos dos artistas que costumavam expôr no *Grupo do Leão,* accrescentando-os dos que lhe poderam advir dos *ateliers* dos nossos pensionistas de Paris, e assim d'aquelles que a curiosidade particular conseguiu gestar nos seus periodos de *volage* esthetica e—vae lá a *scie*—nephelibata.

Não premedita, julgo eu, pasmar o mundo, nem é provavel inspire uma pagina forte aos Lepelletier e Paul Mantz da alface, sempre tão mal humorados perante as obras d'arte nacionaes. Entretanto devo-lhes confessar que marca um avanço na linha graphica de muitos d'esses temperamentos de figuristas e paysagistas, e que mesmo fixa definitivamente a maneira d'uns, e amadurece e completa, dentro d'arcabouços modestos embora, a obra d'outros.

Eu não quero n'este momento saber se a pintura, tal como ella está representada na exposição

do *Gremio Artistico*, tem como arte um destino superior, ou se não passa, comezinha e cazeiramente d'uma distracção anedoctica da vista, e d'uma inoffensiva prenda de mãos, burguezamente commettida por alguns déstros asylados do ideal.

Não pertencendo infelizmente á phalange dos que viajam, só com muito afflictivos esforços de vontade comsigo trazer a grosseria da minha visão pouco educada, ao justo preço d'uma critica serena e reflectida, e só por sacrificio imposto ouso dizer das impressões que todos esses paineis me produziram, (se alguma produziram)—isto pelo receio de que meus dizeres impacientem aquelles que familiares com a pintura esparsa pelos museus do mundo, onde eu nunca puz os pés, n'essa transcendente jornada hajam afinado as suas sensações por outras provas, que não as minhas.

Registre-se portanto que darei conta ao leitor da exposição do *Gremio Artistico*, como um saloio faria á sua saloia, a proposito d'um drama complicado, isto é, fixando aqui e além talvez puerilidades, embrulhando-me nas peripecias do enredo, pondo em primeiros planos, actores episodicos talvez, e concluindo afinal que só Deus é grande, e depois d'elle só é grande a virtude, isto para concluir alguma coisa.

III—E pois que este introitos puz, com uma pontinha d'irritação provocada por uma vista de Mont'Estoril, que logo na primeira sala, á direita, me fez *pst!* escolherei entre as pinturas expostas, umas que acalmem, alliando á visão placida da vida, irisações de sonho poetico, se as houver, consolador.

Cuido que ha, e como sob este ponto de vista o natural é começar pelo principio, vejamos a exposição de Marques d'Oliveira. Não me recordo de ter encontrado telas suas na meia duzia d'exposições que por Lisboa tenho visitado: razão porque subitamente revelado a meus olhos, sob um aspecto brumal de paysagista mystico, este pintor me surprehende, pelo capricho terno e femininamente velado da sua arte. Ha em todas as manifestações do ramo esthetico, artistas que vêem certo —na paysagem, Silva Porto ás vezes—e artistas que vêem seu, o que é talvez o caso de Marques d'Oliveira. Em ambos os casos, impreterivel ter dentro uma aptidão; sómente no primeiro essa aptidão é feita d'escrupulo e de methodo, emquanto que ella jámais prescinde, no segundo, d'essa especie de vibratilidade religiosa interior, que fez dizer a Amiel: a paysagem é um estado da alma. Fixar um aspecto da natureza n'um momento da luz, é já bastante, mas corrigir a obra de Deus, filtrando-a atravez d'um soffrimento ou d'um extasi, eis o que eu chamo ter o verdadeiro sentimento da paysagem. Esta theoria repugnará

porventura aos brutaes zolaïstas da palleta, reproductores mazorros de troncos e de ceus, d'aguas e ruas, para quem a alma synthetica das coisas é lettra obscura, e que imaginam ter dito tudo pela cópia banal d'um certo numero d'elementos scenographicos. Mas nem por isso ella se me afigura criterio menos seguro para julgar do valor moral d'uma obra d'arte.

N'um romance psychologico, como n'um quadro, o entrecho, para mim é pura anecdota, e dos personagens só m'interessa a porção de sinceridade que póde autobiographar-me o romancista ou o pintor. O mais, ponho de parte; outros que lhe sintam as excellencias dramaticas e as finuras.

Ora o que me dizem os quadros de Marques d'Oliveira, da sensibilidade e cosmogonia psychica do paysagista? Coisas reconditas e finamente insolitas d'emoção, harmonias d'um symphonismo tão raro quanto inverosimil, ápartes d'interpretação pictural emfim, que não existem fóra do artista, mas que observados em globo, fazem da obra d'elle um verdadeiro tratado da alma côr de rosa na paysagem.

IV—São doze os quadros de Marques d'Oliveira, de 71 a 82, na ordem do catalogo, dois de figura, e os outros dez paysagens de costa e d'arrabaldes portuenses.

O n.º 71 é uma scena de familia pobre, e inti-

tula-se *Graças a Deus!* É n'um interior de habitação de pescadores, redes no chão, o solo carcomido, e por mobilia um banco baixo de pau, onde um velho descalço está sentado, um velho pescador de cara neutra, orelhas despegadas, com o barrete na perna, e laivos sanguineos na pelle tanada pelo mar.

Deante d'elle, sentada no chão, costas voltadas quasi ao espectador, uma rapariga reza de mãos postas. De roda, as malgas do jantar inda se vêem, e uma nudez de vida primitiva sáe da cabana casta d'essa gente sã, que parece dar graças por ter vindo ao mundo assim, sem precisões. O quadro, com a sua falta d'effeito decorativo, mal consegue attrahir o olhar do visitante: as côres são graves, os tons attenuados, o resumo visual quasi monotono.

Vê-se logo que não é uma maravilha, nem mira o premio, nem estende a mão a quem vae, p'ra ser notado. Emtanto falla, é recolhido, é candido, é domestico. A figura da rapariga tem uma adolescencia morena e sã de fructo estivo, com o seu corpete vermelho desbotado, a saia côr de grão, as argollas d'oiro, e o lenço da fabrica cruzando-se-lhe no seio, atado pelas pontas, traz das costas. Ha uma castidade fecunda na sua cabecinha redonda, de falripas rebeldes e tranças em monhos doirados, sobre a nuca; o perfil contemplativo, sem relevos de feições, conta nos haustos da oração os embevecimentos mansos d'uma alma de

povo, pacifica, herbivora, que refugia em Deus o seu terror da morte. Detalhe litterario, a creaturinha tem umas mãos que correspondem *a uma certa,* e só accidentalmente calham na especie humilde de virgens que devem o ser a pescadores descalços.

N.º 71, *A lição:* scena de burguezia pobre, n'uma salinha fria e sem ornatos. De roda da meza, tres figuras: uma mulher bordando ao bastidor, outra de corpete vermelho, de costas, gordanchuda e banal, ensinando a lêr uma creança. É a mesma impressão machinal da vida d'interior, que se repete em todas as familias, sem vivos d'alegria nem variantes, e por isso mesmo banhada de não sei que poetica espectativa, e deliciosa quietação.

Todos os pintores a quem ouvi fallar d'este quadrinho, m'o apontaram como a mais bella pagina de revelação de Marques d'Oliveira, apoiando-lhe o valor precisamente na dormente lucidez com que a scena é dada, na observação cuidadosissima dos detalhes, e na como que proposital evitação de todos os artificios que podessem avivar um valor sequer da apparente monotonia do conjuncto. Este veredictum vale bastante, já por derivar de concorrentes naturalmente dispostos, pelo *struggle,* a deprimir o merito dos que vivem longe, já porque elle estriba o realce da obra de Marques d'Oliveira em dotes de honestidade artistica que nem todos quizeram observar e seguir n'este certamen.

VI—As paysagens agora.

O *Lavando redes (Povoa de Varzim)* é na série a primeira pintura em que Marques d'Oliveira subjuga a natureza ao seu visionismo particular de bucolista enternecido.

Representa um pedaço de mar, d'enorme vastidão, barcos ao largo, sob um monotono ceu de lilaz dormente, e com nublações diffusas no horisonte. Ao longe a agua é lilaz, subitamente cortada por uma facha verde glauco, e volvendo-se depois á praia n'outros tons lilaz mais sujo, que por fim se vem babar d'espuma sobre a areia. Areia, barcos, nuvens, aguas, ceu, tudo é lilaz—lilaz opaco, sem expressão, mesmo dentro do caprichoso a que o artista obedeceu. Só na areia molhada, á direita trez mulheritas descalças fazem grupo, curvadas sobre as redes que se suppõem jazer no fluxo e refluxo da maré que as purifica. Claro que me não atrevo a perguntar onde viu o pintor d'aquellas symphonias em roxo alliviado, feitas, parece, de vomitos de bebado, sobre uma folha de papel mata-borrão. Basta-me saber se Marques d'Oliveira *sentiu* d'aquelle modo, e parece que sentiu, porque lhe vou achar a mesma gamma lilaz n'outras paysagens!

Cumpre dizer tambem que, admittida a preoccupação lilaz d'esta marinha, de resto obtida pondo

um *abat-jour* de vidro violeta no globo solar, a sua ordenação parece coherente: o mar tem largueza, a onda que se levanta em concha, pela esquerda, a alguns metros da praia, surprehende com fortuna a instantanea nervosidade da agua que blasphema á vista de terra—e quanto ao grupinho de descalças que lava as redes, sou a dizer que elle chama o olhar sem espalhafato, juntando á chufa irada do Atlantico, não sei que humilde queixa humana, que faz hymno.

Um caminho em Mogofores, paysagem de cearas e arvoredos. Caminho á direita, levando a um logarejo, por entre arvores, sob as quaes vem uma mancha escura de mulher. D'um lado e outro, verdes de cevada, couvaes, herva daninha; á esquerda, no fundo, o grupo de casebres, destacando-se n'um panno d'arvoredo, por seu turno recortado sobre um ceu d'azul, branco e lilaz, muito ligeiro.

No tunnel d'arvores, a perspectiva é curta, e a silhueta da mulher está pegada no fundo e não avança. Entretanto os verdes d'alcacêr são bem tratados, as casas pousam bem, e o tom geral da pinturinha, idyllico, e cheirando realmente á região.

Os n.os 75, 77 e 78, comprehendem estudos de paysagem, sob o titulo geral d'*Arredores do Porto.* São tres symphonias pantheistas, vogando n'uma atmosphera côr de rosa, d'um impressionismo quasi meigo, e absolutamente particulares d'uma

organisação que deforma as coisas ao sabor da sua affectividade.

Não é bem natureza aquillo, mas a historia d'uma sensibilidade, em tres capitulos, qual mais banhado de ternura poetica e d'ireal. De toda a obra que Marques d'Oliveira expõe, para mim, o bocado raro é este, por me exprimir não a paysagem, mas o sonho d'ella, tal como se tem n'uma noite de S. João, nos primeiros minutos em que, lasso d'amor, se adormeceu no seio d'uma mulher. Assim por exemplo, as telas 75 e 77, que fazem par, constituindo um unisono d'impressão, realizam no seu insolito preciosismo, coisas que a analyse reflexiva talvez espunja da boa pintura, e a que no emtanto a minha sympathia se prende, por um laço d'analogia moral que faz d'este pintor, em arte, um meu irmão e um meu cumplice.

A primeira d'aquellas telas é um declive de terras argilosas, com fundos altos d'arvoredo e de barreiras, um caminho escalonado ao centro, e á direita um muro de pedra solta, por cima do qual se levantam amieiros e faias, de folhagem fina e flexuosa. O motivo da segunda é identico: um charco no primeiro plano, onde lavadeiras se acurvam, o caminho boleando a agua pela direita, e ao longe, nos planos altos, silhuetas d'arvores e de casas de villóta. O desenho d'estas duas vistas é exacto, a composição musical e cheia de bondade, e pelo que respeita ao colorido, já disse, é uma visualidade propria do poeta, verdes esbatidos vo-

gando n'uma atmosphera auroreal, côr de botão de rosa palida, onde a luz não se sabe d'onde nasce, e onde todavia tudo é luminoso e inauditamente delicado.

N.º 76, *Arredores do Porto (estudo),* quadrinho de pequenas dimensões, representando uma ceara em fins de maio, caules verdes, espigas já seccando, e grandes arvores verdes n'um ceu branco nublado. É uma manchinha fiel e alegre de tom, banhada d'uma certa transparencia e poesia.

N.º 77, *Um canto de Vizella,* delicioso *rendu,* e d'uma tal fidelidade de tom, que esse pateo sujo da casa aldeã, com o seu portello côr de tijollo, entreaberto, o seu alpendre trivial, e o chão socovado, por cima do qual uma arvore verdeja banalmente, subito ganham á vista do espectador, fóros d'obra d'arte, tamanha e tão séria a observação englobada n'esse palmo de vermelho e verde, como que atirados á tela n'um momento de humor ratão. Este quadrinho devia chamar-se antes: *eremiterio de Val de Lobos d'um porco.*

N.ºs 80 e 81, tendo por titulos, *Açude em Villa do Conde,* e um *Caminho em Cette.* O açude fica na falda d'um monte de pinheiros, entre dois charcos divididos por um terraplano, que lhe dá accesso. Á esquerda, grupos de lavadeiras, e a agua opaca do sabão e das sombras da colina que se lhe prolongam nas ondulações, em todo o largo. No fundo, a ramaria dos pinhaes, cortada em ceu de nuvens. *O Caminho em Cette* é uma mancha

scenographica, destinada a fazer valer pela tinta violenta, o tom habitualmente apagado das outras pinturas. Pouco vale.

Por ultimo temos a *Praia dos pescadores,* na Povoa de Varzim, que me recorda um quadro identico de Silva Porto, exposto ha annos. Quilhas de barcos no areal; por entre essas quilhas, brancos de casas distantes, ceu pumbeo, egual; e a areia, d'uma extensão perspectiva notavel, movimentada toda de grupos de pescadores. É a maneira de vêr de Silva Porto exactamente, o que não quer dizer que não seja tambem a de Marques d'Oliveira. A artistas impressivos como estes póde a natureza dar uma ou outra vez, visões identicas, e eil-os se encontram, desmentindo assim o theorema das paralellas.

VIII—Ha dez annos que nas exposições de pintura portugueza o systema planetario dominante é o seguinte: Silva Porto no centro dos espaços, e os mais de roda, fertilizando-se á luz do seu talento. Esta evidencia não o cança nem deforma. Tem de todos os pontos do horisonte o mesmo brilho, um brilho d'astro modesto, cujo defeito seria apenas ter satellites. Appareceu já feito deante do publico, e des'que appareceu, tem conservado a physionomia immutavel da sua primeira exposição; sempre uniforme, porque é a do artista feito; uma sempre, porque é a d'elle mesmo.

Ganhou quando muito certeza na maneira de tocar, facilidade em fazer, mas a nota caracteristica da sua individualidade persiste, apezar das imitações dos *pasticheurs,* apezar da rotina dos discipulos, e dos exagerados panegyricos dos seus incondicionaes admiradores. A sua physionomia moral está detalhada em centenares d'artigos que a seu respeito escreveram os mais actuaes homens de lettras. É um contemplativo candido, fechado a expansões ruidosas, e apenas nos longes da intimidade trahindo, n'um ou n'outro breve dito, o filete de humor risonho que aviva d'escarlate o tom habitualmente pardo da sua cavaqueira.

Tão simples de caracter como de processos artisticos a sua vida é limpida como a sua paysagem, limpida e monotono como ella, a ponto de parecer que não tem variações. Como lhe não pesa a vangloria, é adorado, porque não faz sombra, e ainda n'isto se parece com o que pinta, sabido como uma das notulas persistentes da sua obra é ella não gesticular demasiado, e permanecer modesta d'arrebiques, por que venham fazer-lhe a côrte os admiradores que ella parece não ter prazer algum em captivar.

IX — Quem já percorreu collecções de quadros celebres, deve ter reparado como certas pinturas modernas envelhecem mais a galope do que os livros. Ha primeiros premios do «Salon», com-

prados a pezo d'ouro, que vinte annos de galeria repozeram n'uma decrepitude ridicula e precoce —isto ao contrario d'outras telas, que desdenhadas á nascença, foram c'o tempo amadurando, té um dia surgirem triumphantes, chancelladas d'eternidade, e com um sabor divino d'obra prima.

Discretas, humildes quasi no momento d'expostas, pouco a pouco a sua reputação transpoz os muros da galeria obscura onde as prenderam, fizeram-se coisa augusta d'arte, e assim ás vezes chegam a attingir proporções ideaes de monumentos. É a historia do *Angelus* de Millet, foi a historia do *Touro* de Paulo Potter. Ora, não sei que presentimento me diz que a paysagem de Silva Porto, apezar da sua apparente monotonia, apezar da sua uniformidade de sensação, apezar da sua ausencia «d'assumpto», é da rara pintura portugueza contemporanea destinada a ir além do immorredoiro semestre que é a vida da outra. A principio, a sua melancholia eterna, desconcerta, banal por vezes, dispensando a poetica, dispensando a imaginação, e pura e simplesmente preoccupado de pintar bem. Mas logo depois essa pintura entra em nós, fallando baixo, certo, mas ouvindo-se, e do banal sáe um original, do payzagista horticula, uma alma alta, um espirito triste, e um coração d'uma infinita suavidade. É que essas pinturas sem «assumpto» são porventura animadas por um sentimento vivo e verdadeiro, e por baixo do copiador surge o budhista,

prégando a resignação do pulpito das montanhas e das arvores.

X—A exposição de Silva Porto abrange quinze telas, de pequenas dimensões quasi todas, o que é um meio de pôr arte ao alcance dos pés de meia pouco fartos.

Intitula-se a maior: *Á porta da venda* (142) e mede 120 por noventa e seis de superficie. É uma scena de carrejões, nas cercanias de Torres. A meio da estrada, um carro com toldo azul, puxado a mulas; da direita, á porta da taberna, dois homens fallam, o carreiro, e um outro de varapau, que acaba d'amarrar n'uma argola a bestinha mansa que o transporta. A venda é baixa, de ramo verde á porta, uma arvore triste por cima. Por detraz do carro, uma parede branca de quintal, com parreiras e arvores; o ceu com tons d'ardosia, o caminho vasto e poeirento...

O homem do varapau e a alimaria da albarda, são excellentes restaurações do natural. O assumpto porém diz pouco, e áparte a absoluta fidelidade dos detalhes, a impressão que deixa, é morta.

O mesmo acontece talvez com o pateo de horta marcado com o n.º 154, em cujo primeiro plano ha um grande poço, e casebres de roda, por uma aberta dos quaes se avista a nora, cercada d'arvores macillentas. O colorido do quadro é todo de meios tons, solida a factura e cheia de minucia,

e o desenho d'uma probidade incomparavel. Entretanto a obra tem o defeito de todas as coisas reproduzidas do natural sem commentarios; é verdadeira de mais, não visa uma corda d'alma em especial, não sugere uma ideia, e apezar d'excellente, perde-se de vista, porque não tem a sublinhal-a uma intenção.

N'este genero, o Silva Porto d'este anno é abundante, e salvo tres ou quatro telas, o resto é geralmente compromettido pela tagarellice das estapafurdias pinturas de que o cercaram. Certas passagens do payzagista teem isto de melindroso e de fugace: no campo, ao ar, continuam a natureza na sua constante nostalgia, teem a serenidade das coisas fortes e monotonas: vae, trazidas para o *atelier,* como que se lhes fana a elysea mocidade, e não é raro que a má visinhança acabe por lhes murchar o resto do delicado flavor d'idyllios campestres que ainda conservavam. Ahi está no n.º 145, *Caminho de Coimbrões (arredores do Porto)*, uma manchinha linda de saudade, uma d'essas buccolicas crises d'artista que vem ao espirito como o gorgolejo d'um romance ainda não morto. Um palmo d'impressão que é uma maravilha com a sua barreira de verduras e arvores á esquerda, a linha de casebres fazendo rua do outro lado, e na vereda escavada ao centro, duas raparigas descalças que equilibram o cantaro, em *poses* d'amphoras, architecturas e rusticas a um tempo. É delicioso. A projecção d'esta

nota meiguissima continua-se ainda na *Cancella de Sereleis,* com os seus longes de latada, e a sua aguadeira semi-nua, aprumando a bilha ao alto da cabeça, e assim no *Guardando gado (Minho)* onde uma planturosa loiraça, de saia vermelha, novilha bella das fecundas raças do norte, fia esculpturalmente a estriga d'estopa, roca á cintura, emquanto as rêzes pascem a tenra herva outonal da bouça alagadia, sob um ceu de vapores muito ligeiros. É tão bonito este bocado! nada de grandioso, nada de hilariante, tudo monotono e tranquillo como uma evocação das eras primitivas. Assim interpretada, a natureza tem uma voz inconfundivel, e no gabinete onde o pousam, o quadro faz-se um companheiro de *reverie,* que exprime e sente como nós os divinos haustes da vida, e vibra d'uma religião interior que nos aljofra a alma de bondade.

XI — Mas os melhores poemas rusticos de Silva Porto, conteem-se nas telas marcadas com os n.os 148, 149, e 153, tendo por titulos, *O moinho do Gregorio, Na pastagem,* e *Logar da Pontinha, (arredores de Lisboa).* É d'elles que o payzagista brota com uma poesia d'impressão deliciosissima, uma melancholia murmura d'arte adolescente, ingenuo, banhado de sonho, senhor do seu processo, e tão sinceramente camponio na factura das veigas e das frondes, das aldeias e das

reprezas, que nenhum observador póde deter-se ante essas telas, sem agradecer ao artista a boa acção de haver escripto assim a historia das estações e das culturas.

O *Logar da Pontinha* sobretudo. Jámais Silva Porto exprimiu a terra com maior sinceridade! É o bocado bom da exposição, essa cevada verde que duas mulheres ceifam ao longe, esse dorso de montanha onde terras seccas d'alquêve entremeiam com verdes de trigal, e o restolho pisado e humido do primeiro plano, onde o ceifeiro avança com o feixe de herva, e finalmente o ceu de nuvens pardas, cujas grandes nodoas transmuttam a cada instante a perspectiva aerea da campina.

XII—É claro que estas impressões sobre a exposição do *Gremio Artistico* não vão postas por escala do conceito que me merece a obra dos artistas citados n'ellas. São meras notas de carteira, extractadas á proporção que se folheia o catalogo, e apenas crystalisando o humor do instante em que foi feita a minha visita á exposição. Já rudemente expliquei que de pintura conheço apenas a que se faz no meu paiz, e a pouca estrangeira que, por acasos de leilão, tem vindo parar ás collecções particulares da capital—significando isto que nem eu imponho a minha visão especial aos que me lêem, nem tão pouco lhes dou o direito de me censurarem, só porque prefiro Pedro a

Paulo, e Francisco a José. Estas cartas, pela sua ligeira fórma, e futilidade monotona de conceito, nem pretendem conter o juizo final da exposição, nem tão pouco querem viver mais do que a obra dos cavalheiros e damas que n'ella fandangueiam.

É lêl-as quem quizer, voltar a folha, e não pensar mais no que ficou escripto. Na opinião dos Goncourts, nada ouve mais disparates do que um quadro: deviam accrescentar que d'esses dispauterios, a mór parte é dita por pintores, ordinariamente mais preoccupados em criticar a parte technica, do que a resultante artistica da obra, e nem sempre frios de juizo e sinceros de razão para o computo esthetico dos que viram medrar, hombro a hombro, nas mesmas mezas d'aula, e nas mesmas sessões d'*atelier*. E isto dito—pela segunda vez, agora noto—declaro que me não agradam extremamente os Salgados d'esta exposição. Falta-lhes caracter, sente-se em quasi todos a gestação do estudante desconfiado de si proprio, buscando effeitos na maneira d'outros, d'uns certos, que eu não sei quaes são, mas que por força devem estar em moda na bandada de jovens pintores entre que Salgado vive, lá em Paris, ou adonde é.

É isto que explica talvez a diversidade de receitas por elle applicadas aos differentes assumptos de que se occupa, e que'mbora triumphando, muitas, nem por isso servem menos a que o espectador accuse de leviandade, ou mesmo d'outra coisa peor, o talentoso quadrista. Sei que este

borboletear pelo maneirismo em voga nos primeiros premios do *Salon* parisiense, é natural n'um estudante com febres de successo, ambicioso e mobil, devorado do amor da celebridade, querendo chegar mais depressa, e esquecendo-se por isso mesmo ás vezes de pôr o seu jogo artistico em bases fortemente inconfundiveis. Entretanto, quem deixou o paiz com a *Morte de Catão,* tem obrigação moral de não voltar a n'elle expôr senão obras capitaes. A pacotilha entretem talvez o *argent de poche* dos pinta-monos calaceiros, mas não é ganho honrado para um artista de valor, como este é. Que eu já digo, os quadros de Salgado em maioria valem os melhores dos pensionistas seus contemporaneos: mas esta craveira só faz subir os outros, e por certo lhe não lisongeira a elle nenhuma especie de vaidade. Fosse eu intimo do artista, dir-lhe-hia que não perdesse por lá, entre mãos de tres ou quatro *petit-maitres* francezes, que dão o figurino do dia ás tribus estrangeiras, o muito que no seu talento havia de fortemente masculo e original, que se não *lambesse,* como está fazendo, e se resolvesse emfim a vêr com os seus olhos e a sentir o choque da natureza com a morosidade ou a presteza das suas proprias emoções.

Até uma certa phase, os mestres servem: nada de os praticar porém depois que a edade assentou de vez os predicados moraes e as aptidões. Ha artistas de genio, gafados á nascença, para

quem a influencia dos mestres foi um verdadeiro assassinato.

XIII—Salgado expõe doze pinturas, figura e paysagem, de diversa natureza, destacando entre as primeiras o *Retrato do esculptor Teixeira Lopes,* n'um canto desleixado d'*atelier*. A figura é desenhada com impeto, corpo inteiro, tamanho natural, sentado, entre um cigarro e um livro, com a cabelleira esparsa sobre a testa, as pernas solidamente flectidas no velludo verde da poltrona, e o facto revolto e velho d'artista pobre que dá ao trabalho um entreacto de *reverie*. De roda, os accessorios, cortinas e *bibelots,* demasiado abundantes e procurados para dar a nota da chinezice, distrahem o olhar de cima da figura. Entre elles todavia ha coisas excellentes; a almofada da cadeira, forrada com galões velhos, dá uma illusão d'estofo verdadeiro. As calças do rapaz são maravilhosas, a mão esquerda é carne viva; quanto á direita, a que sustenta o cigarro, está a pedir bobeche e vela de stearina. Alguns detalhes tambem, acabados de mais, *verbi gratia* os sapatos, que não são pintados, são feitos.

Flores do campo é um episodio de primavera franceza, onde n'uma florida campina, fechada com arvoredos no fundo, um casal de loiritos, de narisito breve e ar sentimental, fazem ramilhetes de flores campestres. O assumpto está poetisado já pelas caixas de lenços, e pouco tem que o re-

commende. Tanto o rapaz como a rapariga, são amaneirados para provocarem a phrase: *falta-lhes só fallar!* que é costume dizerem n'estas occasiões as senhoras inferteis, a suas cunhadas. O pequeno que estende a mão para colher um palmito de digitalis, fal-o com um mimo de gravura de modas, como se uma voz lhe estivesse a dizer, *cautella não te piques!*

Orphã, é outra grande tela, onde uma menina bretã, magra e desazada, vem depôr um raminho sobre a sepultura de seus paes. Coifa branca na cabeça da menina, saladas d'agrião por fundo de paysagem, mausoleus, cruzes, cyprestes... O quadro não diz nada: o campo é p'ra nós desconhecido; quanto á menina, sobre ter má venta, vê-se que ajoelha a dez francos á hora, e que já começa a estar massada. Este quadro é o quinto acto d'um drama que a meu vêr só começa a ser bom, no sexto, se é que o tem.

Velhice (Bretanha): interior d'egreja em ruinas, teias d'aranha pelos cantos, columnellos e pedaços de muralha lazardentos, herva hibernal nas juntas do lagedo. Em cheio, no quadro, plantada uma figura de velho, que de certo ergue os olhos a um sanctuario que o espectador não apercebe. Mais longe vê-se uma velha ajoelhada ante um altar. A velhice dos tres, egreja e velhos, exprime-se n'uma ballada de tintas muito graves, e a ideia de Deus paira no todo, e provoca no espectador uma emoção longinqua, a lhe recordar o pó d'onde nasceu.

Cabeça de rapariga bretã (estudo). Esta Bretanha decididamente é uma estopada, com a aggravante de não inspirar demasiado os nossos bretanhistas. N'um fundo de herva e arvores, destaca-se uma cabeça loira e carneirosa de rapariga franceza, de coifa branca, olhos descidos, e lenço de riscas sobre o seio. Typo de camponeza tuberculosa, pescoço esticado, e vivos de carmim por todas as arestas do focinho. Mal me atrevo a perguntar se esta pintura... aconteceu.

Egreja de Magdalena (Bretanha), uma telasinha deliciosa, feita com uma egreja gothica, decrepita, um cemiterio aldeão que a circumda de campas e verduras, e uma rua d'aldeia, que lhe prolonga pela direita as perspectivas. Religiosidades nostalgicas pacificam toda a composição suavemente. A egreja, côr d'ardosia, os campanarios romanticos cheios de motivos ogivaes, duas janellas de trevos e columnellos ao centro, cortam-se severamente em ceu de nuvens, ceu pluvioso e com rozaceas d'azul pelos rasgões. De roda, o campo santo cobre-se todo de mimosa relva, ha cruzes e monumentos modestos aqui e além, e no primeiro plano um muro baixo, com seu portello de granito escurecido pelos annos, põe um cercado de redor d'esse logar de paz e d'oração. É delicado, d'uma melancholia romantica que nenhuma mesquinharia inquina, apezar do tom minucioso com que está feito.

Praia das Maçãs, drama de mar batendo cos-

tas, azul nos largos, verde espumante á medida que se vem approximando dos rochedos, e com chicotes d'agua na ressaca, que pulverisam a vaga no ar, furiosamente.

Lembra o *La Fin,* de Tristan Corbiére.

«...—Allons donc, de la place!—
Vieux fantôme éventé, la Mort change de face:
La Mer!...

Noyés?—Eh! allons donc! Les noyés sont d'eau douce.

—Coulés! corps et biens! Et, jusqu'au petit mousse,

Le defi dans les yeux, dans les dents le juron!
A l'ecume crachant une chique ralée,
Buvant sans hauts-de-cœur la grande tasse salée...
—Comme ils ont bu leur boujaron.

Pas de fond de six pieds, ni rats de cimetière:
Eux, ils vont ao requins! L'ame d'un matelot,
Au lieu de suinter dans vos pommes de terre,
Respire à chaque flot.

XIV—Na dicção dos buenadicheiros, socios ou familiares do *Gremio Artistico*, o nome que depois de Salgado occorre, é Jayme Verde, que pela primeira vez expõe, se bem me lembro, e cuja obra consta toda de paysagens. Essa paysagem é franceza de modelo, e não sei se mesmo

franceza de factura — razões estas que complicadas com a da edade do pintor, e o facto d'elle ainda estar fazendo curso, inhibem de por agora lhe fixarmos caracteristicas. O que elle tem com certeza é uma retina perspicaz para abranger o *drama* dos seus assumptos, e uma facilidade de factura que foge ao banal com arte, mesmo a copiar bocados que já serviram de modelo a outros pinceis. A sua paysagem consta de dez telas, colhidas em villegiaturas d'artista por pontos varios da provincia franceza. Ahi está por exemplo na *Allée de Trefesle (Finisterre)* um effeito de neve em pleno dezembro, de neve espessa e fofa, que veste a terra, pende dos galhos das plantas, e põe na atmosphera como uma velludosidade loira, em flocos finos. O effeito é desolado, mas sem interesse. De resto, esse nevão é para mim, homem do sol, um mero accidente scenographico, sabido como a unica neve minha conhecida, é a do Martinho, e essa, rosada com xarope de morango. *Dans la prairie au soir (Finisterre),* uma vacca leiteira amesenda na relva, c'o vitello, malhado de branco, roza, e oiro sujo, e tão mal posta, que o pescoço da vacca lembra mais uma mutilação da cauda, do que propriamente o supporte da cabeça. Longe, os maciços das arvores adormecem na pacificação do fim da tarde, ha verdes tenros, vermelhos-ferrugem na folhagem, e um silhueta de pinheiro ou cedro sobre o ceu lilaz, e com fimbrias d'oiro mui leves no poente. A expressão geral é

neutra ainda, sente-se o aborrecimento da vacca, e a precoce má creação do bezerrinho.

Vallée de Queredref (Finisterre). Ceu pardo, natureza ingurgitada de humidade. Grande planicie abrangendo quasi todos os planos anteriores do quadro, cortada de regatos que se repartem e espumam a meio d'uma relva raza, onde vadiam patos. Á esquerda, entre troncos esguios, casas de quinta, grandes hervas e arbustos pelo fundo, e mais longe, em pendor, uma colina baixa, e bouças verdes separadas por pequenas sebes de verdura. Paysagem séria, finamente tocada, e com aspectos de solidão que lembram Silva Porto.

A riviére de Queredref (Finisterre), é para mim o bocado melhor de Jayme Verde. Ha uma clareira sem herva, entre colinas redondas, com seu regato em diagonal cortando o terreno pardo e alagadio. Garganta ao longe, arbustos pela esquerda, convalescenças no desmaio outonal da terra e das folhagens... O fundo da pintura é positivamente uma maravilha de sentimento, com o ceu de nuvens rozeas no horisonte, a barreira á direita, as arvores da matta, longinquas: e bastava este quadro para saudar no pintor um visionista de talento.

Fóret de Fontainebleau (Seine et Marne), outro capitulo lucido de paysagem, onde o protagonista é um tronco de castanheiro, com verdadeiros calos e pelles d'arvore, busto solido d'atheleta que se levanta da terra n'uma expansão luxuriante, e

préga, positivamente préga o sermão da montanha ás outras arvores do bando.

La ferme à la porte au Mercier (Morbilian) tem por protagonista um cevado, um cevado francez, loiro e orelhudo, esfoçando talos com o geito grave d'um archeologo em commissão na Torre do Tombo. Toda a composição do xiqueiro, granja, e fundos de campo, é cuidadosa. E o porco verdadeiramente o senhor da installação! Tanto que eu daria ao quadro antes o titulo de, *trinta annos ou a vida d'um porco.*

E punha-lhe oculos.

XVII—O catalogo classifica d'artistas amadores, cinco pessoas apenas, significando o epitheto, julgo eu, que os cavalheiros e damas agrupados n'elle não façam vida profissional com os pinceis. Ora eu peço d'aqui licença para achar erronea a distincção, já porque no grupo dos considerados *verdadeiros artistas,* figuram muitos que só incidentemente pegam da palleta para borrabotear coisadas polychromas; já porque na escala de merito, o catalogo retem *vocações* tão pouco, ou ainda menos confirmadas, do que as do grupo amador.

Faremos por consequencia classificação a nosso gosto, agrupando as inferioridades do certamen —cordealmente, é claro—n'uma especie de vestibulo em cujos muros lhes dependuraremos as

telas, sem indagar dos antecedentes picturaes de quem nas subscreve. Este vestibulo conterá a exposição dos «curiosos», venho a dizer, d'aquelles que pintando, jámais sonharam com fazer arte, senão revelar prendas de mãos, anedocticamente exhibidas para exemplo d'ocios peormente occupados, *verbi gratia,* a escrever cartas de namoro, ou a tocar no piano a *Priéri d'une viérge.* Tem isto a vantagem, senhores, de se poderem elogiar como curiosidade muitos quadros que como obra d'arte seriam lastima, e de desculpar pelo lado amador, saladas e pastellões a que era obrigação fazer careta, caso os considerassemos fóra d'este campo.

Não se assustem portanto os expositores e expositoras a quem amavelmente peço o favor de trocarem os *fauteuils* de primeira fila que o catalogo lhes marcou, por logarinhos de geral, mais recatados, que n'este pedido meu vae uma pontinha de ternura pela fraqueza alheia, a par d'uns vislumbres de justiça, que não podem senão redundar em bem para nós todos.

Demais, são os curiosos quem actualmente prestam em todos os ramos o melhor contingente de trabalho para a vida nacional. São curiosos quasi todos os estadistas que nos regem, curiosos os funccionarios de confiança, curiosos os litteratos, curiosos os sabios, e curiosos até, os professores.

Em Portugal, emquanto o exercicio d'uma

certa aptidão está no estado de prenda, lá é possivel arrancar ao proprietario d'ella, coisas razoaveis, e testemunhas de forças agitantes, progressivas; mas desde que a prenda passa a officio, a curiosidade, a especialidade, adeus cidadão valido! e eis o profissional que pára d'energia, e amosenda n'um enche-logar inflado de prosapia e d'inacção.

XVIII—Com os curiosos da exposição de pintura não acontece rigorosamente o facto que acabo d'apontar. Não são elles que fornecem o contingente melhor á exposição, nem tam pouco me parecem constituir o nucleo d'onde hajam de sahir no futuro, os Rousseau, os Millet, os Henner e os Bougereau da arte portugueza. Entretanto a sua pinturasinha é álerta e espevitada, a sua vontade de dizerem qualquer coisa aprecia-se no desespero com que reconhecem não ter dito ainda coisa alguma; e por outro lado, ha pantomimas tão jocundas nas telasinhas d'estes doidivanas, que se lhes chega a achar graça, e a advir na conclusão de que a pintura moderna, como a arte dramatica, fará tanto mais depressa a conquista do grosso publico, quanto mais curta a sua transição do campo sério, para as palhaçadas.

Ahi está por exemplo o *infante D. Henrique,* de Condeixa, que como reconstituição historica tergiversa de tudo quanto até agora teem feito os

historiadores. Em vez do homem de genio aspero e intractavel, devorado por uma ideia unica, e a ella sacrificando todas as energias terriveis do caracter, figura o sr. Condeixa no infante D. Henrique um jovial ratão que borda ao bastidor, de sapatos de bico, vestido de pellucia barata do Grandella, e com uma estuporada cara de mulherengo, da especie mais antipatica, d'essas que fazem os garotos gritar nas ruas suspeitas — *Ó Catita!* Não podémos saber onde o pintor colheu modelo para o heroe, mas somos a dizer que a alfaiateria d'escada não seja estranha a esta commettida, e que o guarda roupa do Rato fosse quem forneceu o trajo authentico que o pintor vestiu ao seu pouco viril *navegador*.

Em situação identica se encontra o sr. Guido Richter, que expôz dois retratos de damas, bordados a lã frouxa, sobre talagarça, e uma *Psyche e Arunda*, em côres maviosas, de fazer arrepelar d'inveja todos os colleccionadores de chromos do universo. Esta mythologiasinha, além de lambida, vende-se, mas devo dizer que algumas damas acharam a nudez de Psyche um pouco viva, e se chegaram a quotizar para lhes cobrir as divinas carnes, com um guarda-pó. Em caso de se pensar em restabelecer no grupo do sr. Richter, *un brinde toilette,* proporia tambem um chapéo de côco para a cabeça d'Arunda, e faria entrever nos longes da vista, o edificio dos banhos de D. Clara. O sr. Izaïas Neuton é outro caso de nephelibatis-

mo colorista, applicado ao lago do Jardim Zoologico. Expõe duas vistas do mesmo, muito berrantes d'amarellos e verdascos, com cysnes, botes, e outras goloseimas com que n'aquelle aprazivel recinto se arma ao passatempo dos collegiaes que souberam as suas lições. Infelizmente os cysnes não teem movimento, o que torna um pouco incompleta esta escola de paysagem.

XIX—*O canto de toilette* do sr. Marques Guimarães, nos parece, sob este ponto de vista, mais acceitavel. É uma symphonia de vermelhos, um *tour de force* verdadeiramente eivado de capricho. Imaginem por fundo um reposteiro escarlate, de *lausperenne,* ondeando em dobras sobre um canto de toucador de quatro libras, onde tres disformes artefactos de vidro côr de molho de *roastbeef* dão a mais pelintra nota de bazar que ainda em minha vida observei.

O sr. Marques Guimarães quando para a outra vez lhe aconteça expôr d'estas lindezas, aponte por baixo a loja onde ellas se adquirem, e assim o seu quadro valerá ao menos como... taboleta... D. Salvador Escolá y Arincanez é um pintor barcelonez—*discipulo de D. Claudio Lorenzalez, caramba!*—cuja especialidade está em confeccionar com manjar branco, qualquer objecto d'arte, sacro ou profano, que o freguez se lhe digne encommendar. As suas pinturas, além da illusão de vida

integral que dão a creanças e a militares de graduação inferior, teem a vantagem de se poderem comer, sem maiores transtornos de barriga, porque D. Salvador ao passo que as recheia de guloseimas raras, conforme o preço, tem o cuidado de as revestir tambem de bismutho e magnesia calcinada, por que assim entrem na digestão, menos perigosamente para a... arte. O seu *Ecce Homo,* entre a *Primavera* e o *Outomno,* é um bolo de meza digno de figurar n'um banquete da Sociedade de Geographia.

O *Ecce Homo* especialmente, é assombroso, com a sua cabeça ideal de doce d'ovos, coroada d'espinhos de chocolate, as olheiras de calda d'amora, tão azuladas de vicios contemporaneos, e os olhos d'amendoa torrada, e os hombros d'assucar, com feridas de cochonilha e surprezas de doce de cereja, gila, e goyabada pelo meio... Como é bem comprehendido este martyrio do Nazareno, onde a religião se justapõe á confeitaria, as duas convergindo á realisação d'esse elevado e salubre fim que se chama tasquinhar! Assim interpretada, a arte, sobre ser de todos os tempos, lisongeia ao mesmo tempo os sentidos quasi todos. É regalo da vista, e come-se, o seu contacto acaricia, e depois de comida, ouve-se—porque sendo indigesta, conversa comnosco cá por dentro. Alliar o arroubo mystico do espirito, á arte de pasteleiro, ser n'estes tempos de lassidão intellectual, Raphael d'Urbino, e *Có-Có,* n'um só involucro, eis uma surpreza que

só por via iberica poderia fazer a sua entrada em Portugal! Maravilha foi que o genio de D. Salvador escapasse aos tiros da guarda fiscal—o contrabando tem isto de supremo—para nos ser dado gozar esta esthesia artistica do seu *Ecce Homo,* catrapiscando entre duas pécoras que lhe fazem sinaléfas, as bebedas, com um ar de pouca vergonha sadica, evidentissimo.

XX—Adolfo Greno expõe apenas duas coisas: uma *Cabeça d'estudo,* nem boa, nem má, que tem um braço de pau do lado esquerdo, e o idyllio d'um sargento de meia idade com certa costureira quarentona, que lhe escuta as declarações, cozendo, entre as leiras do quintal. A scena devia ter como *pendant,* o mesmo sargento, vestido de guarda-portão, já reformado, e zurzindo a mulher na volta da taberna. O pintor chama ao painel, *Preliminares.* Preliminares de que? De sacramento, ou de funcção? A moralidade exige um restrictivo a este titulo, um pouco bocagiano.

O sr. Pedro Diniz dá nas marinhas, e tem um *Grupo de barcos de pesca,* galantinho. Seja-lhe isso relevado em desconto da *Corveta correndo com o mar,* em côr de cinza maior, e cujo espirito hesita entre o d'um milagre que fez Nossa Senhora da Nazareth, e o d'um annuncio da empreza Pinto Bastos.

Os estudos do sr. visconde d'Athouguia, como

curiosidade, são acceitaveis, e ha entre outros, um *Perdigão ferido,* d'uma minucia e d'uma fidelidade de caçador. Até achamos o perdigão bem pintado de mais — tão bem pintado, que é escandaloso. Ninguem pinta tão bem um animalzinho d'aquelles. Saiba! Porque emfim, um perdigão menos preciso de côres, quando o assumpto do quadro é elle só, ainda faz recolher e scismar quem no contempla — na duvida se será uma gallinha.

O sr. Augusto Barradas expõe uma *Fabrica de Moagens do Barreiro,* mathematicamente minuciosa de janellas, lettreiros, chaminés e charcos d'agua, d'uma bonhomia tão insignificante, que é impossivel que o painelzinho não vá endereçado á boçalidade d'algum rico moageiro. Esta mesma fabrica de moagens, em estylo Alhambra, fornece ao mesmo senhor Barradas assumpto para *Uma entrada dos hespanhoes no Alcaçar de Sevilha,* que custa cincoenta mil réis, e tem a vantagem de se poder chamar tambem, *para los toros!* em galerias de colleccionadores que sejam ao mesmo tempo *afficcionados.* Este trabalhinho vinca-o a garra d'escola que já presidira á confecção do infante D. Henrique, do sr. Condeixa.

Desavergonhados de gibão e plumas, as barrigas das pernas esvasadas em charuto de pataco — especie de *quadrilla* carnavalesca, com trombetas e espadas de folha — invadem uma scenographia vermiculada d'amarellos e azues, e parece que cantam mesmo o côro dos toureiros da *Car-*

men, tocando-se-lhes n'um machinismo disfarçado a um canto da moldura.

No final do côro, o trombeteiro tira a charamella da bocca, estende o gorro de plumas, e nitidamente pede *uno limosnita para las madres parideras*. É engenhoso!

O sr. Antonio Pinto Bastos, parente proximo d'uma familia d'agentes de navegação, consagra o arco-iris do seu pincel, como é natural, a assumptos d'agua. Lá está o quadrinho *no Tejo*, que é mais um reclame á *Pacific Steam*, e a *Corveta Bartholomeu Dias*, com 16 centimetros de comprido, por 12 de largo—linda e tão barata, que o sr. Antonio Ennes com algumas centenas de mil réis podia lá fazer construir a mais poderosa esquadra portugueza.

Duas telas religiosas do professor Silva Flamengo, santeiro setubalense, que põe o Christo de corôa á zamparina, olho frascario, barbinha triques, e umas manchas na cara, tão vinosas, tão suspeitas, que—o Senhor me perdõe—fosse eu pae de senhoras, por coisa nenhuma do mundo lhe daria minha filha.

Está este Jesus muito surprezo de que sendo filho de Silva Flamengo, alguem o tome por Salvador do mundo. Tanto, que a sua bocca aberta parece dizer:—*Sou Jesus Christo, sou, que teem os senhores com isso?*

Flamengo expõe assim uma *Virgem*, senhora de cincoenta annos, lenço amarrado á roda da ca-

beça, e um ar doloroso que attribuirei mais a padecimentos de figado, do que propriamente á perda do seu bemdito filho.

Fecho a resenha com uma menção honrosa ao sr. artista Lobo d'Avila, que dá no *Estoril* uma sallada de beterraba, onde o azeite se allia harmoniosamente co'a perspectiva aerea, e nas tres aguarellas do *Namoro,* do *Passeando,* e da *Ophelia,* um romancinho que podia chamar-se talvez, *Vida d'um alferes de cavallaria, ou como elles se amavam em 76!*

Na primeira, vê-se o protagonista de grande uniforme, namorando a cavallo uma menina que se debruça do terraço d'uma quinta. Na segunda, os dois casaram, e uma ama leiteira attesta que o amor foi... coroado. Finalmente na terceira, a pobre senhora, que não poude resistir ao adulterio do alferes com a creada, deita comsigo a uma charca da quinta, e está inchadissima.

Provavelmente o suicidio foi no verão.

XXI—Hontem pela manhã, sob um sol primaveral, um pouco chamuscante já dos presentimentos de junho proximo, fui-me á Tapada fazer um pouco d'appetite para o almoço. Manhã suprema, larga d'azul e d'oiro-sol nos fundos da paysagem, alegre e pura, com gorgeios de passaros e ondulações de vento á flor dos cearedos! Por vallados e trigos, gritos de flores violentando o verde

esmeralda dos macissos; malmequeres côr de chamma, por myriades, com uma ondulação de cabecitas louras que chilream; palmitos côr de rosa, erguendo entre as canavouras dos favaes, caretas de malicia, do fundo da sua guella fendida até ao piciolo, como guellas chimericas de hypogrifos; e a flor da malva, aberta em taça de cinco gommos, estriada de branco e rosa murcha, a mysteriosa e penetrante madresilva, cujo perfume recorda o halito d'um *boudoir* de mulher, ainda fechado... o lirio dos vales, com a sua original floração em copos d'espada, a flor da giesta e a flor d'esteva, todas as gammas emfim da herva dos campos, que abril concita, e maio desabrocha em verdadeiras cascatas d'obras primas. Na largueza dos verdes, longe das casas, e sob a gesticulação prelaticia dos arvoredos, essas humildes flores, agrupadas por milhões de redor dos grandes troncos, no plano inclinado das rigueiras, por entre feiches d'espigas e esbravejos metallicos de zambujos e piornos, guardam a attitude implorante que nas egrejas d'aldeia teem as raparigas ás vezes, se o prégador lhes conta os mysterios um pouco logogriphicos de Maria, virgem antes e depois da maternidade. Vidas erraticas, preoccupações ancestraes que o homem cadaverico da terra-mãe não poude extinguir em si de todo, ao transfiltrar-lhes o ser de vegetaes, como que mechem e fallam dentro d'ellas, fazendo-as ultrapassar por vezes os limites da muda descripção que a natureza lhes

impoz.—E assim ha malmequeres que são olhos de camaradas nossos, corações de rosas onde podemos reconhecer ainda o *tic-tac* d'alguma doce amiga morta, perfumes que são restos de versos de poetas, rezinas e gommas que são odios, e colorações de petalas onde não seria difficil achar a mancha dos beijos dados, longos annos antes, na carne juvenil d'alguma tisica noiva, calafriada de *mors-amor*.

Se da campina desço aos hortos dos palacios, e os macissos geometricos se substituem na minha contemplação aos occasionaes revoluteios das plantas livres, é nas flores cultivadas a mesma implorativa queixa de que ainda falte tanto tempo para, na cadeia vital, ellas subirem de vegetaes, a homens e a mulheres.

A ancia de selecção que da humilde pedra bruta vem té aos ultimos elos da série universal, n'estas flores de jardins quintessencia-se ainda de ciumentas afflicções, pelo contacto d'ellas com mãos deliciosas, cheirando a ociosidade e a luxo, e deixando entrevêr ás pobres o destino imperial d'essas raças felizes, que teem voz e razão para domarem, com um simples capricho, a natureza. Se a flor do nardo escrevesse, calculem, ai! calculem o que ella não diria d'estupendo!...

Ora, não tendo voz com que fazer valer, perante a humanidade cruel, os seus direitos, as flores estou que se reuniram, como outr'ora os animaes do fabulista Lafontaine, a fim d'escolher, não digo

reis, mas representantes e interpretes que dissessem aos homens «nós tambem temos direitos de nação!» E estes representantes e interpretes, que fôra mistér quadrassem sua sensibilidade e estructura intima, pelas dos organismos frageis que eram chamados a defender—estes representantes, é natural fossem mulheres—razão porque no certamen do *Gremio Artistico* são as senhoras as quasi exclusivas chronistas da vida e acções das rosas, malvaiscos, crysanthemos, etc. e malmequeres. É certo que de quando em quando lhes ajuntam, devo dizer, prozaicamente, uma ou outra caçarola, uma ou outra mão de nabos, pombo morto ou talhada de melão, mas deve-se explicar o desvio esthetico, recordando que esses menos nobres accessorios são a interferencia artistica d'Adão em Eva, por via da negregada costelleta de que rezam as Escripturas. E lavrado o preambulo, peço, como nos sermões da quaresma, tres Ave Marias, a primeira por intenção do critico a quem lembraram que nas exposições de senhoras não se deve bater nem com uma rosa; a segunda por intenção das expositoras, a que Deus permitta acharem a chronica de humor thuriferario, e em harmonia com as praxes convencionaes da boa sociedade; e finalmente a terceira por intenção do publico, a que elle advenha na convicção, aliás affectuosa, da seguinte maxima que passo a transcrever: *em certas coisas, meninos, a mentira é o prazer dos deuzes e dos homens bem educados.*

XXII—No topo da exposição feminina figura, como de justiça, a sr.ª D. Josepha Greno, com dezesete quadros de flores e fructos, dimensões varias, e magnificos por egual de composição e colorido. Se me fosse dado escolher, d'entre as concepções floraes da sr.ª Greno, a que mais me dissesse ao saibo d'amador, escolheria, palavra, as dezesete, sem pena das que ficavam — verdade seja que não ficava nenhuma! — tanto o meu emotivo instincto de jardinagem se compraz na amorosa conversação d'aquellas abadas de rosas, lilazes, papoulas, espigas e romãs. Eis ahi uma artista que na sua especialidade hombreia desinvoltamente com os nomes melhores da exposição, e cuja facil fabrica não resvala um instante sequer aos arreglados banaes de certos mercieiros de pinturinhas p'ra dez libras!

A largueza do compôr tampouco geralmente lhe desvirtua o mimo de certos mysterios d'efflorescencia, que ella sabe dar sem pieguice, e com reaes virilidades de tom, cheias d'encanto. Porventura uma ou outra vez o pincel lhe quer fugir, pela demasiada largueza do estylo, da pintura de painel, para a decoração, ás horas em que a sua palleta, forçando os limites pudicos do meio tom, tão suavemente proprios das flores de certos ramilhetes, tenta broxar violentamente os corações de certos fructos, como as romãs abertas, ou produzir de roldão as cruezas dos macissos de flores

contrastantes, com vermelhos e amarellos que encandeiam a vista, e são verdadeiros exercicios gymnasticos de pintura.

Entretanto toda a obra da calorosa florista, impa de vida, ha drama, expansibilidade, verve nos grupos; os seus malmequeres tentam os dedos das supersticiosas namoradeiras; as suas rosas são o menos possivel Araujo; e quanto aos amores perfeitos e lilazes, dizem mãos de mulher déstramente educadas em fazer fallar ao oraculo das flores, a linguagem do amor sentimental.

Além d'estes dezesete quadros, a sr.ª Greno tem um panno de leque, a *gouache,* sobre seda lilaz, com passaros, ninhos, hervagens e amores perfeitos, que me parece digno d'um Giacomelli no pinaculo, e um pastel representando uvas ferraes, delicioso, que os passaros debicariam, no momento do Alberto Pimentel atroar os echos com a sua famosa e philosophica interrogação—*quem sabe que licor está dentro da uva?!...*

XXIII—E ora um parenthesis. Sua magestade a rainha D. Amelia, cujas predilecções picturaes são conhecidas, acquiesceu como protectora e socia do *Gremio,* a vir expôr tambem quadrinhos seus, e ingrato fôra sacrificar á culminancia social da princeza, o juizo imparcial a que a artista tem direito, e este emittido já se vê na lingua chã com que a todos os mais temos fallado. Por

consequencia diremos que o burro a oleo, que sua magestade expõe, tem certa verve, e com o ser corpulento e bonacheirão d'aspecto, lembra um d'esses burros de galão branco, que a gente encontra ás vezes de sobrecasaca, na antecamara dos ministros. No segundo quadro, ha um carro de bois fielmente pintado, com as rodas sem raios, n'um caminho de charneca. Os bois que puxam o carro teem vigor anatomico, as cabeças formosas, e a côr justa, se bem que na lançadura dos paus se sinta a observação d'um regimento de lanceiros á desfilada.

A sr.ª D. Bertha Ortigão tem dois cuidadosos estudos de comestiveis, onde a originalidade modesta do thema se valoriza finamente por uma justeza d'observação pouco vulgar. O primeiro d'estes ensaios consta d'umas ostras e camarões agglomerados de redor d'uma garrafa de Bucellas. *La priére du soir* dos camarões. Não é positivamente «bordada de suggestões», como diriam os nephelibatas, esta pintura, mas dá por si a visão d'uma sensibilidade compadecida que distrahe os ocios da opulencia na contemplação dos infinitamente pequenos da natureza. O segundo estudo é consagrado a nabos e a cebollas: o mesmo misericordioso escrupulo para as pobres raizes da terra, que nunca esperaram ser prégadas na mesma lingua em que Raphael prégou a *Transfiguração*, e Detaille a *Batalha de Reichoffen*, e uma consciencia d'analyse que eu gostaria

de vêr já applicada a tramas de mór folego, deixando o simples campo d'ensaio, onde o *savoir faire* da pintora de há muito está legitimamente confirmado.

XXIV—A sr.ª D. Fanny Munró tem tres quadrosinhos, com seguras qualidades de factura e colorido. Sente-se a estudiosa que procura, ajudada d'um mestre que não costuma lisongear precocidades problematicas, e por isso mesmo avançando com segurança mas sem pressa.

O seu *Forte de S. Bruno* é desenhado, e no tom adormecido da côr ressumbra a reflexão e a melancholia d'uma hora solitaria á beira mar. *Do poço velho,* embalde procuro referencias nas minhas notas; ter-me-hia escapado entre dois apertos de mão a visitantes importunos! Das *Flores* recordo-me como sendo d'aquellas onde a *sensiblerie* da mulher põe alguma coisa de si propria.

Folheando o catalogo, encontro, algumas paginas além, as pinturas da sr.ª D. Amelia Delfim, tudo figura, e devo dizer que realizada com uma relativa certeza e habilidade.

O seu *Guerrilheiro Alemtejano* tem por exemplo uma excellente barba postiça, e uma energica mão de sexagenario segurando o gatilho da clavina. A jaqueta de pelles é bem dada, a figura quasi forte, e só o cobrejão me parece inspirado em juta, da peior. No *Estudo do Natural* notam-se

ainda excellentes predicados, e a cabeça do velho é cheia d'expressão. Menos felizmente exercitado está o pincel da sr.ª D. Amelia de Carvalho Monteiro. As suas *Fructas* por exemplo, bananas, laranjas e maçãs, n'um canto d'aparador, parecem, pelo engelhado e betuminoso das cascas, restos da merenda que os cruzados tiveram depois da tomada do Santo Sepulchro, e se isto lhes augmenta o valor na archeologia, desvirtua-lh'o por certo na *pose* d'atelier. Um outro quadrinho por alcunha, *Coelho* (n.º 233) é uma verdadeira exhibição de museu do Carmo. Alli se vê um coelhote pardo — coelho do seculo XII, vamos! — cujo engelhado modelo seria adquirido n'algum armazem de *bric-à-brac,* e que para mais tem a desdita de estar pendurado pelos pés, juntamente com uma especie de passaroco que eu desconfio já ter sido Espirito Santo, na provincia. As *Rosas* são bonitas, inda que um pouco tyrannas, e quanto á *Lagosta,* meu Deus, parece que vae dizer — *Ó mio Fernando!* Estas comparações não querem todavia significar que a obra da illustre senhora desmereça da minha sympathia por fórma alguma; são referencias humoristicas de quem, embora respeitando as predilecções estheticas, comtudo sabe sorrir sem mau humor das *boutades* joviaes que o acaso lhe faculta. Pintar um coelho mal, não é coisa que deva magoar uma senhora — a pintura é um luxo — o deploravel seria que essa senhora o não soubesse cosinhar com

molho de vilão. Santos Cardoso, implicado na revolta do Porto, quando lhe disseram que teria d'ir para S. Thomé por cinco annos, desatou n'uma agitação roncante de besta-fera, de tal guiza insolita que os outros presos tiveram de lhe aconselhar mais compostura. E elle, furioso: — Cada qual para o que nasceu! A verdade é que eu não tenho vocação nenhuma para degredado.

A falta de vocação explica o insuccesso tambem d'outros destinos, mas não é isto uma razão para ficarmos de mal com quem nos falla francamente.

XXV — É tempo de fechar as impressões que a exposição do *Gremio Artistico* me deixou, e porque me seja impossivel mencionar em meia duzia de paginas de texto, os artistas que ainda faltam, vou-me ao sabor do acaso, fallando d'um, fallando d'outro, até se me acabar de todo o espaço e a paciencia.

Com a pachora minuciosa das primeiras notas, inda esta faina seguiria além, por algumas semanas mais de folhetim, mas a fallar verdade nem a exposição vale a delonga, nem a esthesia artistica do publico já conseguiria escutar prasenteiramente o que lhe digo. De sorte que reservarei para outros annos de pintura mais fertil, as saudações que desejaria lançar no caminho d'alguns figuristas e paysagistas da minha estima, e

deixarei no escuro outros, cujas locubrações não valem mesmo a commiseração d'um epitaphio. A estes digo emtanto: porque fazer pintura a oleo, quando vocês poderiam vender tão bonitos chapeus e confecções? Porque consagrar á esculptura inaptidões que seriam talentos n'uma fabrica de muringes e panellas vidradas?

Oh, as vocações invertidas! Os destinos falhos, por causa ás vezes d'um conselho mal dado, ou d'uma inclinação mal entendida! Por exemplo, deante das quatro marinhas a aguarella de sua magestade el-rei D. Carlos, quem não ousará preferir no excelso principe, o pintor ao monarcha, e o colorista de botes á vela, ao precózmente nutrido generalissimo? Emtanto veja-se como a sua palleta é magnanima, que até para democratizar a arte ao nivel da dos seus subditos, propositou sua magestade não ser sempre admiravel, e conseguiu-o, a ponto d'uma das suas mais bellas falúas á vela ter sido descripta e criticada nos jornaes, como uma vista da Serra de Cintra, a mais não rustica!...

D'estas surprezas e confusões esteve este anno cheia a exposição, o que não foi decerto a sua peior virtude. Nada que delicie tanto o espectador como a surpreza, a partida, o *truc*, nas mesmas coisas que por sua essencia simples, parecia deverem estar ao abrigo d'estas commettidas folionas. Raphael Bordallo teve um dia a jantar o seu collaborador Alfredo Moraes Pinto, que nas pro-

ximidades da sobremeza—como era um intimo da casa—ninguem estranhou se erguesse e fosse lá dentro alguns minutos, para d'alli a pouco voltar elogiando muito a erudita conversação do papagaio. Serviram-se as fructas, veio o cognac e o café, e distribuidos os brevas, Raphael Bordallo pediu lume, que Moraes Pinto mesmo foi receber das mãos do creado, trazendo ao caricaturista, gentilmente, n'uma palmatoria de metal, um coto acceso. Já este mordicava a ponta do charuto, fazendo-o crepitar entre dois dedos, e estendia para o pavio da palmatoria, a outra ponta, quando se passou uma coisa indescriptivel. O Pinto acabava d'engulir vela stearica e pavio, n'um furioso movimento d'esganado! A vela era uma banana, e o pavio, de castanha do Maranhão, cuja oleosa polpa ardendo, dava luz...

XXVI—Voltando á vacca fria, ahi está um boi do sr. Luciano Freire (quadro *Na arribana)* a mostrar no debutante, qualidades sufficientes d'animalista. É um corpulento animal, bonacheirão e anatomicamente fiel, d'uma côr certa, e tendo para mim só um defeito: o terem-lhe dito estivesse com proposito, porque lhe iam tirar o retrato. E o boi comprehendeu, e tão grave e erudita é a sua postura, que chega a fazer-lhe falta no cachaço o colar da sociedade de Geographia! Bem dizia, a proposito d'esta augusta simpleza, na sua *Morga-*

dinha de Valflor, o nosso estyloso Pinheiro Chagas «Senhores e senhoras, debaixo da pelle d'um boi muita vez palpita um coração mais nobre, do que por baixo de muitas casacas bordadas!» Na *Ribeira d'Algés,* do mesmo Freire, ha tambem promettedores começos de paysagista. É uma mancha de casas, arvores e relvas, cujos fundos são deliciosos de confusão e de *rendu,* e onde os troncos pousam bem, e o conjuncto produz uma original coloração de pinturasinha *à la diable,* apesar da má relva, que tem verdes de porta de quinta, e da detestavel agua do riacho, que parece canja canalisada aos domicilios.

O sr. Teixeira Bastos é outro novo que tatea a arte em procura d'uma perfeição que inda lhe foge, e honra lhe seja, n'este inquerito—sem mór exito de gloria por emquanto—sente-se-lhe boa vontade no trabalho.

O seu *Mendigo* tem coisas encontradas, por exemplo no estudo da cabeça, e no fato vincado e ceboso que o reveste. Ha preoccupações romanescas todavia, que no quadro da *Leitura* fazem crise, sem conseguirem disfarçar no homemzinho de roxo que lá vêmos, uma especie de veterano da liberdade trajando um fato do *Alcacer Quibir*, e a estudar não sei que papel para uma recita de curiosos, á Praça dos Flores.

José de Brito é um portuense a aperfeiçoar-se em Paris, cheio de talento, e ao que parece basto deitado aos quadros de figura. Dá um *Visconde*

de Pernes com magnificas mãos de militar mais batido em *soirées* do que em batalhas, e um *Domingo de Paschoa na aldeia,* que como *drama* é uma das sympathicas pinturas da exposição. Este domingo de Paschoa, portuguez de lei como interior e como *aperçu* de physionomias nacionaes, consola-me afinal de todas as Bretanhas e bretões, mais ou menos papel de forrar casas, que os outros pensionistas enviaram, e que, como dizia o Valle n'um entremez—nem *m'honram,* nem *t'honram,* nem *s'honram.* Pacotilhas lindinhas, de vêr e bocejar, perguntando se falta ainda muito. Entretanto não vão dizer que eu proclame este quadro de José de Brito, um monumento. De fórma alguma! N'algumas d'aquellas doze figuras que enchem o casebre, e se agrupam em torno ao rustico parocho e ao sachrista, para a cerimonia do *folar,* sem duvida ha desfallencias d'observação picante, lacunas de memoria, erros de côr talvez, seccuras de desenho aqui e além. Mas queiram reparar nas maravilhosas coisas tambem que o quadro encerra, na composição saltante d'alguns grupos—o do prior que asperge e do sachristão que dá a cruz a beijar—o da familia minhota ajoelhada, os pés da mulher, a cabeça da velha lá no fundo—e acquiescer em que valeria a pena animar no sr. José de Brito uma das mais desenfastiadas e joviaes vocações de pintor que os novos teem. A sua *Dançarina* é uma tentativa de reconstituição da *Femme de trente ans,* que tanto tem ten-

tado, de Balsac para cá, os romancistas. O sr. Brito pintou-lhe a primor o corpo adelgaçado e serpentino, de mulher molle, batida de noitadas, o perfil *cabotin*, e a polpa dos membros feita d'anemia e sandwiches de porta de theatro, com fiambre de burro e pão de gesso.

Baeta é um discipulo da escola de Lisboa, que segue Silva Porto honradamente, dando na *Paysagem em Queluz,* boas primicias. As arvores da matta são mal dadas, o portello e a muralha escrupulosos, a agua detestavel.

Christino da Silva trabalha pouco e avança de vagar. Tem uma *Rua das Olarias,* agradavelsinha como estudo, e um *Fragmento do claustro da Batalha,* bem visto como detalhe, posto prejudicado pela minudencia excessiva dos effeitos.

O *Retrato da ti'Anna,* do sr. Julio Costa, é um estudo muito acabado de velhota esperta, agradavel, sem dentes, cheia de rugas que riem por todos os lados, e que parecem cantar, com uma juventude feita d'alma limpida, as cantigas do trabalho e da saude, ao canto do lar.

É uma pinturinha que faz bem encontrar na exposição, a d'essa velha camponeza fiando no fundo da sua cubata, com o costume nacional das mulheres minhotas, e tão portuguez que não ha provinciano que não reconheça n'ella uma velha comadre palreira e pobre, dos tempos d'infancia.

XXVII—*Noé e Preciosa* é uma mancha que José Malhôa lançou a largos toques. Duas cabecitas louras, papudas de carne, olhos que fazem buracos sobre o rosto, focinhitos roseos, dois morangos por bocca, o ar arrebitado, ingenuo, celeste — e por trajo os albornós dos pescadores da costa norte. O tom da tinta é paterno, a luz diffusa, mas ha um encanto d'infancia no desenho, que é um achado, e *tranche* na maneira habitual d'este pintor. Ahi vem mais um bretanhista furioso, o sr. Arthur Mello, cujas tendencias são todas para se talhar uma celebridade sobre os figurinos em vóga nos *caravanserails* de Paris que elle frequenta. Em onze quadros, tem o sr. Mello nada menos do que oito massadorias da Bretanha, e por desgraça d'elle, todas más.

Lá vem a inevitavel *Viuva* quarentona, de coifa d'azas, raminho de flores e sóccos de pau, uma filha ao colo e outra pela mão, cara antipathica de ovelha ranhosa, avançando n'um cemiterio de verduras cyanosadas, com arbustos azues, e monumentos funebres de zinco. Lá está o inevitavel aldeão da Bretanha, a inevitavel floresta da Bretanha, o inevitavel rapaz bretão, e a inevitavel capellas em ruinas da Bretanha.

Não é uma galeria d'arte, a exposição do sr. Mello, é uma peça de Bretanha, e com sufficiente panno para se talhar uma mortalha á vocação que o levou, pensionista, dos bancos da Academia de S. Francisco, para os *ateliers* copistas da capital

franceza. Digam-me se é para isto que os nossos governos pagam a educação dos contemporaneos esperançosos, e se a pintura nacional tem alguma coisa a ganhar com os maneirismos corruptores dos mestres mercenarios, a que um acaso de *salon* deu celebridade? Em dois annos ou tres d'este regimen, o sr. Arthur de Mello, que levou do seu paiz a reputação d'um applicado, capaz de se doar uma conscienciosa carreira artistica, transformar-se-ha n'um oleographista repetidor dos effeitos dos outros, sem visão propria, automatico e infelicissimo. Por ora ainda elle tem a salval-o, reminiscencias de melhor estro, e por exemplo o seu retrato de homem, tem uma relativa solidez como factura. Mas quando essas mesmas reminiscencias se lhe apaguem, e elle entrar a bretanhizar até os retratos, imagine-se que charivari será a obra do antigo estudante da Academia de Lisboa?

XXVIII—Quem progrediu este anno, depois d'um longo esquecimento na provincia, foi o sr. Manuel Henriques Pinto, que nos deu na *Caça aos Taralhões* uma subitanea expansão de faculdades que ninguem lhe conhecia. Representa o seu quadro uma encosta de matagal, accidentada, pedregulhos e hervançum por li acima, e ao longe casas d'aldeia, fugitivamente escorçadas n'um ceu farrusco. A meio da encosta está um rapaz de bruços, perna estendida, cotovellos na terra, queixo

entre as mãos, n'uma attitude d'espreita mui sutil. A scena é bem tratada, especialmente nos accessorios, magnificos muitos, como a herva secca por entre cujos colmos brota tenramente o primeiro verde da herva de inverno, como a silhueta de certas arvores torcidas, anãs, verdadeiras arvores de serra ventosa, dadas a côr de cinza, n'uma gesticulação macabra de ramadas... Ao longe, os cimos d'aldeia, a topetar com o ceu, são extremamente justos, e a figura do rapaz viva e nervosa, se bem que partida pela espinha, e d'uma perspectiva tal, que occupa os dois planos anteriores do quadro, e a ser verdadeira, teria de comprimento cerca de quinze a vinte metros.

O sr. Arthur Prat, professor de desenho da escola industrial Fradesso da Silveira, com veleidades de paysagista, expõe um *Pastor do alto Alemtejo,* que devia antes chamar-se, *pastor alto do Alemtejo,* attenta a sua desmedida corpulencia, verdadeiramente a d'um S. Christovão, dos taludos. Terras e castanheiros d'esta paysagem, não são mal feitos; quanto ás ovelhas, teem todas em vez de lã, escamas de lata, e foram copiadas d'um leque de papel. José Queiroz tem um *Pateo de Lamego,* especie de cantata em branco, que me parece gentil como impressão, e Antonio Ramalho dois pasteis de mulheres morenas, verdadeiramente captivantes de graça e espirituosidade. São retratos de irmãs.

Ha uma, de cara comprida, olhos de luz, vestes

de branco e rendas no decote, e com rosas chá no hombro, e cabellos tenebrosos, que recorda, destacando-se a figura por diante d'arbustos, alguma coisa d'esta formosura ardente de certas argelinas, infantis e nubeis, sarças d'amor em crisalidas virginaes, que os versos cantam. E outra, de rosa, sobrolho farto, olhos vulcões, com uma folha de hera sobre o peito, recorda a Sulamite, no momento d'ouvir os queixumes do bom rei Salomão. Muito menos feliz foi o pintor no grande retrato a oleo d'outra dama, que cercou de tapeçarias de pacotilha, dando-lhe uns olhos estourados de barata, e exibindo-lhe minucias taes de *toilette,* que a gente se chega a esquecer do rosto, para só lhe admirar o vestuario.

Tão pouco João Vaz poude victoriosamente pompear n'este certamen, d'atarefado com a decoração do theatro d'Evora, brinde real feito á cidade, pela sr.ª D. Maria Ignacia Barahona e seu marido. As suas marinhas d'este anno são pouco impressionantes, mas tem um *Canto d'Evora,* especie de pateo com arcarias mouriscas cobertas de vazos de flores, flexas de campanarios, mirantes brancos, cuja factura cruel reverbera intensamente a luz e o calor do Alemtejo tropical d'um fim de primavera.

XXIX—Em aguarellas, tem o sr. Hogan de Mendonça quatro coisinhas graciosas, maneirinhas

um tanto, mais bonitas e elegantes, especialisando o esquisso d'uma entrada para a missa, festa, ou quer que seja, n'uma velha egreja de logar, que é um bocadinho de todo o ponto encantador.

As esculpturas são frouxas, a meu vêr. O *Bernardim Ribeiro* do sr. Alberto Nunes, parece resentir-se da postura enfadada do modelo. É certo ter modelações aqui e além sinceras, mas falta-lhe o *entrain* d'uma figura juvenil que salta na cadeira; e afina a guitarra como se estivesse a fazer isso por obrigação, n'uma officina, a tanto ao dia. Tambem a sua *Eucharistia* manqueja d'expressão, e quanto ao *Projecto de monumento funebre a Camões,* lastima se faz que os *Luziadas* inspirem malas d'aquellas a um artista, e este por cima lhes sente sobre a tampa, á laia de genio, um guarda fiscal que nem sequer com uma folha de vinha se guardou. Dos bustos de Simões d'Almeida, apenas o de *Luz Soriano* me parece flagrante, e devo mencionar na *Velha* do sr. Antonio da Costa Motta, coisas justas e finamente observadas para um debutante.

XXX—Em resumo. D'esta exposição de quatro vastas salas e duzentas e quarenta e sete obras expostas, das quaes duzentas e vinte e nove assignadas por artistas d'officio, que estudaram em Paris, com pintores e esculptores de nomeada—d'esta exposição que se faz quasi o resumo da

arte portugueza actual, sem documentos que a prendam ao passado, e sem maiores projecções estheticas que a prendam ao futuro — o que é que se apercebe alfim dos seus processos, o que se apura ácerca do como ella no actual momento explica a natureza, visiona e exprime a vida, e deriva d'ahi ás applicações da industria, tão complexas, e ao mesmo tempo tão indispensaveis a um paiz que como o nosso ha mistér de trabalhar para comer?

Saberão dizer-mo? Eu cá não sei.

Tirante as excepções sympathicas que no decurso d'estas notas fui fazendo, o que a exposição do *Gremio Artistico* revela, é uma chatinagem d'arte que não vale o dinheiro que custa, paysagens e pinturas que são cópias, e donde toda a especie d'ideal é abolida.

Nenhum esforço para pintar o que os outros não viram ainda, e para fazer pintura fóra das receitas d'*atelier*. Discipulos, discipulos, e discipulos! Tal foi nas suas grandes linhas a *Exposição do Gremio Artistico* d'este anno. Pelo que respeita ás applicações industriaes d'este certamen, por mais que faça, só vejo o que já disse: generalisar a pintura aos ocios da curiosidade, e fazer d'ella, por casa das familias, uma inoffensiva prenda de mãos, burguezmente commettida por alguns déstros asylados do ideal.

CAPITULO VI

EM JUNHO

Summario

Liberdades publicas coarctadas — A gréve do Gaz e as conspiratas da policia — Degredados sem processo crime — A revolta do Limoeiro — Reforma municipal condimentada de roleta, pelo sr. Marianno de Carvalho — Desprezo do trabalho, e devassidões entretidas pelo regimen monarchico — O sr. ministro do reino e os duellistas — Carta a S. M. pedindo uma escola d'assassinos — Festa das espigas na Vidigueira — Rusga aos curandeiros, e immunidades e privilegios do grande charlatão — Modas summarias determinadas pela crise — *O intimo*, comedia de Shwalback, em D. Maria — Relogio d'um bebedo — Franco Castello Branco, ministro *per omnia secula*... — Morte de Benalcanfôr — O preto de S. Jorge — Bohemia d'Antonio Pedro, recordações de bastidor — Ensino industrial em Portugal, como se organisou, iniciu, e tem estragado — Sete annos d'ensino industrial e nem o menor signal de progresso na producção manufactureira! — Artes e industrias portuguezas a animar — A esculptura em madeira, a ceramica, e os tecidos — Caracter, theorico do ensino, e como são recrutados os professores da escola industrial — A escola Marquez de Pombal e suas expansões officinaes — *Museu industrial e commercial de Lisboa*, ou bazar

de tres vintens para uso do riso publico — Topicos para a creação d'um grande museu industrial e commercial — Bibliothecas d'ensino industrial — Secções de modelos ambulantes — A exposição ornamental das Janellas Verdes — Necessidades praticas do ensino — Pinturas decorativas, pelos alumnos Ajuda Faro e Ricardo Lhosent — Chitas e jutas estampadas — As tapeçarias, de luxo, os coiros e os tapetes d'Arrayollos — Cadeiras d'Evora e ceramica d'Estremoz — Segundo e ultimo concurso de pintura historica — Final.

EM JUNHO

I — A pretexto de que a patria reclama sacrificios teem os governos do Sr. D. Carlos recolhido uma a uma, todas as liberdades publicas e regalias conquistadas a preço de luctas, pelas gerações intellectuaes dos ultimos sessenta annos.

Não ha exemplo d'um despotismo mais cynicamente refalsado, e todavia a opinião publica vae deixando violar o patrimonio das liberdades populares, sem que um assomo de raiva lhe enclavinhe as mãos no phrenesi da mesma sede de desforço. Suppressão do suffragio e da liberdade d'escrever, fallar, associar e reunir, violações do domicilio e do segredo das cartas, assalto á autonomia municipal — todos estes crimes commettidos pelo governo em nome d'uma minoria privilegiada que defende a sua marmita, passam por cima da multidão sem a commoverem, como cousas inventadas por algum reporter fertil em racontos.

Assim, a lei da imprensa, que põe o auctor do mais anodyno artigo á mercê das meticulosidades do poder judicial, e dá ao governo a força para em duas horas supprimir qualquer jornal que o in-

commode, a lei da imprensa que já tem nas cadeias oito jornalistas republicanos, sobre outros tantos que andam pela Europa, desgraçados, á parte as perorações platonicas das victimas, não deu de si sequer um movimento de sympathia collectiva pelos vencidos, e Heliodoro Salgado e Alves Corrêa, Bazilio Telles e José Pereira Sampaio, lá continuam no carcere ou no exilio, sem que um *remember* da turba lhes adoce as amarguras do sacrificio feito por amor e interesse d'ella. O governo, sob pretexto d'interdizer a funcção d'associações de caracter politico ou philantropico, impossiveis de habilitar pela nova lei, intimou despejo aos clubs democraticos, a grande numero de sociedades d'educação e soccorros mutuos, e nem um grito levantado na rua contra esta infamissima medida, que emquanto fulmina associações suspeitas de republicanismo, deixa á vontade os centros monarchicos, que são ao mesmo tempo em Lisboa casas de batota e officinas d'empregomania abominaveis! O domicilio é inviolavel emquanto o cidadão vota com o governo, põe luminarias nos annos reaes, ou dá para os *Te Deum* congratulatorios das melhoras do Sr. Lopo Vaz. Des'que o governo civil manda seguir os suspeitos politicos, e faz a lista dos homens «perigosos», escusa o cidadão de se cuidar seguro no seu ninho: ao menor pretexto, a policia entra-lhe em casa, arromba-lhe as gavetas, viola-lhe os papeis, e insultar-lhe-ha a mulher se acaso esta chorar. Foi o

que aconteceu em Lisboa a cidadãos suspeitos d'estarem no segredo da revolta do Porto. A cada instante, nas ruas, sob os mais futeis pretextos, a policia gança cidadãos inermes que transitam, e deita com elles no porão dos navios e nas salitrosas masmorras das fortalezas. Ha cerca de tres mezes houve uma contenda entre a companhia do gaz e os consumidores: a companhia elevára ao maximo do preço o metro cubico de gaz, e além d'isso obrigava o cliente a pagar ao mez o aluguel do contador. Oppoz-se o commercio em massa, não houve lojista que não illuminasse a petroleo, e aos rarissimos tranfugas, fez o povo, no Rocio e Rua do Ouro, uma especie d'assuada mansa resolvendo-se por dichotes e assobios. Tanto bastou para que o governo inundasse a cidade de policia e guarda municipal, e estas corressem os bairros populares, entrassem pelas lojas, e arrebanhassem a esmo centenares de creaturas inoffensivas, que entretiveram nos carceres semanas e semanas, sem ninguem poder averiguar porque razão. Não ha trabalho nas fabricas, as obras publicas afrouxam ou suspendem, e a febre de construcções particulares subitamente cessou tambem, por falta de dinheiro. Ondas de trabalhadores nas ruas, desoccupados, mal vestidos, macillentos de miseria, offerecendo o braço que ninguem lhes assalaria, pedindo esmola que ninguem lhes dá, e dormindo emfim ao acaso, nas praças e terras jacentes aos bairros em construcção. De quando em quando, a

policia fórma cordão de roda d'estes coios, apanha a pobre gente como quem apanha cães vadios, e toca de a aferrolhar no Limoeiro sem mais explicações! Á sahida dos paquetes da *Mala Real,* centenas d'aquelles desgraçados são expedidos para a Africa, sem crime formado, queiram ou não, tenham familia ou deixem de ter; e a barbaridade requinta-se ao extremo de lhes não darem recursos sequer para as primeiras difficuldades da chegada, e de os despejarem nos areaes africanos, sem occupação, nem casa, nem alimento, nem carinho, para que morram n'aquelles desertos creaturas cujo delicto unico é quasi sempre a pobreza, e cujo destino social seria differente, se em vez de exprimirem a sua dôr por lastimas, ellas a soubessem antes apaziguar, por navalhadas. Teve logar ha quinze dias uma leva de quatrocentos e cincoenta d'estes miseraveis, recoltados em Lisboa e Porto e, que ao largarem da cadeia, entre piquetes de tropa, viram pessoas intimas sahir da multidão com os braços abertos para a suprema despedida.

Mesmo tratando-se de facinoras, este acto d'affeição jámais poderia ser recusado a quem deixa o seu paiz pr'a não voltar; pois recusáram-n'o aos falsos degredados, e com tamanha crueza, que a segunda leva que devia succeder-lhes no embarque, e presenceára a scena das janellas do Limoeiro, rompeu n'uma indignação furibunda contra a tropa, arrojando-lhe p'ra cima quanta immundicie pilhou pelas masmorras.

Appareceram piquetes da municipal: nova torrente de gamellas, tóros de madeira e detrictos de comida sobre a soldadesca, que não achou meio de castigar insurrectos apertados por grades de ferro, e paredes de dois metros de grossura, senão pondo a arma á cara, e dando quatro descargas seguidas contra as janellas da cadeia. Não houve jornal monarchico que não applaudisse a infamissima façanha: um republicano verberou-a, e a policia suspendeu-o immediatamente. Note-se que os delictos d'imprensa correm por um tribunal especial, e que a policia não tem funcções de censura politica no seu programma. Mas qu'importa isso a governos que defendem o rei «em nome da nação», que todos os dias lhe mostra o seu desgosto, e que «inauguram a moralidade» fazendo plenipotenciario em Paris o amigo Navarro, foliculario da testamentaria D. Fernando, e nunca assaz vergastado heroe das lamas do Tejo?...

Tão pouco, perante a reforma municipal do Sr. Marianno de Carvalho, referendada ha um mez no Paço de Belem, e que reduz o municipio de Lisboa a uma desprezivel chancella do poder central, a opinião publica acordou da indifferença cynica em que se atóla.

A carta de reforma do Sr. Marianno é um documento a mais da legislação de retrocesso com que o governo permedita sustar o fervor republicano que ha vinte e quatro mezes se agita por Lisboa,

que aterra a monarchia, e a nenhuma tentativa de suborno tem cedido. Combinando o espirito d'ella com o das perseguições aos jornaes, com o mandado de despejo ás associações, com a prohibição dos meetings, com os estardalhaços officiaes das viagens regias á provincia, com o desterro dos revoltosos do Porto, e as prizões dos propagandistas de Lisboa, adevinha-se um plano d'estirpação revolucionaria pelo descredito, pelo terror e pela tyrannia, embora á custa dos brios da cidade, e da violação dos direitos mais rudimentares dos cidadãos. Compára-se, a reforma municipal do Sr. Marianno com as disposições prescriptas no Codigo Administrativo para os municipios de primeira classe, e recapitula-se que o de Lisboa fica inferior em autonomia aos de terceira, como sejam, Barcellos, Guimarães e a Covilhã. Por exemplo, o Porto, com o terço da população da capital, elege 21 vereadores, 7 dos quaes por minoria; pois pela nova reforma, Lisboa, com uma área 11:161 hectares de terreno, elege 25, e de minoria apenas 6. Todos os municipios pelo Codigo Administrativo teem margem para providenciar sobre uma multidão d'assumptos locaes, como a beneficencia, a instrucção publica, etc., e nunca poderão ser dissolvidos sem o supremo tribunal pronunciar. Pois a reforma do Sr. Marianno legisla que o de Lisboa possa ser dissolvido por um simples decreto do governo, e *sem dependencia de qualquer outra formalidade*. E além das condições apontadas no Co-

digo para a dissolução dos corpos administrativos, a camara municipal de Lisboa tambem poderá ser dissolvida—1.º quando praticar actos contrarios á firmeza das instituições politicas, ou que tendam a menoscabar o respeito e obediencia devidos á constituição do Estado—2.º, quando praticar actos capazes de produzir perturbações na ordem ou segurança publicas, ou quebra da obediencia legalmente devida ás auctoridades.

Na ambigua redacção d'estes paragraphos vae emboscado o terror de quem, para evitar que o matem, mata primeiro. O governo, com medo da camara, representante directa da cidade, trata de caçar-lhes as velas para não passar pelo desgosto de n'ella vêr, como na eleição anterior, uma forte maioria republicana. Organisa então a lei municipal, por fórma a sequestrar ao municipio os seus menores direitos, estabelece-lhe uma tutela odiosissima, com prejuizo da gerencia dos negocios geraes, retira-lhe a direcção dos pelouros mais importantes, auctorisa-se a suspender sessões e obras, e por ultimo açambarca os rendimentos dos direitos de consumo, honestos rendimentos, dando-lhe em troca o privilegio de consentir os jogos d'azar, e de os tributar como entender. E o publico não protesta, assiste amadornado a este armamento da sua inimiga, a monarchia, sem comprehender que a servilidade do seu silencio é uma certidão d'obito moral, indigna de quem ainda ha poucos mezes nas ruas formulava o inicio de uma emancipação

politica ruidosa, e não querendo vêr que estas represalias absolutistas do governo, syntheticas d'um retrocesso sociologico de dois seculos, não vão forjadas para salvaterio do paiz, mas para sustentaculo d'instituições que só teem por mira fazer viver quinhentos ou seiscentos parasitas, que a pretexto de reformas cortam os viveres dos pequenos, mantendo as roubalheiras dos grandes, e a pretexto de proteccionismo ás industrias, desbaratam em pandegas, illuminações, foguetes, viagens e exposiçõesitas ridiculas, os dinheiros que o paiz paga empenhando uma a uma, todas as suas fontes de receita.

Emquanto a casta dirigente, governamentalista, assim procura amordaçar a soffredora, que teima em não constituir-se em força organisada, nem reconhecer que as liberdades se arrancam, como as entranhas, aos que as sonegam por bem da sua crapula, vão os ministerios carlistas, gerentes d'aquella, procurando contrabalançar o effeito moral das liberdades que tiram pela licença torpe que fomentam organisando a batota em materia collectavel!

Se, como espero, a vereação eleita fôr monarchica, hemos de vêr Lisboa dentro de pouco arvorada em capital do principado de Monaco, e um largo rio de vicios, confluindo de todos os pontos do mundo, a desaguar n'esta cloaca. Desde muito que as camadas altas de Portugal trazem inveterado o desprezo pelo trabalho legitimo, e que o

paiz, por exemplo d'ellas, tomou o habito de viver de mezadas estrangeiras.

No seculo XVI eram os saques da India, trazidos pelas náus, que alimentavam a madraceira publica; no seculo XVIII foram as naus dos quintos, com productos das minas do Brazil; no seculo XIX teem sido os emprestimos inglezes, e tem sido o *brazileiro* repatriado. Agora porém que as rapinas industriosas pararam, que as minas do Brazil mudaram de dono, que os emprestimos se malogram e o cambio barra a passagem ao numerario do brazileiro, haverá que se mandar vir d'alguma parte um ubere prénhe, a cuja têta sugar o oiro de que ha mistér este paiz de falladores e mandriões. Eis a razão economica que talvez coage o ministro a promulgar o agio da batota em receita do estado, e cria o precedente da metamorphose do deboche em riqueza publica, por que se doire d'arrebol uma monarchia que persegue os jornaes, fecha as escolas, impede as associações, e passa a vida a gozar a popularidade dos foguetes que ella propria manda deitar. Não houve ainda tempo d'organisar a *régie* dos jogos d'azar, e de fazer a roleta monopolio do governo, com seu pessoal de conselheiros da corôa e prestamistas dilectos do sr. ministro da fazenda: mas já se deu sancção official á nova industria, abrindo o casino do Estoril, com assistencia das magestades e de todo o ministerio, e mandando-se colar pelas esquinas da Europa, cartazes d'espavento,

concitando os perdularios a transferir para entre nós seus desperdicios. Aos erethismos da roleta ir-se-hão annexando pouco a pouco outras devassidões complementares, um serralho promiscuo para as esthesias da luxuria, restaurants, montanhas russas, concursos de belleza, serenatas, toda uma via triumphal de pollução civilisadas emfim, com a *morgue* no terminus, e a gran-cruz da Conceição, oh grande corja!—para quem de mais infamia se cubra, em menos tempo.

II—Nos circulos bem informados se rosna que o sr. ministro do reino, cujo sensibilissimo coração lhe invalida infelizmente a energia para grande numero de questões em que seria mistér ter mão de redea, e olhos de lynce, tem ultimamente desenvolvido insolitas prestezas a impedir que se encontrem no campo, dois duellistas conhecidos, qual mais esfuriado em liquidar offensas de honra, por meio de tiros de pistola.

No conseguimento do seu fim humanitario—e vá sem dizer—um pouco massante, emprega o sr. ministro todos quantos ardis a policia é capaz de pôr em exercicio, como sejam, deitar agentes fardados no encalço dos adversarios, medico, e respectivas testemunhas, e estabelecer um serviço d'espionagem particular, em termos de que qualquer dos compromettidos não dê um passo, falle a um amigo, ou compre um charuto, sem que im-

mediatamente os telephones se ponham a badalar para o governo civil, e d'alli para casa da rainha Santa, interposta aos combatentes.

Ora, esta sollicitude hysterica seria encantadora como acção d'amigo, mas começa a tornar-se puerilmente sentimental, se consideramos em que n'esta hora angustiosa deve haver no ministerio do reino, coisas muito mais urgentes a tratar do que a prohibição d'escaramuças de honra, entre dois particulares, ambos maiores. Em trens ás ordens, gratificações a policias, e subsidio á espionagem reservada dos duellistas e seus annexos, já se calcula que o governo civil tenha expendido cerca de duzentos mil réis, e isto significa que é tempo de se deixar ao destino a existencia, preciosa aliaz, dos combatentes, mas que para o contribuinte se começa a tornar um pouco cára.

De mais, se na consciencia dos degladiantes se adveio na impretirivel necessidade do encontro pelas armas, porque diabo se intromette a policia em negocios a que não póde dar sancção moral? que tem ella com duas vidas que se não acham bem, funcionando paralellamente? Deixe-as lá esfuracarem-se á vontade. A funcção da auctoridade é respeitar cada cidadão no fundo dos seus brios, e jámais constituir-se em estorvo quando esses brios reclamam purificar-se á moda antiga. Vinte e quatro libras para evitar um duello... Mas com mil diabos! sae-nos muito mais caro do que um enterro!

III—Senhor!

Por uma graciosidade especial dos funccionarios a quem V. M. houve por bem encommendar a organisação interna do ministerio d'instrucção publica e bellas artes, pude percorrer esta manhã os cadernos de planos, os relatorios e minutas dos projectos de lei onde aquelles illustres homens teem preparada a grande obra da futura educação da mocidade, com uma largura de vistas que me espanta, attento o facto de Suas Ex.as não terem senão dois olhos, e esses mesmos ophtalmicos e piscos. Senhor, eu estou contente!

Des'que desfructo razão, é este ministerio a primeira coisa assombrosamente perfeita que me é dado admirar no meu paiz. Como chegaram a construir tão sabios projectos, homens que nem ler sabem? Eis o que eu nunca me poderei explicar nitidamente.

Entretanto, como é sina da natureza humana o sempre haver quem ponha pécha ás concepções mais impeccaveis, aqui lhe venho accusar, meu senhor, uma lacuna reconhecida por mim nos planos do novo ministerio, para que V. M. a preencha conforme os seus desejos de gloria, e espirito magnanimo que sempre tem mostrado no respeitante á felicidade dos seus subditos.

Meu senhor, nas reformas d'ensino planeadas pelo sr. ministro d'instrucção publica, falta a mais

util. Entre as escolas praticas a crear, esqueceu S. Ex.ª a mais indispensavel—Falta no orçamento da instrucção publica, verba costeadora d'uma escola de roubo; falta nos cadernos do novo ministerio, o projecto d'uma escola pratica d'assassinato. Para as restantes profissões liberaes, está tudo. Ha professores que ensinam a fazer queijos, a montar a cavallo, a bordar a missanga, e a observar olhos doentes. Ha para pintura, para cutillaria, para rendas a bilros e para partos. A todos os ramos da acção humana, o Estado vae dando guias, *ateliers,* e matriculas baratas. O ensino methodico e scientifico desceu até á aprendizagem dos carpinteiros e dos fabricantes de sapatos de liga. Ha bacharelatos para tudo; só o governo de V. M. deixa o ladrão desamparado, e o assassino ignorante e á mercê da sua propria inspiração.

Porque semelhante desdem por vocações que são afinal as dominantes no gloriosissimo reinado de V. M.? Não é do larapio que as monarchias saccam o pessoal que lhes dá lustro? Não é do faccinora que sae o melhor do drama humano?

Oh meu senhor, pondere bem! A escola de S. Bento, unica do paiz onde um rapaz de habilidade aprende a apropriar-se do alheio, mau grado os quotidianos reclames da opposição, ainda assim, não passa d'uma velha instituição sem solidez. É a academia dos estudos livres da rapinancia, de que o Limoeiro é afinal dependencia—em estudos presos. Não admitte discipulsos, e o que lá

existe, ou são serventes, ou são cathedraticos. Do gatudo de meia tinta, nicles! Por consequencia, não tem o paiz a lucrar coisa alguma com tal escola.

Considere-se agora a sciencia industrial do (como diriam os fadistas) empandeiramento. V. M. já reparou que da estatistica criminal dos ultimos dez annos, não sahe um assassinato a que dizer benza-te Deus!? A cirurgia da naifa, tão portugueza e florescente outr'ora nos faustissimos annos em que reinou o pae de V. M., está circumscripta hoje a uma reles esgrima de canivete d'aparar unhas, de que até se riem as horisontaes da rua dos Alamos.

Parece incrivel, mas não ha hoje em Lisboa quem saiba marear um gajo limpamente. Os fadistas não cumprem, e a sorte da navalha em Portugal, está sendo como a sorte d'espada nos toiros, um fingimento.

Ora, o meu rei não ha-de vêr sem desgosto irem assim decahindo as artes nacionaes. Razão porque lhe peço audiencia, a vêr se levantamos o nivel profissional do assassino e do gatuno. V. M. gosta de toiros, e com delicia o tenho visto applaudir os passes dos toureiros.

Seu augusto mano, o sr. infante, péla-se positivamente por incendios, e a todos corre, com os seus camaradas da bomba, com um salero que por mais d'uma vez lhe tem valido o honrosissimo

epitheto de... Ramon. Venham ambos tambem um pouco á Mouraria: se vissem furar uma barriga á naifa, haviam de gostar. É pandego! Os principes em geral gostam de sangue, mesmo quando alimentados a pão com manteiga, e o publico não levaria a mal que VV. AA. ensopassem os lenços, para mostrar lá em casa aos leõesinhos.

Portanto faça V. M. annexar ao Ministerio d'Instrucção Publica, cópia de peritos e entendidos na materia, elaborem todos o projecto d'uma faculdade que prepare o assassino e o ladrão do futuro, fornindo-o d'um basto tirocinio experimental, dando-lhe uma erudição pratica e lavada d'empirismos, em termos de chegar a todos o receituario té'agora havido só como segredo da fortuna d'alguns. Porquanto, se a politica portugueza entra de vez, como suspeito, n'uma senda d'escamoteações ininterrupta, forçoso se faz que as escolas criem pessoal n'este sentido, não cuide o mundo que desmerecemos da civilisação — por falta de canalhas.

IV — As romarias alemtejanas, áparte as origens historicas e essencia intima, participam da *kermesse* flamenga, festa d'amor physico, com danças em volta dos carvalhos, canecas de vinho licoroso e festins plethoricos por sobre as verduras fôfas da campina. A santa milagreira que dá azo

á festa, essa lá fica nos segundos planos da frescata: em que se pensa é na rapariga d'olhos pretos, bocca escarlate, seio turgido, no regabofe de vinho e paio alemtejano, por baixo das arvores da encosta, no meio d'uma choral de saudes e risadas, emquanto o padre vai prégando na ermida ao rebanho de velhas estonteadas de somno.

D'ordinario, coincidia a festa com alguma grande feira, esperteza municipal que fazia convergir ao mesmo tempo ao mercado, quem tinha espirito commercial e quem tinha espirito religioso, os que necessitavam vender porcos, e os que necessitavam pagar promessas. Esta conflagração de coisas sacras e profanas, fazia largar de cada terreola, depois das colheitas, ou á entrada das primeiras calmas de Junho, ou pelo S. João, ou depois das eiras, a mais pictoresca romaria que era possivel descortinar.

Entre as montanhas negras de *queimada,* seguindo caminhos intransitaveis, corcovados sob esbracejos d'azinhal, ia a gentana, noite fóra, n'uma cavalgada grotesca, cantando, gritando, passando a borracha de bocca em bocca, jogando chalaças de rancho, co'a grossa alegria de boa gente que alarga o coração. Alguma praga alentava, aqui e além, as mulas, que estacadas na vereda, não podiam tirar as carriolas prenhes de bagagem. Esse phantastico cortejo, dil-o-hieis arrancado ás aguas-fortes de Goya!—velhas nos seus jumentinhos podres, com alcofas de pão para

fogaça, parecendo guardar nos olhos um fulgor de lampada que esmorece — raparigas que fazem por esses caminhos, ebrias de festa, uma *farandole* contínua e ruidosa, sob os olhares das estrellas — velhos lavradores em grandes mulas ajaezando ao modo arabe, com peitoraes de franja variegada, e esquillas pendentes n'um jovial carrilhão — rapazes imberbes de face, tostados, côr de cobre, desinquietos, indo de moça em moça, com seu estribilho gaiato, dando vivas, fazendo partidas — toda a sadia gente, n'uma palavra, que aproveita a festança para dar treguas ao trabalho rude, vestir a andaina domingueira, e afogar maguas, atando-lhes ao pescoço os quatro pintos ganhos na labuta dos campos, sob algum sol equatorial.

Cada qual, já se vê, rapinando por essas fazendas marginaes da estrada, os fructos e lenhas de queimar, que havia mistér. Grupos de tres e quatro, vagarosos, petiscando lume a golpes de fuzil, na pederneira, iam dizendo por alli fóra os seus negocios, o que iam comprar, o que lhes succedera no caminho em tal anno, e roubos, altas de preços, pirraças... A calma noite povoava-se de vozes irregulares, fórmas errantes por entre as arvores, canções, risadas... De repente, gritos — era algum carro tombando com fracasso por essas barreiras. Não fôra nada, mas os gansos, borregos e gallinhas da funcção, aproveitando o ensejo, debandavam, com medo á faca dos romeiros, e toca de corrumaça atraz dos fugitivos, ra-

pazes e raparigas, vá de rir, furtar beijos, dar abraços á socapa, na sagrada e amiga espessura do montado.

Mas erguia-se um canto d'alegria ferocissima. Fôra vista uma luz, qualquer panno de barraca, ou silhueta de campanario; aldeia tal, villa tal,— e vá de gritaria para se dar alarme nas escusas ruas do burgo morto, e virem ás portas, espavoridos, os dorminhocos. Se algum tradiccional dichote enraivecia, desde seculos, as gentes da terra atravessada, os da romaria saltavam dos burros, iam martellar ás portas das casas, e quando lhes acudiam de dentro, entre dois somnos, o dichote era articulado com todas as syllabas, n'um inferno de gargalhadas e insolencias.

Emtanto a manhã bocejava a oriente; centenarias fórmas d'arvores crayonavam-se em fundos pallidos, e como o muhezim prégando dos flexuosos minaretes, a cotovia chamava as aves e as folhagens ao *angelus* do novo dia.

Junho, fins de primavera, alvorecer das primeiras sazões dos fructos acres... Estas divagações chegam-me á ideia precisamente em quinta-feira d'Ascenção, e á hora provavel em que no concelho da Vidigueira, onde eu nasci, toda a gente valida se dirige em romagem para a egreja das *Reliquias,* na quinta do Carmo, residencia actual dos viscondes da Ribeira Brava.

De todas as romarias de primavera alemtejana

esta das *Reliquias* é sem contestação a mais pictoresca e risonha de todo o meu districto. O Carmo era um antigo conventiculo, fundação da casa de Niza, em cuja egreja foi sepultado o descobridor Vasco da Gama.

O templo é tosco e pobre d'architectura, com as paredes cobertas de caliça, a abobada fendida pelas chuvas, e meia duzia de capellas illuminadas de retabulos grosseiros.

Na capella-mór, um revestimento de pinturas allegoricas aos milagres de não sei que frade da ordem, e n'uma maquineta de vidros, a imagem da Virgem, que o povo conhece vulgarmente pela designação das *Reliquias*. Tem uma lenda sympathica, essa madona. Appareceu alli, como é costume, disfarçada em velhinha, a uma pastora dos mattos que chorava de não haver em casa pão.

Enternecida do pranto, a boa velha inquiriu da pequena a causa da sua tristura, e referida a miseria em que vivia a familia, mandou-a tornar á cabana, e ir vêr na arca, que miraculosamente foi achada a abarrotar de pão molle e branco como a neve.

De roda, nos povos fronteiriços da egreja, esta adoração pela Virgem das Reliquias reveste uma expressão d'estima pessoal que se liga não só á bondade da sua vida — ha santas vingativas e rancorosas — senão tambem á situação ridentissima da egreja, posta n'um vale de vinhedos, hortas e olivaes, e á generosa lhaneza dos fidalgos

que mais ou menos teem possuido a propriedade do Carmo.

Do antigo convento só resta hoje o templo das *Reliquias,* e este em principio de restauração. Brotou dos cazarões fradescos uma residencia de campo encantadora, fasciada de pombaes torreados, cheia de salas e aposentos d'um conforto sobrio, trabalhado d'arte, e posta entre os maciços d'um parque, em cuja flora já hoje se contam verdadeiras maravilhas. A romaria ás *Reliquias,* em quinta feira d'Ascenção, era nos bons annos agricolas uma especie d'apotheose offerecida pelo povo á deuza pagã da primavera, localmente *travestida* na boa e affectuosa virgem das *Reliquias*—uma verdadeira santa alemtejana, que dá chuva nas epochas d'estiagem, faz passar as sezões, livra os rapazes de soldados, restitue aos seus donos as parelhas roubadas por ciganos, e emfim faz cessar, quando se quer, as invernias prejudiciaes á agricultura. Ah, que recordações andam no meu coração ligadas a esta colorida e ruidosa festarolla! Pela manhãsinha cedo iamos todos de Villa de Frades, para a festa, em carros de trabalho (não tinhamos outros) cobertos de cannas verdes, murta florida, e malvaisco, homens e mulheres, avôs e netos, e vá de cantar a moda nova por todo esse caminho, ao som de foguetes que os peões faziam troar d'espaço a espaço.

Nas bagagens dos carros, sob a vigilancia das velhas, o jantar... e que jantar! gallinhas assa-

das, paios inteiros, arrobas de presunto—tudo aquillo afogado em arroz do forno, entre ramos de salsa e de hortelã, dentro das gigantescas gamellas de barro vidrado que vinham vender á villa os louceiros de Vianna e d'Estremoz. E condessas de pasteis, costas de pão azedo perfumadas de herva doce, taleigas de laranjas, e nas borrachas de coiro velho, o vinho tinto, o vinho-polvora, que produz o magnifico roupeiro das nossas encostas! Que estomagos aquelles, que borrachas, e sobretudo, ó N. S. *das Reliquias,* que apetite!

Pelo caminho encontravamos povoações inteiras do campo e das herdades, que tinham migrado n'esse dia, dos seus lares, direito á egreja: os de Sant'Anna, polidos, com um travor ingenuo de charneca, e as raparigas de bocca meudinha: os de Selmes, tostados do calor, ares barbarengos, deitando as cantigas com uma voz desentoada: a Cuba, immensa, n'um formigueiro de carros e peões, e tão amiga de vinho e de bailar: S. Bartholomeu do Outeiro, onde as mulheres fumam cigarros, petiscando a isca sobre uma pederneira d'arcabuz—e de todas as aldeias e montes do districto, eram carros, carretas e renques de muares carregando romeiros... gritos, chalaças, bailaricos na estrada, sansonetes... uma poeira, uma vozearia, uma saude, de que a minha cabeça se recorda, desolada talvez de não poder achar ás coisas de hoje o resaibo poetico que ella sugava então de todas aquellas pastoraes.

E depois nos terreiros da egreja, nos valados das vinhas, nas encostas marginaes da propriedade, á sombra das nogueiras e dos freixos, sob toldos de lona, por baixo de carros e carretas, que acampamento enorme de galhardos, que comezaina biblica de tribus, homens e mulheres, arregaçados, trazendo lenha para os lumes, lavando a louça onde adregava, accendendo fogueiras, esfolando cabritos, tirando pennas ás gallinhas, confeccionando saladas e *ensopados*—estes á agua, e ao vinho aquelles—e por toda a parte emfim, o soberbo espectaculo da vida primitiva, ingenua e forte, que sabe casar as suas rudezas physicas, com uma singular bonhomia, ao respeito das coisas da intelligencia, e ir poetisando para assim dizer o culto da natureza, como um pagão da Hellade, atravez as tradições locaes e os evangeliarios das lendas religiosas.

V—No districto de Lisboa acaba a policia de fazer uma rusga em fórma aos curandeiros. Foram presos, no dizer dos jornaes, cerca de seis ou sete intrujões, alguns dos quaes forrados de *Mrs. Alfonses* e de gatunos, que intitulando-se doutores e especialistas, prégavam nas praças os effeitos maravilhosos das drogas que vendiam, dando consultas, fazendo operações, e reclamando emfim das boticas, por via de receitas assignadas, todos quantos medicamentos haviam mistér, na pratica *da muito nobre arte de curar*.

Esta caçada todavia em pouco serve os interesses e as vidas dos ingenuos, visto exercer-se apenas sobre uma porção minuscula d'intrujões, e escolher d'entre estes, o substracto mais inoffensivo. Querer cohibir o commercio das drogas secretas e o exercicio illegal da medicina, prendendo os alarves que offerecem de cima d'um carro, alcooleo de borragem para o rheumatismo, e sabões para nodoas — a offerta entremeada com sortes de prestidigitação — é o mesmo que imaginar se dá caça ao jogo, inutilisando a roleta que os vendedores de castanhas trazem no inverno, para melhor vender as suas *quentes e bôas*. De certo eu applaudo a policia por desinfectar do curandeiro as praças, porém quizera não a vêr exitar no emprehendimento, e cortejal-a-hia nobremente, se ella, perdendo o medo aos casacas, entrasse a metter na cadeia tambem os charlatães grandes e impudentes, sem excluir pharmacias, nem postos medicos. Lisboa exerce actualmente um commercio de preparados secretos e d'especialidades medicas, onde uma lei sensata lograria bem d'interferir, por fórma ao publico extremar d'entre manipuladores e clinicos, quaes devessem ser postos de reserva. É ir a umas pharmacias-drogarias que ahi ha, geridas por *ártistas* creadores, e percorrer o catalogo das *especialidades da casa*.

É de morrer! A inventiva que d'antes servia aos boticarios para exornar de chapeletas doiradas e de garridos rotulos, os bojos das garrafadas,

reverte agora toda a concepções d'alta therapeuthica, a pesquizas de peptonas exoticas e vinhos ferricos, a combinandos d'iodetos e brometos em lambedores milagrosos contra a tisica e o morbo-gallico, a pellivoras e a tinturas de cabello — coisas de tanta inspiração e de chimica tão rara, que uma pessoa inquere debalde onde vae o boticario, com o seu curso pobre de sciencia, colher erudição para tão altas cavallarias. Ha por exemplo ahi para os lados do Arsenal uma especie d'alchimista *doutorado na America* por cartas particulares, cujo estendal de preparados e invenções custa a abranger d'uma leitura. Como é possivel viver compositor tamanho em paiz tão exiguo de perimetro? Eis do que eu pasmo. O homem faz tudo, pasta p'ra moscas, pasta p'ra ratos, pasta p'ra tosses, e pasta p'ra hernias. Na secção dos lambedores chega a ser epico! Tem-nos p'ra lombrigas, p'ra flatos, p'ra espinhella cahida, p'ra faltas d'ar e p'ra dôres de dentes; uns que se tomam a colheres de sopa, outros que se tomam a colheres de chá; ao copo, ao litro, á pipa... e nos frascos, por cima da menção das virtudes mirificas da droga, o retrato do auctor, de gravata branca e commenda de Christo! A sua concepção therapeutica abrange todas as espheras pathologicas d'um folego; vae da ataxia locomotriz á caspa, da homerroide ao esquentamento e ao piolho ladro, com frasquinhos e fricções p'ra toda a *cólidade* de queixa. E prevendo que na sua clientella

de tolos, haja algum são, não esqueceu confeccionar a beneficio d'este, coisas absolutamente raras, em banhos de cabello, tinturas para barba, e perfumarias para lenços. Umas vezes por outras, dá consultas, e é ouvil-o então sobre as phymoses que os gallegos e catraeiros do caes lhe vão mostrar, e sobre as hydropisias... temporarias, que os filhos familias provocam, por brincadeira, nos seus *entretiens* domesticos com as creadas. Com os outros boticarios succede quasi o mesmo. Não saberão elles cumprir á risca a receita d'um medico, mas preceituar sobre o tratamento a adoptar nas febres pallustres, isso!...

Tenho pensado que a morte dos semanarios poeticos, e dos albuns d'acrosticos e bocadinhos d'oiro, fechando publicidade aos pharmaceuticos inspirados, foi talvez a causante d'este diluvio de preparados secretos que ora vêmos hi. Sempre a imaginação foi predicado dos ajudantes de botica, e eu que o fui nos meus tempos, poderia contar dos esforços que usei para não liquidar em descobridor de clysteres miraculosos. Salvou-me a imprensa. Eh! Eh!—*Ceci tuera cela.*

O mais certo é que a policia ponha ponto na caça aos charlatães, aterrada do escandalo que seria, se ella ousasse metter na cadeia os barões e os condes especialistas. Aguarde-se pois que o publico, tendo aprendido a ser sensato á custa d'experiencias dolorosas, espunja por uma

vez do seu favor a mézinhice empirica dos que ahi escamoteam sem honra as profissões nobilissimas que lhes ensinaram nas escolas. Mas vá a policia estendendo a sua rede d'inquerito (já que não póde acabar com os curandeiros em grande) a toda a área de Portugal, onde o pequeno curandeiro pompeia, como doutor e como augure. Tem que fazer. Não ha n'este paiz casal ou aldeia onde não exerça clinica um mestre barbeiro, uma bruxa, ou um *virtuoso*. No Algarve, no Douro, no Minho, no Alto Alemtejo, nas duas Beiras, o curandeiro estorva o prestigio clinico, cerceia os interesses do medico, que muita vez, apertado pela necessidade, é obrigado a convidal-o ás conferencias, e a recebel-o por assistente e por confrade. A estupidez popular que filia no maravilhoso as curas dos barbeiros, em muitas terras recusa-se ainda agora a crêr na efficacia da medicina scientifica, e este estado moral jungido á barateza das visitas do *mestre*, comparativamente ás do *doutor,* auxilia e desenvolve a crendice provincial n'uma rotina que sobreleva a dos selvagens mais estupidos. Acresce que os curandeiros d'aldeia accumulam em geral esta profissão, com a de galopins eleitoraes, o que equivale a affirmar que ás auctoridades convem fechar os olhos sobre as infamias clinicas de taes typos. Os casos d'enfermos mortos ás mãos de curandeiros audazes, por ignorancia da doença e abusão de drogas receitadas, os abortos provocados, os partos defeituosos, etc., contal-os-hia a

estatistica por centenas, se transpirasse até á capital a chronica minuciosa de taes crimes. Ha pouco referiam os jornaes algarvios um caso horrivel. Uma mulher do campo, solteira, appareceu rotunda, mezes depois de haver quebrado relações com um namoro. Convenio da familia, juras da mulher que estava pura, e appello afinal para a sabedoria do barbeiro. Vem o homemsinho, percute, tateia, ausculta, acabando por dizer que aquillo não eram senão aguas na barriga. Quanto ao tratamento, além d'uns chás de folha de morango, achava a coisa madura para uma operação de pouca cirurgia.

—Pois faça o sr. Macario a operação, se acaso entende... disse a familia.

No dia seguinte, o sr. Macario veio, fez cobrir com um lenço os olhos da cliente, e desnudando-lhe o abdomen, abriu á lanceta, com movimento de broca, um orificio circular, por cuja aberta introduziu, *scientificamente*, um canudo de cana, dando cabo assim de duas creaturas.

Prenderam-no? Nada! Era muito do governador civil. De modo que ainda hoje lá está, com a lanceta e o canudo, á espera d'outra.

VI—Não ha dinheiro, e as moratorias do governo, tendo por fim, dizem que salvaguardar os depositos metallicos dos bancos, são o principio d'um quinto acto lugubre onde os remediados pas-

sarão a pobres, os pobres a mendigos, e os mendigos Deus sabe se a salteadores e a assassinos. Esta situação divertida e precaria, coincidindo com o pagamento da renda das casas—o espectro negro da gente lisboeta—e com a epocha das villegiaturas e das aguas mineraes, modificará fundamentalmente a vida da capital, principiando por fazer acampar alguns, com os seus tarecos, no meio da rua, e por circumscrever as passeatas d'outros a mais modestas estações de verão, intra-barreiras. Isto basta para este anno termos Lisboa singularmente animada nos mezes de Junho a Setembro, e para entre as exhibições do luxo estivel, introduzirmos reformas onde a economia marche de par com a elegancia, as duas revelando-se na suppressão de todos quantos objectos se possam alijar, sem quebra de decencia.

Assim pois, visto não haver dinheiro para pagar o semestre, e a moratoria não ser extensivel aos inquilinos, haveremos que deixar com escriptos bairros por inteiro, e fundar-se-hão nos passeios e terrenos vagos da cidade, outros de tendas, pictorescamente construidas com lençoes e reposteiros esticados em paus de vassoura, onde cavalleiros e damas vivam a vida nomada de povos pastores, e o passadio consista n'alguma parca sopa de malvas, n'algum *ragout* de gafanhotos, ou caldeirada de caracoes e bichas-cadellas. N'essas ligeiras cidades, todas alegres das tosses dos pianos, com banquetes na herva e salsifrés em

roupa branca, a vida será uma d'estas coisas familiares como só os primeiros dias do Eden conheceram, e no tocante a *toilette,* a moda não póde deixar de não attender ao seguinte—o emprego da menor quantidade d'estofo, na maior cobertura de carne. Isto quer dizer que ou serão esticadissimos os trajos, ou crescendo a carestia das fazendas, aquelles se limitarão ao strictamente indispensavel para encobrir as... ilhas adjacentes.

Reconstituam agora o quadro da alta *fashion* veraneando ás tardes, pela Avenida, sob este regimen paradisiaco: os grandes janotas de sapatos d'ourello e suspensorios, guiando cavallos já sem os quartos posteriores (por lh'os terem cortado para beefs), as horisontaes, já não horisontaes, mas obliquas, ou corcovadas de lazeira, com chapeus de raios te partam, ornados de pon-pons de notas do banco de Portugal, que ninguem paga, e vestidos de folha de vinha, zephirinamente avoejantes por sobre nombris litteralmente cobertos de teia d'aranha... como porteiras por onde ninguem passa ha muito tempo. Entre a alta finança e o argentarismo, que as suspensões dos bancos terão reduzido a uma pelintrice amanuensal, o grande tom será trazer collarinhos de papel pregados com alfinetes ao panno da camisola, sobrecasacas só com uma aba, e sapatos de baile estrompados na biqueira, mostrando os dedos dos pés, *em sandalia*—dedos, cujas unhas, disformemente crescidas, lhes servirão para tocar viola nas tampas dos co-

fres fortes, deshabitados de *mónin*. Duquezas e senhoras d'alta gomma, trajarão nos seus landeaus, *toilettes* magnificas de *Diario de Noticias* e papel para forrar casas, acolchetadas de joias que serão pasteis do Rosa Araujo, então tornados raros como os camafeus mais procurados. E como por falta de freguezes, os restaurants fecharão, e os animaes de que se alimenta o homem, terão morrido, ou não haverá dinheiro para os pagar, abrir-se-ha junto ao amphiteatro d'operações dos hospitaes, pequenas locandas, summamente elegantes, onde os gentishomens regalarão suas princezas com beefs de perna amputada, e *petit-patés* de cancro de figado humano, exactamente como hontem ainda se fazia, nos restaurants de prazer, com os cadaveres d'outros animaes.

VII — Abriram os theatros com traducções e casas pessimas, e a romaria do publico para os circos de cavallinhos todas as noites prosegue com a mesma sensaborona effervescencia, não só porque ahi póde qualquer esbodegar sem reparo os seus grosseiros habitos, desabotoar-se, fumar, entrar, sahir, estar de pé ou sentado, conversando com senhoras ou fazendo rir as raparigas, mas tambem porque as representações de comedia e drama, descahidas d'interesse, só muito raro cortam a reputação lethargica que se fizeram.

Assim por exemplo, o Gymnasio, que tenta

restabelecer a voga que o *Commissario de policia* e o *Em boa hora o diga*, de Gervasio Lobato, tiveram durante as duas epochas anteriores, só com muito custo arma ao espectador ingenuo, a quem o jogo dos disparates logo á segunda fatiga, mesmo sob a bonacheirona fórma de chalaça. Continua no theatro da Avenida o *Burro do sr. Alcaide,* que é d'entre os imbroglios com musica a mais deprimente prova da bestialidade das nossas plateias, e da subserviencia dos lettrados áquelle baixo nivel de cultura. E finalmente, depois d'algumas repetições de velhas peças, e d'uma *primeira* com a mascavada traducção dos *Peixes dourados,* comedia allemã bastante estupida, ahi nos apparece em D. Maria o *Intimo,* tres actos de comedia-drama, em prosa, por um escriptor inedito, o sr. Eduardo Schwalbach. Com a postura em scena do *Intimo,* recebido com o maior agrado não só pela imprensa diaria (o que não é caso para felicitações ao auctor, conhecida a encerebração esthetica dos patusquinhos que o acaso da reportage arvora em criticos), como pela maioria tambem da opinião mais repousada, fez-se na apathia publica um movimento de ternura para as lettras nacionaes, um d'esses torvellinhos de curiosidade nascidos do instincto d'imitação e do reclame, o qual tem mantido os applausos, durante as nove representações seguidas da comedia, á mesma ebulição sympathica da primeira.

Como quasi sempre succede, os analystas da

peça bipartiram-se em zonas radicaes. D'uma banda, os collegas e amigos do dramaturgo vão-na berrando aos quatro ventos, com a disparatada fumaça de que depois do *Fr. Luiz de Souza* seja o *Intimo* a melhor joia da dramaturgia portugueza. Da outra banda, os reaccionarios e maldizentes flagellam-na com desdens mais que implacaveis, allegando a sua dullidade psychologica, a ausencia de typos, a contradicção flagrante das scenas, a exterioridade barata da scintillação dialogal, e mesmo até a falta d'originalidade do entrecho, da factura litteraria e do espirito, o que é exhautorar formalmente o auctor da comedia de todo e qualquer vislumbre de valor. Com certeza que o exagero tregeita dos dois lados, e que na effervescencia dos animos a discussão faz fuzilar em vez de veredictos sinceros, baboseiras, qual attinente ao descredito da peça, e á gargalhada má dos foliões. Por consequencia, ponhamos as cousas nos seus termos, e vejamos serenamente o que fica do *Intimo* depois d'uma exposição summaria dos seus materiaes e architectura.

O arcabouço da peça é o seguinte: ha dois homens amigos desde a infancia, um de gabinete, que chega a ministro, outro de sport e mundana vida, que passeia nos regalos do mundo a sua brilhante ociosidade. São ambos elles, segundo o dramaturgo, homens de coração e integros caracteres, e todavia a intimidade que os une está

longe de os ennobrecer a ambos igualmente. Do lado do ministro, a mais leal confiança e a mais complexa boa fé. Do lado do gentilhomem, um eterno e malevolo ciume, traiçoeiro e occulto, que por fim degenera em odio, e põe entre os dois um fermento de catastrophe. Esta malquerença, que é, entre os dois *amigos,* antiga, e a principio inspirada por ninharias d'orgulho adolescente, torna-se emfim sentimento intenso, quando por uma fatalidade ambos se vem a apaixonar pela mesma mulher, no mesmo baile. O politico porém antecipára-se a declarar o seu amor, e cederam-lhe a rapariga, ficando o gentilhomem sem noiva, e desesperado. Na primeira ausencia mais longa do marido, ahi começa elle n'uma assidua perseguição ás fragilidades da esposa: resulta o adulterio, e fructo d'este uma menina, que está mulher e volta do convento, quando a acção dramatica começa, no primeiro acto, a delinear-se.

Emquanto a filha adulterina vae crescendo, sob a adoração fanatica do pae adoptivo, o ministro, que a tem por sua, não cessa o verdadeiro pae de viajar e viver na elegancia senhoril da grande roda, entre cujos acasos tem meio d'arranjar um filho, quasi da idade da filha, e que precisamente ultíma a sua educação no momento da peça começar.

Occorre então o encontro indispensavel ao inicio d'estas catastrophes de proscenio. O ministro, que está com a familia n'uma praia de banhos, dá uma pequena festa para solemnisar a entrada da

filha no lar domestico; apparecem entre os convidados os typos necessarios á desinvolução da intriga e tessitura da acção comica parallela, entre os quaes uma certa viscondessa, perversa e seductora, cortezã tolerada nos meios honestos, como ha muitas por Lisboa, e que é a alma damnada do drama, e machiavelisa as mais flammejantes scenas dos tres actos. Com o apparecimento inesperado do intimo (chama-se marquez de Carvide), e a entrada de Clara, a filha adulterina, estabelece-se a intriga: por um lado o marquez, revendo a gentileza de Clara, mal sabe occultar a natureza dos transportes que o dominam; por outro, o ministro, mirando a validez do filho de Carvide, pensa em ligar-se ainda mais ao seu amigo, pelo matrimonio dos dois adolescentes — e a par do marido e do amante, estorce-se a ministra, ouvindo a viscondessa lembrar-lhe entre phrases veladas, o seu crime d'adulterio!

No segundo acto a situação esclarece-se; o ministro insiste em casar Clara com o filho de Carvide, e procura o marquez para lh'o propôr: Carvide e a ministra, que sabem da consanguinidade dos rapazes, horrorisam-se á ideia do incésto, e n'esta conformidade barafustam, para evitar catastrophe semelhante.

N'este ponto ha duas scenas dramaticas violentas, e que se podem ter por capitaes de toda a peça: aquella em que o marquez exprobra diante da ministra a boa fé confiante do marido, que o

tortura e prejudica a elle, sem nunca ter a mais leve noção do mal que faz, e ess'outra entre Carvide e o ministro, sobre o casamento dos filhos e que acaba pela suspeita do ultimo ácerca da filiação adulterina de Clara. Estas duas scenas, quando a mim, não jogam com sentimentos verosimis, e posto theatraes, eiva-as um exagero de perspectiva pouco lucido. Na vehemencia da primeira sente-se que o marquez ama ainda bastante a ministra, e que a vista de Clara lhe accendeu no peito uma paixão de pae, quasi adoidada.

Ora, a ministra é quasi velha, mais de quinze annos passaram sobre o seu erro, e quanto á paixão de Carvide por Clara, por muito viva que fosse, nunca o seria tanto que podesse explicar a attitude singular do marquez em face da eminencia do incésto, que a ministra lhe propõe, evite, partindo com o filho, e que elle recusa, allegando que morreria de dôr longe da filha. Comprehende-se emtanto que o marquez não parta. Se tal se désse, o drama acabava no começo do segundo acto, e adeus direitos d'auctor, reputação dramatica, e mais proventos! Tão pouco as suspeitas do ministro sobre a origem paterna da filha, são mais logicamente argumentadas.

De feito, mil razões poderiam explicar a recusa de Carvide á proposta do amigo. Porque desconfia elle então da virtude da esposa, não havendo precedentes que justifiquem tal desconfiança?

As cousas seguem por este curso, a ponto da

plateia imaginar que no terceiro acto vae ser patente a deshonra da ministra, a infamia de Carvide, e a separação sangrenta dos dois intimos; mas tal não succede, e como o dramaturgo insiste em fazer do *intimo* um homem de coração, a plateia, sempre disposta a encobrir as faltas dos malandrins *d'allure* cavalheira, acha naturalissimo que nenhuma d'aquellas feias coisas se descubra, e que a innocente Clara, para salvar a mamã, dê a sua mão de noiva a um tal José de Castro, secretario do papá, e por feliz coincidencia namorado d'ella ha muito tempo.

Como vêem, a efabulação do *Intimo* não tem maior originalidade, e salvo detalhes, é o *Suplicio d'uma mulher* com um meio politico por fundo, em vez d'um meio commercial. Tão pouco ella revela em Eduardo Schwalbach um perscrutador sagaz de typos, e um analysta intencional de situações. O seu ministro, por exemplo, é um bom homem sem espirito, que se meche em scena a sabor das conveniencias enredativas da comedia. A sua adultera não differe das quatro mil já conhecidas por esses romances e dramas reputados. Carvide, com o seu ar fidalgo, e as suas vivisecções amorosas no leito dos amigos, não passa d'um pulha declamador, deslocavel como um palhaço de borracha, e sem um traço profundo de temperamento que o recommende á plateia. Clara é a menina sabia de todas as peças que jogam com a

dedicação de filhos familias. E quanto á maliciosa e peccadora viscondessa, alma da intriga, silpho de perversidade, bebida um pouco nos livros eminentemente modernos de Bourget, essa mesma que até ao segundo acto mantivera uma linha d'indole visivel, liquida no ultimo por uma série d'expedientes de bastidor, grosseiros quasi, por fórma que o typo perde-se, ficando uma intrujona facticia em seu logar.

Desde que não conflagrem no *Intimo,* caracteres, claro que as situações da comedia só podem aspirar ao ponto de vista do brilho puramente theatral: as contingencias moraes por conseguinte falham por completo, a emphase litteraria toma o logar da vida psychologica; em vez d'interesses em jogo, transparecem nos dialogos, sermões, ditos de graça, e artificios mais ou menos radiantes de seduzir o espectador. Ainda a ausencia d'estes predicados, verdadeiras qualidades dominadoras e fundamentaes d'um dramaturgo, passaria por natural n'um debutante imberbe em arte, se acaso personagens e lances dramaticos da peça guardassem dentro da sua elegante superficialidade, do prologo ao epilogo, uma inteireza de factura e uma logica d'entrançado, que os impuzessem ao menos como cousas feitas d'um só jacto. Mas até d'esta inteireza no convencional fallece o *Intimo,* porque não só muitas das suas scenas por vezes se contradizem deploravelmente umas ás outras, como tambem a linha dos personagens se man-

communa e tresvia, por fórma a parecer que uns vão passar temporadas dentro dos outros.

N'esta ordem d'ideias deve pois a comedia de Schwalbach rejeitar-se como fragmento analytico d'um meio, ou d'uma simples parceria social, visto como ella nada disseca, estuda, ou vulgarisa; porém se a obra é assim pallida d'intuitos e limitada de horizontes, na sua simples trama litteraria inda lhe ficam dalmaticas magnificas com que passeal-a em uma festa de Ramos justiceira. D'essa trama haveria a fixar o estylo, a fórma do espirito, e a propriedade e vehemencia da instrumentação dialogal. Todas estas coisas no *Intimo* variam d'acto para acto, e ainda n'ellas se evidencía a cabeça simultaneamente estouvada e pratica do seu auctor, a ponto de parecer que collaborassem na obra, tres dramaturgos distinctos, o do primeiro acto lido em Gervasio Lobato e Joaquim Miranda, o do segundo lido em Augier, o do terceiro um pouco lido em tudo, mas sem pachorra ou tempo para digerir cousa nenhuma. Assim, por exemplo, as graças d'uma solteirona grotesca personagem dos segundos planos da peça, e as do conselheiro-poeta, por aquella requestado, são fancaria pura, refrangida da escola do *Commissario de policia* e da *Medicina de Balsac,* pouca proprias d'uma arte séria, e apenas trahindo sympathias d'infancia, de mau gosto. Já não acontece o mesmo á viscondessa, cuja envergatura sarcastica é expressa em subentendidos de verdadeiro artista, e cuja magni-

fica insolencia cóspe na phrase a peçonha d'um feminimo eterno, contundido. Entre as scenas de genero postas para hilariar o fundo do *canevas* emphatico da peça, a do gabinete do ministro em dia d'eleições, é um bocadinho pictoresco, tocado de zombeteiras intenções.

O dialogo tem estofo, amplidão, sonoridade, posto de quando em quando intrometta o paradoxo barato, o paradoxo papel de forrar casas dos folhetins á Chagas, ensaboado á pressa na *Physiologie de l'amour moderne,* de P. Bourget. Entretanto ha bocados que palpitam, regorgitando uma seiva juvenil, generosa, abundante, de boa lei: no primeiro acto por exemplo, o monologo sobre a batota politica, que não vem muito a proposito, mas é bem feito: a scena em que Carvide, no segundo acto, explica á ministra o odio que pouco a pouco o marido lhe inspirou: a scena entre o ministro e o marquez, a proposito do casamento dos rapazes: no terceiro acto, a scena do sapato e todos os dialogos onde collêa a malicia perversa da viscondessa... tudo isto são excellentes amostras de litteratura dialogada, e revelam no auctor, a par d'instinctos scenicos nativos, um gosto intelligente de prosador, uma desenvoltura fertil em remoques, chispas mordazes, expedientes inventivos: n'uma palavra, as mais felizes disposições que a arte quer. São estas qualidades litterarias, destramente manobradas, parte fascinante da obra, que fazendo espernear d'enthusiasmo algumas

bancadas mais cretinamente sensiveis da plateia, fazem dizer aos jornaes babozeiras encomiasticas d'estarrecer o proprio Tartarin de Tarrascon.

Entre nós ainda não houve meio de convencer o publico de que as phrases só são bellas sendo a expressão gravada das ideias, e que os fiascos tremendos da geração litteraria que succedeu a Garrett e a Herculano assentavam precisamente n'este cultivo lambido da phrase pela phrase, que alçou á voga parvoeirões que deviam ter ficado em sapateiros. Em Schwalbach cuido que não residirá ahi qualquer declamador serodio. Se n'este seu trabalho a interpretação de caracteres é lettra morta, desculpam-o circumstancias fataes á sua idade e maneira de ser particular: na historia litteraria os creadores d'almas, antes dos trinta annos, são rarissimos; a maioridade para os visionistas de mundos começa com os primeiros cabellos brancos. Repito pois que o *Intimo,* mesmo caçando-lhe as cartas d'obra prima, fica ainda assim uma vigorosa e promettedora primavera. Se o outono virá, não sei. Certos arbustos d'estufa, tamanho esforço põem na efflorescencia, que chegada a vez do fructo, não ha meio de os fazer brotar senão bogalhos.

VIII—No meio d'esta ridicula farçada que é Lisboa, onde não é mais possivel descobrir um canto d'alma sincero, o humor do povo lá continua a guardar a sua côr d'ironia esfusiante.

Trata-se d'um bebedo, um bebedo gastralgico, que o outro dia no Chiado deixou escapar da tripa um som suspeito. Subitamente, o relogio do Carmo dá uma hora. O bebedo, parando:

—Está certo!

IX—A politica portugueza já tem o seu saragoçano, que está comnosco, e vem de me communicar o horoscopo da politica nacional, a decorrer desde os tempos presentes, ao diluvio. É um trabalho de profunda concatenação, onde a sciencia mais profunda vem alliar-se á magia mais subtil, e para o qual chamarei a attenção dos meus leitores, já fatigados talvez de sobre situações ministeriaes verem falhar todas as prevenções e vacticinios. Tem a palavra o Noherlesoon portuguez:

«... a este governo succederia um, presidido pelo sr. José Luciano, e seria o seguinte:

Presidencia e reino—José Luciano de Castro.
Justiça—Francisco Beirão.
Fazenda—Ressano Garcia.
Obras publicas—**João Franco Castello Branco.**
Estrangeiros—Fernando Mattoso dos Santos.
Marinha—Prior da Lapa.
Guerra—Conde de S. Januario.

Incompatibilidades, ciumes, guerras, levariam pouco a pouco o gabinete a dessorar-se, pela ma-

cula terrivel de quererem todos ser primeiros, e não haver entre tantos genios um só exemplar que Lombroso não previsse entre os matoïdes, no seu litro. Chegado á extrema deliquescencia, e não havenda chispa a tirar d'aquellas sete cabeças de vitella, o ministerio Luciano receberia dos *guichets* do paço o bilhete collectivo da partida, sendo então chamado o sr. Serpa, o estadista da bolacha Maria, a organisar *quadrilha* com os seus Pescaderos e Minutos, d'esta sorte:

Presidencia e reino—Antonio de Serpa.
Justiça—Moraes de Carvalho.
Fazenda—**João Franco C. Branco.**
Obras publicas—Frederico Arouca.
Marinha—João Arroyo.
Guerra—Dantas Baracho.
Estrangeiros—Carlos Bocage.

Novas tramoias, guerras de coio propositando substituir velhos por novos, impaciencias de bacharelitos discursadores anceando por exceder o Arroyo nos dispauterios da pasta da marinha, negociatas torvas, d'estas que fermentam na cabeça dos ambiciosos com pouco bago, tudo isto daria instabilidade febril ao pobre gabinete, cujos cebentos fundilhos ao cabo estalariam, deixando vêr ao paiz o c... ollector. A corôa vêr-se-hia forçada então a repatriar o sr. Marianno de Carvalho, refazendo-lhe, depois d'algum trabalho, a virgin-

dade, e delegando as pastas na estudantina que se segue:

Presidencia — Marianno de Carvalho.
Justiça e cedulas — Conselheiro Mendonça Cortez.
Reino e falsificações eleitoraes — José da Escada.
Obras publicas, loterias e jogos d'azar — Antonio Ignacio da Fonseca.
Marinha — Marianno de Carvalho (interino).
Guerra — Lobo sarapintado.
Estrangeiros — **João Franco C. Branco.**

Um tal ministerio fatigaria cedo a opinião, começando o descontentamento pelos accionistas do banco Luzitano, que elegeriam de repente *leader* da opposição o sr. Pedrozo de Lima, por via de quem iriam regressando á vida privada alguns dos mais habilidosos salvadores. Succedia-lhe um gabinete de *petit lever,* que trataria os negocios do paiz de rustilhada com as pequeninas intrigalhas d'antecamara, legislando simultaneamente sobre o tiro aos pombos, sobre os tempos de walsa, e a arte de collocar gardenias na lapella.

Presidencia — Conde de Ficalho.
Estrangeiros — Luiz de Soveral.
Fazendas e confecções — Ramalho Ortigão.
Marinha e cortezias — Conde de Sabugosa.
Guerra e batalhas de flores — Bernardo Pindella.
Obras Publicas e piadas — Carlos Mayer.
Justiça — **João Franco Castello Branco.**

Quatro dias depois d'este governo assim constituido, todo o *Diario* appareceria condimentado em volume de contos e historias picarescas, avultando entre as medidas energicas o uso obrigatorio da luva branca nos trabalhos de pedreiro, uma legislação completa para a *toilette,* e severas multas a todo o proletario que não comesse truffas ao jantar. Dessidencias primeiro palacianas, em virtude de Ramalho querer applicar á sala do throno a sua conhecida decoração de motivos piscatorios, e de Soveral aggredir as relações externas pela sua grande abundancia de cabellos nos ouvidos—dissidencias em seguida populares, motivadas por o sr. conde de Sabugosa querer os decretos em verso, e o sr. Pindella transferir quem não tivesse cartas de nobreza, provocariam na classe trabalhadora uma arruaça contra o aristocracismo dos *vencidos,* pondo a dynastia em cheque, e fazendo fugir á batatada o gabinete. Interegno de dois mezes para escripturar entre as facções politicantes, um ministerio de resistencia, composto d'estadistas velhos que parecessem novos, e de messias tartamudos que tivessem o ar de Jupiteres ineditos. Indicado o sr. Martens Ferrão p'ra presidente, chegaria este de Roma com os ordenados d'embaixador decuplicados, e em regimen de tres hostias consagradas ao dia, para attenuar flatulencias de gastronomo amollecido. Entrevistaria primeiro o nuncio, pedindo-lhe conselho, iria depois ás egrejas com modos de sa-

christa, tartufisar inda mais com orações o cerebro estanque, e assim ungido por Deus e por uma ausencia d'ideias espantosa começaria a sua missão politica pedindo doze contos de réis para tipoia e prato, afóra os vencimentos. Ao cabo de doze mezes d'entrevistas, justaposições e cartas sobre caça, o sr. Martens Ferrão vendo os seus esforços desentendidos da abnegação absolutamente patriotica que o guiava, e constando-lhe por outro lado que as contribuições livres não chegariam pr'a lhe pagar as luvas que elle queria, o sr. Martens Ferrão tornaria para Roma, sempre com aquelles ares de sachrista, vasio, somnambulo, tratando as indigestões com hostias, e circumscrevendo a noção de patria á sua rica barriguinha. Atterrado do fiasco, o paço expediria a toda a pressa um telegramma ao S. Januario, ferro velho de concentrações monarchicas garantidas ao mez, (entrando o emprestimo), o qual com os seus bigodes em cabide, e o mais lustrozo chinó de pelle de gato preto, iria pelas casas conluiar trastes servidos para um gabinete de casa de hospedes, por esta fórma decorado:

Presidencia — Conde de S. Januario.
Reino — Valbom pae (segundas, quartas e sextas), Valbom filho (terças, quintas e sabbados).
Justiça — Bispo de Bethsaida.
Estrangeiros — Bocage.
Fazenda — Oliveira Martins.

Obras publicas — Conde de Valenças.
Marinha — **João Franco C. Branco.**

A estranheza causada por este ministerio seria enorme, e subiria de ponto quando a magistratura investida de pronunciar sobre o processo Canto e Castro, absolvesse o bispo, que não teria deixado a pasta da justiça, nem sequer durante o julgamento, e quando ao mesmo tempo viesse a fallencia mental do conde de Valenças, por um incendio lhe ter devorado a *sala de pensar*. Ao desagrado aqui nascido, outros peores sobreviriam, conglobando no ar nuvens de guerra: em vez de tratar dos verdadeiros interesses do paiz, o presidente do conselho não faria senão reformar os uniformes, transferir regedores, e aggravar a situação com desperdicios. O povo teria fome, os politicões e banqueiros dariam bailes, e n'esta revolta da plebe, o espirito anarchico d'alguns doidos acabaria de lançar o fermento da discordia, gerando feras no coração d'ingenuos esfaimados. D'ahi uma crise espantosa d'ideias e d'estomagos, revolvendo o paiz té ás fundalhas, e fructo da revolução iniciada como tentamen de vida nova, uma republica de caixeiros desempregados, com Magalhães Lima na presidencia, e a familia real em villegiatura d'exilio, sob desculpa d'ir festejar em Inglaterra as bodas d'oiro dos condes de Paris. O primeiro ministerio da nova edade seria talvez assim condimentado:

Presidencia e reino — Nosso correligionario e collega Silva Graça.

Estrangeiros — Nosso collega e correligionario Silva Graça.

Fazenda — Silva Graça, nosso collega e correligionario.

Obras publicas — Silva Graça, nosso correligionario e collega.

Justiça — Nosso correligionario Silva Graça e collega.

Marinha — Nosso collega Silva Graça e correligionario.

Guerra — **João Franco C. Branco.**

Sabidos os resultados d'uma republica apenas creada para tornar obrigatoria a leitura do *Seculo,* começaria o paiz a fazer gestos feios ao ministerio, e seguidamente ao precioso Magalhães Lima, que já muito antes de presidente da republica habitaria o palacio d'Ajuda, comprado com os proventos do *Seculo,* n'um leilão de massa fallida, hi ostentando fausto parisiense, e sahindo a quatro, de manto, com os chapeus velhos da rainha viuva na cabeça. Poucos mezes duraria o regabofe, porque a imprensa desenganada sobre as quantias pedidas p'ra aguentar a nova situação, ir-se-hia pouco a pouco tornando á monarchia, tomando o sr. D. Miguel por orago, e fazendo cahir Magalhães n'um charivari de gaitinhas de feira, cantos de gallo e chapadas de melão. As mesmas lanternas que embelezassem as ruas pelo advento da republica, illuminariam depois o mesmo povo, a saudar como ultima esperança, o rei absoluto. *Quando o rei chegasse á barra,* organisava-se ministerio, que

obedecendo aos principios religiosos do monarcha decretaria a chamada pasta da Igreja...

Presidencia e reino — Carlos Pinto Coelho.
Justiça — Conde de Redinha.
Guerra — Fernando Pedroso.
Marinha — Alfredo Quadrio.
Estrangeiros — Lucas da Silva Castello.
Obras publicas — Alvaro Mendes Leal.
Fazenda — Perfeito de Magalhães.
Igreja — **João Franco C. Branco.**

Como tudo finda n'este mundo, e o tempo vae depressa, acabaria a situação legitimista com o arrefecimento total do globo terraqueo, e quando toda a população portugueza chegasse ás regiões celestes, Deus que protege os tolos, e tem um fraco por todos os patifes, apiedado de nos falharem todas as combinações politicas possiveis, resolveria, suppõe-se, em sua infinita misericordia, entrar elle mesmo n'um ministerio de conciliação e salvação, que ficaria assim constituido:

Presidencia e justiça — Padre Eterno.
Marinha — S. Pedro.
Guerra — S. Thiago.
Fazenda — ? (1)

(1) Impossivel talvez achar santo que queira encarregar-se d'esta pasta, pelo descredito em que a puzeram os seus antigos titulares. Consta porém que depois de reiteradas instancias do Padre Eterno, o Mau Ladrão se resolverá a encarregar-se da gerencia.

Obras publicas — S. José.
Instrucção publica e bellas-artes — S. Paulo.
Estrangeiros — S. Damaso. (1)
Reino — **João Franco C. Branco.**

X — O visconde de Benalcanfor, que a morte acaba de tragar em plena seiva da vida madura, era um dos mais puros representantes da geração litteraria de ha trinta annos, e um dos mais desempenados folhetinistas d'essa pleiade de *phraseurs* que veio, com Lopes de Mendonça, popularisar em artigos soltos as ligeirezas d'estylo *papilotant* que Garrett inaugurára em Portugal, com as *Viagens.*

Bello e galhardo, com uma cortezia maliciosa que fazia brilhar a mocidade inextinguivel da sua bocca de *gourmet,* e uma boa palavra para todos os nomes a que ficasse bem prender uma sympathia, Benalcanfor dir-se-hia á primeira vista um homem satisfeito, um d'estes chimericos rapazes que nunca deixam de vêr a *vie en roze,* pobres ou ricos, felizes ou desgraçados que os annos lhe decorram.

Contara os dias da mocidade pelos prazeres elegantes entre que a espargira, e pela *nonchalance* entre que deixara respirar a sua forte e bella

(1) É um santo portuguez, papa, do seculo III. Não confundir com o sr. padre Damaso, do seculo XIX, e amigo intimo do actual sr. presidente do conselho.

organisação de gentilhomem doidivanas, indifferente aos revezes da fortuna, indifferente ás perturbações da saude—que uma e outra, mal administradas, de prever era não garantissem longas caudaes de gozo ao prodigo escriptor.

Fino e voluptuoso, com a sensibilidade delicada mais instavel, a sua litteratura era assim uma coisa incorporea como a renda, de que se admira o trabalho inconsistente, mas com que se não póde agazalhar afinal um corpo nú. A cada passo, no vestir do assumpto, a imaginação da phrase engolphava-lhe os periodos de locuções similares e cambiantes, tumultuosas a ponto de lhe comprometterem a nitidez da ideação. E como acontece aos folhetinistas que não teem por traz da fórma descuidosa, o arcabouço d'uma poderosa cultura litteraria, renovada sem treguas, dia a dia, sempre que na factura d'um artigo não intervinha a imaginação do signatario, apoderava-se do leitor uma especie d'enfado, e nasciam duvidas quanto á sinceridade artistica da obra, e quanto ao valor dos seus meios d'execução.

Não deve isto contar-se entre os subtrativos do talento litterario de Benalcanfor, que o teve, e certo, senão ser referido á instaneidade da sua producção, sempre feita de vespera, n'um espaço de tempo fixo consoante as exigencias do jornal que lh'a pedia.

A bem dizer, Benalcanfor nunca teve da litteratura outra noção que não fosse a d'um agrada-

vel passatempo. A sua natureza indolente de *louisséur* repugnavam todos os esforços tenazes. Para esse casquilho, a concepção artistica não admittia a tortura, o labor, o procurado, e tudo devia, para um verdadeiro homem de lettras, acorrer aos bicos da penna, mercê d'aquelle estado de fremito cerebral a que os poetas muito bem chamavam, no tempo d'elle, inspiração.

Ha entretanto n'essa obra occasional d'escriptor avulso, de folhetinista errante de folha em folha, meia duzia de paginas juvenis e desinvoltas, que aos esquadrinhadores será grato encontrar d'aqui a annos, quando já não soar na memoria dos lidos o nome d'esse Ricardo Guimarães que tantas dezenas de chronicas assignou!

Por essas pobres folhas se diagnosticará então a alma volatil do sympathico maluco que tanto soube amar as coisas faceis, e sorrir á existencia o seu sorriso sceptico e vermelho — mesmo á hora em que finda a mocidade, e a pobreza prestes, forçoso lhe foi lançar mão da penna para viver.

Por mim, guardo de Benalcanfor eternas saudades. Foi a mão d'elle uma das primeiras que apertei na vida litteraria, e a sua voz uma das que primeiro me fallou com algum interesse. Mesmo a sua amabilidade unctuosa captava-me, como uma expontanea floração da sua natureza debordante, afinada no convivio d'alcovas e de salas, e ferindo, por isso mesmo, a orgulhosa mysantropia do cavador d'aldeia que em mim ha.

XI—A fallar verdade, nós fazemos enormes judiarias aos pretos. Temol-as sempre feito, desde a mais remota edade, e por ahi fóra viemos, de mangação com elles, ora a espirrar quando passavam, ora a lhes gastarmos os merecimentos em misteres a modos que esquisitos: *verbi gratia*, caiador, gentil homem do Gongo, fantoche de toiradas... Se o orgulho d'estes animaesinhos fosse coisa menoscabavel sob a ferroada do comico, de ha muito que Portugal não tinha um palmo em Africa.

Quer entretanto a Providencia que o preto seja docil, e que a bonhomia do seu genio seja pelo menos egual á sua mandria. Com as partidas que por cá lhe fazemos, ri o branco, ri o preto, e este lá continua no seu paiz a supportar amoravelmente o nosso jugo, emquanto nós por cá vamos supportando tambem o jugo, d'elle, emquanto houver paredes que branquear, e o patriarcha consentir na procissão do *Corpus Christi*.

A procissão de *Corpus Christi!*... Onde isto vae, essa Paschoa dos bons pretinhos vestidos d'encarnado! Com que fidalgo orgulho, com que enfase sacerdotal elles marchavam em linha, pifanos e tambores soando, rua fóra, entre as collegiadas e o primeiro corcel de batalha de S. Jorge!... Não! que n'esse dia reinavam os pretos na cidade, Lisboa era d'elles, e não havia ninguem que ao

vêr passarem na procissão, cruzes sem conta, padres ás grosas, e irmãos do Santissimo aos milheiros, não exclamasse com impaciencia, para os lados —que estopada! tomára já cá os pretos!

Quanto á raiz historica d'esse estranho cortejo d'azeviche, divergem grandemente as opiniões dos eruditos. Até já certo alvitrou, que sendo a procissão do *Corpus Christi,* nos primeiros tempos, uma especie de revista annual de todos os mestéres altos e baixos da cidade, a pretalhada poderia muito bem representar no prestito, a corporação dos *marmitons.* O certo é que de todas as posições sociaes a que entre nós tem aspirado um preto, nenhuma ainda foi tão cubiçada como esta de membro effectivo do estado de S. Jorge.

Quanto mais vem baixando no pinturesco alfacinha, a procissão famosa, e mais quebradiço nos apparece o homem de ferro, e mais esmurrado de narizes se patenteia d'anno p'ra anno o pobre santo cavalleiro, tanto maior o furor dos pretos em occupar as vacaturas do bando, e se conservarem fieis a uma tradicção religiosa de que até já fazem troça as creadas de servir e os guardas municipaes. Uns esteireiros conheci eu, pretos convictos, em cuja familia era hereditaria a milicia que me occupa; té que uma geração, por allianças de branco, começou de lhe corromper a fuliginosidade nativa com saburras de mulato.

Vae, como na Sé sempre houve escrupulos em consentir no estado de S. Jorge, pelles que não

fossem do mais retinto ebano—e por outro lado ignominoso fôra, para aquella illustre raça, o demittirem-se os primogenitos de cargos que haviam feito a grandeza e a gloria dos seus antepassados —um estratagema occorreu á degenerada vergontea do esteireiro... engraixar-se!

Agora, de cada vez que o homem tem de se apresentar na cerimonia, a familia vá de pullir n'elle com escovas, té lhe deixar a figura que nem uma bota de verniz. Acontece que uma tarde de procissão, desata a chover.—E o preto destingiu! acordará o leitor. Pois enganou-se: inda ficou mais preto, porque a graixa era *Nubian,* impermeavel, e tão efficaz que a propria progenie do mulato nunca mais sahiu do ventre materno, senão engraixada.

Mesmo quando o preto de S. Jorge não podesse mostrar outros titulos á consideração da posteridade, o simples *decorativo* do seu trajo bastaria para o celebrisar entre os grotescos de que o velho catholicismo lançou mão para destruir a monotonia dos seus cortejos publicos.

N'esse grande drama mudo, especie de *auto marchado,* que era a procissão do Corpo de Deus nas nossas cidades, os pretos de S. Jorge punham como um entreacto de farça, servindo a preparar talvez a transição entre os differentes quadros da vida social que a procissão mettia, e a fazer menos violenta a surpreza d'essa alliança de sacro e de profano em que o Santissimo Sacramento offe-

recia um bocado do seu pallio ao boneco do chapeu de plumas, nos dias de chuva, e em que o alto clero não desdenhava entoar litanias, mitrado e ungido, no meio das danças obscenas dos pescadores com collarejas, e das contorsões hystericas dos endemoninhados.

Quaes as *phantasias* novas com que o nosso tempo haja de supprir o pictoresco das antigas ignoro. Por ventura virá um dia em que os pobres, despojados das suas velhas entretengas, prohibidos de continuar nas suas ratonas usanças, se aborreçam de morte, e por distracção se lembrem d'attentar por seu turno, contra as entretengas dos ricos. N'esse dia terrivel, hemos de vêr, quem sabe? talvez o preto de S. Jorge arvorado em dictador...

XII—O parlamento? Ah, não me fallem n'isso. É uma machina singular: mette-se um burro, sae um deputado; faz-se o deputado ministro, torna a sahir o burro...

XIII—É em D. Maria que das nove ás onze, em noites de recita, se póde encontrar, mais typica e bem caracterisada, uma amostra d'esse mundo diverso e pictoresco que os actores arrastam na sua orbita de *viveurs,* e recrutam um pouco por toda a parte, sem grandes escrupulos

d'estima, ao sabor da sua phantasia individual. Folhetinistas, dramaturgos, pintores, homens de cavallo, gymnastas, gastronomos, colleccionadores de bugigangas e costureiros, tudo alli cruza as suas aptidões e as suas manias, pintalgando de facecias e termos de profissão a conversa dos gruposinhos embuscados pelos cantos, por traz dos moveis de scena, deredor dos vigamentos do palco, no sofá d'uma estrella decotada, ou na penumbra morna e nauseante dos corredores do urdimento.

Sob uma luz macabra e vacillante, entre sombras de rochas e florestas de lona pendentes de calabres que oscillam, como no apparelho d'um navio, vêem-se passar os sobretudos mais estranhos, os chapeus altos mais velhos, as caras mais afflictivas, e as theorias mais extraordinarias da estação hibernal que está correndo. Desde a dupla capa de Fernando Caldeira, d'uma original vermiculação de *cheviotte,* até á capa anti-diluvial do José de Figueiredo, quantos modelos imprevistos, quantos padrões inesperados! Desde a alegria archi-doida do Coelho de Carvalho, até á seriedade lugubre do Aristides Abranches, quantas physionomias intercalares de temperamentos diversissimos! De Moraes Pinto, excessivamente alto, ao paysagista Ramalho, excessivamente pequeno, que de estaturas, talhes de hombros, *nuances* de barba e caracteristicas de sorriso!

Ás dez e meia, Antonio Pedro, um retardata-

rio, lento, embuçado, coberto de *cache-néz* inverosimeis.

—Como tem passado? a sua familia?...

Rodeiam-no logo os pequenos actores, as actrizes abraçam-no como a um *vô-vô* benevolo que lhes trouxesse um sacco de rebuçados; e elle a seis passos, procurando apagar-se mais na capa hespanhola que o envolve, começa a fallar do tempo, como toda a gente, emquanto Silva Pereira o não espicaça com algum dichote de garoto, e Amelia da Silveira não vem pouzar deante dos seus olhos extinctos, a gentileza do seu busto d'anemica, mordente e senhoril ao mesmo tempo.

As noites de gloria do tempo d'artista não parecem saudosas á alma genial do velho comediante, posto que elle venha todas as noites, áquella hora, visitar a scena onde o seu nome echoou, n'um estrepito de triumphos, sem interrupção, durante quinze ou vinte annos.

Emtanto ha na sua vida d'actor outras passagens picarescas que elle apraz recordar com bonhomia —fóra de portas, em theatrinhos de provincia, e sociedades de curiosos, que em officios pantafaçudos lhe mandavam pedir collaboração.

No Seixal, uma Paschoa, prestara-se a representar certo drama com amadores, dentro d'um palheiro, decorado a expensas da camara municipal. Ao subir o panno, Antonio Pedro devia estar mirando as arvores (era uma magestosa pintura de bosque!) inquieto, e como quem busca alguem

que tarda. O ponto falha, por ter deixado cahir o caderno pelo buraco, que era estreito; Antonio Pedro, que mal sabia o papel, prosegue a mirar os cimos das arvores, esperando o lamiré.

N'isto, uma voz da plateia:

—Você anda aos ninhos, ó seu diabo! em vez de botar falla á sociedade?

Gargalhada, vozearia, tumulto, bengalas erguidas, sangue espirrando dos narizes, e tanta castanha em epilogo, meus amigos, que a recita não teve logar, por ter ficado a companhia com os ossos n'um fricassé. Oh, mas Seixal vingou brilhantemente Antonio Pedro, mandando-lhe a camara passar diploma de trombone honorario em toda a circumscripção philarmonica da freguezia!

D'outra occasião, era em Alhandra, uma peça historica, *Camões*. Antonio Pedro era o poeta, e Valle fazia o Jau. Tinham os dois ido morar para casa do boticario, homem lettrado, auctor da peça, e cavalheiroso bastante no respeito á nobre sciencia da hospitalidade. E vae que o boticario, vaidoso, chamando á banda Antonio Pedro, quer persuadil-o d'imitar na caracterisação, para o typo do poeta, em vez da physionomia de Camões, tão conhecida, a d'elle proprio, auctor do drama e manipulador de cataplasmas.

—Porque emfim, notava elle, em muito pouco *Vossa Xuria* deixará de guardar a fidelidade historica. Eu cá, se não sou cego como Camões, ao

menos zarolho sou. E faço versos. Por conseguinte...

—Mas essa calva do meu amigo? aventurava-se a dizer Antonio Pedro. Camões, como sabe, possuia uma admiravel cabelleira.

Mas já fallacioso, o boticario:

—N'alguma coisa devemos fazer differença... Intuitivamente, porém, os genios são todos calvos. Olhe José Estevão, Trigueiros de Martel...

Vão para o theatro ao cahir da noite, Antonio Pedro com a versalhada do boticario, o boticario com a caixa de caracterisação de Antonio Pedro, e agora vereis o talento inolvidavel e profundo com que o pharmacoco-poeta trasplanta para a cabeça do artista, detalhe a detalho, tic a tic, todo o recorte e desenho da sua propria cabeçada. Com uma bexiga de porco reproduz a careca sobre os cabellos collados do paciente, muito polida a pincelladas de colla, uma careca glauca e ridicula, de cujas temporas chatas se alavam falripas de crépe, geniaes, e do feitio d'uns chavelhinhos mythicos que ha na cabeça de certos maridos, e de quasi todos os carneiros. E que entortasse o olho da direita, pozesse um tic nervoso na palpebra da esquerda...

Tudo está prestes ás sete horas. As damas entram, o panno sóbe, em scena o Jau suspira as saudades da patria longinqua. Ahi vem Camões, de corôa de louros e oculos fumados, como o boticario, tal e qual.

Que sons são esses que do Tejo a briza?...

Porém a colla tem retrahido a careca de bexiga de porco, que instantaneamente rebenta com fracasso—Pum! Pum!—por cima do craneo d'Antonio Pedro, explosindo da rasgadura um repucho de cabellos crespos, pretos, energicos, protestadores, cuja apparição derrama a alegria em todo o theatro, não sendo mais possivel applaudir em proscenio o boticario, nem sequer escutar a sangue frio as versalhadas lugubres do derradeiro genio poetico que Alhandra teve.

XIV—No *Museu Industrial e Commercial de Lisboa,* parte poente da galeria nova dos Jeronymos, estão patentes os trabalhos de prova annual das escolas industriaes do continente e ilhas (circumscripção sul), com mais de tres annos de fundação. É a segunda exposição escolar regularmente catalogada, des'que Aguiar ministro lançou o decreto da organisação do ensino industrial—a primeira tendo sido incursa no certamen agricola e industrial das terras da Avenida, em 88—e cumpre investigar se em tres annos de differença algo se fez de fecundamente progressivo, n'este ramo.

Não vale encarecer as vantagens do decreto Aguiar, de que foi executor testamentario, por

mero acaso de substituição na pasta d'obras publicas, o sr. Emygdio Navarro, nem tão pouco perder tempo a dizer que não póde haver industria sem uma educação d'arte adquada, nem competencia officinal que se não inspire n'uma pratica longa de laboratorio que desarticule e elastise para assim dizer o espirito e a mão do operario, e o familiarise com rudimentos e segredos que elle depois terá d'applicar e usar a cada instante. Tão pouco a historia dos sonhadores da nossa regeneração industrial, Victorino Damasio, Fradesso da Silveira, Fontes, João Chrysostomo d'Abreu, e a evolução mental d'essa regeneração, desde o seu simples estado de projecto, até á sua cristalisação em facto, maiormente interessarão na summula d'estas notas, de cuja concisão depende o exito, e de cujo justo equilibrio de promenores dependerá, já se vê, a concisão. Tanto mais que o que subsiste pratico de toda essa amalgama de tentativas platonicas e elogios academicos das artes e das industrias, diz-se em pouco.

Foi Fradesso da Silveira entre nós o mais vigoroso propugnador da systhematisação scientifica do ensino industrial, e elle que em conferencias e escriptos quotidianamente prégou que não ha nacionalidades sem officinas, e que os povos que vestem do alheio arriscam-se a apparecer qualquer manhã na praça, nús. Commissario da secção portugueza na exposição de Vienna, trouxe de lá o *museo Fradesso,* que a lazaronice official deixou

apodrecer n'um subterraneo da alfandega, té os familiares levarem para casa, peça por peça, o que ainda restava d'integro n'essa collecção. A Fradesso da Siveira seguiu-se, na iniciativa e tendencias, Antonio Augusto, que o imitava, e foi commissario régio na exposição vinicola de Londres, e que uma vez ministro, logo curou de lançar as bazes da futura vida officinal e industrial do seu paiz.

De que maneira, sabem-n'o; fundando escolas de desenho e cursos d'instrucção theorica applicados ás differentes profissões industriaes, e pondo-lhes ao lado laboratorios e officinas onde os alumnos *realisassem* as obras de que vinham d'apprender a esthetica e a technica, nas prelecções dos professores.

Para me não occupar agora senão da circumscripção do sul do reino e ilhas, dir-lhes-hei que ha n'esta 16 escolas, das quaes cinco industriaes, e onze de desenho industrial, com uma frequencia de 3:942 alumnos (2:982 do sexo masculino, 960 do feminino). D'estas 16 escolas, espalhadas pelos pontos mais fabris da região, como sejam Lisboa e seus arrabaldes d'Alcantara, Xabregas, Belem, etc., Portalegre, Thomar, Torres Novas, Covilhã, Caldas da Rainha, Peniche, Setubal, Leiria, Faro, Funchal, Ponta Delgada, Angra do Heroismo e Alemquer, já teem officinas d'ensino manual, as seguintes: *de trabalhos em madeira,* as escolas de

Belem, Xabregas, Leiria, Torres Novas, Thomar, Portalegre, Faro, Funchal e Covilhã; de *trabalhos em metal,* Xabregas e Portalegre; *trabalhos em pedra,* Belem e Torres Novas; *ceramica,* Caldas da Rainha; *tecelagem,* Covilhã; *pintura decorativa,* Xabregas; *rendas,* Peniche e Setubal; *lavores femininos,* Setubal e Alcantara; e ainda outras que teem sido creadas em diversesas escolas para satisfazer especialidades do ensino, e algumas que embora não funccionando ainda regularmente, comtudo teem já installações proprias, e verba costeadora inscripta no orçamento.

O numero total dos professores nas dezeseis escolas, é de 50, sendo estrangeiros 16, e 34 nacionaes. As mais antigas escolas industriaes d'esta circumscripção, contam sete annos, e foram creadas sendo ministro Antonio Augusto de Aguiar, em numero de sete; as nove restantes postas em acção pelo sr. Emygdio Navarro, Eduardo José Coelho, e Frederico Arouca, successivos ministros d'obras publicas. O programma d'ensino é o seguinte. Nas simples escolas de desenho industrial, professam-se os differentes ramos do desenho, como sejam, desenho elementar, geometrico rigoroso, ornato, architectura, de machinas, topographico e de figura, e assim a pintura e a modelação, acompanhando-se estes estudos, praticamente, na officina, d'aprendizagens artisticas differentes, conforme a natureza fabril da região em que está situada a escola de que se trata. Nas chamadas

escolas industriaes, ás disciplinas que mencionei, junta-se um pequeno curso d'arithmetica, geometria, physica, mechanica e chimica industrial, linguas franceza e portugueza, variando o ensino manual tambem a sabor das aptidões fabris locaes. Assim por exemplo na escola d'Alcantara o trabalho d'officina comprehende lavores femininos (costura, córte e bordados), trabalhos em couro (flores e pintura), trabalhos em madeira (esculptura, gravura e entalhadura) e finalmente ourivesaria e esculptura em metal. Na escola de Portalegre ha officinas d'ebenesteria, serralharia, instrumentos de precisão, e fundição de latão. Na escola da Covilhã, centro principal das nossas industrias de tecidos, officinas de tinturaria e tecelagem. Nas Caldas da Rainha, modelação, trabalhos de roda, pintura em louça, etc., etc. De muzeus d'applicação annexos a estes institutos e officinas, estamos ainda por infelicidade muito áquem das nações estudiosas, e apenas junto á escola de Faro se installou em 1889 um *muzeu industrial maritimo*, muito pobre, mas ainda assim comprehendendo exemplares das industrias costeiras que mais particularmente intendem com a actividade profissional dos povos algarvios.

Perguntar-me-hão agora se já é possivel encontrar nas gerações obreiras mais recentes, vestigios da educação artistica e profissional que nos ultimos annos lhe tem sido dada. Respondo-lhes muito desconsoladamente que não é, e ou o ensino

nas escolas industriaes é defeituoso e mal regido, ou os jovens operarios que lá vão cursar as aulas, não ganham depois vida pelo officio. O certo é que basta percorrer a escala das industrias portuguezas actuaes para n'ellas reconhecer ainda uma infancia d'arte com todas as desfallencias e hesitações de debutes mal guiados. Os operarios continuam a não saber desenho, os mestres d'officina continuam a lhes fazer reproduzir modelos sédiços, e a mão d'obra continua a ser geringonçada para armar simplesmente ás apparencias. Raras industrias por agora temos, capazes de desafiar confrontos estrangeiros, e muito menos em estado de bem servir as necessidades d'uma população que pede por pouco dinheiro, artefactos solidos, bem acabados, e de longa duração. Quasi todos os tratados de commercio que mantinhamos com as nações fabris nossas fornecedoras, denunciados est'anno tornaram urgente uma revisão geral das pautas, e em tanta maneira escrupulosa, que a industria portugueza possa ser protegida sem que todavia as receitas do estado corram perigo de não verem compensadas as verbas que esse proteccionismo necessariamente lhes fará perder com a diminuição dos direitos d'entrada.

O grande escolho porém n'este problema, é o que acima escrevi, e vem a ser se valerá a pena fechar o commercio aos artigos estrangeiros que até aqui percebiamos, em condições de fabrico e preço favoraveis, para lhe substituirmos os nossos,

muitos dos quaes viciados por todos os senões que tambem já mencionei. Não quer isto dizer que das fabricas nacionaes não saiam já coisas perfeitas, e que de tantas tentativas receosas, algumas não marchem já na via ovante. A industria dos algodões por exemplo, estampados ou crús, a dos riscados de linho, a dos pannos de lã, a dos papeis pintados, a das bolachas, a de canteiro, etc., dia para dia accentuam progressos faceis e evidentissimas tendencias para dentro em pouco se tornarem fontes de riqueza. Emtanto a sua marcha que tão célere podia ser com um operariado culto, se é certo avança, não conseguiu ainda largar de si a soez rotina, e a pachorrenta cópia das receitas e trucs por que lá fóra aquellas industrias se regiam no tempo ainda de Noé não beber vinho. O mais certo é que um grande numero d'outras retrogradem ou inteiramente se percam por falta de solicitude official.

Entre as primeiras, citarei os moveis e algumas especies de louças; entre as segundas, quasi todos os estofos de luxo, velludos, damascos, sedas e rendas manuaes. Quem percorrer as marcenerias do paiz, e quizer admirar sem bufadas de risos, as commodas de casquinha, os canapés pegados com grude, os sofás hydropicos, e os tremós de pernas tortas, e aparadores e bufetes com que geralmente usam mobilar-se as casas ricas e pobres de Portugal, certamente não acreditará que foi aqui a nação d'entalhadores e esculptores de madeira

que encheu de prodigiosas coisas, cinco mil e quinhentos sanctuarios, sobre ter produzido ás dezenas de milhar, no seculo XVI, os moveis d'arte que ainda agora os *bric-à-braquistas* do mundo estão a carregar de nossas casas, para os seus muzeus e collecções. Está claro que seria muito exigir em moveis de quatro libras, rariedades d'estylo e delicadezas d'execução que representam mezes de procura esthetica, e que attentas as necessidades do salario, não podem assim malbaratear-se como as desataviadas fancarias. Era natural emtanto esperar que a linha ao menos d'aquella nossa ebenesteria historica tivesse ficado na predilecção dos fabricantes, e que de quando em quando houvesse reminiscencias d'ella, n'esta ou n'aquella peça, o que não succede.

Os esculptores de madeira são cada vez mais raros entre nós, excepção feita ao genio superior de Leandro Braga, o sem rival que encheu o palacio Foz d'obras magnificas, e da antiga ebenesteria de luxo restam apenas carpinteiros curiosos que concertam bufetes, e velhos restauradores que põem pés de pinho em leitos de pau santo.

Com certas especies de louça, identica cahida. A Vista Alegre, que está hoje senhora do fabrico das pastas, como as melhores porcellanarias europeias, não tem comtudo esculptores nem pintores capazes de lhe crear fórmas ineditas, e de lh'as decorar depois n'um estylo original.

Sacavem é o exemplo do que póde a rotina

d'um fabricante de quem um povo besto se resolve a subsidiar a estupidez. As Caldas estagnaram nos seus pratos á Bernardo Palissy, tão ingenuamente flagrantes de naturalismo popular, e cada vez é mais difficil ás tentativas dos novos o filiarem na tradicção artistica das velhas fabricas, as phantasias de decoração mais ou menos macabras que por hi ha.

E procura a gente a ressurreição prenunciada, e em nenhuma d'aquellas industrias vê transparecer melhoria referivel aos famosos sete annos d'ensino industrial.

De que banda o defeito? Da banda dos que aprendem, ou da banda dos que ensinam? Eis o que importa precisar sem hypocrisias nem delongas, e basta percorrer a exposição da galeria dos Jeronymos, e ter de memoria o pessoal nas mãos de quem os governos puzeram certas delicadas particularidades dos cursos industriaes e officinaes, para immediatamente acquiescer em que, com taes dirigentes, não podem chegar longe os dirigidos.

Effectivamente á provisão do pessoal superior do ensino industrial presidiram condições que tendo por fim collocar, por coação da politica, *uns certos,* logo *ipso facto* dispersaram outras por onde se podia aferir a proficiencia dos indigitados. Condescendencia attrae condescendencia, e relaxação, relaxação. Para serem coherentes comsigo proprios, os tolerados de cima vão consentindo nos

abusos funccionaes dos seus subordinados, subscrevendo nomeações disparatadas, deixando correr e engrossar abusos quotidianos. Os cursos são por via de regra mal regidos, por incuria d'alguns, falta de capacidade d'outros, e ainda pela má adaptação da maior parte.

Com os scientificos annexos ás escolas industriaes então, as nomeações de professor recahiram aqui e além em cavalheiros que melhor fôra se deixassem ficar entre os discipulos, havendo por exemplo amanuenses que acordaram professores de mechanica, e janotas arruinados que liquidaram em professores de francez e de physica industrial. O resultado prevê-se. Pois se os que ensinam não sabem, ou ensinam pouco, ou ensinam pessimo, como exigir nos que aprendem acquisições superiores ás dos primeiros? Depois, a propria feição do ensino, tal como elle está ainda agora, é quasi toda platonica e theorico-sentimental. Seria necessario insistir cada vez mais no ensino pratico, desdobrar as especialidades d'officina, e não deixar sahir os alumnos emfim senão mestres feitos e artistas consummados. E é precisamente o que se não dá! As officinas são em geral muitissimo pouco frequentadas comparativamente á massa d'alumnos das escolas; o professorado d'essas officinas, além de escasso é mau por varias vezes, e quanto ao estado d'adeantamento em que o alumno sae, diz a exposição dos Jeronymos que a maior parte abandona o estudo precisamente quando começava

a tirar d'elle algum proveito. Negar entretanto que o que se fez é muito já, e que uma cabeça lucida em alguns annos poderia sem dispendio, remodelar a educação do paiz, em termos de fazer prosperar muitas industrias, seria uma injustiça raza que me felicito de não commetter gratuitamente. Progredimos n'este ramo, lentamente, mas viva Deus! progredimos...

XV — Paginas atraz, frizando o caracter ainda maiormente theorico do nosso ensino industrial, accentuei que mau grado aquelles seus vicios d'estructura, o preparo dos alumnos era digno já de todo o applauso, e o progresso dos operarios manifesto em muitos ramos de pequenas industrias e manufacturas cidadãs. Esta melhoria d'aptidões profissionaes, que é a entrada do desenho na mão d'obra, e a desinvolução scientifica dos principios d'arte em fabricos até qui sómente entregues á habilidosidade eventual de tres ou quatro mestres d'officina, esta melhoria revela-se principalmente na exposição da Escola *Marquez de Pombal* (bairro novo do Calvario), comprehendendo trabalhos dos alumnos das escolas *Gil Vicente,* em Belem, e *Affonso Domingues,* em Xabregas.

A escola *Marquez de Pombal* foi a primeira creada seguidamente ao decreto d'Aguiar, e a unica que por emquanto em Lisboa se installou em edificações erguidas de proposito.

A casa, de tres corpos longitudinaes sahindo em torreão sobre a fachada, tem um aspecto d'elegante magnificencia, com a sua grade correndo entre pilares de cantaria subrepujados d'urnas, e as grandes janellas, galerias e remates lavrados que as corôam. Destinada primitivamente ao ensino simples do desenho, fôra concebida n'um plano que se tornou depois mesquinho, quando ao seu programma technico veio ajuntar-se mais o ensino pratico.

Houve mistér então que installar officinas em pequenos cacifros e desvãos que a planta destinava para um emprego bem differente, e que metter a trouxe-moxe, em aulas computadas para meia duzia d'alumnos, populações décuplas do que inicialmente fôra calculado.

Em menos de tres annos, como crescia a frequencia da escola a largos passos, forçoso foi amplial-a d'alojamentos, e annexar á harmonia da construcção primitiva, gibosidades que lhe vão destruir de todo a linha gracil. Essas «gibosidades» constituem de roda do edificio da escola uma especie de cercado, onde serão alojadas as officinas que já existem, e ainda outras respeitantes ao estudo de profissões que as demandam imperiosamente. Áparte o acanhamento da construcção (sob os respeitos de ter a escola sido feita para dez, e conter trezentos) não se póde deixar d'elogiar a perfeita montagem da sua fabrica, e a boa ordem de cada serviço e cada

peça. No andar terreo estão as installações do curso scientifico, laboratorio e aula de chimica, laboratorio e aula de physica, collecções d'instrumental e gabinetes dos empregados subalternos. No andar nobre, as aulas de desenho geometrico e cópias do natural, pequenas officinas de moldagem, pintura, esculptura em metal, e gabinetes da direcção e sala do conselho.

Ha ainda um pavimento superior onde estão aulas de pintura decorativa, lavores femininos, e bibliotheca, com uma magnifica collecção de livros e estampas concernentes ás applicações da arte á industria. Dos muzeus peculiares de cada ramo d'ensino, áparte os gessos, que reproduzem motivos ornamentaes de todas as escolas, incluindo as portuguezas, dos seculos XV e XVI; áparte os dos laboratorios de chimica e de physica, que não sendo ricos, são todavia attinentes ás exigencias da occasião, a escola *Marquez de Pombal* está ainda d'uma pobreza franciscana, e insisto n'esta por ser modelo, o que significa estarem as outras em condições de penuria bem peores. De feito, em modelos d'arte industrial, revistas d'estylos decorativos, specimens e amostras indispensaveis emfim para dar ao estudante a visão do que haja de bom na especialidade a que elle se consagra, a escola *Marquez de Pombal* carece de tudo, e urgente fôra não inaugurar as novas officinas sem lhes abrir ao lado muzeus illucidantes da industria especial de cada uma.

Na impossibilidade porém de dotar condignamente as officinas de cada escola com as collecções artisticas que digo, e isto n'um espaço de tempo breve, muito teriam que ganhar os serviços do ensino industrial com a fundação, junto ao *Muzeu industrial e commercial de Lisboa,* d'um grande muzeu d'arte decorativa e industrial, mobilisado por fórma que os seus artigos pudessem fazer o giro das escolas, devidamente fiscalisados pelos corpos dirigentes.

A organisação d'este muzeu se nos afigura pouco dispendiosa e facil coisa, se por via dos embaixadores e corpos consulares o ministerio dos estrangeiros curasse de haver dos principaes centros fabris e artisticos do mundo, collecções de productos em todos os generos, á semelhança das collecções hungaras e vienenses que podemos admirar no pavimento superior da galeria dos Jeronymos. O muzeu d'arte decorativa e industrial que se propõe, seria assim um flagrante e pictoresco rezumo da arte universal no presente instante, a que juntariamos specimens nossos, o todo servindo d'assumpto a conferencias feitas por professores e homens de lettras, sobre cada ramo especial das collecções. O governo auctorisaria a publicação, em volume annual, d'estes trabalhos, compilados segundo o programma da bibliotheca Forney, e constituiriam elles para as nossas populações operarias um excellente auxiliar da frequencia ás au-

las, e o melhor de quantos expositores escolher para a instrucção geral das classes productoras. Do muzeu d'arte decorativa, catalogado e mobilisado como o de Kensington, e o da União Central das Artes Decorativas de Paris, sahiriam em expedição para os *ateliers* das escolas industriaes, todos os objectos reclamados pelas respectivas direcções, que assim aproveitariam a todos, como modelos ou inspiradores, interferidos, claro está, pela directriz professoral, cuja missão seria n'este caso encaminhar o gosto dos alumnos atravez de todas estas inventivas, por fórma a elle cristallisar alfim n'um estylo proprio, seguro e inconfundivelmente nacional, sendo possivel.

Todas as acquisições artisticas por outra fórma tentadas para installar muzeus em cada qual das escolas industriaes, peccarão sempre pela exorbitancia do custo, imperfeição do conjuncto, e exclusivo goso d'um limitadissimo numero d'estudiosos.

Insisto no que poderia ser em Portugal, ainda agora, um muzeu d'arte decorativa e industrial, no gosto de Kensington, e não me cançarei d'antever os beneficios que elle traria ao ensino pratico, e as riquezas innumeras que ainda lograria salvar por esses edificios publicos, onde a rapacidade particular vae larapial-os, para os expedir depois caminho do estrangeiro.

Basta recordar o que foi ha dez annos, no palacio das Janellas Verdes, a exposição d'arte ornamental, e mais ella quasi que só dizia respeito

a objectos de culto religioso, e reflectir que não ha dia nenhum que em Portugal estrangeiros não adquiram a preços infimos, em ourivesarias, moveis, faianças, esculpturas e tecidos, specimens d'arte portugueza, da qual em pouco tempo não restará entre nós sequer memoria. Em colchas e mobilias, paramentos e loiças antigas, a riqueza particular do nosso paiz é ainda hoje verdadeiramente fabulosa, e não ha palacio hereditario ou igreja velha onde não seja licito admirar alguns d'aquelles preciosos restos d'opulencia.

Uma direcção de Bellas Artes menos politica e mais escrupulosa, procedendo de parcearia com uma Direcção do Commercio e Industria menos mercieiral, ha muito teriam lançado as fundações d'um verdadeiro grande muzeu d'artes decorativas, com a antiguidade constante dos fragmentos que fossem recolhendo pelos conventos e edificios publicos que fecham, e com a época moderna representada pelos pedidos feitos ás manufacturas e industrias nacionaes e estrangeiras, por via do governo, de collecções illucidantes da sua producção, adiantamento, processos de trabalho, etc.

Porque toda a mira dos legisladores da nossa redempção industrial deve ser esta: tornar o ensino pratico, pela annexação quanto possivel estreita da aula á officina, e prender as incontestaveis aptidões do operario á tradicção historica das antigas industrias e manufacturas portuguezas,

desenvolvendo outras que a vida contemporanea fez, e que não tiveram cultores entre nós, no tempo antigo. Uma vez familiarisado o aprendiz c'os rudimentos scientificos e graphicos do curso, feita a mão no desenho, e o olhar nos segredos da perspectiva, valorisação da côr, e apercepção geometrica e esthetica do objecto a copiar ou a crear, para fazer d'elle um operario correcto, ou um artista agilissimo e elegante, impreterivel se torna chamal-o a um campo de creação onde as suas faculdades inventivas tomem vôo, variando ao infinito as concepções, e evitando que os proprios velhos tombem no ramerrão deleterio das reedições machinaes, antagonicas de todo o progresso, e deshonra d'uma nação que se préze d'industrial.

Ora, d'esta incessante renovação do gosto artifice, só um grande muzeu d'arte decorativa podia encarregar-se, pela fórma que disse, isto é, fazendo viajar continuamente os seus exemplares atravez dos *ateliers* do ensino industrial. Basta vêr a exposição das tres escolas que atraz ponho, para immediatamente convir na adopção da minha ideia.

De feito, como áparte os gessos e algumas rudimentares collecções de peças de machinas, em ferro e madeira, não existem nas differentes delegacias do ensino industrial, modelos artisticos capazes, acontece que os professores fazem copiar verdadeiras porcarias a alumnos d'uma aptidão

manual quasi perfeita, e que para serem sagrados artistas só conviria educar-lhes agora a imaginação e a graça creadoras.

Na aula de pintura decorativa vi eu, como modelo de flores, estampasinhas ridiculas de chromos, pratos de Marselha modernos d'uma inolvidavel chateza decoral, e na secção da ceramica um armario cheio de jarrinhas e gomis, moringues e garrafas, que é tudo quanto uma ovarina de Castello Picão poderia sonhar de mais berrante para a sua pilheira de loiça de mostrar. Nem um mólho de flores dos campos, indicando a cópia boa ou má, do natural, ao fim d'uns poucos d'annos de desenho; nem uma fórma pura de ceramica portugueza, Estremoz ou S. Miguel, onde o etrusco resurge na aristocracia impeccavel do seu typo... —uma mesquinharia de motivos, uma mulherenguice d'ideal tão desgraçada, que o visitante nem para caixas de doce aceitaria decorações d'aquella estófa! Felizmente que se tracta de pintura decorativa quasi infantil, e que ha no certamen outros alumnos decoradores com que já muito bem póde orgulhar-se o estabelecimento. Ahi estão por exemplo duas grandes composições do alumno Carlos d'Araujo Faro, tecelão da fabrica Daupias, e estudante nos ocios da officina, que verdadeiramente significam vocação d'artista posta ao serviço da mais augusta paciencia d'operario. Referem-se a tecelagem, duas aguarellas: uma representando a tapeçaria d'um reposteiro, palmas de castanheiro,

amarelladas e verdes, entre fitas fluctuantes, n'um fundo d'azul-ceu muito diaphano: outra representando a guarnição do mesmo reposteiro, a toda a grandeza das franjas, cachos d'uvas e parras que a enxameiam. A execução é d'um jacto, a tonalidade, rica, o gosto certo; só faltaria agora uma officina para dar curso a tão formosa inspiração! Um outro alumno, Ricardo Lhosent, de dezenove annos d'edade, expõe tambem uma phantasia decoral, muito agradavel, representando esculpturas de marmore n'um fundo de tapete oriental, e o mesmo assumpto copiado pelo alumno Bellinge, põe-no em rival do seu collega, e credita-lhe o futuro d'artifice intelligente. Imaginem que estas tres radiosas adolescencias d'artistas encontravam, ao acabar do curso, empreza que lhes aproveitasse a sério as qualidades! Temos uma industria nascente de tapeçarias de juta e linhos estampados, cujo fabrico hesita, e cujo grão de tecelagem é por emquanto ainda muito defeituoso. Corrijam-se as imperfeições porém da nova industria (e ha alguns mestres de tecelagem já nas escolas industriaes), aperfeiçoe-se a tinturaria, tão grosseira entre nós, e estes factores postos, confiem os fabricantes ao talento d'algum d'aquelles tres rapazes, a direcção ornamentista dos seus productos. Não é um mundo novo que começa? Por ventura os tecidos de juta portugueza não poderão rivalisar, dum momento pr'o outro, com as mais bellas facturas de proveniencia franceza e americana? O que se diz da juta, serve

ás chitas, cuja producção redobra dia a dia, mas cuja tinturaria e desenhos jazem ainda n'uma rotina lamentavel. Isto pelo que toca a industrias baratas. Subindo ás de luxo, avolumam-se consideravelmente as vantagens a auferir da acquisição dos bons compositores e artifices que as escolas forem dando. Nos seculos XVII e XVIII tivemos em Arrayollos uma industria caseira de tapetes fabricados á mão pelas mulheres, a duas ou tres côres de lã rudimentares, e mais ou menos barbaramente inspirados sobre padrões de tapetes persas, e sobre alguns pannos muraes de fabrica rhenana.

O ponto da tapeçaria é muito simples, o desenho por vezes jerogliphico, amarello em fundo azul ou fundo verde, com ramarias e florões de córte extravagante, cercaduras de passaros hieraticos, mas tão originalmente decorativo, que ainda hoje seria d'um gosto raro armar com pannos de Arrayollos as recamaras e salões de qualquer confortavel casa portugueza. Materia prima e mão d'obra, eram n'esta industria, d'uma modicidade de custo absolutamente inverosimil.

Os tapetes bordavam-se sobre trama de calhamaço d'estopa, que as tecedeiras locaes faziam ao tear, co'o fio que as outras segregavam das roccas, á lareira, durante as noitadas do inverno alemtejano. E d'egual preparo domestico era a lã de bordar, que se tosquiava dos rebanhos n'uma hora, ia a lavar á ribeira n'outra hora, cardada

apoz, e logo tinta e fiada em longas estrigas das côres mais predilectas das bordadoras.

Cuidarão que era uma coisa de fancaria, esta industria domestica dos tapetes? Leiam as cartas de Beckford, e lá verão que elogioso parallelo faz o inglez entre as tapeçarias rusticas d'Arrayolos, e os tapetes persas que vestiam os muros e sobrados do palacio Marialva.

Presentemente ninguem conhece, de tradicção sequer, esta especialidade manual das mulheres arrayollenses. Aqui e além, n'alguma velha casa do Alemtejo, está sobre uma arca de castanho, tauxiada de pregos, dobrado em quatro, um velho panno de grossaria esfiampada de cadilhos de lã azul, verde e amarella, com cercadura de passaros medievos, ramagens de cardo ou pennas de pavão esparsas pelo meio... Tem duzentos annos de casa, e inda resiste! Até ha pouco, os muzeus de Lisboa não possuiam um só d'estes magnificos restos da velha industria portugueza, contemporanea dos leitos salomonicos de pau santo, dos contadores marchetados, dos tamboretes de couro esculpido, e da nossa rude e inolvidavel serralharia medieval!

No districto d'Evora, onde uma vez perguntei se as velhas d'Arrayollos imitavam ainda, por desfastio, suas avós, bordando passaros hierarchicos com lã tinta á lareira, no calhamaço d'estopa feito ao tear, por suas filhas, os mais sizudos doutores dignaram-se sorrir da minha ingenuidade, e até o

juiz retorquiu que na sua comarca as mulheres só tinham tempo pr'a ir á monda e lavar os cueiros dos rapazes.

Julgo desnecessario insistir na fundação d'uma escola que no districto d'Evora reaccendesse os fócos industriaes d'antigamente, renovando os padrões d'umas industrias, exemplo a da ceramica d'Extremoz, e corrigindo n'outras as incongruencias que os seculos lhe deram, ao desafio co'a ignorancia dos copistas. Os nossos ricos que se comprazem em vestir de jutas estrangeiras e gobelinos fingidos, os abrigos das alcovas e salões de recepção dos seus palacios, não recusariam tornar-se á adopção das industrias de luxo nacionaes, des'que o ensino artistico as orientasse para uma elegancia nova, e compositores da força do sr. Ajuda Faro n'ellas interviessem com um decidido proposito de lhes consagrar a vida inteira.

XVII—Custa realmente a aceitar sem um bocadinho de protesto, o espirito critico que presidiu á organisação dos concursos municipaes de pintura historica, e quasi se faz um esforço de paciencia para não chamar desperdicio a essas centenas de mil réis distrahidas a esportular as *habilidades* archeologicas de meia duzia d'ingenuos borradores.

Achariamos rasoavel que a camara provocasse certamens de pintura historica entre compositores applicados ao cultivo d'esta especialidade, tão eru-

ditamente complicada e tão soberanamente difficil, e applaudir-lhe-hiamos o hausto, se ella propositando fazer desabrochar em fructos opimos, um nucleo d'aptidões inda hesitantes, certo, mas decisivamente pronunciadas, levasse os seus sacrificios té onde podessem cruzar-se uma liberalidade bem entendida com a proveitosa floração dos temperamentos estheticos a animar. Porém, lançando o olhar de redor dos cavaletes que por hi servem d'apoio ás polychromias dos nossos inspirados, de todas as tendencias se descobre um canto, para todos ramos picturaes se advinha um ámanhã: ha paysagistas que sondam as renovações da terra; pupillares que perscrutam sobre a infinita variedade das fórmas, os mil e um caprichos esthesiantes da luz; anatomicos em caça d'animalidades rusticas d'onde tirar um trecho de caudelaria ou d'arribana; psychologos que tentam evocar pelo retrato as arestas sutis ou brutaes d'uma recondita alma inexplorada—todas quantas facetas autonomas refranhe emfim a phantasia avulsa do artista, e especialisam na pintura episodica, o *petit maitre,* fóra porém d'esse vasto plano d'erudição litteraria e philosophica, d'esse preparo absorvente e rude d'accessorios, detalhes, reconstituições biographicas, syntheses historicas, generalisações, abstrações, de que todo o pintor de historia deve munir-se e ser dotado, e sem os quaes toda a factura de quadro não passa d'uma bugiganga oleographica sem valor.

Ora, pergunta-se.

Estando a pintura moderna entre nós n'um estado de primeira dentição, com aptidões vigorosas talvez, mas desconnexas ainda, tateando os caminhos do exito sem duvida, mas sem uma certeza de triumpho antecipada, é coherente que o municipio de Lisboa, a quem tantos inadiaveis encargos estancam o thesouro, esteja a distrair verbas para lisongear resurreições de historia, onde apar de phantasias desconnexas, nenhuma séria preoccupação do assumpto se formúla?

Não é pintor de historia quem quer. A pintura historica não é uma aptidão que germine para ahi abstractamente, na cabeça d'um moço de talento, sem mais estimulos do que a leitura dos romances de Dumas pae, e do que a legenda anedoctica que o sr. Fuschini manda pôr a premio, a sessenta dias de praso, na secção noticiosa dos jornaes da capital. Requer provas anteriores, que poucos ou nenhuns artistas portuguezes ainda poderam dar da sua vocação; requer familiaridade n'uma porção de generos differentes e antagonicos, o retrato, a paysagem, o conhecimento dos typos architectonicos e dos trajos caracteristicos das varias épocas em questão; e a par d'uma sabedoria de *costumier* e de director de scena, de manuseador d'estofos e d'archeologo endurecido em leituras de chronicons, as largas vistas complexas e syntheticas d'um historiador philosopho, capaz d'exprimir

um caracter pelo gesto d'um braço, um cyclo epopeico na fixação pelo pincel, de meia duzia de figuras, e d'ir visionando em dois metros de téla, todo o percurso tragico ou triumphal d'um ou mais seculos de civilisação ou despotismo.

Quando ha tres annos foram expostas as provas do primeiro concurso de pintura historica, na grande sala da camara municipal, logo todos previmos a invalidade artistica do certamen, que sobre exigir de pinceis inexperientes a evocação d'uma das mais patheticas scenas da historica universal, nem sequer lhes dava tempo material para a compulsa dos textos narrativos, ou descera a lhes mostrar sequer n'um canto de muzeu, as velhas telas, modelos de galeões, restos de trajos, etc., que servir podessem de base á reconstituição do thema posto em praça.

O assumpto do concurso de hoje, posto mais modesto d'alcance, é ainda assim crivado d'obscuridades e incertezas, e pintor que o tratasse entre preoccupações e escrupulos de colorista e d'erudito, haveria que premunir-se de subsidios tão varios, tão dispendiosos e longinquamente dispersos, que nem dois annos de pesquizas trariam aos seus cartões e albuns os fundamentos d'uma pintura que ao mesmo tempo fosse uma resurreição historica completa.

Eis o motivo porque tudo, n'essas provas da sala da Academia de Bellas Artes, se me affigura

pueril e digno de lastima, e porque esses seis esboços de *Martim de Freitas junto do tumulo de Sancho II,* longe de me darem a imagem do grande vassallo fiel ao seu monarcha, longe d'acordarem em mim uma veneração profunda pela alma antiga, apenas conseguem fermentar no meu espirito o dichote, que mal sustenho, attento um instincto de sympathia pelos ingenuos artistas que ousaram arrostar com responsabilidades por que decerto não deram, e produzir na tela conjunctos para cuja expressão philosophica certo não estavam preparados.

Dizer portanto que haja, em dois ou tres d'esses esboços, coisas visuadas com inteira justeza, é uma banal consolação que pouco exprime, em contrabalanço das muitas que n'aquellas pinturas fazem o espectador sorrir de misericordia. Por exemplo, nas provas do sr. Salgado e do sr. Freire, onde se diagnostica um filãosinho d'arte no geito de dispôr decorativamente as figuras, a comprehensão historica da scena fallece, é toda arbitraria, *não cheira a antigo,* e a gente filha por debaixo das dalmaticas e gibões d'aquelle Sancho morto, d'aquelle Freitas funebre, e d'aquelles homens de guerra, monges e cortezãos indifferentes, quasi, quasi, uns *bons-hommes* d'alcorce e papelão que o Pexe fez n'uma hora de pouca freguezia.

XXIX—Ultima carta que escreveu Cezario Verde [1].

«Bom e estimado amigo.

Não ha desculpas possiveis; eu devia responder immediatamente á tua carta, tão fina e tão delicada. Fiquei-me: porque? Porque sou e estou um desleixado. Não posso ser perdoado, bem sei. Aqui está o meu magro pescoço, faze favor de passar a corda e de puxar o nó de correr. Só enforcado.

Mas olha, sério, em volta de mim, pessoas, coisas, tudo anda amollentado, cançado. As melhoras, as proprias melhoras que os medicamentos chamam e espicaçam com o aguilhão da sua chimica, e que eu estimulo com a aguilhada da minha vontade, essas mesmo vão ronceiras, molles, a passo de boi, muito devagar, muito devagar. Mal as vejo mexerem-se na longa estrada do tempo. De modo que apenas a grandes intervallos te posso noticiar, meu amigo, um avanço, um adiantamento. Sabes, já tenho casa em Caneças, é na situação e por acaso tem o feitio que eu tinha imaginado, e que eu havia indicado a meu pae e a meu irmão, que lá foram.

A minha nova pequena casa é tudo o que ha de mais rustico e de mais pictoresco; da janella do meu quarto, estendendo o braço, toco a rama d'um pinheiro balsamico e bravo. De roda tudo pinhaes espessos e romurejantes. Não fica na Caneças official e consagrada, das fanfarras, dos Hintzes e dos hoteis; fica longe, do outro lado das ribeiras e dos pomares, no sitio a que chamam *O logar d'além*. Sabes quem fez esta minha habitação? Foi o proprio dono, mestre carpinteiro e marceneiro, á hora presente fabricando

---

(1) Ao conde de Monsaraz.

com mais 30 companheiros, n'uma grande officina do Aterro, uma rica mobilia para a princeza d'Orleans. Tudo isto... *(ha aqui um intervallo, e segue o seguinte, evidentemente escripto horas depois, e sob a desconsolação d'alguma recahida)* Mas subitamente chegam-me duvidas, descrenças, terrores do futuro. Curo-me? Sim, talvez. Mas como fico eu? Um cangalho, um canastrão, um grande cesto roto, entra-me o vento, entra-me a chuva no corpo escangalhado.

Caneças, 16 de junho, 86, pela manhã.

Cezario.»

INDICE

CAPITULOS		PAGINAS
I	Em Janeiro	5
II	Em Fevereiro . . .	59
III	Em Março	125
IV	Em Abril	177
V	Em Maio.	247
VI	Em Junho	305

LIBRARY
MAY
22
1900

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
F5V52
1914

Fialho d'Almeida
Vida ironica

44

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 01 03 003 7